

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

*A Dupla Face da Cultura Popular de Painei:
os cantares do risível e a crônica do cotidiano*

Dissertação apresentada à Universidade Federal
de Santa Catarina para obtenção do grau de
Mestre em Literatura Brasileira.

Mestranda: Kátia Marlowa Bianchi Ferreira

Orientadora: Dra. Odília Carreirão Ortiga

Florianópolis, Fevereiro de 2001

A DUPLA FACE DA CULTURA DE PAINEL : Os cantares do risível e a crônica do cotidiano

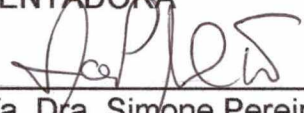
Kátia Marlowa Bianchi Ferreira

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

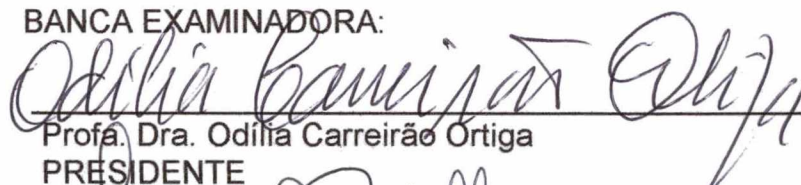
MESTRE EM LITERATURA

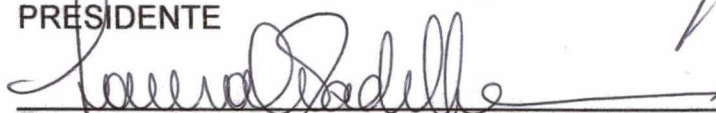
Área de concentração em Literatura Brasileira e aprovada na sua forma final pelo
Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.


Prof. Dra. Odília Carreirão Ortiga
ORIENTADORA

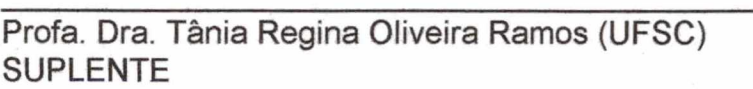

Prof. Dra. Simone Pereira Schmidt
COORDENADORA DO CURSO

BANCA EXAMINADORA:


Prof. Dra. Odília Carreirão Ortiga
PRESIDENTE


Prof. Dra. Laura Cavalcante Padilha (UFF)


Prof. Dr. Marco Antônio Castelli (UFSC)


Prof. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos (UFSC)
SUPLENTE

*A Dupla Face da Cultura Popular de Painei:
os cantares do risível e a crônica do cotidiano*



DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho à Odília Carreirão
Ortiga, pela incansável orientação e
dedicação dispensadas ao longo da minha
caminhada na Pós-Graduação da UFSC.*

AGRADECIMENTOS

A Deus e aos Santos por terem me acompanhado e abençoado no decorrer do curso;

À professora Doutora Odília Carreirão Ortiga, pela paciência e dedicação;

À minha família, pela tolerância, incentivo e carinho;

À UNIPLAC e à Secretaria de Educação e Desporto de Santa Catarina, pelo apoio financeiro;

À Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina pela compreensão e incentivo;

À CAPES, pela bolsa de estudos;

Aos meus professores do curso, pelo incentivo intelectual;

Às amigas encontradas durante o curso: Adair Neitzel, Raquel Wandelli, Dora Angélica, Iara Braga, Clarice Caldin e Maria José de Paula, pelo companheirismo e apoio;

À Márcia Vidal Cândido Frozza, pela disponibilidade de todas as horas.

ÍNDICE

À GUIA DE PRÓLOGO.....	1
A MOLDURA TEÓRICA.....	15
GRACEJO, COMICIDADE E HUMOR.....	18
SATÍRICOS & SÁTIRA.....	24
MEMÓRIA, AUTOBIOGRAFIA E CRÔNICA.....	30
CULTURA POPULAR.....	35
CANTARES DO RISÍVEL: TROVAS E DÉCIMAS.....	43
O DUPLO CANTAR.....	47
A LEITURA DAS TROVAS E DAS DÉCIMAS.....	50
PISQUINHOS: A TRADIÇÃO DO SATÍRICO.....	70
CATEGORIZAÇÃO TEMÁTICA.....	73
LEITURA DOS PISQUINHOS.....	78
MEMORIALISMO, AUTOBIOGRAFIA E CRÔNICA DE PAINEL.....	113
APRESENTAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO DOS TEXTOS DE DOUTEL DE ANDRADE.....	116
LEITURAS: MEMORIALISMO, AUTOBIOGRAFIA E CRÔNICAS DE PAINEL.....	119
À GUIA DE CONCLUSÃO: CONFIRMAÇÕES, QUESTIONAMENTOS E REFLEXÕES.....	154
BIBLIOGRAFIA.....	179
ANEXOS.....	199

RESUMO

A presente dissertação centra-se na leitura de textos populares de autores painelenses - alguns anônimos e outros nominados - que retratam a dupla face da cultura de Painei, de um lado, a face do riso alegre e bem humorado das *Trovas e Décimas* e do riso satírico dos *Pisquinhos*, de outro lado, a face séria da memória do cotidiano dessa comunidade. O percurso é traçado por vários ângulos metodológicos, no risível vai-se do gracejo ao satírico, passando pelo cômico e pelo humor; na seriedade dos textos memorialistas abre-se espaço para as memórias de cunho autobiográfico e as memórias da sociedade de Painei. Das lembranças registradas pelo autor, privilegia-se a temática das festas.

ABSTRACT

The present study is centered on the reading of popular texts written by some people from Painei - some anonymous and others, whose authorship is mentioned - texts that attest the double cultural face of Painei, on one hand, revealing the merry laughing and humor of "*Trovas*" and "*Décimas*" and the satirical laughing of "*Pisquinhos*", on the other hand, the serious side of the daily memory of this community. In order to carry out this study, several methodological procedures were used, in the laughable, it goes from the joke to the sarcastic, through the comic and humor; in the seriousness of the memorabilia texts, there is some room for the autobiographic reminiscence and the memories from the painelense society. Concerning the authors' remembrances, the theme parties, is the most constant.

À guisa de prólogo



*O mato está muito alto para
roçar e muito baixo para
carpir.*

Dito popular painelense.

Todo texto tem sua história e a história desse projeto começa em 1997, quando participei, como ouvinte, do Colóquio Internacional de Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina. A idéia de trabalhar os *Pasquins* existentes em *Painel*, SC, denominados pela população de *Pisquinhos*, surge ao assistir à comunicação da professora doutora Marlyse Meyer sobre a ideologia do folhetim. Durante a exposição, encontrei algumas semelhanças entre o assunto exposto e os textos produzidos em *Painel* cuja característica principal é o ataque direto ao erro humano e, em particular, ao ridículo de algumas pessoas dessa comunidade.

Movida pelo desejo de realizar um trabalho de pesquisa que contemplasse os *Pasquins* de *Painel*, inscrevi-me no programa de Pós-Graduação de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Santa Catarina e entrei em contato com a Professora Doutora Odília Carreirão Ortiga. Depois de fazer uma leitura dos textos mais antigos, a professora aconselhou a busca de novos *Pisquinhos* e de outras manifestações culturais da mesma região. Seguindo essa orientação, coletei junto à comunidade painelense outras modalidades de textos populares: as *Décimas e Trovas*, e o memorialismo de

Doutel de Andrade¹, um dos mais antigos moradores de Painei. Assim, as memórias de Doutel de Andrade representam tanto o registro de traços autobiográficos, como o registro do cotidiano dessa comunidade: as *Décimas e Trovas*, o gracejo presente nas festividades, e os *Pisquinhos*, o erro e o ridículo do cotidiano de alguns painelenses, todos configurando ou pelo viés da seriedade, o primeiro, ou do risível, os dois últimos, manifestações da cultura popular em Painei.

O curso *As formas do risível em Millôr Fernandes, o cômico, o satírico e o humor* fornece o referencial teórico que possibilita efetuar a leitura dos textos *Pasquins, Décimas e Trovas*, sob o aporte do satírico, da comicidade e do humor². Devo ainda registrar a constante consulta às informações históricas dessa comunidade contidas no trabalho *Painei - Notas para sua História*³.

A escolha do tema em questão liga-se, de um lado, à história de minha vida em Painei pois, apesar de não ter nascido na localidade, sou casada com um cidadão painelense e estabelecida nessa cidade há aproximadamente dez

¹ O presente trabalho privilegia Doutel Vieira de Andrade, cidadão painelense, cujos traços biográficos vão constar da unidade *Memorialismo, autobiografia e crônica de Painei*.

² O referido curso foi ministrado pela Professora Doutora Odília Carreirão Ortiga, no 2.º semestre de 1998. O curso *Bios e grafias: encontro marcado*, ministrado pela professora Professora Doutora Tânia Regina de Oliveira Ramos, no 1.º semestre de 1998, facilitou o acesso à bibliografia para a leitura dos textos de Doutel de Andrade. O curso *A Crítica Contemporânea na América-latina*, ministrado pela Professora Doutora Maria Lúcia de Barros Camargo, no 2.º semestre de 1998, possibilitou o conhecimento de algumas vertentes da dessacralização da obra de arte. O curso *Teoria do Cinema*, ministrado pelo professor José Gatti, no 1.º semestre de 1998, mostrou-se valioso ao presente trabalho pela bibliografia sobre cultura de massa e cultura popular.

³ Trabalho da Professora Estela Amorim Alves - **Painei: notas para sua história** - de conclusão do Curso de Pós-Graduação, nível especialização, 1987, na Univale em Itajaí, SC. O referido trabalho, ainda não publicado, foi uma fonte valiosa de pesquisa no que se refere à historiografia de Painei, dados confirmados, mais tarde, em consulta direta às fontes citadas no texto.

anos; e de outro lado, a minha trajetória no curso de Pós-Graduação na Universidade Federal de Santa Catarina.

Ao abordar as implicações do título do presente trabalho, o interesse pressupõe, de início, alguns dados informativos sobre essa localidade.

A questão primeira diz respeito ao nome. Os resultados da pesquisa apontam para duas versões sobre sua gênese⁴. Uma das hipóteses baseia-se na existência da Fazenda Grande, onde morava o escravo de nome Manuel, guarda do *Portão* ou *Quarteirão do Portão*, local de travessia dos tropeiros, que percorriam esse caminho. Por respeito, como faziam com todos os pretos velhos, os viajantes deram-lhe o título de *Pai Manoel*, que, na linguagem oral, resulta *Pai-nê*⁵. E a rápida aceitação da mudança do nome de *Portão* para *Painel* funda-se na má fama anterior da localidade, reduto de egressos da justiça. Essa mudança de nome ocorre em 1880. A segunda hipótese baseia-se na beleza natural da localidade, capaz de lembrar um grande painel, onde os vales de verdes pinheiros e as pastagens ao sopé dos morros são recortados por córregos de águas frescas e límpidas.

Fragmentos descritivos dessa região encontram-se no livro *Confiteor*, de Paulo Setúbal, quando, por motivo de doença, o autor é obrigado a *recomeçar a vida em terra estranha* em uma pequena cidade, situada na *boca do*

⁴ ALVES, S. A. *Painel: notas para sua história* Itajaí, 1987, Monografia (especialização) Universidade do Vale do Itajaí. p 55-57.

⁵ *Ibid.*, p. 57.

sertão catarinense, *perdida rusticamente entre píncaros de serra*. Dessa permanência de dois anos em Lages, *cidadezinha cravada em um cocoruto de serra, boca do sertão*, restam belas descrições da paisagem serrana com seus *panoramas deslumbradores*. O escritor costumava percorrer, com seu cavalo gateado, as *coxilhas ondeantes e sem termo* e demorar seu olhar nas *vastas campanhas povoadas de gadaria*⁶.

As outras informações dizem respeito à identidade histórica, política e cultural de *Painel*⁷. Entre 1728 e 1730, o Sargento Mór Francisco de Souza e Faria, de origem portuguesa, abre uma estrada - *Caminho dos Conventos* ou *Do Gado* - ligando o litoral (Laguna) ao planalto catarinense. Mais tarde, essa via de acesso, aperfeiçoada pelo tropeiro Cristóvão de Abreu, foi denominada *Estrada Real*, *Caminho do Sertão* ou, ainda, *Caminho das Tropas*. É possível constatar pelo mapeamento da rota a posição meeira de *Painel* nesse traçado, mas pergunta-se: como se constituem juridicamente as terras que mais tarde configuram a cidade atual? O então governador da Capitania de São Paulo, Morgado de Mateus, concede ao capitão português Joaquim José Pereira e sua esposa brasileira Ana Maria de Santa Rita uma vasta gleba situada no planalto

⁶ Os fragmentos textuais acima transcritos foram retirados do livro *Confiteor* de Paulo Setúbal publicado pela Companhia Editora Nacional, com o subtítulo de *Memórias: Obra Póstuma*, 12ª edição, 1983, p. 137. Os textos citados que não pertencem ao corpo principal da leitura serão grafados em letra "Arial - itálico (tamanho 11) - para diferenciar dos textos do *corpus*, grafado em Times New Roman - itálico.

⁷ As informações, que formam o substrato historiográfico desse texto, foram colhidas no trabalho *Painel: Notas Para sua História*, já citado, de Stela Amorim Alves

serrano, denominada por eles “Fazenda Grande”. Após a morte do casal, as terras são divididas, cabendo um lote à neta, Simeana de Liz Abreu, que o denominou de “Fazenda Santo Antônio das Caveiras”. Da propriedade, permanecem algumas taipas de pedras próximas ao cemitério da cidade.

Com o decorrer do tempo, os herdeiros da grande gleba que constituía a fazenda partilham as terras e findam por vender os lotes a colonos de origens diversas. Os compradores formam o primeiro núcleo populacional da localidade. Em 1889, *Painel* passa de Vila a Distrito, sendo reconhecido como Município em 1994. De 1889 a 1994, algumas coisas mudam. Contudo, o traçado principal permanece quase o mesmo: uma larga avenida com fileiras de casas ao norte e ao sul. A oeste, fica a igreja e, a leste, a Prefeitura (antiga Intendência). Nas imediações, pequenas ruas surgem sem mudar na substância o traçado inicial da cidade.

Integram o município as localidades de *Mortandade*, *Farofa*, *Casa de Pedra*, *Segredo*, *Rios dos Touros*, *Lageado* e *Mineiros*. A história de cada uma delas envolve-se com a tradição oral e o lendário, como *Mortandade*, ex-*Galafres*, região dominada por *Martinho Bugreiro*, famoso matador de índios dessa região, responsável por uma matança de aproximadamente cem índios em uma noite, motivando, em revide, a matança de muitos cavalos.

Ironicamente o nome tanto pode advir da mortandade dos índios como da mortandade dos cavalos⁸.

Em algumas dessas localidades, cujas histórias são quase lendárias, encontram-se capelas dedicadas à devoção dominante dos moradores:

Mortandade (Imaculada Conceição), *Farofa* (São Cristóvão), *Casa de Pedra* (Santo Antônio), *Segredo* (Nossa Senhora Aparecida), *Rio dos Touros* (Nossa Senhora das Graças), sendo que *Lageado* e *Mineiros*, a primeira pela proximidade com a localidade de *Segredo* e a segunda, com o distrito de *Lava Tudo* da cidade de *São Joaquim da Costa da Serra*⁹, utilizam-se das capelas mais próximas¹⁰.

A economia de Paineis baseia-se na agricultura, fruticultura e pecuária. Contudo, a tradição da culinária painelense é um dos traços fortes da cultura dessa região, indo dos clássicos arroz de carreteiro e paçoca de pinhão, que identificam todo o planalto serrano, ao revirado de tatu e a costela de porco à moda painelaço¹¹.

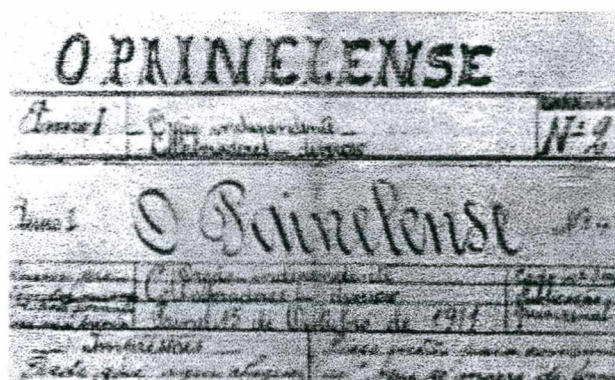
⁸ Esses dados foram coletados nos arquivos do *Museu Thiago de Castro* em Lages. Vale lembrar, também, que o episódio da matança dos cavalos tem uma representação semelhante no sacrifício lento e cruel dos cavalos em **Grande Sertão Veredas**, de Guimarães Rosa.

⁹ A *Igreja Matriz de São Sebastião*, Paróquia de Paineis, possui um livro no qual estão registrados os dados sobre a história da fundação de cada uma dessas capelas.

¹⁰ É importante ressaltar o envolvimento das comunidades tanto na construção, quanto na conservação da memória dessas capelas. Todas foram edificadas pelo desejo de cada comunidade de possuir santuário, dedicado ao santo de sua maior devoção. Essas capelas podem ser vistas como uma substituição do antigo cruzeiro, marca da colonização portuguesa. Além do fator religioso, a construção atende, também, à necessidade de socialização dos moradores dessas comunidades.

¹¹ Os dados foram compilados do folheto **Culinária Paineilense**, publicação da Prefeitura Municipal de Paineis, em 1998.

Antes de tornar-se município, Painel já apresentava uma forte tradição popular centrada nas celebrações religiosas, cujo traço distintivo é a festa do padroeiro da localidade - São Sebastião - celebrada em janeiro, porém sem observar o dia oficial, pois as festividades principais devem coincidir com o fim de semana. Das comemorações populares de cunho não religioso hoje existentes destacam-se o Painelaço e o Torneio. A primeira é recente, criada em 1997 nos moldes da Festa do Pinhão de Lages, e a segunda é uma tradição cultural dessa região, identificada com as justas de cavaleiros, presentes na cultura da Idade Média¹².



As manifestações culturais de cunho jornalístico surgem na década de 50 (confirmar a data do jornal; se possível, colocar a data na nota rodapé), ainda que de forma simples. Primeiro, um jornal manuscrito chamado *O Painelense*, de responsabilidade de Antônio Joaquim Henriques (o professor *Jota*) e dos jovens Ceslau P. de Souza e Juventino Cruz. O jornal teve curta

¹² Os dados foram coletados em *Painel - nossa gente*, editado pela Prefeitura Municipal, em 1999, por ocasião do 3º Painelaço.

duração¹³. Entre os anos de 1955 a 1964 surge *O colibri*, organizado pelos alunos da escola *Correia Pinto* (atual Colégio Estadual Padre Antonio Trivellin). Esses dois jornais mensais repercutem apenas em *Painel*¹⁴.

A produção “literária” dessa cultura aqui estudada apresenta dupla face: a seriedade das crônicas memorialistas de Doutel de Andrade; e o risível satírico dos *Pisquinhos* e o risível cômico ou humorístico das *Décimas* e *Trovas*. Vale lembrar que os cantares das *Décimas* e das *Trovas* são textos que transitam entre a voz e a escrita, marcando a passagem entre a oralidade e a escritura. Em outras palavras, a voz se instala na escrita ao guardar a memória da palavra oral. Assim, todas as *Décimas* estão presas a um cantar gestual e uma narração de performance que apresentam em maior e menor dosagem, o risível. Já o *Pisquinho* satiriza a vida social e política da comunidade e, muitas vezes, a vida privada dos habitantes. São folhetos anônimos que as pessoas recebem diretamente por debaixo da porta de suas casas ou pelo correio. Mas por que a população chama de *Pisquinho*? Possivelmente, uma corruptela de *Pasquim*, epigrama satírico produzido na antiga Roma e colocado junto ao torso de uma estátua mutilada. Esses epigramas são, mais tarde, identificados a quaisquer tipos de crítica *anônima*

¹³ Desse jornal restam apenas três fragmentos dos números 1, 2, 3 e 4, conservados no Museu Thiago de Castro em Lages, SC (ver foto).

¹⁴ Essas informações foram, também, colhidas no trabalho da Professora Stela Amorim Alves e ratificadas por leituras efetuadas em jornais antigos, pertencentes ao acervo do supracitado museu.

contra o Governo ou autoridades em geral¹⁵. Nota-se, entre o clássico *Pasquim* - estrangeiro e nacional - e o *Pisquinho*, a existência de determinantes comuns de uso, conforme será visto mais adiante. Porém, independente das mudanças estruturais ocorridas nos *Pisquinhos*, eles apresentam a mesma característica: a sátira da vida pública e privada dos moradores de *Painel*.

Assim, a comunidade painelense abriga algumas manifestações literárias de cunho popular que variam entre o gracejo, a comicidade e o humor da *Décima* e da *Trova*, ao satírico do *Pasquim*, conhecido como *Pisquinho*; e à seriedade da *crônica memorialista* de Doutel de Andrade. Apesar das produções textuais apresentarem conteúdos e formas diferentes, todas compartilham da vida comunitária e registram seus usos e costumes.

O ante-projeto de Pesquisa, apresentado como parte das experiências para ingresso no Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, tinha o título provisório de *Painel - Retratos de Sua Memória* e o objetivo geral de estudar as manifestações da cultura popular dessa comunidade pelos gracejos de comicidade e humor, subjacentes nos cantares das *Décimas* e *Trovas*; pela sátira à vida social e política e também à vida privada dos painelenses, configurada nos

¹⁵ Cf. *Grande Enciclopédia Brasileira e Portuguesa*. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada, s/d, vol. XX, p. 517.

Pisquinhos; e pelos registros do cotidiano no memorialismo de Doutel de Andrade.

O título do trabalho modificou-se - *A dupla face de Painei: o riso e a seriedade da cultura popular* - para o exame de qualificação, e define-se agora com o título *A dupla face da cultura popular de Painei: os cantares do risível e a crônica do cotidiano*. Contudo, as linhas gerais do trabalho - metas, *corpus* e percurso de leitura - não foram alteradas.

O objetivo geral deste trabalho é evidenciar como os textos retratam de modo diverso a gente, os usos e os costumes da comunidade painelense, primeiro, através dos cantares do risível, abordando ora as *Décimas* e as *Trovas* pelo viés do cômico e do humor, ora os *Pisquinhos*, do satírico; e, segundo, o registro do cotidiano nas crônicas de Doutel de Andrade pelo viés do memorialismo. E, em paralelo, a pesquisa busca manter viva a memória cultural da cidade, na recolha desses textos marginalizados pelo cânone estético oficial: os *Pasquins*, textos anônimos, veiculados por meios oblíquos (afixados em postes ou paredes) ou por remessa direta; as *Décimas* declamadas em festas particulares e as *Trovas* cantadas em circunstâncias festivas diversas; e, por último, os textos manuscritos inéditos de Doutel de Andrade que registram a memória pessoal e a memória da cidade.

Configuram-se como objetivos específicos do trabalho, a serem processados nas leituras e refletidos na conclusão, constatar as razões da

descontinuidade na escrita das *Décimas*; destacar nos *Pisquinhos*, escritos ainda hoje, as mudanças neles ocorridas dos primeiros textos de 1940 aos últimos textos do ano 2000 e, por último, ler as diferenças entre as memórias de cunho autobiográfico e as memórias de caráter testemunhal, crônicas e notas, sobre *Painel*.

Os objetivos acima traçados consubstanciam-se por um projeto de trabalho introduzido por questões generalizadas à guisa de prólogo e continuado em um capítulo no qual as questões envolvidas no *corpus* da pesquisa como o perfil da cultura popular, a poética do risível, o memorialismo, a autobiografia e a crônica da cidade serão pontuadas para fundamentar os procedimentos de leitura.

O corpo central da dissertação está distribuído em três unidades, a primeira - *Cantares do risível* - aborda as *Décimas* e *Trovas*; a segunda - *Pisquinhos: a tradição do satírico* - enfoca os aspectos do erro e do ridículo que marcam o risível satírico; e a terceira - *Memorialismo, autobiografia e crônica de Painel* - categoriza a variedade dos textos manuscritos de Doutel de Andrade.

A unidade, *Á guisa de conclusão: confirmações questionamentos e reflexões*, originada das leituras textuais e dos diálogos dos textos com a moldura teórica, constitui a parte final da dissertação. Nela convergem as leituras teóricas e textuais, objetivando efetuar algumas reflexões sobre o

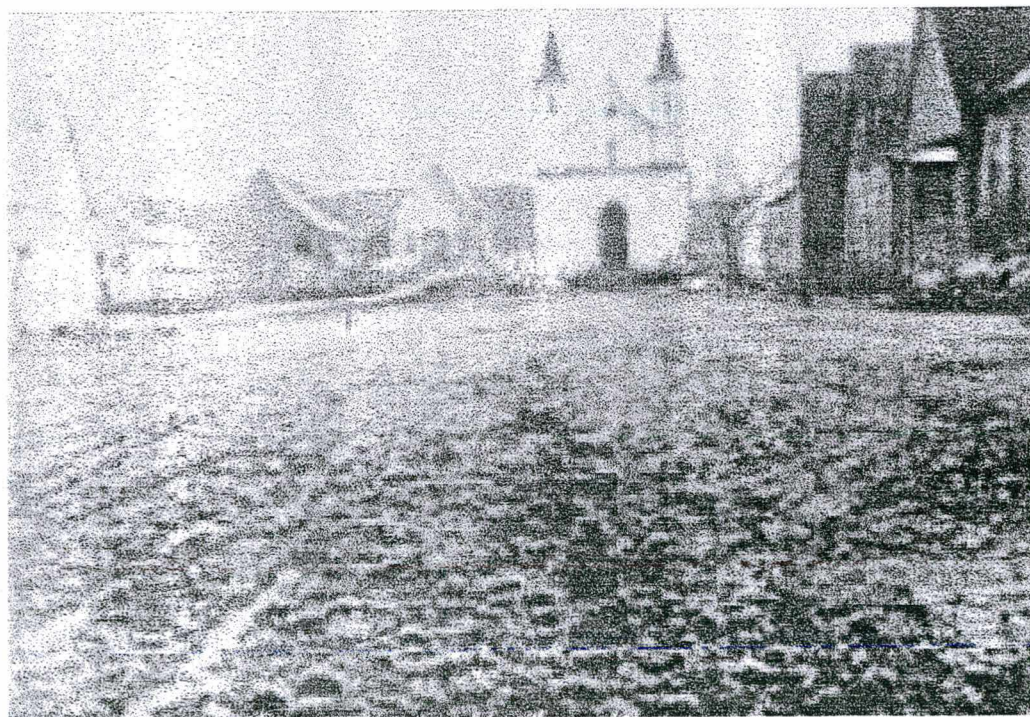
corpus como expressões da cultura popular, capazes de manter a memória da coletividade painelense.

Antes de dar início ao levantamento das teorias e o processo das leituras, impõem-se três advertências de ordem metodológica. A primeira é relativa à natureza textual, o trabalho com documentos ainda não confirmados corre o risco da insegurança, pois os mesmos podem ter a configuração alterada com a descoberta de novos dados. Por essas circunstâncias, adota-se a cautela de constante indicação da fonte de recolha dos textos em nota de rodapé. A segunda é concernente à opção pelo *corpus* de maior amplitude, fato que, em contrapartida, inviabiliza uma leitura apurada. E, a terceira advertência diz respeito à operação de apresentação e leitura textual. Em virtude do *corpus* da pesquisa ser constituído de várias espécies literárias, adotam-se diretrizes metodológicas diferenciadas tanto de apresentação quanto de leitura das categorias textuais, nas *Décimas* e *Trovas*, nos *Pisquinhos* e no caderno de memórias. São variações oportunas para desenhar com melhor precisão o mesmo perfil através de diferentes registros textuais, teóricos e metodológicos. Cada capítulo é arquitetado com a precaução de respeitar a identidade de cada grupo textual e de sua linha teórica. Assim, os estudos que compõem essa dissertação, encadeados e sucessivos, partem de um ponto inicial partilhado por todos eles, a representação da cultura popular,

enquanto os caminhos e os pontos de chegada dispersam-se pelos rumos diferenciados das leituras.

Essas advertências e esses esclarecimentos são dirigidos ao leitor que, de uma certa forma, acompanhou, no coração e na mente do pesquisador, as etapas da construção do trabalho e que a partir desse momento irá iniciar a parceria na jornada de leitura.

A moldura teórica



... o homem é um animal
com quem é difícil lidar.

Platão

De vez que um dos objetivos deste trabalho gira em torno de manifestações da cultura popular pelo viés do risível - o humor, o cômico e o satírico - busca-se na moldura teórica pontuar alguns tópicos sobre o riso que irão fundar a visão teórica sobre as formas do risível, associando as *Décimas* e *Trovas* ao gracejo, ao cômico e ao humor, e os *Pisquinhos* ao satírico, todos esses textos como expressões da cultura do povo de Paineel.

É difícil fugir da repetência de conceitos já consolidados na tentativa de resgatar a longa trajetória do pensamento ocidental sobre o riso. Mas considera-se importante ressaltar alguns tópicos diferenciais entre a visão clássica do riso, no pensamento grego, e a visão nova, na Modernidade e, em particular, nos tempos atuais.

Para Aristóteles e para o mundo clássico antigo, o riso era motivado por uma ação inferior do homem. E, durante muitos séculos, as formas do risível foram consideradas expressões artísticas de valor estético menor. Essa situação de inferioridade persiste durante todo o classicismo. Em contrapartida, as formas ligadas ao mundo do riso passam a ser vistas na modernidade como uma redenção do “pensamento prisioneiro da razão”, e indispensável, junto com o riso, ao conhecimento e à apreensão do mundo. Na

estética pós-moderna, o risível instaura, como parte integrante da existência humana, o “desvio” e o “indizível”¹.

O riso é histórico, no tempo e no espaço. Essa afirmativa configura-se por sua repetência em dito comum, cuja veracidade o passar do tempo apenas comprova. Cada época tem seu risível e cada povo, suas preferências.

Porém o espaço do riso no cotidiano do homem moderno diminui bastante nas sociedades ocidentais nesse século. Será o declínio do riso causado pelo fato de os indivíduos se tornarem cada vez mais exigentes em relação ao risível? Ou será que a riqueza dos países desenvolvidos funciona como elemento motivador de severidade e preocupação? No entanto, essa equação - riqueza e seriedade - típica dos países ricos funciona às avessas - pobreza e alegria - nos países pobres ou em processo de desenvolvimento. Em particular no Brasil, a opção do povo em algumas regiões é pela alegria e pelo satírico, em contrapartida, a opção da elite intelectual é, quase sempre, pelo humor, mas em todos, temos o riso, ainda que diferentes e diversificados².

Os modernos estudiosos da teoria dos gêneros literários, de Frye a Todorov, admitem que os gêneros atuam na composição do discurso, mas devem ser estudados a partir da obra. Em outras palavras, a obra do escritor deve ser o ponto de partida de qualquer estudo e só através dela deve-se

¹ ALBERTI, V. *O riso e o risível na história do pensamento*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor - Fundação Getúlio Vargas, 1999. p.12.

² ORTIGA, O. C. *O riso e o risível em Millôr Fernandes: o cômico, o satírico e o "humor"*. São Paulo, 1994. Tese (Doutorado) Pós-Graduação em Literatura. Universidade de Paulo. p. 176-188.

construir a teoria. Em decorrência, a leitura do presente trabalho terá por base uma visão ancorada nos textos. Contudo, faz-se necessária uma espécie de moldura teórica para orientar essa tarefa.

Gracejo, comicidade e humor

Arlequim se confessou brincando.

Ditado popular italiano

A epígrafe acima é um ditado popular italiano usado quando alguém, por meio de uma brincadeira, diz o que pensa. Assim é o gracejo, que, segundo Curtius, servia à retórica na antigüidade greco-romana e aos sermões cristãos do fim da Idade Média para *ridem dicere verum*³, isto é, rindo se diz a verdade. Em outras palavras, o gracejo seria um tipo de brincadeira, um jogo de apontar aquilo que está errado através do riso.

A retórica também contribui para confundir os limites entre o gracejo e a seriedade, pois na antigüidade grega a discussão sobre o ridículo já era conhecida.⁴ E os romanos, ao dominarem o povo grego, apossaram-se de sua cultura. Assim, Cícero, Quintiliano e Plínio (o Moço) deixam-se influenciar pela teoria do risível. Para Plínio, a união entre gracejo e seriedade não é

³ CURTIUS, E. R. *Literatura européia e Idade Média latina*. 2. ed. Tradução de Teodoro Cabral e Paulo Rónai. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979. p. 436.

⁴ *Ibid.*, p.437.

somente um jogo poético, mas um ideal de vida. O pensamento de Plínio chega até a Idade Média⁵.

Tanto o gracejo e a seriedade como a teoria do mundo às avessas, em contraponto ao mundo “correto”, convivem na Idade Média. A Igreja assume posições contraditórias em relação ao riso e ao risível. Alguns religiosos condenam o riso com base nos ensinamentos de João Crisóstomo, na afirmativa que “Cristo jamais riu”⁶. Contudo, a igreja medieval mantém posições a favor do gracejo e do riso, baseadas na palavra do apóstolo Paulo: “Seja a vossa palavra sempre temperada com o sal da graça”⁷. Desse modo, verifica-se que, em algumas épocas, a Igreja chega a permitir todas as atitudes em relação ao riso, da rejeição à tolerância.

Na Modernidade, a idéia de gracejo funde-se com a natureza e o significado do *jogo*, ambos incorporados aos estudos culturais. Gracejo e jogo situam-se em posição “diametralmente oposta à seriedade”⁸. Também é possível pensar uma aproximação do gracejo com o cômico e do gracejo, em sua forma mais atenuada, com o humor.

Para iniciar a leitura do cômico nas *Décimas*, fazem-se necessárias pontuações de algumas teorias que irão moldar a leitura. Assim, começar-se-á com considerações a cerca da forma substantiva do cômico: a comédia. Na

⁵ CURTIUS. *Literatura européia e*, p.438.

⁶ *Ibid.*, p.440.

⁷ *Ibid.*, p.441.

⁸ HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva. 1980. p. 8

antigüidade grega, representava os homens em suas ações baixas, segundo o pensamento de Aristóteles. Ao resumir as referências à comédia, encontradas na *Poética* de Aristóteles, Verena Alberti destaca quatro tópicos de seu perfil: representar as ações humanas baixas ou, mais especificamente, as personagens em ações piores do que as nossas; cobrir todo o tipo de baixeza ao configurar a parte do torpe incapaz de causar terror e piedade: um defeito moral ou físico, inofensivo e insignificante; modelar a representação do acontecido na ordem do verossímil; e empregar os traços da linguagem do cômico: a desmedida e o fora de propósito⁹.

Observe-se que a teoria de Aristóteles não se dirige diretamente ao riso, mas ao objeto de riso, ou seja, a imitação das ações humanas baixas, representadas pela comédia¹⁰. Fecha-se assim a digressão sobre a comédia, pois conforme foi dito antes, o interesse desse capítulo é destacar alguns elementos teóricos capazes de configurar o cômico nas *Décimas* painelenses.

Ao longo da tradição do pensamento ocidental, muitos autores abordam o cômico. Porém, alguns elementos teóricos de Bergson são aqui escolhidos para nortear a leitura das *Décimas*¹¹. Segundo o Autor, o cômico só ocorre no propriamente humano, determinado por circunstâncias

⁹ ALBERTI, *O riso e o risível...*, p. 49.

¹⁰ *Ibid.*, p. 45-47.

¹¹ A preferência não implica em ignorar a contribuição sobre o tema em outros autores como Hobbes, Bataille, Propp, Umberto Eco, cujas visões do cômico poderiam complementar a teoria de Bergson. Porém, a opção foi feita pelos autores citados.

exteriores. E quanto mais natural for a motivação do cômico, mais risível será seu efeito. O cômico é visto por Bergson como uma manifestação negativa cuja correção é o riso¹². A teoria bergsoniana do cômico apresenta “dois pontos basilares: primeiro, o cômico como forma de auto-destruição da sociedade; segundo, o riso como terapêutica capaz de salvar da “morte” essa mesma sociedade”¹³.

Se o cômico nos faz rir do ridículo humano, pelo fato de exprimir um erro, ou seja, por ser contrário ao que se espera, talvez a base de todas as teorias sobre o risível poderia ser o desejo de perfeição humana.

Umberto Eco ao abordar o cômico sob a problemática de estar ligado “ao tempo, à sociedade, à antropologia cultural”, considera insuficiente a clássica teoria de relacionar o cômico com a violação da regra “cometida por uma personagem inferior, de caráter animalesco, em relação a quem experimentamos um sentimento de superioridade, de modo que não nos identificamos com sua queda”¹⁴. Desta maneira, conforme Eco a regra social violada pelo cômico “é de tal modo conhecida que não há necessidade de reforçá-la”, daí sua aparência de “popular, liberatório, subversivo porque dá a licença de violar a regra”¹⁵. Para alguns autores, o cômico e o humor

¹² BERGSON, H. *O riso: ensaio sobre a significação do riso*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1983. p. 19.

¹³ ORTIGA, *As três formas do risível...*, p. 48.

¹⁴ ECO, U. O cômico e a regra. In: *Viagem na irrealidade cotidiana*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardine e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 343.

¹⁵ *Ibid.*, p.349.

identificam-se como formas de transgressão das regras sociais, variando apenas na postura. Para Eco enquanto o primeiro, “é a percepção do oposto”; o humor e o humorismo “é o sentimento do oposto”¹⁶.

Entre as formas do risível, o humor é a mais recente, pois surgiu com o advento da modernidade, enquanto o cômico e o satírico têm suas raízes teóricas no mundo greco-latino¹⁷. Existe uma dificuldade geral em conceituar a palavra humor fora da acepção particular dada pelos ingleses. Esses por sua vez foram buscá-la no vocábulo francês *humeur* que significava “inclinação para o gracejo”, dando-lhe a feição especial do espírito inglês: “isento de paixão, sem alvoroço, moderado, seco, austero”¹⁸. Em outras palavras, o humor britânico produz o riso cordial e comedido revelando a dupla face da alma inglesa: “enigmática de um otimismo triste e de um pessimismo alegre”¹⁹.

Muitos autores escreveram sobre o humor e para proporcionar uma visão maior do assunto selecionam-se alguns conceitos mais adequados ao presente trabalho. Para Freud, o processo humorístico pode ocorrer de duas maneiras: primeiro, uma pessoa ri de seus infortúnios e sabe que as outras também estão rindo, segundo, a pessoa não sabe que suas atitudes provocam

¹⁶ Ibid., p. 350.

¹⁷ ORTIGA, As três formas do risível..., p. 177.

¹⁸ MORAES, E. A. de. O Humor e Similares. In: _____. *Drummond Rima Itabira Mundo*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora. Coleção Documentos Brasileiros, 1972, p. 187-188.

¹⁹ ESCARPIT, R. *El Humor*. Buenos Aires: Eudeba Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1962, p. 25.

risos nas outras. Logo, as brincadeiras podem ser dirigidas para o indivíduo que as faz como para os outros. Além disso, afirma que o humor causa no ouvinte a expectativa de afeto, zanga ou queixa e ao invés disso a pessoa fala algo engraçado. Assim, “o gasto de sentimento é economizado e transformado em prazer”²⁰. Já no pensamento de Pirandello, o humor “se realiza na contraposição entre o ideal e a realidade”²¹. Para outros autores, quando ocorre uma fusão entre o sentimento de piedade e o riso, surge o humor pelo qual se produz um riso simpático e se registra a identidade entre o agente e o objeto do riso. Desse modo, possui um caráter especial, provocando sorrisos ao invés de risos ou, pelo menos, não o riso da zombaria. De acordo com Afrânio Peixoto, o verdadeiro humor existe apenas nos países de origem anglo-saxônica²². Porém o humor como sentimento do contrário permite ao humorista visualizar através do ridículo “o lado sério e doloroso” da vida, provocando o riso benevolente da compaixão, característica que o diferencia do riso motivado pelas outras formas do risível. Por outro lado, “se o cômico ajuda a ver o homem através de seu ridículo, e o satírico, a lutar contra todas as formas de opressão, cabe ao ‘humor’ dar uma outra dimensão à vida do homem, ensinando-o a viver”²³. Em decorrência, a capacidade específica do

²⁰ FREUD, S. El humorismo. In: _____. **Obras Completas**. Madrid: Nova V. VIII, 1973. p. 189, 190.

²¹ PIRANDELLO, L. **Ensaio**: “una especial contraposición entre el ideal y la realidad”, Madrid: Ediciones Guadarrama, 1968. p. 187.

²² PEIXOTO, A. **Ensaio de Breviário Nacional do Humorismo**. 2ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional do Humorismo, 1936. p. 09-37.

²³ ORTIGA, **As três formas do risível....**, p. 177.

humorista está em levar a refletir e exprimir o contraste entre o parecer e o ser²⁴.

No Brasil, o humor aparece quase sempre fundido com o satírico, pois o humor entendido como graça discreta, inteligente e espirituosa, mesclada com amargura e melancolia, não parece afinar-se com a cultura brasileira²⁵, daí o uso mais freqüente da denominação humorismo.

A fortuna teórica e crítica do humor e do humorismo é extensa e aqui foram selecionados apenas os aspectos teóricos mais aproximados com os textos produzidos em Painel.

Satíricos & Sátira

*Pois de muitas coisas agora
já podemos rir. De outras
jamais poderemos.*

Millôr Fernandes

Como uma das metas desse trabalho é destacar o satírico nos *Pisquinhos* torna-se aconselhável, para melhor localização do tema, falar primeiro sobre a forma substantiva, a sátira²⁶. Tida como uma espécie de poética do risível que consiste no ataque a pessoas ou instituições, a sátira

²⁴ BOSI, A. Céu, *Inferno*: Ensaios de Crítica Literária e Ideologia. São Paulo: Ática, 1966. p.188.

²⁵ ORTIGA, op. cit., p. 188.

²⁶ ORTIGA, *As três formas do risível...*, p. 135 - 139.

revela a insatisfação de quem a escreve em relação aos males dos indivíduos ou da sociedade.

Tão antiga quanto a tragédia e a comédia, a sátira remonta à antigüidade greco-romana. Embora os romanos atribuam sua cultura a origem dessa forma literária, na cultura grega ela existia tanto nas diatribes e nos vitupérios quanto no drama satírico. Dessa maneira se, de um lado, os gregos não conheciam a forma substantiva - a sátira - de outro lado eles conheciam de longa data a forma adjetiva, o satírico.

Os estudiosos do assunto assinalam ser o período histórico muito importante para as formas assumidas pela sátira, pois o contexto introduz outros elementos de igual importância, como: a linguagem utilizada pela sátira e a relação entre o satirista e a sociedade em que vive. Assim sendo, a sátira torna mais legível a natureza de sua crítica quando complementada por um estudo do contexto histórico e identificada ao público para quem foi dirigida.

Alguns críticos literários divergem quanto à natureza retórica da sátira. Uns a consideram apenas uma simples atitude do homem em relação à sociedade. Outros a vêem como uma retomada da posição ritualista do homem de defender-se de todas as formas de ataque. Todavia, apesar das diferenças de pensamento entre os críticos, a maioria concorda que existem

convenções básicas que regem a sátira em suas formas de manifestação, como por exemplo, o ataque ou a censura ao homem e a todas suas tolices.

Para Worcester, a sátira é o mais retórico de todos os gêneros literários, pois seu objetivo é persuadir o leitor²⁷. O autor reconhece três tipos de sátira: a *invectiva*, o *burlesco* e a *ironia*. A primeira expressa-se de modo direto e didático, provocando o riso de escárnio ou de desprezo que caracteriza este tipo de sátira. O *burlesco* subdivide-se em, baixo burlesco com o objetivo de rebaixar e degradar ao tratar um assunto importante de modo comum; e alto burlesco que trata de um assunto comum de modo “elevado”. A última, a *ironia* que se configura na expressão mais elevada do espírito satírico, de acordo com Worcester, apresenta-se sob quatro aspectos: a *ironia verbal* que pode assumir o sarcasmo, seu modo mais grosseiro ou a ironia de inversão, que consiste em dizer o contrário daquilo que se pensa; a *ironia socrática*, que expressa a autodepreciação do autor e a elevação do alheio, ao levar seu argumento até ao método dialético de Sócrates, compreendendo as subespécies de sátira ingênua e sátira utópica; a *ironia de fatos*, também conhecida como *ironia dramática*, que resulta da escolha do assunto feita pelo autor sem qualquer estilo específico; a *ironia cósmica*, que desafia o poder e a justiça divina, chamando para si a forma diabólica²⁸.

²⁷ WORCESTER, D. *The art of Satire*. Cambridge: Harvard Unive. Press, 1940. p.37.

²⁸ Id.

Ainda segundo Worcester, a sátira destaca-se pela ênfase no *sentido do ridículo*²⁹ e o riso do satírico é dirigido para um fim definido³⁰. Dessa forma, de acordo com o Autor em questão, o objetivo da sátira é chocar a humanidade, obrigando-a a rever sua noção da realidade.

Conforme Leonard Feinberg³¹, a sátira enfatiza o que parece ser real, sendo sua essência o contraste entre a realidade e a pretensão. Em outras palavras, na sátira diz-se o oposto daquilo que se pensa, semelhante à fábula e à alegoria. Porém, ao contrário dessas, a sátira nem sempre objetiva uma lição moral. Critica indivíduos e instituições, tornando-os ridículos, pelas palavras sarcásticas e amargas. Uma outra característica apontada por Feinberg é a distorção, quase sempre na forma de exagero e desordem³², para mostrar em seu avesso a ordem verdadeira dos fatos. Verifica-se que o objetivo da sátira, segundo o Autor, é pontuar as falhas da sociedade e não corrigi-las. Dentre as fontes da sátira, destaca a dissimulação como a mais rica. A literatura satírica é, também, permeada pela pretensão e pela hipocrisia, pois estes são defeitos inevitáveis do homem e da sociedade. A dissimulação vem da pretensão do homem que se julga sempre motivado por bons princípios de moral e nunca pelo que é imoral³³. Desse modo, constata-se a existência de um conflito entre

²⁹ WORCESTER, D. *The art of ...*, p. 38.

³⁰ *Ibid.*, p. 39.

³¹ FEINBERG, L. *Introduction to satire*. Iowa USA: The Iowa University Press, 1965. p. 5-103.

³² *Ibid.*, p. 04.

³³ *Ibid.*, p.23.

o ideal e desejável, e o prático e real. Esse conflito é a fonte fundamental da sátira³⁴. Contudo, assinala que para alguns defensores, a sátira não é motivada pelo escárnio, mas pela indignação moral³⁵. Por último, Feinberg afirma que os satiristas são pessoas que desfrutam do prazer de escarnecer, e a leitura da sátira causa prazer e não aprendizagem. O satirista, estimulado pelas contradições da sociedade em que vive, enraivecido ou divertido por elas, passa a ridicularizá-la. Sente-se mais impulsionado pelo desejo estético de auto-afirmação do que pelo desejo ético de reforma.

Dessa forma, Feinberg compartilha do pensamento de Worcester, pois ambos consideram a sátira uma arma desleal.

Em seu ensaio *The Mythos of Winter: Irony and Satire*, Frye destaca que a principal distinção entre ironia e sátira é que a sátira é a ironia militante: suas normas morais são claras e assume posições contra as quais o grotesco e o absurdo são ponderados³⁶. No pensamento de Frye, duas coisas são importantes para configurar a sátira: uma delas é o juízo fundado na fantasia ou no senso de absurdo; a outra, é um objeto de ataque ou uma pura denúncia³⁷. Para que haja eficácia no ataque, o satirista deve acreditar na possibilidade de desestabilizar o indivíduo ou a instituição contra quem a

³⁴ FEINBERG, L. *Introduction to...*, p.108.

³⁵ *Id.*

³⁶ FRYE, N. *The mythos of winter: irony and satire*. In: _____. *Anatomy of Criticism*. Princeton: Princeton University Press, 1957. p.158.

³⁷ *Ibid.*, p.155.

sátira se dirige. E em paralelo, a sátira oferece tanto ao satirista quanto ao leitor, além do prazer de estar livre do ridículo, a garantia de imunidade à sátira. O Autor divide a sátira em três fases. Na primeira, encontra-se a sátira de norma inferior e corresponde à comédia irônica cujo princípio é manter os olhos abertos e a boca fechada. Sendo assim, o autor satírico aconselha o modo de vida convencional, pois o conhecimento profundo da natureza humana impede ilusões, confiando mais nas observações e no senso de oportunidade e menos na agressividade. Frye destaca que o mais difícil de ser satirizado é o comportamento convencional e o mais fácil, o excêntrico. Em sua segunda fase, a sátira ridiculariza fontes e valores convencionais, buscando demonstrar a variedade da futilidade humana³⁸. Em síntese, a sátira nessa fase defende o pragmatismo contra o dogmatismo³⁹. A terceira fase, segundo Frye, também chamada de sátira de norma superior, tem como critério o senso comum⁴⁰. Assim, o satirista mostrará a sociedade através de pontos de vista não comuns, exagerando para maior ou para menor as proporções dessa sociedade.

É importante destacar que a Pós-Modernidade elevou a sátira e o satírico, como as demais formas do risível, ao mesmo plano das artes maiores. Em outras palavras, a estética contemporânea findou por valorizar várias

³⁸ FRYE. *The mythos of winter ...*, p.159.

³⁹ *Ibid.*, p. 160.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 161.

outras categorias literárias menos consideradas pela estética clássica como o memorialismo e a crônica ligados ambos ao registro do cotidiano.

Memória, autobiografia e crônica

Meu dia outrora principiava alegre, no entanto à noite eu chorava. Hoje, mais velho, nascem-me em dúvida os dias, mas findam sagrados, serenamente.

Holderlin.⁴¹

De acordo com Eclea Bosi, “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos fragmentos”⁴². Considerando o fato do memorialismo ser parte desse trabalho, faz-se necessário tocar em aspectos míticos da memória a partir das considerações da autora sobre *Mnemosyne*, uma das divindades do panteão grego, irmã do Tempo e do Oceano, condutora do coro das musas e responsável pela “função poética da onisciência de tempos passados, não só do passado individual, mas do tempo antigo”⁴³. Assim, a memória estabelece um liame entre o passado e o presente, trazendo de volta os acontecimentos pretéritos⁴⁴. Para o mundo grego antigo, a memória tinha a função de vidência

⁴¹ A epígrafe, fragmento de um poema de Hölderlin traduzido por Manuel Bandeira, consta do livro **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**, de Ecléa Bosi.

⁴² BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p 39.

⁴³ Id.

⁴⁴ *Ibid.*, p 89, 90.

e êxtase; para os tempos atuais, a memória “é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente”⁴⁵.

A partir desses traços de caráter histórico, verifica-se que a memória do indivíduo está ligada à memória do grupo: família, classe social, escola e religião, transformando-a tanto em memória subjetiva como coletiva. Dessa forma, estabelecer a diferença entre autobiografia e memórias é um trabalho difícil. Os limites que as separam são imprecisos e subjetivos, e as técnicas narrativas são comuns às duas formas. O gênero memorialista encontra-se entre a autobiografia e a história. A autobiografia é um registro pessoal no qual o “eu” comanda o fluxo das recordações. Tudo é visto sob o prisma da subjetividade. Contudo, o “registro autobiográfico pressupõe uma reflexão sobre o mundo interior da experiência: seu objetivo é uma vida, não simplesmente um registro de coisas que tenham ‘roçado’ uma existência”⁴⁶. Diferencia-se do diário que é o registro sistemático dos acontecimentos da vida cotidiana. Para Halbwachs as pessoas estão em constante procedimento de rescrever sua história através da lembrança, que é “uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados ao presente, e preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outro tempo saiu já bem alterada”⁴⁷. Em decorrência, tem-se a consciência de que

⁴⁵ BOSI, E. *Memória e Sociedade...*, p. 89.

⁴⁶ MALUF, M. *Ruídos da memória*. São Paulo: Ed. Silicene, 1999. p. 21.

⁴⁷ HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. p. 56.

não é possível o homem entender nem apreender a realidade, sem passar por um prazo de interiorização. Segundo o Autor, a memória de cada indivíduo está ligada a de outros, ou seja, a do grupo, que por sua vez integra a memória coletiva. Os fatos armazenados por um indivíduo estão entrelaçados aos de outros “nas múltiplas redes das quais faz parte e nas quais atua”⁴⁸. A história pessoal encontra-se na história coletiva. Para ele, o memorialismo “é um registro temperamental, contido de humores e de assuntos selecionados no qual o autor é, ao mesmo tempo, leitor. É a palavra escrita de frente para o espelho e que joga com o ocultamento e o desvelamento da experiência vivida”⁴⁹. Porém, apesar de ser uma fonte documental importante, a literatura de caráter pessoal não pode ser tratada como se relatasse fatos verídicos. O memorialista ao narrar os episódios passados de sua história de vida pode modificá-los de acordo sua visão atual. O texto de memórias “detém seu olhar na superficialidade dos acontecimentos de onde retira e guarda lembranças significativas”⁵⁰. Enquanto que o texto autobiográfico detém-se nos registros do “eu”, o texto memorialista apresenta um caráter testemunhal, fornecendo aos fatos uma dose de credibilidade e veracidade, em consequência possui forma mais documental. E o “eu” do testemunho, das autobiografias e memórias é diferente do “eu” das biografias tradicionais de homens e

⁴⁸ HALBWACHS. *A memória coletiva...*, p. 8.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 10.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 11.

mulheres famosos, cuja vida privada desperta a curiosidade das pessoas comuns. O autor de um testemunho insere-se em uma comunidade não dependente de fronteiras locais e, por sua vez, faz parte de um todo maior. A grandeza do testemunho encontra-se no exercício de solidariedade com o outro. Ao contrário da biografia ou dos gêneros que emprestam a técnica estilística para a história do outro, o testemunho apresenta uma coloração solidária entre escritor e cidade⁵¹.

E, por último, na seqüência ao memorialismo e à autobiografia, registram-se algumas considerações teóricas sobre a crônica.

A crônica é sempre uma escrita do tempo, conforme o olhar que cada sociedade a ele dirige. Como gênero híbrido, a oscilar entre a literatura e o jornalismo, apresenta uma linguagem mais simples o que possibilita melhor relação de texto e leitor.

O cronista do passado, segundo Telê Porto Ancona Lopez, tinha a obrigação de relatar de modo fiel e minucioso o cotidiano, sendo responsável pela fixação dos acontecimentos e pela manutenção de sua memória. Os critérios desse registro eram, contudo, variáveis, indo da reprodução dos acontecimentos a contaminações pela fixação⁵².

⁵¹ HALBWACHS, A memória coletiva..., p. 10.

⁵² LOPEZ, T. P. A. A crônica de Mário de Andrade: impressões que historiam. In: CANDIDO, A. A crônica, o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. p. 165.

Para o cronista moderno, as responsabilidades são menores no que diz respeito à permanência da notícia registrada, pois não escreve para a posteridade. O que foi escrito hoje pode ser esquecido amanhã. Em contrapartida, continua a preocupação de agradar, agora direcionada ao público.

A crônica não é considerada um gênero maior comparável ao conto, ao romance, à poesia e ao teatro. No entanto, em decorrência de sua estrutura aparentemente simples, aproxima-se mais do leitor, por ajustar-se à sensibilidade do dia a dia⁵³. De acordo com Antonio Candido, “ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza o *humor*”⁵⁴. Ao contrário dos demais gêneros, que são escritos para perpetuarem-se, a crônica não tem essa pretensão por ser fruto da modernidade e da invenção da imprensa. Ela não é feita para ficar, visto que seu veículo de exposição é primeiro o jornal e depois o livro. E o jornal dificilmente guarda-se em acervos pessoais. Assim, constata-se que a crônica, nascida no jornal, possui origens e características próprias. E devido sua aceitação no Brasil, justifica-se a propagação pelo interior do território brasileiro. O cronista urbano caminha pelos bairros em busca de inspiração, ao passo que o cronista do interior, como Doutel de

⁵³ CANDIDO, A. A vida ao Rés-do-chão. In: *A Crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, Rio de Janeiro, 1992. p. 13.

⁵⁴ *Ibid.*, p 14.

Andrade, inspira-se na simplicidade dos acontecimentos diários da comunidade em que vive, retratando-os em seus registros. Em sua totalidade esses registros memorialistas possibilitam ao leitor o conhecimento da vida cotidiana de Painei.

Cultura popular

*A cultura é como uma lente através
da qual o homem vê o mundo.*

Ruth Benedict

As indagações aqui expressas buscam relacionar cultura com ideologia de um povo. Assim, o conjunto de idéias de uma população repousa em sua cultura, em particular, a popular? Provavelmente sim, pois ambas - identidade e cultura popular - nascem no seio de um povo, expressando conhecimentos, crenças, costumes, hábitos e manifestações artísticas que se formam nesse grupo social.

Peter Burke, em *Cultura Popular na Idade Moderna*, discute a problemática suscitada pelo conceito de “cultura” e pela utilização do termo popular. Após uma conquista gradativa a história da cultura inclui atualmente a história da vida cotidiana, também chamada história sócio-cultural. Todavia, admite ser “impossível traçar um limite preciso entre o sentido estrito e o

sentido amplo de 'cultura'"⁵⁵. Também a fronteira entre as várias culturas do povo e as várias culturas de elite é vaga, daí os estudiosos do assunto optarem pela integração e não pela divisão delas. As integrações entre as duas culturas é a tônica de estudos mais recentes. Porém, Burke adverte que o problema básico funda-se no fato de uma cultura ser um sistema com "limites muito indefinidos"⁵⁶.

De acordo com Ecléa Bosi, a cultura popular possui a capacidade de mesclar elementos culturais - o novo e o antigo - com elementos folclóricos, podendo esses últimos manterem-se através dos tempos e muito além da situação em que se formaram⁵⁷. A cultura popular, segundo a autora, nasce no seio de um povo, impondo valores que passam a fazer parte do cotidiano desse grupo social. Às vezes confunde-se cultura de massa com cultura popular. A primeira tem como tendência contrapor-se à chamada alta cultura ao passo que a popular não se define em oposição à alta. Assim, "tanto do ponto de vista histórico quanto do funcional, a cultura popular atravessou a cultura de massa, tomando seus elementos e transfigurando esse cotidiano em arte. Ela pode assimilar novos significados em um fluxo contínuo e dialético"⁵⁸.

⁵⁵ BURKE, P. *Cultura Popular na Idade Moderna*, São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 20-21.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 24.

⁵⁷ BOSI, E. *Cultura de massa...*, p. 65.

⁵⁸ BOSI, E. *Cultura de massa...*, p. 67.

Segundo Ernst Fischer, o conceito de “folclore” e de “arte popular” são construções do pensamento romântico, frutos da “unidade perdida, da síntese da personalidade e da coletividade, em seu protesto contra a alienação capitalista”⁵⁹. A produção popular, na concepção do Romantismo, opõe-se como um produto natural aos produtos das outras artes, considerados como “fabricados”. Contudo, Fischer questiona essa concepção de arte, pois o “fazer artístico” exprime sempre necessidades e idéias de uma coletividade, tanto a produção da arte “maior” quanto da popular. Assinala, ainda, que a arte popular não apresenta forma definitiva, pois sofre alterações no decurso de sua transmissão, podendo ser contaminada por elementos do *kitsch*, da vulgaridade e da sentimentalidade, embora reconheça que esses elementos podem, também, ser populares⁶⁰.

Conforme a teoria romântica, a poesia popular é fruto da imaginação coletiva⁶¹. Entretanto, a poesia popular só pode ser considerada de autoria coletiva quando alterada por outros poetas através dos tempos⁶², pois essa poesia só existe quando se dirige ao público, procurando retratar gestos e preferências populares. E ao contrário da literatura culta que “se destina a um

⁵⁹ FISCHER, E. **A necessidade da Arte**. Tradução de Orlando Neves. Lisboa. Editora Ulisséia, s/d, p. 71.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 72-73.

⁶¹ No pensamento de Lêda T. Ribeiro, essa posição foi contestada mais tarde por vários autores como K. Vossler por não acreditarem que uma poesia possa ser escrita em conjunto. Cf. RIBEIRO, L. T. **Mito e Poesia Popular**. Rio de Janeiro: Funarte/Instituto Nacional do Folclore, 1987. p. 111.

⁶² RIBEIRO, L. T. **Mito e Poesia...**, p. 63.

leitor solitário, a popular destina-se a um auditório, onde possa ser recitada ou cantada”⁶³.

Por outro lado, o folclore não é um fenômeno estático, fossilizado, ao contrário encontra-se em constante mudança de acordo com as condições sócio econômicas das comunidades que lhe dão vida. Daí ser o folclore coletivo, pois admitindo a produção de origem individual essa, ao ser “adotada e reinterpretada” pela comunidade, passa a ser patrimônio coletivo⁶⁴. Além disso, os fatos folclóricos ao satisfazerem as necessidades do grupo desempenham função social relevante. A característica mais distintiva é a circunstância do anonimato, a criação se perde ao longo da transmissão oral.

Há três visões da literatura popular através dos tempos, segundo o ensaio de Jacques Migozzi. Na França, essa era “sinônimo de literatura oral” a começar pelos folcloristas do séc. XIX. Mais tarde, em 1986 um grupo de pesquisadores estudam somente “a literatura popular escrita (...) intermediária entre cultura oral e cultura letrada”⁶⁵. É essa terceira visão que prevalece até os dias atuais, daí o termo literatura popular permitir muitos equívocos. Além de designar a literatura popular propriamente dita, serve, também, para denominar qualquer texto que está fora dos cânones das elites intelectuais.

⁶³ RIBEIRO, L. T. *Mito e Poesia...*, p. 64.

⁶⁴ FIGUEROA, C. A. L. Tendencias del estudio del folklore en América en la actualidad. Necesidades y Perspectivas. In: *Folclore Americano*, n. 50. Instituto Americano de Geografía e História, 1999. p. 23.

⁶⁵ MIGOZZI, J. Dez anos de pesquisa em literaturas populares: o estado da pesquisa visto de Limoges. In: BERND, Z. e MIGOZZI, J., (orgs). *Fronteiras do literário. Literatura oral e popular Brasil/França*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1995. p. 11-18.

Assim, muitas vezes o termo é empregado de modo errôneo para indicar a chamada literatura de massa ou literatura de grande consumo.

No Brasil, por mais de uma centúria, os estudos sistematizados sobre a cultura popular intensificam-se com a coleta de informações existentes, ainda que sem grandes preocupações com os aspectos científicos dos registros de fontes e dados. Dessa vertente destacam-se, Sílvio Romero, Mello Moraes Filho e F. J. de Santa-Anna Nery. A partir da década de trinta do século XX, surge um outro grupo que fixou esses estudos sob a denominação de folclore. Dele fazem parte, Luís da Câmara Cascudo, Mário de Andrade, Renato Almeida, Rossini Tavares de Lima e Théo Brandão⁶⁶ que buscam valorizar a cultura do povo. A década de 60 determina o aparecimento de um grupo com outra visão desses estudos, agora enfocados sob duplo ângulo: como expressão de uma “conscientização progressiva” e como porta-voz dos anseios do homem simples brasileiro. Deste grupo fazem parte Carlos Rodrigues Brandão, Laura Della Monica, Luiz Beltrão e Américo Pellegrini Filho. Da década de 70 até nossos dias, os estudos do folclore intensificam-se na América Latina, fazendo surgir uma corrente de forte tendência para substituir a denominação de folclore - “anacrônica”, “cientificamente estreita” e “pejorativa” - por Cultura Popular Tradicional de espectro mais amplo capaz de expressar os valores autênticos de uma nação, criados ao longo de sua

⁶⁶ LUYEN, J. M. *Sistemas de comunicação popular*. São Paulo: Ática. Série princípios, 1988. p. 54.

história e nutridos diuturnamente pela realidade sócio-econômica que rege a vida coletiva⁶⁷.

Os estudiosos do assunto assinalam que a poesia popular caracteriza-se pela anonimia, improvisação e oralidade⁶⁸. A poesia popular e a poesia erudita têm valores específicos e a crítica tradicional olhou para ambas de modo diferenciado. Na atualidade, sob o ângulo dos estudos culturais, admitem-se idênticos méritos à literatura popular e à literatura culta.

É importante destacar, na Literatura Brasileira, a constante interação da norma popular e da culta. Cita-se, como exemplo, Jorge Amado, José Lins do Rego, Ariano Suassuna e Guimarães Rosa, cujos textos entrelaçam registros populares com a ficção.

As *Décimas* e os *Pisquinhos* há muito tempo fazem parte da tradição de Painei, por configurarem as principais manifestações da cultura popular da região. Apesar de apresentarem-se sempre na forma escrita, possuem características da linguagem oral, pois a estrutura de ambos, em especial as primeiras, revela que foram escritas para serem decoradas ou declamadas⁶⁹. Assim, faz-se necessário tocar de leve na oralidade dessas formas poéticas, que se perpetuam, hoje, na transmissão de geração em geração como foram

⁶⁷ FIGUEROA, Folclore Americano..., p. 31.

⁶⁸ Ibid., p. 56.

⁶⁹ O fato pode ser comprovado pela disposição das rimas intercaladas que permite que os versos sejam decorados com mais facilidade. Cita-se como exemplo uma estrofe da *Décima do Tigre Pintado*: *Vou contar da minha vida, / Desde o meu nascimento, / Quando eu tinha quatro meses. / Eu tinha grande talento. / Caçava por minha conta. / Por ser tigre de agüento.* E uma estrofe de um *Pisquinho*: *No Painei meus amigos / aumentou os movimentos / as eleições se aproximam / o prazo chegou no eito / existem cinco partidos / e mais de oito prefeitos.*

perpetuadas ao longo da Idade Média. O jogral, antigo poeta popular, não trazia anotações do texto poético ao se deslocar de um local para o outro. E, quando a memória falhava, improvisava novo verso ou novas palavras. Desse modo, verifica-se que a poesia popular é feita e refeita desde essa época até os dias de hoje, ou para suprir falhas da memória ou para atender ao gosto dos ouvintes. Em contrapartida, a poesia erudita, por nascer escrita, permanece quase intacta e fiel ao texto do autor, não sofrendo as alterações ocorridas na poesia popular oral. Por outro lado, a poesia popular importa-se menos com a questão de autoria e o anonimato passa a constituir uma de suas características⁷⁰. Outro aspecto da questão, desenha-se na discussão da intencionalidade da criação artística. Ao contrário do escritor erudito, o poeta popular não tem a intenção de "imortalizar-se pelo testemunho de sua obra"⁷¹. Daí, talvez o engano de acreditar que a poesia popular é fruto de produção coletiva.

Desse modo, os autores das *Décimas* e dos *Pisquinhos* painelenses representam as preferências do povo destinatário dessa produção artística, divertindo-o com o humor das *Décimas* e com o satírico dos *Pisquinhos*. Em paralelo, os textos de Doutel de Andrade representam uma outra vertente da cultura popular, a manutenção da memória de uma sociedade, tanto pelo registro dos acontecimentos mais importantes da vida comunitária, as festas,

⁷⁰ "O poeta popular, quando cria, ao contrário do escritor erudito, não está preocupado em imortalizar-se pelo testemunho de sua obra." RIBEIRO. *Mito e Poesia...*, p. 63.

quanto pelo registro de pequenos acontecimentos pessoais ou de cunho coletivo. Nos textos memorialistas, ocorre um número expressivo de registros de festas, conforme será visto mais adiante. A pesquisa teórica atinente a esse tópico referencia o texto *Mito e Metafísica*, de Gusdorf, ao interpretar a *feira* como uma ruptura com o tempo cronológico e um salto em direção ao intemporal, quando o sagrado volta a reintegrar-se à realidade humana. A ocasião festiva propicia às pessoas a repetição de gestos e atitudes idênticos aos praticados por seus ancestrais ou por pessoas que as precederam na prática dos gestos rituais da festa. O local de sua realização torna-se uma espécie de santuário, espaço mítico, onde presente e passado fundem-se⁷².

Diante dos textos que compõem a moldura teórica, poder-se-ia perguntar: qual a legitimidade do levantamento teórico que sempre irá apresentar lacunas? Mas, em contrapartida, pode-se perguntar também: de que outra maneira poder-se-ia formar o substrato da leitura sem essa tarefa perigosa?

A “perigosa travessia” objetiva uma fundamentação teórica que de uma forma direta ou oblíqua busca alimentar as leituras subseqüentes.

⁷¹ RIBEIRO, L. *Mito e Poesia...*, p. 61.

⁷² GUSDORF, G. *Mito e Metafísica*. Trad.: Hugo di Primio Paz. São Paulo: Conviivo, 1979, p. 86 - 95.

Cantares do risível: Trovas e Décimas



Nenhuma pátria pode existir sem poesia popular. A poesia não é senão o cristal; em que uma nacionalidade pode se espelhar; é a fonte que traz à superfície o que há de verdadeiramente original na alma do povo.

Texto anônimo¹

A Pós-Modernidade, com sua visão plural, possibilita uma releitura da cultura popular, semelhante àquela ocorrida ao início da Idade Moderna na Europa², quando a cultura do povo, exótica aos olhos acadêmicos, torna-se objeto de interesse dos intelectuais da época. Pela ótica contemporânea, alguns textos escritos por pessoas do povo e marginalizados pelos padrões estéticos das elites têm agora a oportunidade de publicação e de estudo³. Em decorrência dessa nova postura, a produção dos poetas populares painelenses pode ser assumida no meio acadêmico como objeto de dissertação na área de Literatura.

A cultura popular, segundo Peter Burke⁴, nasce e estrutura-se no seio do povo, refletindo seus pensamentos e anseios, sendo considerada como emblemática pelo grupo social⁵. Desse modo, as *Décimas* podem também ser

¹ Texto de autoria de um intelectual anônimo finlandês, citado por Peter Burke em *Cultura Popular na Idade Moderna*, p. 40.

² BURKE, *Cultura popular...*, p. 31 - 49.

³ BENJAMIN, W. A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica. Tradução de José Lino Grünnewald. In: _____. *A Idéia do Cinema*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. p. 167 - 180.

⁴ Refere-se aqui ao texto *Cultura Popular na Idade Moderna* já abordado no capítulo teórico.

⁵ BURKE, *Cultura Popular...*, p. 58.

enquadradas como patrimônio cultural da comunidade de Painei e avocadas “como emblemáticas”, pois nas cidades vizinhas a pesquisa não localiza a permanência de produções semelhantes⁶. Observa-se, igualmente, a preponderância da produção popular sobre a chamada produção de elite em Painei. Para ilustrar a afirmativa, registro o quase desconhecimento por parte dos moradores dessa cidade da poesia de Mário Vieira da Costa, escritor natural dessa localidade, cuja produção, jornalística e literária, pode ser considerada como integrante da cultura acadêmica⁷. A grande maioria da população afirma sua preferência pelos cantares das *Décimas* e das *Trovas*.

Peter Burke estabelece a diferença entre os dois tipos de cultura: a cultura popular (“enquanto cultura ou tradição do povo”) e a cultura de elite (construída no universo acadêmico)⁸. No entanto, essa elite participa, também, da cultura do povo, ao considerá-la valiosa pelo caráter de diversão e pelo aspecto de documento social. Porém, a cultura produzida pela elite é, ainda, valorizada como canônica⁹. Em Painei encontra-se uma aproximação dessa dupla implicação, proposta por Burke, na cultura de elite. Destaca-se que a cultura popular não é vista apenas como objeto de diversão, mas assume um caráter de valorização da tradição no resgate dos textos representativos

⁶ A afirmativa não implica considerar essa produção artística como típica dessa região, registra-se apenas a permanência dessa tradição em Painei.

⁷ Mário Vieira da Costa - 1888 a 1964 - escritor e jornalista painelense.

⁸ BURKE, *Cultura Popular...*, p. 58.

⁹ A palavra canônica está aqui restrita ao fato do texto ser publicado em antologias o que não acontece com a produção popular.

desse “fazer artístico”¹⁰. É interessante destacar que esses cantares não se apresentam, na atualidade, como a principal produção cultural do povo dessa cidade, limitada hoje essa produção aos *Pisquinhos*, mesmo assim rara.

Um outro aspecto, salientado por Burke, diz respeito ao fato da produção popular apresentar diferenças de acordo com o clima e a topografia da região na qual é produzida. A cultura das montanhas não se configura idêntica à cultura das planícies. Os usos e costumes dos altiplanos conservam-se durante mais tempo do que em outras regiões em consequência do distanciamento geográfico, determinado pela altitude. Assim, o caminho difícil para chegar às montanhas ou sair delas colabora para acentuar o isolamento e, em decorrência, a manutenção de traços culturais arcaicos. Painei, pela localização serrana, pode ser inserida nesse contexto.

Uma outra característica da separação topográfica é o fato de, no passado, os serranos dessa região, da mesma maneira que os montanhese europeus do século XVIII, citados por Burke, terem sido em sua maioria foragidos da lei. Diante do quadro de isolamento, geográfico e cultural, depara-se em Painei com uma maior possibilidade de conservação das manifestações populares de cunho arcaico do que em outras regiões de Santa

¹⁰ Vale destacar, a título de exemplo, o procedimento da professora Maria Júlia de Liz e da técnica em enfermagem Roseli Cardoso ao guardarem as *Décimas*, *Amontei no Meu Cavallo* e a *Décima do Tigre Pintado*, como documentos representativos das manifestações da cultura popular da comunidade de Painei. E vale advertir, que a palavra *elite* aqui refere-se às circunstâncias de Painei.

Catarina. Basta lembrar a força da tradição festeira, sagrada ou profana, na serra catarinense.

O duplo cantar

A arte popular dessa região apresenta, de acordo com a pesquisa efetuada, duas manifestações literárias em versos, ambas semelhantes em seu compromisso com o mundo do risível: a *Décima* e a *Trova*. Essas formas poéticas retratam com graça, comicidade e humor os usos e costumes da comunidade painelense. E como produções artísticas estão aliadas às festas populares, sagradas ou profanas, ainda que a última compareça com maior força.

Os estudos a respeito da *Décima* acusam a origem medieval com o significado de poema ou estrofe de dez versos de oito sílabas cada um. Nas literaturas de língua portuguesa, distinguem-se dois tipos de *Décimas*: a medieval e a clássica ou espinela¹¹. A primeira, encontrada na lírica trovadoresca até o século XVI, é composta de duas quintilhas, segundo alguns autores uma falsa *Décima*¹². Essa espécie é registrada tanto na lírica trovadoresca camoniana, quanto no Cancioneiro Geral de Garcia Resende. A

¹¹ MOISÉS, M. *Dicionário de termos Literários*. São Paulo: CULTRIX, 1992. p. 137.

¹² Antônio C. Martins afirma que as duas quintilhas são independentes, daí o caráter de falsa *Décima*. In: MOISÉS, M. *Dicionário de termos...*, p.137.

segunda forma ou espinela, assim denominada em homenagem ao poeta espanhol Vicente Martinez Espinel, é constituída de uma quadra (abba) e uma sextilha (accddc) em versos heptassílabos¹³. Esta *Décima* encontra-se repetida nos cantares nordestinos¹⁴, mineiros¹⁵ e, com algumas alterações estruturais, nos cantares painelenses.

A *Décima* costuma ser recitada como a Loa¹⁶ sempre em rodas de bebedores, nas folias¹⁷ e nas festas profanas e religiosas. Hoje em dia, a tradição lírica popular da *Décima* permite incluir a estrutura de duas quintilhas ou de um quarteto e um sexteto, admitindo um número maior de versos e não observando a metrifcação de oito sílabas. Desta maneira, perde a estrutura canônica, porém mantém a temática das festas profanas na tradição lírica de Painei. E a produção relaciona-se, cada vez mais, às festas particulares.

¹³ Cf., BATISTA, S. N. *Poética Popular do Nordeste. Literatura Popular em Verso*. Estudos Nova Série. Rio de Janeiro. Fundação Rui Barbosa, 1982, p.22.

¹⁴ A *Décima* é muito usada pelos cantadores nordestinos, cuja tradição remonta ao século XVII e , também, encontrada em Gregório de Matos: *Levou um livreiro a dente / de alface todo um canteiro, / e comeu, sendo livreiro, / desencadernadamente. Porém, eu digo que mente / a quem disso o que tachar, / antes é para notar / que trabalhou como um mouro, / pois meter folhas no couro / também é encadernar*, apud. BATISTA, *Poética Popular do Nordeste...*, p.22.

¹⁵ Cf; FRIEIRO, E. *Poetas satíricos mineiros* em KRITERION, n. 61-62. Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, p. 539-583 (cópia xerox sem outras identificações)

¹⁶ Entende-se por Loas os versos escritos em louvor a um Santo ou a uma pessoa, por ocasião de uma festa na qual corre, em abundância, a bebida. Os versos são improvisados, na maioria das vezes, porém a autoria pode ser desconhecida. A Loa não é cantada e, ocorrendo em roda de amigos, o cantor é obrigado a dizer um verso engraçado após tomar uma bebida. ORTÊNCIO, B. *Cartilha do Folclore Brasileiro*. Goiânia: UCG, 1996. p. 28.

¹⁷ Folias, segundo Bariani Ortêncio, são grupos de pessoas “que percorrem as casas das fazendas ou dos bairros das cidades, angariando donativos para as festas: dinheiro para o custeio (despesas) e prendas (animais, mantimentos e objetos) para leilão, e a renda deste benefício reverterá para a Igreja, p. 73-74.

Na cultura popular dessa região, as *Trovas* costumam ser cantadas ou declamadas com acompanhamento musical ao contrário das *Décimas*, raramente cantadas¹⁸. É possível estabelecer uma ligação desses cantares com as *Trovas* galaico-portuguesas, quando trova e cantiga eram palavras sinônimas para designar o poema cantado¹⁹. Uma característica da *Trova*, que a aproxima dos jogos florais, é o caráter alegre, determinado pelas circunstâncias de surgir em ambiente festivo. Ela é produzida de improviso, algumas vezes, e outras vezes, com algum labor.

Considerando a origem portuguesa majoritária dos colonizadores de Painel, é possível pensar essas *Trovas* como enraizadas nas cantigas medievais lusitanas. Em outras palavras, há um provável liame entre essas duas manifestações da cultura popular.

Entretanto, a partir das pesquisas efetuadas comprovam-se que as *Trovas*, produzidas em Painel, são desafios feitos em “Batidas” e “Pixiruns”, com ritmo e forma semelhantes aos das *Décimas*, quando o último verso é, quase sempre, aproveitado pelo oponente para iniciar a estrofe que revida o desafio.

¹⁸ Firmino Ribeiro faz a seguinte distinção entre elas: “As *Trovas* eram sempre cantadas e as *Décimas* eram recitadas sem acompanhamento musical”. Entrevista concedida em 21/01/00 em Lages - SC.

¹⁹ MOISÉS, *A Literatura Portuguesa através dos textos*. 23ª ed.. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 15-31.

A leitura das Trovas e das Décimas

A pesquisa conseguiu arrecadar um material reduzido, pois a oralidade desses textos dificulta sua conservação. Configuram-se como *corpus* dessa unidade as *Décimas: Amontei no meu cavalo, Décima do Tigre Pintado, Pássaro Triste e Professores do interior.*

Firmino Ribeiro de Liz e Mané Salame - o último, autor da *Décima do Tigre Pintado* - eram trovadores parceiros e juntos compuseram de improviso, entre muitas *Trovas*, os seguintes versos:

Mané Salame:

*Meu irmão, meu companheiro
Eu e meu companheiro
Andava numa demanda
Nem ele venceu nem eu.*

Firmino responde:

*Estes peitos que aqui cantam
São peitos de dois irmãos
Neste mundo tem a glória
No outro a salvação²⁰.*

Vale destacar uma outra particularidade desses desafios, pois, quanto maior o número de palmas recebidas pelo primeiro cantador, mais aprimorada será a resposta do outro. Esse caráter de improvisação e gracejo pode ser observado na *Trova* de Firmino Ribeiro, celebrada em novembro de 1999 para

²⁰ Esse texto foi recitado por Firmino Ribeiro de Liz em entrevista concedida à pesquisadora, no dia 21 de janeiro, às 21 horas, na casa de seu filho, José de Liz, em Lages - SC.

fazer graça com uma moça muito tímida de nome Maria, amiga de sua filha Luisa. Por ocasião de uma visita à casa do trovador, essa moça motiva os seguintes versos, registrados um pouco mais tarde pelo autor:

*A rosa para ser rosa
deve ser de Alexandria
e a mulher para ser mulher
deve se chamar Maria.*

*Não há nome de que eu goste
como o nome de Maria
quem te pôs tão lindo nome
Já meu segredo sabia.*

Esse cantador de *Décimas* e *Trovas* afirma que, por volta de 1926, elas não eram apresentadas em bailes de festas maiores, como as celebrações dos dias santificados e de casamentos, mas em roda de amigos e em festas comuns²¹.

Em seu depoimento, Maria Júlia de Liz²² afiança que as *Décimas* e as *Trovas* eram produzidas em “Batidas”, pequenos bailes de surpresa, realizados em casas de sítio quando era servida a “galinhada” (arroz com galinha). Os motivos dessas festas variavam desde o reunir pessoas por simples diversão, até a reunião para comemorar aniversários. As *Décimas* eram também declamadas em finais de “Pixiruns”, reuniões de familiares e amigos com o propósito de auxiliar no plantio ou na colheita²³. Nos dias atuais, persiste ainda o costume de “bater de surpresa” na casa de um amigo

²¹ Informação obtida na mesma entrevista identificada na nota anterior.

²² Maria Júlia de Liz é professora e antiga moradora de Painei. A entrevista realizou-se em sua casa, na tarde do dia 15 de janeiro de 2000.

²³ Bariani Ortêncio, no livro já citado, registra várias outras denominações (adjutório, mutirão, muxirão, putirão e tração) todas apresentando o mesmo teor: a surpresa e o processo de ajuda mútua, p. 151.

no dia de seu aniversário e “prendê-lo”, fazendo uma festa com música e dança, mas sem recitar *Décima* ou cantar *Trova*. De acordo com a informante, as *Décimas* integram o patrimônio da cultura popular painelense e os autores inspiram-se nas experiências da vida cotidiana. Além disso, as *Décimas* em Paineis apresentam um caráter diferenciado das *Décimas* de outras regiões do Brasil. Em ambas encontram-se, em linguagem prosaica, versos de gracejo, comicidade e humor bem enquadrados no gosto popular.

Nesse aspecto, as *Décimas* painelenses diferenciam-se das *Décimas* do Sapateiro Silva, expressas, geralmente, em uma linguagem paródica e satírica. Vale citar a paródia que o Sapateiro Silva fez do texto *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga:

Se vós tendes de cambráia / Camisa fina e bordada, / Eu tenho a minha rendada / Que veio da Marambaia: / Se de cetins tendes saia, / Eu só tenho os calções meus, / Se com esses trastes teus / De mim toda te desunes, / Eu tenho os panos de Tunes / Com que vou a São Mateus²⁴.

Como manifestação de arte proveniente do povo, as *Décimas* em Paineis não se aproximam com rigor do modelo da *Décima Clássica*, nem da Medieval no que se refere à exatidão do número de versos e do número de pés de verso, pois tanto a *Decima do Tigre Pintado*, quanto *Amontei no Meu Cavalo* são compostas de um número muito maior de versos, ainda que em sua maioria mantenham o cânone dos versos de oito sílabas. Em ambas as *Décimas*, quando se trata de sextilhas, a disposição das rimas assemelha-se

²⁴ SUSSEKIND, F. e VALENÇA, R. T. *Poemas de Joaquim José da Silva*. Rio de Janeiro: FCRB, 1983. p. 32.

àquela encontrada em *Martelo Solto*²⁵ e *Martelo de Seis Pés* ou *Galope*²⁶ dos cantadores nordestinos, cujas sextilhas rimam nos 2.º, 4.º e 6.º versos.

Exemplifica-se com o texto extraído do cancionário cearense, de autoria de José Maria Nascimento e Alberto Porfírio:

*Quando eu tinha treze anos de idade/ Ingressei na sagrada poesia / De viola afinada sobre o peito, / Trago ao povo mensagem e alegria / Sem o ritmo do verso popular, / Tão feliz neste mundo eu não seria*²⁷.

Observa-se que tanto os martelos quanto os galopes contam histórias, outra característica que os aproximam das *Décimas* painelenses. A partir das leituras efetuadas no corpus da pesquisa, é verificada uma diferença na construção da *Trova* e da *Décima*. A primeira caracteriza-se pela concisão e pelo caráter aforístico na observância da forma tradicional; já a segunda, tanto na tradição como no uso em Painei, apresenta sempre o caráter de narrativa.

Contudo, as *Décimas* produzidas em Painei ao contrário do *Martelo* não apresentam estrofes de dez versos nem versos decassílabos, confirmando a hipótese levantada por Ortêncio Bariani com respeito às generalizações da métrica e da versificação, assumidas no Brasil por esse gênero²⁸. Vale lembrar que o nome não combina mais com o número de versos. A rigor, como será

²⁵ O *Martelo* é um tipo de desafio dos cantadores nordestinos, cujo ritmo veloz do canto assemelha-se às batidas do martelo no prego. BATISTA, *Poética popular...*, p. 35.

²⁶ BATISTA, *Poética popular...*, p. 39.

²⁷ *Ibid.*, p. 39.

²⁸ ORTÊNCIO, *Cartilha do folclore...*, p. 28.

exposto mais adiante, a *Décima* painelense aproxima-se do “romance” ou da “xácara”²⁹.

Encontram-se presentes, nessas *Décimas*, o gracejo, a comicidade e o humor. Elas narram, em versos, histórias nas quais as peripécias cômicas do narrador despertam, no ouvinte ou no leitor, a simpatia pelo infortúnio das personagens ingênuas como se processa após a leitura da *Décima Amontei no Meu Cavallo*.

*Amontei no meu cavalo,
Andando noite e dia,
Avistei uma fazenda
No alto da serraria.*

*De trás eu vinha guiado
Que o fazendeiro tinha sete filhas,
Duas chamada Cacota, duas chamada Lili
E duas chamada Chiquinha
E uma chamada Maria.*

*Cheguei no terreiro do homem
Sem pensar o que queria,
Pois queria chegar nos pontos
Em coisa que não podia
Entrei no salão do homem
Era tarde, eu dei bom dia.*

*Patrão sabe porque chego
Aos pés de vossa senhoria?
Porque desejo casar
Com uma de suas filhas.*

*O homem virou pra mim
Com cara de zombaria,
Te acho pouca figura
Pra tratar de uma família.*

*Patrão tenha dó de mim,
Nem de mim queira zombar,
Falo em casamento
Porque posso me casar
Mas lá já vieram as moças
Uma dizendo que não,
Outras que não queria.*

*Mas atrás já veio a velha
Um pouco intimidada
Com um bom cassete na mão,
Querendo dar cacetada.*

*Minhas filhas estão solteiras,
Mas não desenganada,
Pra casar com vagabundo
Que andam pelas estradas.*

*Com aquelas palavras que eu ouvi,
Não quis saber de mais nada,
Subi pelas portas
e desci pelas escadas.*

*Cheguei no Terreiro do homem,
o portão estava fechado,
patrão saiu na janela
gritou a cachorrada.*

*Quando vi roncar os bichos,
Não quis saber de mais nada,
Dei um pulo no portão
Que soltei do outro lado.*

*Valei-me Nossa Senhora
Que sorte desgraçada,
Pouco com Deus é muito,
Muito com Deus é nada.*

*A cor que os cachorros tinham reparei,
um branco, dois pintado de preto,
um vermelho claro
dois vermelho fechado
e um malhado.*

*Tornei montar no cavalo
Andando noite e dia
Somente em minha frente eu avistava
Quando os relâmpagos se abriam.*

*Por causa de sete moça
Atravessei sete rio,
Andei sete noite no mato,
Atravessei o mar sem navio.*

Ocorre, no ouvinte ou no leitor, após ouvir ou ler esses versos, o sentimento de compreensão pela fragilidade humana, motivando o riso

²⁹ No folclore brasileiro, *romance* é um conjunto de poemas em versos, oriundo da Península Ibérica dos séculos X e XI. A narrativa desse romance gira em torno de feitos heróicos semelhantes à canção de gesta, podendo esses feitos serem protagonizados por animais. Alguns estudiosos do folclore diferenciam *xácara* de *romance*, pois no primeiro predomina a forma dramática e no segundo, a forma épica. ORTÊNCIO, *Cartilha do folclore...*, p. 36 e 37.

complacente do humor, resultante do relato de um pedido de casamento malogrado. Esse riso é produzido tanto pelas peripécias do *Dom Juan* às avessas, incapaz de conseguir uma noiva em uma casa de sete moças “encalhadas”, quanto pela comicidade das peripécias dos sete pedidos de casamento e das tropelias da fuga.

A *Décima* transcrita apresenta estrofes irregulares compostas por um terceto em versos brancos; doze quadras, sendo oito em rimas intercaladas apenas nos 2.º e 4.º versos (abcb); quatro quadras em versos brancos; duas quintilhas, a primeira - *De trás eu vinha guiado* - em versos brancos e a segunda - *A cor que os cachorros tinha reparei* - com rimas emparelhadas nos versos 4.º e 5.º; e uma sextilha - *Cheguei no terreiro do homem* - com rimas intercaladas nos 2.º, 4.º e 6.º versos e interpoladas no 1.º e no 5.º versos.

Nessa *Décima*, o mundo “às avessas” começa pela duplicação dos nomes das moças - *duas Cacota, duas chamada Lili e duas chamada Chiquinha* - pois ninguém coloca o mesmo nome em duas filhas nem triplica esse procedimento. Essa inversão - o estar de cabeça para baixo - ocorre também com os papéis desempenhados pelos pais das moças: a mãe ameaçando de espancamento *com um cacete* o pretendente a genro e o pai soltando os cachorros atrás dele. Um outro detalhe diz respeito ao absurdo expresso no fato de alguém preste a ser mordido por cães ferozes atentar para a cor e o

número deles: *um branco, dois pintado de preto, / um vermelho claro / dois vermelho fechado / e um malhado.*

Outra vertente do risível nessa gesta “invertida” é evidenciada pelo uso excessivo das hipérboles, na mesma linha do exagero barroco: o andar *noites e dias*, o atravessar *sete rio*, o andar *sete noite no mato* e, finalmente, o atravessar o *mar sem navio*. Percebe-se ainda, como característica da comicidade textual, o fato do pretendente chegar *sem pensar no que queria*, desejar *casar com uma* das sete filhas do fazendeiro e partir escorraçado, dando *um pulo no portão* e saltando *do outro lado*. Risível é também a repetição de desejos e obstáculos, expressos na frequência do número sete: sete moças, sete cachorros, sete rios e sete noites. Esse número é considerado um dos elementos de maior força na numerologia clássica e na tradição popular, e estigmatizado como típico das histórias de mentiroso.

Observa-se que esses versos, pela ingenuidade de seu narrar, estabelecem um sentimento de empatia do leitor com o narrador e suas desventuras, capaz de produzir o riso de simpatia do humor, diferenciado da zombaria. Idêntica simpatia tem-se com as proezas de João Grilo. Também, as múltiplas peripécias que caracterizam essa *Décima* assemelham-se às aventuras de João Grilo tanto no texto popular de *As Proezas de João Grilo*, quanto na peça o *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna. Os dois últimos textos relatam as diabruras de um personagem lendário da literatura popular

nordestina³⁰. Assim as “proezas” de *João Grilo* lembram as aventuras do noivo frustrado da *Décima Amontei no Meu Cavallo*, os textos apresentam elementos do cômico na narração da história. Pode-se estabelecer uma outra comparação entre eles, visto que todos instauram um mundo às avessas. *João Grilo* é um não-herói, com ele tudo ocorre ao contrário desde seu nascimento antecipado até sua morte adiada. E nenhuma criança chora ou fala quando está no ventre da mãe; nem tantas desgraças ocorrem em uma noite como as acontecidas na noite em que João Grilo nasceu: *um eclipse na lua e detonou um grande vulcão / que ainda hoje continua. / Naquela noite correu um lobisomem na rua*³¹.

O noivo malgrado da *Décima Amontei no Meu Cavallo* sofre as conseqüências de um pedido de casamento rejeitado e o “mundo às avessas” manifesta-se pela inversão de papéis das personagens e pelo exagero nos fatos narrados. Tanto as diabruras de *João Grilo*, como as peripécias do noivo lembram, também, as aventuras de Pedro Malazarte³² pelo exagero das proezas narradas e pela esperteza de seus “heróis”: *João Grilo* por nunca ser apanhado, apesar das artes praticadas, e o noivo por conseguir escapar dos

³⁰ Vários estudos críticos já apontaram a semelhança de João Grilo com o Arlequim da *Commedia dell'arte*, ainda que João Grilo seja uma figura típica do folclore nordestino.

³¹ *Autores de Cordel / seleção de textos e estudo crítico* por Marlyse Meyer. São Paulo: Abril Educação, 1980, p. 84.

³² Na cultura popular do Nordeste brasileiro, constata-se a existência de um ciclo de anti-herói popular com a figura axial é Pedro Malasartes, cuja carreira de “malas artes” inicia-se na Península Ibérica e estiliza-se na figura do Jeca Tatu, criado por Monteiro Lobato: “o caipira, o sertanejo apático e ignorante, obtusamente e matreiramente astuto, que consegue sair vitorioso, apesar de tudo, sobre competidores aparentemente invencíveis em vigor e capacidade física”. PELOSO, S. *O canto e a memória. História e utopia no imaginário popular*. Tradução de Sonia Netto Salomão. São Paulo: Ática. 1996. p. 149 -150.

perseguidores. Observa-se que os personagens apresentam mais um ponto em comum, o *João Grilo* e o *noivo* na hora das dificuldades apelam sempre para a ajuda de Nossa Senhora - *Valha-me Nossa Senhora / que sorte desgraçada* - lembrando um pouco da malandragem da maioria dos “devotos” brasileiros que, nas horas difíceis, pedem auxílio aos Santos de quem são devotos para logo os esquecerem. O noivo frustrado complementa essa invocação com um ditado popular³³: *pouco com Deus é muito / muito sem Deus é nada*.

Já a *Décima do Tigre Pintado* configura uma narrativa feita, primeiro, pelo próprio personagem, o *tigre*, que rememora sua vida e as peripécias da caçada promovida pelos proprietários rurais, irados pelo hábito do animal de comer o gado. Consta-se que a narração é elaborada por narradores diversos: o tigre, o narrador propriamente dito e o caçador.

*Vou contar da minha vida,
Desde do meu nascimento,
Quando eu tinha quatro mezes
Eu tinha grande talento
Caçava por minha conta
Por ser tigre de aguento.*

*No lugar onde eu nasci,
Foi lá nos Campos dos Padres
O que eu digo é muito certo
Eu falo com lealdade,
É uma vida tranqüila
A vida da mocidade.*

*Eu dava urros nestes matos
Que a própria terra tremia
Urrava em Guarampará,
Que lá no bispo se ouvia.
Os caçadores eram tantos
Que logo me perseguiam.*

*Quando eu tinha oito meses
Era muito presumido
Quando eu inteei ano
Muitas vezes fui batido
Sou tigre da unha grande
Trago cachorro ferido.*

*Me pulavam os caçadores
Fazendo tanta larida
Eu corria a mato fora
Pensando na minha vida
O cão que me alcançava
Estava de vida perdida.*

*Desta vez eu me escapei
Fui para o Guarampará,
Foi todo o tempo perdido
Não puderam me pegar.
Sou tigre de presunção
Em qualquer lugar que andar.*

*No rincão da egua baía
Eu gostava de parar,
Vinha até o rincão da chita
Somente para caçar
Lá linha Terneiro gordo
Que eu gostava de pegar.*

*Era uma tarde chuvosa
Quando eu me retirei
No campestre do tourino
Nesse dia eu passei
Vi um rastro na estrada
Mais nunca me importei.*

*Eu sai do Corvo Branco
Para vir cá p'ra Canoas
Eu matei quatro leitão
E também uma macoa
Eu sou caboclo finório
Eu gosto de carne boa.*

³³ Identifica-se o ditado popular como a expressão concisa de caráter filosófico ou humorístico de cunho popular, proveniente, na maioria das vezes, das formas eruditas como o adágio, o provérbio, o anécdotico, o aforismo, a máxima, o ríto ou a sentença.

Vim até Urubicy
 Por esse lugar eu andei,
 Fui até a boa vista
 Por lá tudo eu cacei,
 Tinha uma tropa de mula
 Uma parilha peguei

Quando o dono achou falta
 Ficou muito pensativo,
 Vamos matar o pintado
 Que está me dando prejuízo,
 Ele saiu mato fora
 Muito quente do juízo.

Neste dia me pularam
 Uma grande cachorrada,
 Largaram lá no sertão
 Que foi aquela tuada
 Sou tigre do berro grosso
 Isso para mim não é nada.

Lá no geito do campinho
 Tive uma grande peleia
 Eu matei muitos cachorros
 E deixei outros sem orelhas
 É só o pezar que into
 Si eu morro na Terra alheia.

Desta vez fui feliz
 Da briga fui vitorioso,
 Eles não podem comigo
 Porque sou tigre teimozo.
 Dei um murro na saída
 E fiz um retiro saudoso.

Chegou um cachorro baio
 Junto com um preto lanudo
 Dei um tapa no ouvido
 Que logo ficaram surdos
 Eu peguei o preto grande
 E engoli com tripa e tudo

Todos os lugares que andei
 Eu já sou muito intrigado
 Caminho noites e dias,
 Porém muito acatelado
 Não quero facilitar
 Porém, o dono do gado.

Distancia de trinta léguas,
 Esses logares eram meu,
 Muitos animaes e gado
 Nas minhas unhas morria
 E vão só observando
 O que foi que sucedeu.

Desta vez eu me escapei
 E fui de marcha batida
 Fui para o campo dos padres
 Para salvar minha vida
 Que já ando aborrecido
 Só de ver essas laridas.

Eu todos os dias matava
 Somente por malvadezas
 Me escondia atraz dos paus,
 Pegava só de surpresa
 Um dia pulei num touro
 E encontrei muita distreza

No campestre do moquem
 Tive grande presunção
 Pensava na minha vida,
 Quasi morto de paixão,
 Que é triste viver auzente
 No meio do sertão.

Mas vou disfarçar as magoas
 D'esta vida tão tirana
 Passei por perto de casas,
 E fui la para a africana,
 Que eu la tinha um guardado
 Dentro de uma choupana.

Eu sai la do maquem
 Para ir la para lageado
 Pequei um boi de João Candido
 Isto foi pr'a rivirado,
 Estava com dor de estomago
 Ainda não tinha almoçado.

Eu nesse dia falhie
 Por ser caboclo fuchudo,
 O terneiro era grande
 Eu não pude comer tudo
 No outro dia bem cedo
 Eu marchei p'ra o morro agudo.

O dono desse terneiro
 Quando soube embrabeceu
 Ficou muito apaixonado
 Dois dias que não comeu
 A mãe por muito lidar
 Um cafézinho elle bebeu.

Em ponto de meio dia,
 Lá num capão eu cheguei
 Distância de duas léguas
 Um morro grande incherguei
 Eu comi um leitãozinho
 Logo p'ra lá toquei.

Eu cheguei nesse logar
 Eu lá não pude parar,
 Eu fui direito a Farofa
 Lá no morro de Cará
 Ali tive quatro dias
 É como fui discansar

Andava uns caçadores,
 Naquele grande espigão,
 Eu vou tocar minha marcha
 Pro lado do solidão
 É engano deles mesmos
 Não podem pegarem me, não.

Andava me perseguindo
 Um homem de barba pouca
 Eu andava negaciando
 Para passar na minha boca
 Si eu pegace esse sujeito
 Fazia poucas e boas.

Era um tal José Florencio
 Que queria me pegar
 Eu já perdi quatro dias
 Sómente prá negociar
 Na ponta de uma serra
 Uma espingarda foi armar.

Anda gente me perseguindo
 Tudo de armas na mão
 Estava bem escondido
 Dentro de um grotão.
 Elles não podem me acharem
 Só divido os paredão

Eu tinha um carreiro certo,
 Isto sobre um espigão
 Era sempre onde eu passava
 Foi a minha perdição,
 Tudo deve ter cautela
 Da maldita traição.

Regulando meia noite
 Já pertencendo p'ra o dia,
 Vinha de marcha batida
 Quando pizei na armadia
 Dei um pulo tão de preça
 Fui saltar lá nos gatilhos.

Ainda no pulo que dei
 Fiz um alvo de bravura
 Para ver quem ofendeu
 Ainda estava a procura
 Eu não pude encherçar nada
 Por a noite estar escura.

Se eu soubesse desse tiro
 Aqui eu não tinha passado
 Concerteza era meus anos
 Que já tinham completado
 Me queixo do José Florêncio
 E do Lamão que fez armada.

Da vez que tomei o tiro
 Foi muito triste se ver,
 Escrevi a meia noite
 Na casca de um juveve
 Eu deixei tudo notado
 Sómente p'ro povo ver.

Voltei no mesmo carreiro
 Pingando sangue no chão
 Vou perder a minha vida
 Não tenho mais salvação
 Pelos pecados que fiz
 Só vou pedir perdão.

*Caminhei de morro acima,
Regula setenta braças,
Já perdi as minhas forças
Dos olhos me saem fumaças,
Já perdi a esperança,
Tigre velho mais não caça.*

*Eu queria ter um gosto
Mais não pude suster
Se há de morrer quem da gosto
Morra quem gosto não dá,
Se eu me largo no tembé
Ninguém podia me achar.*

*Adeus adorada flor
No lugar onde eu naci
Já perdi as minhas forças
Para diante não posso ir,
Será a última palavra
Fechei os olhos e morri.*

*Entrou José Florencio
Como melhor caçador
Vamos matar o pintado
Sei ende é que é morador
Já fazia oito mezes
Que nesse lugar passou*

*Esmeroce esse coitado
Como caboclo guerreiro
Caminhava noite e dia
P'ra ganhar o seu dinheiro
Ele não tinha preguiça,
De ir lá sempre no carreiro.*

*Elle junto com o filho,
Estavam perto do fogão
Foi Quando o tiro saio,
Na ponta do espigão
Se já não pode dormir
Já está morto o ladrão*

*Sairam com os cachorros,
Isto no clariar o dia
Vamos ver o que aconteceu
Lá na nossa armadia
Elle disse a sua mulher
Vou com a maior alegria*

*Ele ali aprontou-se
Caminhou para o sertão,
Com seus cachorros na corda,
E' suas armas na mão
Quem sabe se já está morto
Este maldito ladrão*

*Quando elle foi chegando,
E já muito desconfiado
Meu filho tenha cautela
Porque esse tigre é malvado
Já matou vinte cachorros
Onde matou um coitado*

*Quando achou que estava morto,
Ficou na obrigação,
Vamos receber o dinheiro
Da mão dos cidadãos,
Tinha lá no Rio da Prata,
Duzentos patacão*

*Ele montou a cavalo
E foi buscar uma Lamão
Ele caminhou dois dias.
Morava no barracão
Para incinar a armadia
P'ra matar esse ladrão.*

*Católico andava no mato
Porém muito acautelado
Viu um rastro na picada
Já ficou muito assustado
Chegou em casa e contou
Eu vi o rastro do pintado.*

*Convidou seus companheiros
Sairam com um cão na corrente
Vamos matar o pintado
Que anda de couro quente
Foram verificar o rasto
Era rasto de gente*

*Mais um caso como esse
Nunca me sucedeu
Isto foi de tanto medo
Que o rasto desconheceu
Respondeu outro de la,*

*Mais que isso faço eu
O coitado do Católico
Ficou com muita paixão
Convidaste os companheiros,
De facão e pistolão,
Seguiram para o campeste
Onde ia dois Irmãos.*

*Vamos vamos companheiros
O tigre velho matar
Tinha alguns dos companheiros
Já pegando dizacorsuar
Combinando com os amigos
E já querendo voltar.*

*Tinha um Chico Figueredo
Esse e que foi mais bonito
Vooou um passarinho
De susto deu um grito
Mas que homem de coragem,
Que se assusta de mosquito.*

*Si eles iam passando
Na beira de um costão
Eu tinha muita coragem
Hoje não tenho nado,
Fiquei com muita vergonha
Pinchei as armas no chão.*

*Amigos meus companheiros
Entendo que vou dizer
Leia bem o último verso
Que vóz há de comprehender,
Isto é caso muito serio
Intendo la vassuces.*

*Si eu fosse caçador
Andava pelo sertão,
Matando fêras do mato
Onde tem tigres e leão,
Si eu matasse o pintado
Seria um dos pimpão*

*O que eu digo e muito certo
E vou lhe falar a verdade,
Em dizoito de Outubro
Eu fui nos campo dos padres
Eu tinha um negócio lá,
E era um gado arredado.*

*Foi nos campos dos padres
Que si deu essa história,
Andei em todos os campeste
Eu agora vou embora
Que tirei secenta versos
Que cançou a memória.*

*Quem tirou esse romance
Ficou de idéia cansada,
Trabalhou uns quatro dias
P'ra dar ela decorada,
Diviria de ganhar
A cabeça do pintado*

O texto configura-se como uma prosopopéia em que o não-sério revela-se no exagero cômico do tigre ao relatar suas façanhas, pois

difícilmente um animal escaparia de tantas armadilhas e perseguições, nem sairia ileso de tantos ataques caninos. De outro lado, afirmam-se no tigre as características humanas de gula e gabolice; pois o homem é um animal capaz de um apetite insaciável - dificilmente satisfeito - e, também, de exaltar a si próprio. O exagero da narrativa aqui se aproxima do burlesco, pois um tigre “real” não seria capaz de *urrar* tão alto, fazendo-se ouvir do outro lado da região; nem mataria por malvadeza visto que os animais matam geralmente para suprir suas necessidades de alimentação e defesa. O *Tigre Pintado* aproxima-se, por suas aventuras, de uma figura que transcende do real para o mágico. Quando o tigre cala-se na trigésima nona estrofe, surge a voz do narrador *Entrou José Florencio / Como melhor caçador* e na seqüência a voz do caçador *Vamos matar o pintado / Sei onde é que é morador*. Nessa segunda parte, ouve-se de novo a voz do narrador, alternada com as vozes dos caçadores, que continuam a procurar o tigre por acreditarem que ele permanece vivo³⁴.

A Décima do Tigre Pintado apresenta alguns elementos narrativos semelhantes à estrutura da fábula. Primeiro, a narrativa configurada na fala de um animal a quem são atribuídas a astúcia e a gabolice, emblemas humanos ausentes no comportamento dos animais. Outro elemento estrutural, encontrado nesta *Décima*, configura-se na construção dos últimos versos semelhantes ao discurso moralizante que encerra as fábulas: *Quem tirou esse*

³⁴ Registra-se aqui a possibilidade de leitura dessa busca, como uma dimensão mítica da busca humana.

romance / Ficou de idéia cansada, / Trabalhou uns quatro dias / P'ra dar ela decorada, / Diviria de ganhar / A cabeça do pintado. Contudo, ao contrário da fábula que prima pela concisão, a *Décima do Tigre Pintado* aproxima-se do “romance” por sua extensão e seu caráter narrativo; da canção de gesta, pela circunstância de narrar um “gesto” ou uma façanha; e da xácara, pelo fato de alternar a voz do narrador com a fala da personagem, imprimindo-lhe uma estrutura dramática.

Entre as *Décimas*, coletadas para a presente pesquisa, constatou-se a presença de histórias sobre animais. Segundo E. M. Meletinski, e *Os Arquétipos Literários*, essas narrativas expressam uma parte significativa do acervo do conto popular, representando a oposição entre o herói e o anti-herói, que, via de regra, se esconde na oposição da conduta social e da conduta não-social.

Pela leitura dessa *Décima*, o riso pode surgir na identificação do leitor ou do ouvinte com o animal, graças à astúcia e capacidade de sobrevivência, passando, em conseqüência, a desejar o fracasso dos caçadores e a vitória do animal. Aqui o riso instaura-se em virtude da inversão dos papéis já consagrados ou na expressão de Eco, “a violação da regra por parte de uma personagem tão diferente de nós”³⁵.

³⁵ ECO, *O cômico e a regra...*, p. 344.

Nessa *Décima*, encontra-se ainda um outro elemento do risível, sua historicidade. A comprovação faz-se pela dificuldade encontrada pelo leitor atual em achar graça nos versos ingênuos, escritos em 1916. No entanto, após a releitura do texto, observa-se que o riso causado pela comicidade da narrativa, repousa talvez no fato do tigre ser um irracional mais astuto do que seus caçadores, tornando-se uma presa difícil, cobiçada e de caráter quase mítico.

Além dos textos escritos por Mané Salame e Firmino Ribeiro, foram encontradas outras *Décimas - Os Professores do Interior e Pássaro Triste* - ambas de autoria de Antônio Horalcídio Andrade Schilischting (Tio Hora)³⁶. De configuração um pouco diversa das *Décimas* anteriores de conotação cômica e humorística, as *Décimas* de Tio Hora apresentam um leve toque de ironia, ao descrever “o que deveria ser, fingindo crer o que é”³⁷. Registra-se, aqui, uma outra forma da inversão do padrão social.

A primeira das *Décimas* de Tio Hora tematiza as agruras dos professores que lecionam no município de Painel.

*Peguei na minha caneta
Pra falar do professor
Por eles tenho respeito
Muito carinho e amor

Não aumento seu salário
Pois não sou governador.*

*Os professores do interior
Não deixam de ser atletas
Fazem Quilômetros a pé
E outros de bicicleta
Lutam tanto e recebem
Um salário de pateta.*

*Tem umas que são gaúcha
Fazem o trajeto a cavalo
Subindo e descendo serras
Pulando cercas e valos
Mas sempre com alegria
Vão levando no embalo.*

³⁶ Antônio Horalcídio Schilischting nasceu em Casa de Pedra em 1963. Possui educação elementar e reside hoje em Bocaina do Sul, onde é produtor rural.

³⁷ Essa definição de Bergson, que distingue a ironia e o humor, foi sintetizada por Afrânio Peixoto no texto *Humor: Ensaio de Breviário Nacional do Humorismo*. São Paulo: Editora Nacional. 2ª edição, 1936. p. 11.

*Quero que esta carta chegue
Ao prefeito e vereador
E que eles dêem uma olhada
Nos salários defasados
Se alguma coisa for feito
Desde já muito obrigado*

*A vida da professora
Só eu sei como é ruim
Eu sou casado com uma
E o povo ri de mim
Diz que eu tenho vida boa
E me chamam de chupim.*

*Mas isso não é verdade
Por sorte eu não sou vadio
Se fosse depende dela
Passava fome e frio
Os chupins de nossa terra
Andam de papo vazio.*

*Tem umas que eu conheço
Fazem dez léguas a pé
Pra pegar o cata jeca
Seja lá o que Deus quiser
Na reunião chegam atrasado
E ficam sem café.*

*Todo mês mais de uma reunião
Enfrentam só na coragem
Tem que contar o dinheirinho
Pra fazer mais uma viagem
O salário que eles ganham
Gastam tudo de passagem*

*E quando fazem reunião
Elas vão com alegria
Veste a roupa que tem
Estando chovendo ou fria
Tem umas que sai de casa
Antes de clarear o dia.*

*Mas eles ganham tão pouco
Que nem dá pra ir nas venda
Se a coisa não melhorar
A pobreza Deus defenda
E o professor vai lograr
Os alunos na merenda.*

*Quero que esta carta chegue
Ao prefeito e vereador
E que eles dêem uma olhada
Nos salários defasados
Se alguma coisa for feito
Desde já muito obrigado*

*O que seria do País
Se não fosse a educação
E o nosso professor
E o espelho da Nação
E o futuro do Brasil
Passa por sua mão*

A Décima - *Os Professores do Interior*³⁸ - revela o “mundo às avessas”, pelo viés do humor, fruto das circunstâncias de vivência difícil dos professores em seu trabalho, pois o correto seria uma remuneração condizente com as responsabilidades da profissão e não o enfrentar de tantas dificuldades no desempenho das funções de magistério. Essas dificuldades obrigam os professores a serem *atleta(s)* em várias modalidades esportivas: *quilômetros a pé, de bicicleta ou a cavalo*. E, obrigam, também, esses profissionais ao exercício de atividades múltiplas, além do ensino, na participação de várias e exaustivas *reuniões*. O narrador declara conhecer *a vida da professora* pois é *casado com uma* e se fosse *depende dela / passava fome e frio*. Assume com humor o apelido que o povo lhe dá de *chupin*, concluindo que *Os chupins de*

³⁸ Texto fornecido pelo autor em entrevista com a pesquisadora, no dia 15 de março do ano 2000, em Lages. Quanto à estrutura, o texto é formado por onze sextilhas, compostas por versos, em sua maioria, heptassílabos, apresentando rimas intercaladas nos 2^{os}, 4^{os} e 6^{os} versos.

nossa terra / Andam de papo vazio. O ridículo da situação está reforçado na comparação metafórica implícita nos dois últimos versos da segunda sextilha:

Lutam tanto e recebem / Um salário de pateta.

Já o texto *Pássaro Triste* é uma *Décima* sob forma de prosopopéia registra a participação da gralha azul como porta-voz de denúncia política sobre a devastação da mata nativa, ocorrida na região.

*Eu fui no mato, fazer uma sapecada.
Me encontrei, com uma gralha chumbiada.
Ela falou estou muito machucada.
Em suas mãos, posso morrer descansada.*

*Tudo acabou-ou-ou, tudo acabou-ou-ou
Meus descendentes, estão vindo atrás de semente.*

*Eu estava aqui guardando meu alimento
Desse pinhal plantei cinquenta por cento
Um caçador tão cruel e violento
Uma chumbeira me trouxe de pagamento.*

*Tudo acabou-ou-ou, tudo acabou-ou-ou
Meus descendentes, estão vindo atrás de semente*

*Nesse país me dediquei a vida inteira
Aqui no sul fui a maior plantadeira
Plantei pinheiro e o homem fez madeira
Cortando os troncos e dos galhos fez fogueira.*

*Tudo acabou-ou-ou, tudo acabou-ou-ou
Meus descendentes, estão vindo atrás de semente.*

*Grandes empresas só pensam em desmatamento.
Corta araucária pra fazer florestamento.
Falta pinhão que é o nosso alimento.
Estou morrendo mas mesmo assim eu lamento*

*Tudo acabou-ou-ou, tudo acabou-ou-ou
Meus descendentes, estão vindo atrás de semente*

O poema retrata o desrespeito e o descaso pela natureza na figura do caçador que mata os animais por diversão e na figura do empresário que derruba a araucária para transformá-la em madeira ou para substituí-la pelo pinheiro americano de fácil produção e comercialização. Aqui o texto é envolvido por um teor maior de moralidade e de caráter exemplar.

Com respeito ao aspecto estrutural, o texto configura-se em quatro estrofes³⁹. O estribilho é formado por dois versos que se repetem entre uma

³⁹ As quadras são formadas de versos, em sua maioria, hendecassílabos e com rimas parelhas em todos os versos.

quadra e outra. Segundo informação do Autor, foi composta para esse texto uma partitura musical e a *Décima* passa a ser a letra da canção⁴⁰.

Observam-se semelhanças entre essa *Décima*, a *Lenda das Araucárias* e a *Lenda da Gralha Azul*⁴¹. Os três textos apresentam o binômio pinheiro/pássaro, que serve de emblema da solidariedade comum aos dois elementos. Segundo a *Lenda das Araucárias*⁴², a índia Guacira é transformada na gralha azul depois de esquecer o caminho que a levaria ao local, onde tinha escondido Curiaçu, seu salvador. Esse pássaro, do mesmo modo que Guacira, esquece o lugar no qual enterra os pinhões encontrados. A busca amorosa de Guacira permanece na busca pela sobrevivência da gralha azul que finda por contribuir para a preservação dos pinhais. Essa mesma idéia de manutenção do meio ambiente está também presente na lenda da *Gralha Azul*. Já na *Décima* painelense *Pássaro Triste*, a gralha denuncia a devastação da mata, a descaracterização da paisagem e o desequilíbrio ecológico. No entanto, apesar de dizer que *tudo acabou*, ela deixa uma esperança no leitor: *meus descendentes, estão vindo atrás de semente*. Essa semente representa, ao mesmo tempo, a expectativa na continuidade do pinheiral e a fé de maior conscientização das

⁴⁰ Texto fornecido pelo autor - Horacido Shilisting (Tio Hora) - na mesma entrevista.

⁴¹ FACIP, Curso de Ciências Sociais, *Lendas e mitos de Lages*, 1974. (texto elaborado pelos acadêmicos do Curso de Ciências Sociais)

⁴² GUEDES, H. *Curiaçu e a Gralha Azul. As lendas das araucárias*. Curitiba: Coleção Lendas Paranaenses, 1997.

gerações futuras. Eis aqui uma evidência da forte marca social, assumida pelos textos populares de exemplaridade⁴³.

Outra constatação diz respeito à semelhança entre as *Décimas* painelenses que contam histórias em versos e as narrativas de cordel, encontradas no nordeste brasileiro. O fato leva a pensar em qual seria o motivo de regiões geograficamente distantes apresentarem uma literatura popular tão parecida? É possível que a resposta esteja nas origens étnicas, pois tanto o interior do Nordeste quanto o Planalto Serrano Catarinense foram colonizados por portugueses que trouxeram em sua cultura a tradição de contar histórias como as encontradas no *Romanceiro Popular Açoriano*⁴⁴.

O romance é muito praticado na Literatura Portuguesa, em particular no estilo barroco, porém com uma diferença assinalável, pois nesses romances prepondera o teor satírico, como em *A umas Beatas (romance satírico burlesco)*, escrito por Jerônimo Baia para advertir às donas de casa (Beatíficas Senhoras) contra as Beatas Visitadoras: *Beatíficas Senhoras / Em cujas venturosas casas / Como em adegas mosquitos, / Andam bandos de Beatas*⁴⁵.

⁴³ DARNTON, R. *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução de Sonia Coutinho, 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 67, 68.

⁴⁴ A chácara do cego conta, em trinta e dois versos decassílabos com rimas emparelhadas, a história de uma moça enganada por um homem esperto com o consentimento da mãe da moça.

⁴⁵ Os dados informativos foram colhidos no ensaio de Ana Hatherley, da Universidade de Lisboa, publicado em: *Estudos Universitários da Língua e Literatura* (número em homenagem ao professor Leodegário A. de Azevedo Filho, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993, p. 459-471).

De acordo com Marlyse Meyer⁴⁶, os *Romances* trazidos pelos portugueses encontram terreno fértil em algumas regiões do Brasil, como no nordeste brasileiro e em Painei, pelas semelhanças na organização social e econômica apresentadas por essas regiões. Em ambas, quanto em outras localidades, a pecuária e a agricultura constituem-se em fonte de renda principal. O convívio diário com a terra e os animais facilita a criação e a transmissão de histórias de bichos falantes. De outro lado, a região nordestina e a região serrana de Painei apresentam outras semelhanças: de organização patriarcal e identidade de revoltas, implicando manifestações messiânicas: em *Canudos*⁴⁷ no Nordeste e *A Guerra do Contestado* no sertão catarinense, cujo líder desse último movimento - o monge João Maria - esteve em Painei e fez algumas profecias sobre a sociedade painelense⁴⁸; no aparecimento de cangaceiros no Nordeste e de foragidos da justiça em *Painei*; e na analogia entre o desequilíbrio social provocado pela seca nordestina e o isolamento da serra e do planalto lageanos, motivado pela condição geográfica e climática. Todas essas circunstâncias podem justificar, em ambas as regiões, o surgimento de poetas populares inspirados nos acontecimentos de seu dia a dia.

⁴⁶ MEYER, M. *Autores de Cordel*. São Paulo: Literatura Comentada, 1980, p. 6, 7, 8.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 7, 8.

⁴⁸ Entre as lendas que correm em Painei, consta que o teor da praga do monge versava sobre a destinação da localidade de "crescer como rabo de cavalo".

O “romance popular” não se identifica, em sua totalidade, com o romance, narrativa ficcional da literatura maior. É uma narrativa composta em versos, cuja origem remonta ao século X e XI na península Ibérica e trazida pela tradição oral para o continente americano pelos colonizadores europeus. Distanciado da região de origem, o romance sofre alterações estruturais, sendo “refundido e recriado” em sua composição silábica e rítmica. De maneira geral, nos romances ou nas *Décimas* painelenses, predomina a forma épica, da mesma maneira que nas canções de gesta, ao mostrarem os feitos guerreiros e, mais tarde, as grandes aventuras. No Brasil, os romances não são mais cantados, mas continuam a tematizar os fatos “heróicos” ou as peripécias de homens e animais, limitando-se a serem recitados⁴⁹. Outra característica possível de ser encontrada é a forma dramática que alguns estudiosos apresentam para diferenciar os romances das xácaras.

Os estudiosos da cultura popular assinalam a decadência da produção trovadoresca e dos jogos florais, por razões “internas” e circunstâncias contextuais. Cada vez mais essa produção de cunho popular tende a “encolher-se”, e a passar para um plano secundário até o esquecimento completo.

Na unidade seguinte, a leveza e a alegria dos cantares do humor cedem lugar à retórica cáustica das cantigas satíricas. E o riso que cicatriza as

⁴⁹ ORTENCIO, *Cartilha do folclore brasileiro...*, p. 36, 37.

desilusões é substituído pelo riso que arma-se contra o erro e o ridículo dos homens. O riso da alegria e do humor são poderosos aliados do homem, porém nada é mais cruel do que o riso de escárnio.

Pisquinhos: a tradição do satírico

	Antiga Pasquin 1940
1	Festa serra do macedo Os pães das festa era de fermento agido. A serra da massa enchentava arrastado.
2	A Chica e a Lixeira eram muito importante A Lixeira tocava o sino A Chica puchava a ardiente A Lixeira de Tenente A Chica de Comandante A amigos festivo.
3	Os vai pasquim da festa licença tinha o direito de falar de falar de quem não presta

Companheiros de profissão, cuidado com a sátira! Ela pode glorificar.

Millôr Fernandes

Além do gracejo, do cômico e do humor, encontrados nas *Décimas* e nas *Trovas*, a arte popular painelense manifesta-se, também, pelo viés do risível, em textos conhecidos como *Pisquinhos* e assemelhados aos tradicionais *Pasquins* pelo teor satírico. São folhetos anônimos, com objetivo de satirizar a sociedade e a política locais e, algumas vezes, a vida privada dos habitantes dessa comunidade.

A primeira indagação versa a respeito da razão pela qual o povo de Painei denomina esses folhetos de *Pisquinho*. Como já foi apontado, é possível identificar o título como uma corruptela de "pasquim", epigrama satírico produzido na Antiga Roma. Nota-se, também, no *Pasquim* clássico, estrangeiro ou nacional, e no *Pisquinho* de Painei, a ocorrência de várias características semelhantes. A primeira diz respeito ao uso, pois os moradores mais antigos testemunham que os folhetos eram, no início, afixados em postes ou no frontal das casas; a segunda semelhança incide sobre a elaboração poética pela repetência, comprovada na leitura dos *Pisquinhos*, do ataque direto ou oblíquo e da linguagem satírica dos *Pasquins* tradicionais.

A senhora Ibrantina Melo de Liz, uma das mais antigas moradoras de Painei, informa sobre o texto datado de 1940:

Sempre teve pisquinho em Painei. Desde que eu era solteira. Cada vez que tinha uma festa, saia um. Lembro de uma festa na Casa de Pedra em que a festeira fez um pão que não prestou. Eles eram escritos a mão, em letra de forma¹.

Contudo, não se sabe ao certo quando surgiram os primeiros *Pasquins*, "sempre teve" não é uma referência aceitável em uma pesquisa. A idade da informante permite estimar a existência dessas manifestações culturais já no começo do século XX, considerando-se que a Senhora Ibrantina nasceu no início do século e, naquela época, sua produção poderia ser tradicional na comunidade painelense. A estimativa comprova-se, também, pelo depoimento de Belizária Antunes (96 anos) e de Firmino Ribeiro (92 anos) que afiançam a existência de um *Pisquinho* escrito em 1915, após uma Festa do Divino Espírito Santo. Ambos registram, de memória, fragmentos do texto: *Santo Antônio e Divino / Devem fazer o reclame / Da festa na Macaiçoça / E da fogueira do Salame²*. Só os antigos moradores detêm a identidade do festeiro da Festa do Divino em 1915 - Mané Salame - e a informação da mesma ter sido realizada em Macaiçoça, região hoje pertencente à localidade de Mortandade.

¹ A entrevista realizou-se na casa da pesquisadora, em Painei, na tarde do dia 16/04/1997.

² A entrevista com a sra. Belizária aconteceu na tarde do dia 14/01/2000 em sua casa em Painei e com o sr. Firmino, no dia 20/01/2000, em Lages, na casa de seu filho José de Liz.

Categorização temática

É interessante observar que os *Pisquinhos* mais antigos, como as *Décimas* e as *Trovas*, estão relacionados às festas, sagradas e profanas.

Com o passar dos anos, muitos folhetos se perderam. É difícil encontrar documentação dos textos mais antigos, ainda que alguns subsistam na memória de muitos moradores. Os números coletados para esta pesquisa datam de: 1940, 1947, 1961, 1969, 1976, 1994, 1995, 1996, 1997 e 1999. A produção dos chamados *Pisquinhos* é lacunosa, pois no espaço de 1940 a 1995 foram divulgados apenas um por ano, segundo informação de moradores mais antigos³. Já em 1996, circulam sete exemplares. São produzidos, em 1997, cinco exemplares, e, somente, um número em 1999.

A suspensão desse “*fazer artístico*” em 1998 gera algumas indagações. Há duas possíveis versões para explicar sua ausência. A primeira é motivada pela ameaça de sindicância do então Prefeito, irritado com as críticas negativas a sua administração, veiculadas nos *Pisquinhos*. A segunda hipótese liga-se ao início desta dissertação, sendo possível pensar que os autores, com receio de serem descobertos, pararam de produzi-los.

³ Entre os informantes, destacam-se Ibrantina Mello de Liz, Belizária Antunes, Firmino Ribeiro, e Vidal Cardoso.

Amaldiçoados por alguns e apreciados por muitos, assim são os *Pasquins* painelenses. Eles encontram-se, há muito tempo, inseridos nos costumes da comunidade. A constatação das raízes lusitanas de Painei leva a considerar como possível as origens dos *Pisquinhos* fundadas nas cantigas medievais satíricas de escárnio e maldizer da Literatura Portuguesa medieval. A sátira e o satírico encontram terreno fértil na cultura da Idade Média ao manifestarem-se nas cantigas de zombaria, pois a rudeza dos tempos e os rudes costumes da vida social em contraste com o idealismo da Igreja propiciavam o culto de uma poesia de escárnio grosseiro e, às vezes, obsceno.

Nos textos portugueses, a cantiga de escárnio configura uma sátira de ataque indireto sem indicar com clareza, pessoas, coisas ou instituições. Já a cantiga de maldizer produz a sátira de ataque direto com referência direta ao objeto da zombaria, usando, quase sempre, palavras ofensivas.

Algumas considerações sobre a sátira e o satírico são oportunas serem aqui lembradas. Os gregos não conheciam a sátira formal, mas o satírico que se manifestava no drama satírico, na comédia de Aristófanes e nos vitupérios e diatribes dos oradores, conforme já pontuado na moldura teórica. No entanto, a origem da sátira como forma literária encontra-se no mundo romano antigo que foi o primeiro a cultivá-la, segundo Horácio⁴.

⁴ ORTIGA, *As três formas do risível...*, p. 151.

Talvez devido ao desprendimento e à irreverência da sátira, *perante o policiamento e as regras do viver artesão*⁵ medieval, o povo encontrava nela a libertação de seus anseios e desapontamentos em relação às pessoas ou às instituições e, por isso, a cultivava como uma forma de expressão desse descontentamento. Nessa linha, o satírico é encontrado hoje em manifestações poéticas populares como é o caso dos folhetos de Painei.

Esse tipo de manifestação popular assemelha-se ao *Carapuceiro*, jornal que circula em Pernambuco de 1832 a 1845 sob a direção do *Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama*⁶, com o objetivo primordial de criticar de forma satírica os costumes da época. O jornal já apresenta em seu nome o objetivo de colocar carapuças em quem as merecer, ou seja, o alvo do ataque. E como faz questão de frisar no título, *O Carapuceiro: periódico sempre moral, e só por "accidens" político*, seu objetivo é duplo, moral e político. Porém, ao contrário dos *Pisquinhos* que apresentam, em sua maioria, duas temáticas a da festa e da política, *O Carapuceiro* centra o ataque crítico aos costumes sociais e religiosos da comunidade. As festas dos santos e a educação das moças são os alvos prediletos.

Os *Pisquinhos* apresentam também algumas características semelhantes ao *Pasquim*, jornal criado no Rio de Janeiro em 1969 por um

⁵ Cantigas de escárnio e maldizer na lírica portuguesa (cópia xerox sem identificações).

⁶ SILVA, L. D. (org.). *O Carapuceiro: O padre Lopes Gama e o Diário de Pernambuco 1840 - 1845*. Recife: FUNDAJ. Editora Massangana, 1996. p. 77.

grupo de intelectuais - *Millôr Fernandes, Jaguar, Tarso de Castro, Sérgio Cabral, Claudius, Carlos Prosperi e Luiz Carlos Maciel* - frequentadores de bares boêmios da zona sul da cidade do Rio de Janeiro⁷. Todas essas publicações - *O Carapuceiro* nordestino, o *Pisquinho* painelense e o *Pasquim* carioca - apresentam o mesmo teor de crítica aos costumes políticos e sociais, considerados retrógrados pelos colaboradores desses periódicos. Quanto ao *Pasquim*, a crítica social foi apenas o objetivo inicial e declarado, pois o mesmo passa a ser um jornal político “nas entrelinhas, mas não deixa de ser um jornal de crítica de costumes”⁸. É provável a ocorrência de um processo idêntico com o *Pisquinho*, quando em *Festa Serra do Macedo*, de 1940, texto mais antigo, faz uma crítica à festa e ao comportamento das pessoas que a organizam, não apresentando nuances políticas. Porém, observa-se pela leitura dos textos coletados, que a temática política passa a ocupar um espaço cada vez maior, sem, no entanto, deixar de lado a crítica aos costumes sociais.

Das modalidades textuais que compõem a pesquisa, o *Pasquim* é o único a apresentar variações de ataque às pessoas e às instituições, talvez por possuir uma estrutura de jornal com algum poder de circulação e de ter persistido por muito mais tempo.

⁷ BRAGA, J. L. *O pasquim e os anos 70: mais pra epa do que pra oba...* Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1991. p. 24 - 39.

⁸ *Cantigas de escárnio e maldizer na lírica portuguesa* (cópia xerox sem identificações).

Os folhetos coletados para esta dissertação apresentam diferenças de estilo: alguns com uma linguagem menos agressiva, marcada pela ausência de palavras obscenas; outros, com mais hostilidade na linguagem, manifestam palavras de baixo calão. Para a apresentação textual dos *Pisquinhos*, optou-se pela leitura de acordo com um enquadramento tipológico. Essa categorização implica considerar de duas naturezas a crítica do *Pisquinho*: uma de caráter doméstico relativa aos insucessos das festas; e outra de caráter mais público, relativa aos desmandos da política local. Constatou-se, a partir do material coletado, que os *Pisquinhos* podem ser enquadrados em três espécies: festa, maledicência e política. A primeira espécie agrega os textos de crítica aos festejos: *Festa Serra do Macedo*, *Os Sucessos deste Ano* e *Baile de São João do Painel*. Na segunda categoria - maledicência - por maldizerem a vida particular das pessoas, os textos em sua quase totalidade foram destruídos, restando apenas alguns versos na memória dos moradores mais antigos: *Fulano de tal / Cara de Jaguatirica / De dia conversa com Amélia / E de noite dorme com a Chica*⁹. E, por último, os *Pisquinhos* referentes às lides políticas, aqueles cuja tradição de escrita permanece até hoje.

⁹ Entrevista realizada no dia 03/05/2000 com Cleusa Camargo. A entrevistada afirma que esse *Pasquim* surgiu um dia após o noivado de sua mãe Amélia Camargo.

Leitura dos Pisquinhos

Conforme foi dito anteriormente, o *Pisquinho* encontra-se há anos inserido nos costumes painelenses. Todos os textos fazem de uma maneira ou de outra, o julgamento da vida social da comunidade, pelo viés da crítica satírica.

O texto mais antigo, documentado por esta pesquisa, é o folheto datado de 1940¹⁰, transcrito abaixo, ainda que o texto não esteja na íntegra. Restam apenas alguns versos, recolhidos pela professora Idete Melo, conservados de memória pela informante:

Festa Serra do Macedo
O pão da festa era
de fermento azedo
A sobra da massa
Enxertava arvoredos.

A Chica e a Liveira
Eram muito importantes.
Ambas puxavam adiante
A Liveira de tenente
A Chica de comandante.

Amigos festeiros
Lá vai o Pasquim da festa
Licença tenho obtido
*de falar de quem não presta*¹¹

O texto não possui título, sendo manuscrito e incompleto, restando de sua estrutura apenas três estrofes irregulares¹². O autor inicia pela indicação do local da festa; *Serra do Macedo* e termina com: *licença tenho obtido de falar de quem não presta*. Evidencia-se, no texto, a presença do "mundo às avessas"

¹⁰ A informação sobre a data foi fornecida pelas senhoras Idete Melo, Ibrantina Melo de Liz e pelo senhor João Arruda, em 1997 quando iniciei a pesquisa.

¹¹ O texto foi transmitido em entrevista ocorrida, no Colégio Padre Antônio Trivellin - Paineis -, no dia 10/04/1997, em Paineis.

¹² A primeira estrofe apresenta cinco versos rimados, os 1º, 3º e 5º com rimas intercaladas; na segunda estrofe os versos apresentam rimas intercaladas no 2º, 4º e 6º versos; e na terceira estrofe de quatro versos constata-se as rimas intercaladas no 2º e 4º versos.

ao satirizar a organização de uma festa realizada na localidade de *Casa de Pedra*, pois o comum na época era elogiar através de *Trovas* ou *Décimas* a qualidade dos alimentos apresentados pelos donos da festa. Aqui a crítica inicia-se pelos pães da festa que eram de *fermento azedo* e a consistência assemelhava-se a uma argamassa capaz de *enxertar arvoredos*. O risível desse texto é a identificação da festeira *Liveira* com a vaca madrinha que tange o *sino* e a *Chica* de condutora ao puxar *adiante*, a primeira *de tenente* e a segunda *de comandante*. Assim, o tom satírico da descrição da *Liveira* e sua amiga *Chica*, chamadas de *comandante* e *tenente*, serve para ridicularizar o papel de péssimas organizadoras de festas. Esse *Pisquinho* não faz uso de palavras obscenas ao atacar as festeiras, que são escarnecidas como pessoas que prestam apenas para deturparem as obrigações “sagradas” de patronas do festejo.

O tema *Os sucessos deste ano*¹³, de 1969, refere-se às festas, do casamento da filha do *Mafra* e do baile do *João Mariano*. O texto inicia-se com a proposta de *escrever esses versinhos / Para dar a mostra do pano* e termina com uma “fingida” identificação, *Vou escrever o meu nome / Para não dar confusão*. Percebe-se a máscara do satirista nativo que se faz passar por forasteiro ao dizer *venho vindo lá da lua / E também subi a serra* e, mais adiante,

¹³ Fornecido pela professora Mariley Arruda em 10/10/97, em Painei. O *Pisquinho* é manuscrito e estruturado por trinta e quatro estrofes de seis versos com rimas intercaladas nos 2.º, 4.º e 6.º versos. Nesse texto encontram-se palavras e expressões que fazem parte da linguagem cotidiana painelense: *tapera*, *aloprou*, *mui educados*, *gastar os últimos tostão*, *lá deu suas trapeiras*. O texto apresenta, como os demais, erros de ortografia como: *valças* e *impreção* (Anexo I).

na quase despedida, *eu vou me retirar / Para casa eu vou voltar*. Reforça a posição de peregrino com a metáfora de viajante espacial para dissimular a identidade de cidadão painelense, assinando-se *Os astronautas*.

O ataque satírico é dirigido às pessoas responsáveis ou aos presentes no *baile do João Mariano*, e a temática denota o "mundo às avessas". Observa-se que o autor deseja satirizar os aspectos ridículos do acontecimento, quando o esperado sucesso termina em insucesso, pois *o baile foi numa tapera*. A leitura deixa entrever a expectativa de toda a comunidade para com *o baile afamado*. Lembra-se que a espera frustrada é um elemento forte na composição do risível. Nesse *Pasquim*, as pessoas atacadas são identificadas pelo primeiro nome ou pelo apelido: *João Mariano, Ari e Dedé*. O participante mais atacado é o *Dedé*¹⁴, em virtude do "comportamento ridículo", descrito com minúcia pelo autor, incluindo o modo de vestir, dançar e beber. O satirista acusa o organizador do baile de negligência no atendimento aos convidados, de injustiça no julgamento do concurso de danças¹⁵, de dançar só com a esposa, e de descuidar-se do baile ao permitir que alguns rapazes apaguem as velas que iluminam o salão. Chama a atenção para as rugas do casal para lembrar-lhes a idade incompatível com a irresponsabilidade. Critica, também, as moças que dançam rápido demais e os

¹⁴ *Dedé* é o apelido de J. P., residente em Casa de Pedra, pertencente ao município de Paineel.

¹⁵ O costume de realizar concursos de danças em bailes é mantido ainda hoje nos bailes de São João em Paineel. Os casados participam do concurso de xote e os solteiros do concurso de vanerão. Nas domingueiras, ocorridas após o baile, há também a participação das crianças.

homens mais velhos que imitam o comportamento dos mais jovens. Por outro lado, ao fazer um balanço da participação do duplo evento, aponta a organização e a *fartura*¹⁶ como os aspectos positivos da festa de casamento, e na outra festa, apenas, a qualidade da música tocada.

O *Pasquim do baile de São João*¹⁷ tem como alvo de ataque os festeiros *Angela Bauer e Salvador*, criticados pela organização do baile acontecido em 1976, e o texto é assinado por *Fulano da Silva Bertrano de Liz Cicrano*. A primeira estrofe localiza a festa e os festeiros:

Dia 18 de junho / uma data que marcou / um baile de São João / no Painei se realizou / com os seguintes festeiros / Angela Bauer e Salvador.

A última estrofe corresponde a um desafio para desvendar a autoria dos versos:

Quem quizé saber meu nome / procure que há de achá / sou solteiro e desimpedido / ainda quero me cazá / se gostou das minhas rimas / sou do Bairro Guarujá.

O satirista ridiculariza a decoração do baile: *uns cartazes bem pintado / em todo canto se via / em dois canto do salão / os resto do João Sofia; os trajes da festeira o vestido era vermelho / todo cheio de babado / bota preta cano longo / não*

¹⁶ É costume nas festas painelenses de casamento, os anfitriões servirem grande quantidade de comida principalmente de carne bovina e nos bailes realizados em casas de família servirem café com mistura.

¹⁷ Texto fornecido por Jenifer Silva Neto em 04/04/1997 no Colégio Padre Antônio Trivellin, em Painei. O texto é datilografado, composto por vinte e três estrofes de seis versos com rimas intercaladas nos 2.º, 4.º e 6.º versos, e uma estrofe de cinco versos com rimas nos 2.º, 3.º e 5.º versos. Todas as estrofes são identificadas por numerais romanos. Nele também não se constata o uso de palavras obscenas, porém a linguagem apresenta marcas da oralidade como: *tava, baichinha, chote, dese, abuzou, divorsio, deicho, quizé, desimpedido, cazá, Bertrano, Cicrano*. Apresenta algumas incorreções tanto de concordância quanto de ortografia: *uns cartazes bem pintado; os resto do João Sofia, Paremos de fala nas rainha; as 11 hora, voltá, cazá, quizé*. Portanto, pode-se aventar a possibilidade de os *Pisquinhos*, como as *Décimas* e as *Trovas*, serem frutos da oralidade, (Anexo II).

sei se eram emprestados; a falta de guloseimas, pois foram servidos apenas doce, pipoca e quentão / mas o que apareceu mais / foi vergamota e pinhão; o quentão mal feito pois estava frio não tinha gás no fogão / era só cachaça morna / misturada com limão; a rainha “eleita”, a baichinha foi eleita. / não sei como venceu / na hora da contagem / dinheiro pouco apareceu. O concurso de xote é descrito como uma marmelada, dando a entender que o resultado já estava marcado. O presidente do clube e o festeiro são também satirizados por permitirem a entrada de pessoas de baixo nível social, porque o baile tava bom / mas entrou muita rafaagem como mulher apartada. Vale lembrar a discriminação com as mulheres separadas, contudo, nenhum obstáculo é lançado contra os homens separados. A constatação revela traços de uma comunidade centrada em injusta divisão de papéis sociais, na qual as mulheres em desacordo com as regras ditadas pela norma social estabelecida ficam proibidas de participarem de eventos públicos. Como o Clube 1.º de Junho era freqüentado, na época, pela “alta sociedade painelense”, a presença de pessoas de classes menos favorecidas não era bem vista. Com o passar do tempo, os valores modificam-se e, hoje, ricos e pobres divertem-se democraticamente no mesmo clube.

Conforme já foi assinalado, os textos painelenses têm por princípio fazer a crítica aos costumes, às pessoas e às instituições locais. Assim sendo, constata-se nos *Pisquinhos*, cuja temática é a festa, a presença da

intencionalidade satírica, reconhecida por Worcester¹⁸, como a invectiva, identificada ao expressar-se de modo direto e ao provocar riso de escárnio ou desprezo. Tal afirmativa pode ser comprovada tanto no texto de 1940 com a proposta *de falar de quem não presta*, quanto em *Os sucessos deste ano*:
Começamos a dançar com as morenas do Adão / Dançavam e faziam farra / Arrodiavam como pião / parar de falar no Dedé / Pois negro em sociedade de branco / é como boi jaguané / Deixe que vá encher a cara / nos bares lá do Painé.

A sátira invectiva está presente, também, no *Pasquim do Baile de São João* ao acusar o *concurso do xote* de ser *concurso de marmelada*. E continua o ataque explícito em: *Eu gostei do presidente, só tem / papel mas não age / cuide bem da portaria / prá proteger sua imagem / porque o baile tava bom / mas entrou muita rafaagem /, O festeiro dese ano / no convite ele abusou / até mulher apartada / na portaria passou / a lei do divorsio foi aceita / mais ainda não vigorou /. É os festeiros novos / tragam música boa / que sejam bem educados / e trate bem das pessoas / que a festa quem faz é o povo / não adianta só ter proa.*

Verifica-se nesses textos um outro aspecto da teoria de Worcester ao acentuar na sátira a percepção aguda do ridículo¹⁹, pois o riso da sátira se dirige para um fim definido. Tal assertiva pode ser comprovada na leitura dos mesmos.

¹⁸ WORCESTER, *The art...*, p. 37.

¹⁹ WORCESTER, *The art...*, p. 37.

O segundo grupo textual é formado pelos folhetos de temática política, constituindo a maior parte do *corpus* dessa unidade.

*A campanha de um político desorientado em Pedras Brancas*²⁰ inicia com a clássica invocação:

Amigos eu vou contar / E só o que aconteceu / No começo da política / O Américo se meteu / A fazer a propaganda / E falar contra o Nereu.

E a última sextilha consigna a “despedida” do satirista:

Américo me desculpe / A minha grande espreção / Adeus que eu vou embora / E aperte a minha mão / E no mais queira aceitar / Lembranças do teu irmão / (ass) Lureço do Mil.

O texto evidencia a posição política do Autor na crítica que faz ao comerciante Américo²¹, por este trabalhar em Pról do Brigadeiro, *Para as coisas melhorar / E que ele ia ser um grande chefe / Aqui no nosso lugar*, e não apoiar o candidato de Nereu Ramos à Presidência da República, o General Eurico Gaspar Dutra. Qualifica como erradas as atitudes tomadas pelo comerciante na campanha, exagerando ao dizer que o Américo, *caminhava dia e noite / e nada podia arrumar*, e seu cabo eleitoral *Honorata, Caminhava um mês inteiro / E só pode arrumar seis*. E, por último, por cantar vitória antes do tempo e por distribuir os cargos públicos com antecipação:

²⁰ *Pedras Brancas* é uma localidade, pertencente ao município de Lages, muito próxima de Painei. Hoje em dia a região é um ponto importante do turismo catarinense. Esse *Pisquinho* é manuscrito e formado por trinta e sete estrofes de seis versos com rimas intercaladas nos 2.º, 4.º e 6.º versos. Todas as estrofes são marcadas por números cardinais. Apresenta erros de ortografia: *instrução, sona, freguez, disorientado, canaismo, narquia*, e erros de concordância: *para as coisas melhorar. foram sempre dispeitado, eram só esses pé rachado*. Os erros de concordância retirados do texto são encontrados de modo geral na linguagem do povo painelense, (Anexo III).

²¹ O alvo da sátira era um antigo comerciante em Pedras Brancas, sendo desconhecido pelos atuais moradores de Painei.

Cantavam com a vitória / Que já estavam arrumados / Que o presidente era deles / E os governos do estados / E que agora iam tirar / O prefeito e mudar o delegado.

Destaca-se o lado político do satirista que não perde a oportunidade de afirmar a superioridade de seus candidatos. Para ele, quem é contra o *Getúlio / devia ser fuzilado e Tudo isto é castigo / Por tu falar do Nereu*, e recomenda nas últimas estrofes:

Américo vou te dar um conselho / E preste bem atenção / E tu nunca se mete em política / Cuide só do teu Barcão / E se muito tu quizeres / Só com mais educação.

Com sombria profecia, despede-se na penúltima sextilha:

Agora vou terminar / com grande satisfação / si foi o teu brigadeiro / E só te deixo foi Paichão / E com falta de dinheiro / E fregues para o balcão.

É importante evidenciar a expressão *Para dar mostra do pano*, na nona estrofe, encontrada, também, no *Pasquim - Os sucessos deste ano* - de 1969. O fato leva a pensar em duas hipóteses: ou se trata de uma expressão usada na época, ou os dois textos são escritos pela mesma pessoa. Pelo exposto observa-se que o satirista faz uso da invectiva para escarnecer de seus adversários políticos, comparando o *Severiano*, ajudante de campanha, com *o gato / que dá o tapa e esconde a mão*, e apontando Getúlio Vargas como tendo *sido deportado / Porque era cumunista / De sua patria despresado*.

*Novos anúncios do PSD do Painel*²², de 1961, pinta um "mundo às avessas" ao falar da corrupção e do abuso de poder dos pessedistas. A primeira estrofe, composta de cinco versos, anuncia a intencionalidade do texto:

*Vou dar mais uma noticia/ da confusão do Painel / Da pose do Serafim / Do banditismo do Fidel / Do roubo do Augusto Lino / Apoiado pelo Doutel*²³.

E encerra-se com o "clássico" quarteto de despedida,

Vou embora desta terra / Aqui não quero morar / Não voltarei aqui / Enquanto o Celso governar.

Uma leitura possível do primeiro verso desse quarteto é nele visualizar a paródia ao *Vou-me embora pra Pasárgada*, de Manoel Bandeira. O satirista faz uso de algumas expressões obscenas - *eu cago dentro do poti, cachorro senvergonha* – para enfatizar o ataque ferino e direto. É interessante destacar, também, o sarcasmo do segundo verso:

Dos chefes do Painel / Não sei qual é o melhor / O Augusto não vale nada / O Doutel ainda pior / O Dário é muito ruim / E ainda é o maior miserável.

Nesse *Pisquinho*, o exagero satírico pode ser comprovado nas afirmativas: *No PSD tudo são sem qualidade / Senvergonha todos seram / O Celso Ramos é o chefe / Da quadrilha de ladrão*. O texto evidencia uma outra face do

²² *Pisquinho* fornecido, no dia 04/04/1997, pela professora e vereadora Marlene Antunes Neto, residente em Mortandade. Apresenta-se em forma manuscrita e configurado por trinta e uma estrofes de metrificação diversificada, variando o número de quartetos (24) e de sextilhas (7). Os quartetos com rimas intercaladas nos 2.º e 4.º versos e os últimos com rimas intercaladas nos 2.º, 4.º e 6.º versos (Anexo IV).

²³ O Doutel referido nesse *Pisquinho* é o Doutel memorialista que exercia na ocasião a função de intendente.

satírico, o escárnio dos defeitos físicos ao nominar o *Pedro de Poti e Tustão* pelo fato de ser gordo e de baixa estatura. Além disso, identifica o mau costume do satirizado capaz de usar o *Pote* (i) como *Pinico*. E, por último, a invectiva maior ao comparar *Os pessedistas* como *cornos* e as mulheres *pessedistas* como *putas*. O satírico expressa-se, nesse folheto, por expressões fortes e de baixo calão.

De igual teor satírico, configura-se o *Pasquim do PSD do Painei*, de 1961²⁴. Nele observa-se, ao longo do texto, o exagero e a distorção satíricos ao longo do texto:

A política no Painei / Sempre é a mais animada / O Augusto e o Doutel / São dois chefe da espada / Prometeram muita coisa / E não cumpriram com nada (...) Celso Ramos foi eleito / O que é a gente tem que dizer / As ponte esta quebrada / Não pode manda fazer / O motorista que pensa / Não vota no PSD.

Numa inversão típica do satírico, o texto encerra-se na máscara diabólica da falsa identificação e da deformação como as características de "exagero, distorção, violência e obscenidade"²⁵. Está também incluída a crítica à falta de fidelidade partidária de alguns candidatos - *O Volnei devia ter vergonha / De votar no PSD / Não se lembra que o Celso te deu olho pra beber*. Critica, também, a demissão de professoras udenistas, efetuada sob a alegação

²⁴ *Pisquinho* fornecido, no dia 22/05/1997 pela professora e vereadora Marlene Antunes Neto, no dia 22/05/1997, na Câmara de Vereadores de Painei. É composto por cinco sextilhas e quatro quartetos. O texto apresenta muitos erros de ortografia e concordância, como por exemplo, *gran-fino, dis, horação, cachasseiro, verços, puchasaco*; e concordância como: *No PSD tudo são sem qualidade, Serafim o que é que tu pensa / Eu de tu não tenho medo, As professoras da UDN não sabia lecionar* (Anexo V).

²⁵ Essas características foram destacadas na tese *O riso e o risível em Millôr Fernandes...*, p. 140.

de falta de preparo das mesmas, e a substituição por professoras não formadas:

O Grupo Correia Pinto / Também ia levantar / Trazer professora formadas / Dos estrangeiro ou de outro lugar / As professoras da UDN / não sabia lecionar. Mas ficaram sempre as mesma / Não puderão arrumar nada / Foi só a Nita do Nilso / Que foi a privilegiada / Está lecionando no grupo / Dizendo que é formada.

O Autor ridiculariza Lourenço Waltrick por ter um caso amoroso com uma afilhada: *Coitada da Dona Cema / Pensava ser a mais amada / Foi jogada lá num cantio / Por causa da afilhada.* Constata-se que são também visados nomes importantes do PSD local: *Mas o culpado é / o Augusto e o Doutel / Arrumarem um homem desse / de Delegado do Painel / o Carmosino é um cachasseiro / Que surra até a mulher.* Nesse *Pisquinho*, detecta-se, também, a forte influência das cantigas de escárnio portuguesas, a partir da crítica à conduta e à vida privada dos candidatos. Na mesma linha, constata-se o ataque pessoal ao candidato a Delegado, apontando a magreza como defeito e o acusando de impostor: *Agora vem o Serafim / Que é para ser vereador / É um tipo magro e feio / E também muito impostor / Que ainda anda no mundo / Por descuido de nosso Senhor.* A leitura desse texto confirma a teoria de Feinberg a respeito do objetivo da sátira de centrar-se nos vícios, nem sempre desejando corrigi-los. Verifica-se nesse *Pasquim* a presença da metáfora de cunho popular - *para melhorar as cuecas* - que corresponde a “melhorar de vida”:

Tinha esquicido de falar / Do pobre Pedro Peteca / que prometeram um emprego / Para ele melhorar as cuecas / Agora anda disfarçado / Com cara de guapeca.

Essa expressão é, também, encontrada no folheto *Campanha de um político desorientado em Pedras Brancas*. Coincidência, ou ambos foram escritos pela mesma pessoa? É possível pensar, de igual forma, que se trata de uma expressão muito usada na época.

O texto *Painel Município*²⁶, de 1994, abre-se com uma data significativa para o município: *Dia sete de agosto / uma data que marcou / começou uma nova história o Painel se emancipou*. Termina referindo-se aos versos como *herança* de seus *ancestrais* que *lhe deixaram este Dom*. Fica visível nas primeiras estrofes, o caráter moralista do Autor que aconselha as pessoas a adotarem melhor critério na escolha do chefe do município:

Prefeito não vai ter problema / candidato é o que mais tem / já se fala em vinte e oito / Talvez eu seja também / E no apagar das velas / O povo que enxergue bem.

Na seqüência, o satirista expressa o "mundo às avessas" ao traçar o "desejável" perfil dos prováveis candidatos à Prefeitura. Esse *Pisquinho* prenuncia, com ironia, as realizações de cada candidato, caso fossem eleitos. *A professora* empregaria toda a família; *o homem muito popular e ignorante* privilegiaria somente duas famílias amigas - os *Borges* e os *Mello* - com cargos administrativos; *o comerciante antigo* empregaria sua família; *outro candidato forte* daria um bom prefeito *se não fosse os porrão*, entre outros candidatos. O

²⁶ Pasquim fornecido pela professora Maria de Liz Flores em 02/04/1997, no Colégio Padre Antônio Trivellin, em Painel. É datilografado e configurado por cinquenta estrofes de seis versos com rimas intercaladas nos 2.º, 4.º e 6.º versos. Todas as estrofes são marcadas por numerais cardinais. Possui uma linguagem melhor elaborada, porém, encontram-se alguns erros de ortografia: *consiente*, *xupim*, *chachim*, *inxertou*, *acessor* e de concordância: *Diz que são muito unido*, *Já ficam tudo empregado / Pai, marido e os irmão* (Anexo VI).

texto contém a crítica satírica expressa pelo ataque ao eleitorado, afirmando que *este é como bandeira no mastro / E os guapeca de mão torta, / andam mesmo é contra-rastro*. Evidencia a escolha “invertida” freqüente entre os eleitores, que muitas vezes fazem a opção pelo lado errado em plena consciência. O satirista, além de pontuar os defeitos dos candidatos, tenta persuadir os eleitores a fazerem melhores escolhas políticas, testemunhando, de novo, o caráter moralista do *Pisquinho*. Registra-se a ausência da invectiva e do uso de palavras obscenas, assim lembra algumas cantigas de escárnio medievais portuguesas, quando essas apresentam o uso atenuado do satírico.

Outro folheto de 1995, *Painel de Ontem e de Hoje. Como será o amanhã?*²⁷, ao comparar o passado e o presente do Município, alinha-se à ideologia dos *Pisquinhos* anteriores com o objetivo de persuadir o leitor²⁸ a refletir antes de votar em certos candidatos. Da mesma maneira, inicia anunciando possíveis transformações - *O Brasil deu o sinal / que ia ter grande mudança / começando com o real* - e finaliza com as tradicionais desculpas: *vou terminar estes versos / mas sem fazer despedida / peço desculpas a todos / se eu passei das medidas*. Observa-se uma intertextualidade entre o título desse *Pisquinho* e a música do compositor Gonzaguinha: *Como será o amanhã / Responda quem puder / O que irá me acontecer? / O meu destino será como Deus*

²⁷ Pasquim fornecido pela professora Maria de Liz Flores em 20/10/97 em Painel. Quanto à estrutura, o texto apresenta-se datilografado e composto por trinta versos com rimas intercaladas nos 2.º, 4.º e 6.º versos. Um aspecto a ser salientado nesse texto é a mescla das pessoas gramaticais 2.ª e 3.ª do singular, muito comum na linguagem oral do povo painelense: *Painel você já teve, tivestes o teu valor, Quem é que em ti vai mandar?* (Anexo VII).

²⁸ WORCESTER, *The art of...*, p. 37.

quiser. O “mundo de ponta cabeça” evidencia-se, nesse *Pasquim*, ao estabelecer o contraponto entre a correção do tempo passado e os desvios do tempo presente. Já o retrato do passado dimensiona-se nos versos seguintes:

Painel voce já teve / O seu passado de glória (...) Teve até banda de música / Sociedade organizada, / Farmácias, grandes hotéis / As festas eram animadas / Já tivemos padarias / Duas lojas bem montadas.

Ao passo que o presente é expresso pelos versos transcritos a seguir:

Do jeito que correm as coisas / Painel, tu vais afundar / Como vais ter vida própria? / Quem é que em ti vai mandar? Tudo de bom que já teve / Não podia se acabar.

Critica a diretora da escola por deixar-se influenciar pela ideologia de seu partido político ao empregar professores sem habilitação e ao permitir interferências de políticos na administração escolar. Essa “atitude” concorre para a desvalorização do papel social dos professores perante à comunidade. As críticas são dirigidas também à sociedade local religiosa que se encontra bastante restrita:

Mas pelo que estamos vendo / A coisa não está bela / A tua igreja que é matriz / Querem que fique capela / Sem irmãs, sem o padre / Só co'as beata e as donzela.

Não é possível estabelecer liames de identidade desse texto com a produção satírica anti-clerical da literatura medieval portuguesa, na qual a crítica centrava-se em desvios mais graves de comportamento. O satirista inclui no ataque todos os painelenses que voltam apenas para concorrer as eleições:

Já tem alguns voltando / Prá fixar residência / Concorrer nas eleições / Mostrando inteligência / Cuidado com esses sujeitos / Que podem te levar à falência.

De modo geral, a classe política é ridicularizada pelo satirista, *Estejam sempre vigilantes (...)* *Reparem no caráter deles / não vão em conversa fiada / Porque se forem eleitos / Não vão mesmo fazer nada.* Constata-se, ainda, a ambivalência desse procedimento, pois de um lado satiriza a situação atual e de outro, demonstra amor e respeito por sua terra:

Painel eu te que muito / Não vamos cortar os laços / Quero te ver sempre firme / Sei que você é de aço / Deste teu filho querido / Receba um forte abraço.

Comparado com os textos anteriores, este não apresenta deturpações ortográficas, porém registram-se as marcas da linguagem oral. Em contrapartida, é constatada a presença da linguagem metafórica não muito comum nos demais textos: *Brasil é um favo de mel / Tem abelha e tem ferrão / com doce, amargo e fel / Sabia que essa mudança ia te atingir Painel.*

O texto, de 1996, denominado *Novo Município*²⁹, inicia com o anúncio - *É no novo município que surge uma eleição / o povo forma partido e fazem coligação - e termina - se alguém quiser se matar / quando perder a eleição / existe na Bocaina uns mercado em promoção / vendem corda e veneno a preço de liquidação.* Essa repetência da estrutura de início e término é marca estrutural das cantigas medievais portuguesas. Pela temática e sugestão de conteúdo

²⁹ *Pasquim* fornecido pela professora Maria de Liz Flores em 03/05/1997. É datilografado e configurado por trinta estrofes de seis versos com rimas intercaladas nos 2.º, 4.º e 6.º versos. A numeração é feita por cardinais (Anexo VIII).

moral, o Autor busca, de um lado, conscientizar os painelenses da responsabilidade perante a escolha de seus representantes; e de outro, invocar os concorrentes para deixarem de lado a ambição e formarem chapa única à Prefeitura de Painei. Os alvos da crítica são: primeiro, o excesso de candidatos ao cargo de vereador,

Trinta e poucos candidatos / Mais os vices e os prefeitos / Um bando de puxa sacos / Querendo levar no peito / É no andar da carroça / Que as morangas se ajeitam;

segundo, a volubilidade dos candidatos *amigos do povão* que mudam sempre de partido,

Temos bons candidatos / São amigos do povão / Só que levam muito azar / Sempre perdem a eleição / Quem pula de galho em galho / Arrisca pousar no chão:

terceiro, a incapacidade de, no mínimo, decorarem o número da própria legenda,

E na hora dos discursos / É que eu acho bonito / Muitos pegam o microfone / E começam soltar grito / E prá não esquecer do número / Tem alguém que leva escrito:

quarto, a não disponibilidade do candidato de prestar serviços à comunidade antes do período eleitoral, *Muitos dos candidatos / têm pouco serviço prestado*; e, por último, a hipocrisia de muitos candidatos que freqüentam a igreja somente no período eleitoral, pois *Prá conquistarem os votos / abraçam até porco espinho.*

Idêntico posicionamento é assumido em *Novos anúncios do PSD do Painei*, quando a aparência física dos candidatos faz-se objeto de riso: *Tem*

*candidato pequeno / parece até miniatura (...) Sem falar da maioria / que se alejam na feiúra. Também é ridicularizada a crença de alguns candidatos (Ganha voto lendo a mão). Esse Pasquim ainda que use o sarcasmo não emprega palavras obscenas. Observa-se que, a exemplo do *Pisquinho Painel de ontem e de hoje. Como será o amanhã?*, o texto lança mão da linguagem metafórica a serviço do satírico: *Eu já vi que os mais teimosos / vão gastar a ferradura*. Além disso, constata-se a intertextualidade com um dito popular de Painel: *defunto quando é ruim / não adianta gastar vela*.*

Na seqüência temporal, surge um outro *Pisquinho*, sem título³⁰, em agosto de 1996, cuja primeira estrofe começa com os versos:

No painel meus amigos / aumentou os movimentos as eleições se aproximam / o prazo chegou no eito / existem cinco partidos / e mais de oito prefeitos

E termina, fazendo “recomendações patrióticas”:

aconteça o que acontecer / vamos vive sempre unidos / Painel não pode parar (...) Seja com qualquer prefeito / independente do partido.

O texto pode ser dividido em três partes: a primeira refere-se às eleições de modo geral, dela fazendo alvo de crítica, a segunda satiriza os candidatos à Câmara Municipal e a terceira alonga o ataque aos candidatos à Prefeitura.

³⁰ *Pasquim* fornecido pela professora Zeli Maria Arruda em 05/09/97. Este, é datilografado e configurado por cinquenta estrofes de seis versos, com rimas intercaladas nos 2.º, 4.º e 6.º versos, e as estrofes são assinaladas por numerais cardinais (Anexo IX).

As primeiras estrofes desenham a situação política de Painei e o perfil ideal do Prefeito;

Partidos estão divididos / Por causa da ambição (...) Começar uma prefeitura / Com trabalho e honestidade / Precisa ter pulso forte / e muita boa vontade / De todos os candidatos / Poucos têm capacidade.

A partir da vigésima segunda estrofe firma-se a outra face do satírico, no ataque aos concorrentes, evidenciando a incapacidade de cada um deles. O número de candidatos é o primeiro alvo do satirista, que julga ser o mesmo muito elevado: *São trinta e seis candidatos / Muitos nem sabem o que quer / Mas vão indo no embalo / Seja lá o que Deus quiser.* O segundo alvo é o lado frágil dos postulantes: *Vou começar dando a volta / Pelo Segredo e Lageado / Lá tem vários candidatos / Que dá prá ser aproveitado.* Cabe destacar que o satirista fala mal dos concorrentes de quase todas as circunscrições eleitorais de Painei, ressaltando, na época, apenas as candidaturas de *Rios dos Touros e Mortandade / Tem boas condições / Candidata que defende / A área da educação / Diz que é uma professora / Não vai enganar o povão.* A respeito dos candidatos, residentes na sede, traça o seguinte perfil:

Uns defende a agricultura / Outros quer a educação. (...) Quem nunca prestou serviço / Defende seu próprio lar / E tem outros que defende / O copo cheio nos bar (...) Tem também candidatos / o Morro da Santa Cruz / Apostando que são eleitos / Porque o povo conduz / Mas se a energia é fraca / Acaba faltando luz.

Nas estrofes finais, direciona a crítica aos candidatos em geral. O satirista lembra que um deles já esteve uma vez no poder e não correspondeu

às expectativas da comunidade, portanto nem deveria estar concorrendo: *Pessoas que já tiveram / com o poder nas mãos / e nunca fizeram nada.* Ridiculariza um outro, acusando-o de ser *competente* em *fazer trambiques e perseguições* e, também, de ser capaz de corromper *um homem inteligente / pra seu vice escolhido (...)* *Espero que a convivência / Não deixe o homem perdido.* Ainda um outro é considerado suspeito de comprar votos na convenção do partido: *Não sei se foi com camanga ou se foi voto comprado / Mas derrubou a adversária / Um fato não esperado.* O satirista não concorda com o fato dos concorrentes à Prefeitura serem parentes, pois *O terceiro candidato a prefeito é sobrinho dos outros Será que o nosso Painel / Não tem, outra geração?*

De acordo com o satirista, o povo deve escolher para administrar a cidade, uma pessoa com certo nível cultural e boa educação, *pois grosso ninguém atura.* Por outro lado, é importante destacar que a expressão *votos de cabresto* na 6.^a estrofe lembra o coronelismo existente na região há alguns anos atrás. Os chefes políticos locais obrigavam as pessoas a votarem em candidatos marcados previamente. O voto era “examinado” por um capanga do coronel antes de entrar na urna³¹. O velho problema eleitoral brasileiro tende a minimizar-se a partir da instauração da urna eletrônica. O discurso

³¹ LEAL, V. N. *Coronelismo, enxada e voto.* São Paulo: Editora Alfa – Omega, 1975. p. 23, 24, 25.

satírico reproduz, nesse *Pasquim*, a linguagem oral painelense³² e não apresenta palavras de baixo calão.

O folheto *Painel e seus movimentos*, escrito em 1996³³, limita-se, com exclusividade, à convenção do PSDB. Inicia com o satirista afirmando: *Estou gostando de ver / O Painel se acordar / Começaram os movimentos / Para os partidos formar*. E finaliza com o anúncio: *Esses versos são prá alertar / Não estou preocupado / E daqui mais uns dias / Nosso diretório é formado*. Ataca de modo direto às pessoas, identificando algumas pelo apelido, *A Negra é que fez tudo* (...) *O Tito entrou de carona / e ficou de presidente*, e outras pelo nome: *O seu Aristides Arruda com os tucanos se filiar, O Irineu também trabalha*.

O satirista critica aqueles que trocam seus antigos partidos para unirem-se ao PSDB, partido novo em Paineel. Procura ridicularizá-los, principalmente, nas últimas estrofes: *Os Tucanos tão querendo entrochar os eleitor / Mas esses analfabeto / Prá nois tem pouco valor*. Além dos elementos da linguagem oral, encontram-se algumas expressões populares: *Mas se der cos burro n'agua, Tão num beco sem saída, Entrochar os eleitor*. É importante destacar no texto a expressão *que deram amostra do pano* já encontrada em *Os sucessos deste ano* e *A campanha de um político desorientado em Pedras*

³² *Existe as desigualdade, tem muito sujeito bão, pois grosso ninguém atura, (...) Uns defende a agricultura / outros quer a educação, Dois mecânicos candidatos / só que estão meio confuso*. Observa-se, muitas vezes, que além de representarem a linguagem oral, esses erros de concordância são cometidos de propósito pelo satirista a fim de rimar um verso com o outro.

³³ *Pasquim* fornecido pela professora Zeli Maria Arruda em 05/09/96. É datilografado e composto por vinte estrofes de seis versos com rimas intercaladas nos versos 2º, 4º e 6º. As estrofes são marcadas por numerais cardinais. O *Pasquim* reproduz a orlaidade: *Disque, bão, Me admirei de uma coisa, Eu acho que esses coitado, Tem poco voto o coitado, É mais uma que nós perdemo* (Anexo X).

Branças. Aqui é válido perguntar se ambos pertencem ao mesmo autor ou a mesma família de autores? De acordo com alguns moradores, há famílias painelenses que cultivam esse "fazer artístico".

Outro *Pisquinho*, sem título, surge em 1996³⁴. O texto começa anunciando: *Resolvi fazer um Pasquim prá ajudar os companheiros (...) Gostei desse esporte porque vai pouco dinheiro*. E finaliza acentuando o ridículo dos candidatos do PMDB: *Desta vez fico por aqui (...) Tem muita coisa que se passou / e não foi explicado / De uma coiza tenho certeza / Essa troca de pelego, / Quem não é corno é viado....* Semelhante ao anterior, expressa-se por meio do ataque direto aos candidatos, declarando nomes: *pela Doroti ele troca*, ou apelidos: *No comício do inxu, (Xuda)*. O satirista demonstra, através do uso de palavras "fortes", o repúdio aos concorrentes: *A gente fala destes Podres / Que é uma tropa de vagabundo*. Com exagero satírico, afirma a não competência dos candidatos ao pleito eleitoral do PMDB pois, *Tem candidato que se diz forte / No comício o número esqueceu*. Comprova-se pela leitura que *Xuda* é o candidato mais satirizado: *Pra ficar mais bonito / Banheiro pros pobres vai construir*. Esse projeto, de acordo com alguns moradores, já poderia ter sido posto em prática e não ser reservado sempre para o ano eleitoral. O texto contém o desafio - *A carriata foi um suceço / Mostra, tamanha (...) Quero ver no*

³⁴ *Pasquim* fornecido por Jenifer Silva em 23/09/96. É datilografado e formado por trinta estrofes: vinte e nove de seis versos com rimas intercaladas nos 2º, 4º e 6º versos, uma estrofe de dez versos com rimas intercaladas nos 2º, 4º e 10º versos. Nele, o autor faz uso de palavras chulas e obscenas. O texto apresenta erros de ortografia como por exemplo: *coiza, dessacerte, xopim, conçolo, cituação, carmissa, enxer*. Encontram-se, também, expressões da linguagem oral: *E a eleição tu vai perde, O santinho do Xuda vai sumi, Tu vai ficar para indeis* (Anexo XI).

dia tres / Se ele repete a façanha - ao candidato de obter uma votação tão expressiva quanto foi a carreata. Quanto ao cargo de vereador, A candidata da Mortandade não deveria temer os mortos e procurar educar o cunhado: O Marquinho prá política / não leva muito jeito. E sobre os outros vereadores / dispensso comentário / Tão bem bobo atrás de voto / Só penssando no salário. Critica a organização do comício do PMDB, porquanto os membros do partido poderiam ter escolhido alguém mais comedido, em virtude de o candidato apresentado ser um bêbado e retardado / Encheu os cornos na festa de agosto / Não aguentou dormiu centado.

Já o outro texto, *Primeiro pleito de Painel - outubro 96*³⁵, apresenta o resultado das eleições municipais e lembra a tradição painelense de elaborar folhetos críticos:

Pisquinho bem elaborado / Só faz quem é capaz / Não ofendo os concorrentes (...) O verso vem da rima / Herança dos ancestrais

Termina com uma advertência:

Ao encerrar esses versos / Vou deixar uma mensagem / Me desculpe meus amigos / Se falei muita bobagem / Cuidado eu estou de olho / Vou denunciar a ladroagem.

Contém outras advertências ferinas aos candidatos e aos correligionários, pontuando suas falhas: *Só lamento alguém no morro / Ofender*

³⁵ Esse *Pasquim* foi fornecido pela professora Maria de Liz Flores em 10/04/1997. É datilografado e configurado por vinte e sete estrofes de seis versos com rimas intercaladas nos 2.º, 4.º e 6.º versos. Constata-se no texto a presença da linguagem oral painelense, como: *Seguiu tudo bunitinho / Abraços e aperto de mão, Não se deve vira o cocho (...) Preserve sua família / Que sempre te acolheu (...) Pra isso tu nasceu, Treis candidatos correu* (Anexo XII).

quem lhe deu pão (...) Dois eram irmão / E o sobrinho se meteu / O inxu era o favorito / Mas o irmão que venceu.

Assim, o *PDT do Painel* não tem a força que se imaginava e nem o Vice-Prefeito eleito tem a posição que ostenta: *Cuidado amigo velho / O que sobe pode cair. A antiga diretora* poderia manter os companheiros unidos se não tivesse trocado *tanto de partido*. Quanto aos vereadores eleitos, um é criticado por usar suas dívidas para sensibilizar os eleitores, *Se elegeu com a promessa / De pagar as suas contas*. Um outro é alvo do ridículo por ter abandonado os *inxus* e apoiado o candidato do outro partido. E mais um outro vereador é criticado por *fazer política / Quando está embriagado*. O texto também satiriza os candidatos *derrotados* lembrando-lhes *Quem tem serviço prestado / Leva o voto do povão*. Destaca-se, na primeira estrofe do último verso, a expressão: *Herança dos ancestrais* encontrada em outros folhetos da mesma natureza, fazendo assim referência explícita à tradição de elaborar *Pisquinhos*.

O último *Pasquim* do ano de 1996³⁶, sem título, exhibe, de igual maneira, um panorama do resultado das eleições municipais. O texto abre-se com o satirista afirmando: *Como sou desempregado / não sou bobo nem pateta /*

³⁶ *Pasquim* cedido pela senhora Vilma Cozer Arruda em 05 / 04 / 1999. É datilografado e composto por quarenta e três estrofes: trinta e nove com seis versos; duas com rimas intercaladas nos 2º, 4º e 6º versos; duas com cinco versos e rimas nos 2º e 5º versos; três com sete versos e rimas nos 2º, 4º e 6º versos; três com oito versos e as rimas intercaladas nos 2º, 4º, 6º e 8º versos, e uma com dez versos e as rimas intercaladas nos 2º, 4º, 6º, 8º e 10º versos. Observam-se no texto, expressões usadas na linguagem oral: *Tem gente que não faz mais rancho / Mas engordam que nem leitão (...)* *Que o pasto da creche é bão, Tem gente que ficou rico, vai apela pra ignorância, Mas a vitória não pode comemorar* (Anexo XIII).

Continuo bem informado (...) Nesta profissão de poeta. E finaliza, confundindo o leitor a respeito de sua identidade, com o clássico, Painelenses um grande

abraço (...) Não sei fazer só Pisquinho (...) Já nem me lembro mais / Se fiz o primeiro ou o terceiro / Sei que no quarto e no quinto / Também sou pioneiro.

A invectiva manifesta-se no declarar o nome das pessoas satirizadas e no uso de palavras ofensivas. O Prefeito eleito é o mais atingido pelo fato de ter prometido muitos empregos em troca do apoio eleitoral, *Mas tem muitos PC Farias (...) Novas secretarias / Uma pros "Barbichas" assumi / Com suas famosas putarias*; e pela falta de critério ao nomear pessoas com formação não condizente para o cargo e, assim, deixar *A ignorância predominar (...) Pois tiveram a coragem até de se trocar / Da area de educação por um açougue / Só pra não se rebaixar*. A família de *Dona Chede* também é muito visada pelo satirista, pois *A ladroagem já existia / Mesmo antes da eleição (...) Tanta banha é sinal / Que o pasto da creche é bão*. E, sobretudo, por ter apoiado o Prefeito com o objetivo de obter cargos, *E agora eu pergunto / Os chediedo como vão ficar? (...) Já estão ficando com medo / Do pé na bunda que vão levar*. As críticas estendem-se a outros painelenses, agora não nominados, como o casal de comerciantes, acusados de discriminar os pobres: *Enquanto não sai a igreja dos pobres / Um casal estará sempre a rezar (...) Na realidade mais perecem / Dois demônios no altar*. O vereador mais votado é criticado por fazer papel de tolo, dificultando assim a execução de suas promessas ao povo, *Como vai defender a*

crasse???; um outro, é satirizado por considerar a câmara apenas como um emprego, *Pois não gosta de trabaiá / Disserto agora toma banho / Prá morrinha não continua*; e um vereador do PMDB é criticado pelo fato de apoiar partido contrário ao seu: *Tem gente que prá propria família / Fez a sua traição (...)* Em nome da família Antunes Pessoa / *Confirma que tá vendo assombração*. Apesar da ocultação de alguns nomes, a identificação processa-se com facilidade na comunidade painelense da época. Fato que acentua o caráter histórico da sátira e do satírico. Na terceira estrofe, declara seu objetivo, *Eu disse que estava de olho / Ia denunciar a ladroagem*, admoestação reproduzida no folheto *Primeiro pleito de Painei*.

Após três meses sem nenhuma produção, surge o primeiro *Pasquim* escrito em 1997³⁷. Na estrofe inicial, adverte: *To de novo no pedaço / Deixando todos curiosos / Prá saber minha identidade*. O satirista reafirma a posição de superioridade - *falo somente a verdade* - e, na última estrofe, delata a fonte de sua informação, *Quem me mantém informado (...)* *Trabalha atrás do balcão / E tem um mamulo nas costas*. O objeto do ataque é o desmando praticado pelo Prefeito, em particular pelo clientelismo político, para o qual o satirista dirige críticas ferinas. Ironicamente, cobra do político eleito a promessa não cumprida de empregar *Capoeira e Tiã Tião*. Por outro lado, aponta a falta de

³⁷ *Pasquim* fornecido pela professora Maria de Liz Flores em 10/04/1997. É datilografado e formado por quarenta e duas estrofes, sendo que vinte e seis têm seis versos com rimas intercaladas nos 2.º, 4.º e 6.º versos e dezesseis possuem sete versos com rimas intercaladas nos 2.º, 4.º e 7.º versos. Encontram-se no texto expressões que pertencem à linguagem oral painelense: *Que o burro de zarreio, Se não largá da mardita / Tu vai demoli a caçamba, Nunca deu ponto pra nada* (Anexo XIV).

critério para contratar empregados, pois admite pessoas de comportamento inadequado: *Tem um novo motorista / que o apelido é Tio Bamba (...) Nunca deu ponto prá nada / Só por culpa da cachaça.* Além disso, *O Marlos e o alemão* também não são nenhum modelo de virtude, pois *Só estão fazendo feio / Nenhum dos dois aparece (...)* *O Prefeito tá pagando prá eles laçá em rodeio (...)* *O Redi pega a Kombi / Por ser bom caminhoneiro (...)* *Só não vá mata as crianças / Co fedô desse paiero.* O texto denuncia, também, o nepotismo na administração municipal. Uma das filhas do Prefeito é satirizada por mandar mais que seu pai na Prefeitura: *A prefeita das finanças (...)* *Parece uma ditadora (...)* *Se não tivesse dinheiro / Tava benzendo tromenta (...)* *Só não separou ainda / Por causa do emprego.* Esse texto ridiculariza o Prefeito e contratados: *As monitora da creche / andam empurrando a gracha / De tanto come mingau / Misturado com bolacha.* As críticas estendem-se aos vereadores, *A Roseli quer pegar o Sérgio (...)* *Antes não pegava macho / Porque dinheiro não tinha; Esse tal Roni Pessoa / Prá família viro as costa (...)* *Traidor o povo não gosta.* Outro alvo de ataque centra-se em *As diárias do prefeito / É cousa de se invejá / Agora o senhor Tadeu / Já virou num marajá.* A aprovação dessas diárias pela Câmara Municipal gerou o descontentamento, em grande parte da população, por julgá-las como abuso de poder: *O regime é ditadura (...)* *Até o pobre do Tito / Não pode botar apito / Na secretaria que tem.* Outras pessoas da comunidade também são atingidas pelo satirista:

A Chédia só faz pesquim / Falando nos ancestrais / Mas nunca fecha na rima: O Titito e a Gilmara / Formaram um casal jóia / Um vadio e uma kenga (...) Se por acaso se juntarem / A Eva tem que dar bôia.

Observa-se, nesse texto, a presença de palavras e expressões chulas como: *Baicharel das próprias guampas / Esse sim é come bosta e o reinasso da cadela / popular anca de vaca*. Já o segundo *Pisquinho* de 1997 - *Painelenses estou de volta*³⁸ - faz um apanhado da situação política do Município ao destacar a troca de assessores praticada pelo Prefeito e o concurso promovido para ocupar alguns postos na Prefeitura. O Autor inicia com uma irônica advertência - *Painelenses estou de volta / Estou chegando de mansinho (...) E já encontrei novidade prá continuar meus versinhos* - e termina denunciando o nepotismo político praticado em Painei, pois *até o prefeito é parente / Mas dispense comentário / Em política não conversamos (...) Só quero passar no concurso / E garantir meu salário*. De acordo com o satirista, o Prefeito deveria mudar o modo de conduzir o município, colocando mais carros à disposição dos alunos que *desmaiam de fome / Só as três horas da tarde / É que embarcam na combe*. E, essa situação perdura, conforme o texto, desde que o Prefeito dispensou a Escola Itinerante³⁹ por medida econômica. O satirista alerta sobre

³⁸ *Pasquim* fornecido pela senhora Zaida Antunes em 10/05/1997. É datilografado e configurado por quarenta estrofes de seis versos com rimas intercaladas nos 2.º, 4.º e 6.º versos. É composto por vinte e nove estrofes irregulares: duas têm cinco versos com rimas cruzadas nos 1.º, 3.º e 4.º versos; seis estrofes possuem quatro versos com rimas cruzadas nos 2.º e 4.º versos; cinco têm seis versos com rimas intercaladas nos 2.º, 4.º versos; três possuem sete versos com rimas intercaladas nos 3.º, 5.º e 7.º versos; quatro têm oito versos com rimas intercaladas nos 2.º, 5.º e 8.º versos; três de nove versos com rimas intercaladas nos 2.º, 5.º e 9.º versos e uma estrofe com três versos brancos. O texto apresenta algumas expressões usadas na linguagem oral de Painei: *Ele é um home bom, Porco magro não dá banha, Você é muito ligeiro, Dois tigres num capão só / ou morre ou sai arranhado* (Anexo XV).

³⁹ A Escola Itinerante foi criada aproximadamente em 1984 pelo prefeito de Lages Paulo Duarte a fim de beneficiar as comunidades interioranas distantes como Ensino de Primeiro Grau.

a insatisfação do povo quanto a *nova assessora*: *Agora tu tens contigo / Uma rapoza bem esperta / Que vai te passar a rasteira / Se você não estiver alerta*. O desentendimento entre o Prefeito e seu Vice não passa impune aos olhos do Autor: *Não se esquece quem apanha / Você não acha outro bobo / Prá bancar tua campanha*. Já o concurso para alguns cargos municipais é outro ponto de ataque: *Os concurso é marmelada / Os daqui não vão passá / Vai entrá guasca de fora / Mandando tudo pastá*.

Encontram-se nesse texto algumas características dos antigos *Pasquins* de maledicência ao criticar outras pessoas não relacionadas com a política local: *O Titito e a Gilmara / Formaram um casal jóia / Um vadio e uma kenga (...) Se por acaso se juntarem / A Eva tem que dar Bóia*.

Destaca-se nele a presença do paralelismo das cantigas medievais portuguesas, nas quais o último verso de uma estrofe é idêntico ao primeiro da estrofe seguinte⁴⁰, por exemplo: *Mas pra quem está de fora / Contar é bem divertido (...) Contar é bem divertido / Mas o povo não agüenta*.

Dois meses depois, surge outro folheto⁴¹ - *Painelenses que saudades* - que anuncia na primeira estrofe: *Vim rever meu ex-distrito (...) mesmo sendo pouco tempo / Fiquei a par das novidades*. E, na última estrofe, compara o Prefeito de Painei ao Prefeito Pitiguary da novela global⁴² que *so quer fazer*

⁴⁰ Cf, MOISÉS, *Dicionário...*, p. 385-386.

⁴¹ *Pasquim* fornecido por Maria Flores em 10/05/1997 (Anexo XVI).

⁴² A estrofe refere-se a Grinville, cidade fictícia da novela da Globo *A Indomada*, em que o prefeito manda fazer buracos nas ruas para o povo pensar que está promovendo obras.

obras / E garantir o seu quinhão / Mas pro Painel crescer de verdade / Vai ter que cair num buraco / E sair lá no Japão. Para ridicularizar os erros do Prefeito, o satirista lança mão de palavras ofensivas, pois o mesmo não deveria permitir a interferência de suas filhas na administração: *Se não faz obras, faz desfile (...)* *Painel vai virá Grinville (...)* *Dizem que a idéia das fia / Que querem engrandecer o pai (...)* *As duas são abagualadas / A da prefeitura é pior.* Essas, pelos “desmandos e grosserias”, são comparadas a cavalos selvagens. Quanto à Secretaria da Educação, aponta que *A coisa tá ficando feia / Depois da obra da Casa de Pedra / Acabou-se a peleia.* O Vice-Prefeito é censurado pela ausência, muito freqüente, aos compromissos municipais: *Na prefeitura quase não aparece / Mas ganha seus honorários.* O vereador Roni é criticado no texto e comparado ao ex-presidente Fernando Collor por *beneficiá os parente (...)* *Reformou a casa da Dinda (Olimpio) / Com o dinheiro do povo.* O satirista destaca que *Emancipamos o Painel / Prá enriquecer a família do prefeito / E só mais uns privilegiados,* pois o objetivo de tornar Painel município era, no fundo, de beneficiar as classes menos favorecidas: *E os pobres ainda tão esperando / Um pouquinho do bom bocado.* Além dos ataques à política local, o *Pisquinho* critica o baile, realizado para a escolha da rainha do *Painelaço*, apontando a discriminação e o racismo por parte da Diretora do colégio local, quando da tentativa de impedir a participação de *uma candidata preta: Cuidado diretora, secretária e Lagarto / Existe lei contra racismo.* O texto estabelece,

como já foi visto, uma analogia satírica entre *Painel* e *Greenville: No baile das rainha / Todos com sua senhora / O Pitiguary e a Altiva / Os empafiados da hora*⁴³.

Constata-se aqui a absorção de um elemento da cultura de massa, a telenovela, por um elemento da cultura popular, o *Pisquinho*. Desse modo, fica evidenciada a mescla da cultura popular com a cultura imposta pelos meios de comunicação.

O folheto *Painel em movimento*⁴⁴ surge quinze dias após o anterior. Inicia com o tradicional, *Amigos estou chegando*, e, mais adiante, mascara com ironia seu objetivo: *Vou falar bem do Painel / Comentando só os fatos / Nunca gostei de quem fala se baseando so em boatos*. E encerra com o alerta: *Não deixo escapar assunto / Sei que vão deixar uma fresta / Eu volto a contar prá vocês / Como é que ocorreu a festa*. Esse texto continua a estrutura e a tradição temática dos demais.

Dois dias depois, surge o último texto de 1997⁴⁵ com uma saudação alegre e contraditória nos primeiros versos - *Olá meu povo querido / De novo aqui estou voltando (...) Sou novo no pedaço / Tenho certeza que estou gostando - e*

⁴³ A esposa do prefeito não é comprada à *Scarlet*, primeira dama de *Greenville*, mas à *Altiva* que é uma personagem esnobe e antipática.

⁴⁴ *Pasquim* fornecido por Zaida Antunes em 03/08/1997. O texto é datilografado e formado por vinte e uma estrofes de seis versos com rimas intercaladas nos 2º, 4º e 6º versos; quinze têm quatro versos com rimas cruzadas nos 2º e 4º versos, três têm cinco versos com rimas cruzadas nos 1º, 3º e 5º versos, duas possuem três versos com rimas cruzadas nos 1º, 3º e 5º versos e uma têm seis versos com rimas intercaladas nos 2º, 4º e 6º versos. As estrofes são antecedidas por numerais cardinais. Apresenta, também, algumas expressões utilizadas na linguagem oral, como por exemplo: *Lá ninguém botô a mão, E no arremate das obras, Prá não mistura bagaço, Pro patrão e os capataz, Que os bailão vão ser demais* (Anexo XVII).

⁴⁵ *Pasquim* fornecido por Zaida Antunes em 11/08/1997. O *Pisquinho* é digitado e composto por 21 estrofes irregulares: 15 com 4 versos, 4 com cinco versos e duas estrofes com três versos. Devido à disposição dos versos as rimas são internas. Observa-se que esse texto difere dos outros, pois sua estrutura apresenta versos irregulares em todas as estrofes. Algumas têm quatro versos, outras têm cinco ou três versos (Anexo XVIII).

com um aviso nos versos finais - *Estarei de olho prá tudo o que acontecer / Um abração macacada, tenho muito o que fazer*. O Pasquim dirige a invectiva ao nepotismo e acúmulo de cargos por pessoas do Executivo e do Legislativo de Paineira. Alguns vereadores, alvo do ataque satírico de caráter direto, são identificados no texto: *Esse Roni Pessoa, presidente professor e vereador / Não acumule muitos cargos*. Outro vereador, o mais votado, é criticado por montar um projeto, impedindo as tropas de passarem pelo centro: *Com certeza as coitadas terão que andar de avião (...) Te manca ó pobre Negro (...) Não se meta com as vacas que tu não tem*. Contudo, não concentra os ataques à classe política, dirigindo-os, também, aos outros membros da comunidade:

A mulher do cambito vive chamando de putedo e quenga pras mulher da galinhada / Só ela não enxerga / a tropa de merda que tem dentro de casa: A primeira dama arrumou um mulher / Chamada assistente social (...) Já começou fazendo cagada (...) Cuidando do serviço alheio.

Depois de um ano e seis meses surge a única produção de 1999⁴⁶. O texto sem título apresenta um panorama da gestão municipal e dos preparativos para o *Painelaço*. É iniciado com o clássico: *Amigos peço licença / Estou chegando no pedaço / Vim para fazer a cobertura / Da festa do Painelaço*. É terminado com o tradicional *Adeus queridos amigos / Deixo aqui o meu abraço (...) Só volto no ano 2000 / Jogar de novo meu laço*. A crítica manifesta-se contra o Prefeito que não deveria estar *forrando a guaiaca*, nem deveria ser agressivo

⁴⁶ Pasquim fornecido por Andréia Barbosa em 10/08/1999. O texto é digitado e formado por trinta e oito estrofes de seis versos com rimas intercaladas nos 2º, 4º e 6º versos (Anexo XIX).

diante da comunidade, pois *disseram que um vereador / Ele derrubou com um tapa*, e nem mesmo tentar subornar os vereadores para aprovarem seus projetos, pois *compra um com telefone / outro com um carro novo*. Adverte que a administração municipal não deveria alegar a ausência de recursos financeiros nem *Reduzir os empregados*, considerando que *a família lá dentro / Vai muito bem, obrigado*.

Quanto à organização do *Painelaço*, cujos festejos começaram *com o baile das candidatas à rainha*, a crítica incide no fato das moças “de fora” participarem, pois *deixou as do lugar / com a moral lá em baixo*. Também os membros da *Promoção social* são alvo das críticas por descuidarem-se da organização do desfile, esquecendo *de mandar fazer as faixas*. Outro alvo da crítica investe na desorganização dos preparativos para o evento, em especial *na tal da missa crioula*, por esquecerem de arrumar uma *pilcha*⁴⁷ para o Padre *e na hora pegam do campo / reza de roupa emprestada*. A cavalgada inclui-se no julgamento sarcástico, visto que *As professoras da cidade / ficaram todas de a pé*. Nas últimas estrofes, o satirista explica aos leitores, através de metáforas simples, que bons eventos podem trazer coisas ruins, pois *a vida é doce mas tem o amargo do fel*. E fecha o *Pisquinho* com a invocatória aos leitores para guardar *esses versos*, em virtude dos mesmos poderem *um dia fazer parte / Da história do Painel*.

⁴⁷ Roupas típicas gaúchas.

A promessa de retorno do texto anterior cumpre-se com *Só volto no ano 2000 / Jogar de novo meu laço*⁴⁸, aproximadamente um ano depois. O folheto concentra o acometimento nas eleições municipais e no *Painelaço*. Na primeira estrofe, o satirista anuncia seu objetivo: *Vou começar a falar / Candidato é o que mais tem (...) Começaram as reuniões / E a coisa pegou a esquentar*. E, na última, repete a clássica despedida *Meus amigos do Painel / Deixo aqui meu abraço (...) Só volto a escrever de novo / Quando passar o Painelaço*. Nesse *Pisquinho*, o risível evidencia-se por meio de ataques ora diretos, ora oblíquos aos postulantes à Prefeitura e Câmara Municipal. Assim, o texto os ridiculariza, desenhando em cores negativas o perfil dos candidatos:

São muito prá pouca banha (...) Os doutro e professor / Vamos deixar na poeira / Agora é a vez dos bêbados / Dos crente e das faxineira e os candidatos a prefeito / É os mesmo não muda nada (...) entra duca e sai manduca / E fica a mesma cagada.

De acordo com o satirista, o Prefeito candidato à reeleição *já anda dizendo (...) Só quem tem dinheiro que pode / Comprar o povão / Quatro anos com a família / Reuniram um dinheirão*. A família de alguns candidatos é alvo do ataque satírico - *O prefeito comemora na rua / Com carreata animada / A filha vai para a escola / Comemora na porrada (...) Já chamam de cachorra louca* - por não apresentarem um comportamento condizente com a função a ser desempenhada.

⁴⁸ *Pasquim* fornecido por Renata Pessoa em 04/08/2000. O texto é digitado e composto por trinta estrofes de seis versos, com rimas intercaladas nos 2º, 4º e 6º versos. As estrofes são antecedidas por um numeral cardinal (Anexo XX).

Quanto ao *Painelaço*, prenuncia com sarcasmo que a mesma *vai ser um prato cheio e o prefeito com o dinheiro da festa / Compra os pobres e os feios*. Ao concluir, faz algumas recomendações: a primeira é uma advertência, *Votem com muito cuidado / Só depende de vocês / Pro Painel sair do banhado*; e a segunda é uma recomendação, *festeje com alegria / Respeito e amor a Jesus / Cinquenta anos de paróquia*. Registra-se que a expressão *é no andar da carroça / Que tanto pepino se ajeita*, ocorrida na décima segunda estrofe, é encontrada, também no *Pasquim Novo Município*, na quarta estrofe com algumas modificações: *é no andar da carroça / Que as morangas se ajeitam*. Essa constatação reforça a suspeita de ambos os textos pertencerem ao mesmo autor ou aos mesmos autores. É provável que a resposta afirmativa se imponha pelo fato de alguns folhetos repetirem idênticas expressões e o mesmo modo de exposição das idéias. Embora não seja objetivo dessa dissertação identificar a autoria dos mesmos, pode-se atribuir a mesma autoria aos *Pasquins: Painel Município, Painel de Ontem e de Hoje, Como será o amanhã, Novo Município e Painel em Movimento*; e, da mesma forma, aos textos surgidos em 1999 e em 2000.

No decorrer da leitura, verifica-se que a invectiva⁴⁹ é presença constante tanto nos *Pisquinhos* de festa quanto nos *Pisquinhos* de política. Ao

⁴⁹ Entende-se por invectiva, a intencionalidade satírica caracterizada pelo ataque direto e didático, provocando o riso de escárnio ou de desprezo. WORCESTER, *The art of...*, p. 37.

finalizá-la, observa-se que em ambas as espécies fundem-se às teorias citadas na moldura teórica, em particular de Worcester e Feinberg.

Em particular, a razão do sucesso com o público leitor deve-se, segundo Feinberg, ao fato da sátira e do satírico transmitirem ao leitor um sentimento de superioridade pela circunstância de estar livre do ridículo e, em consequência, das agressões.

É pertinente assinalar, da mesma forma, a concordância entre o pensamento de Frye sobre o satírico e a produção dos textos painelenses, pelo fato de usarem a linguagem típica dessa espécie literária como instrumento de ataque contra o erro e o ridículo humano.

Na leitura seguinte, muda-se o olhar para os textos memorialistas cujo ponto axial oscila, também, do “eu” aos “outros”, ainda que de maneira diferenciada. Contudo, tanto os textos do risível quanto os textos memorialistas constroem a face da cultura de Painei.

Memorialismo, autobiografia e crônica de Painei



E a cidade emerge cheia de alma, com sua memória política, sua memória de trabalho, as vezes de suas igrejas e ruas, seus pregões e cantigas, seus assobiadores das madrugadas¹.

As memórias de Doutel Andrade - todas escritas em forma de diário e confirmadas em traços autobiográficos, crônicas e anotações diversas - retratam a vida simples do povo painelense, quando as festas, religiosas ou profanas, e os acontecimentos do cotidiano são fatos merecedores de registro. O narrador resgata dessa maneira a história pessoal e a história do município e da gente de Painei. Confirma-se dessa maneira o pensamento de Halbwachs ao situar a memória individual como parte da memória coletiva. A história do homem - Doutel de Andrade - imbrica-se á história da cidade em que vive. Ou a história da comunidade painelense é constituída pelo amalgamar das vidas de seus cidadão? Os textos de Doutel de Andrade apresentam características autobiográficas e testemunhais, permitindo visualizar o cotidiano, passado e presente, de Painei através das histórias de um cidadão. A natureza deles reveste-se de registros diversificados, alguns de caráter literário (crônica, autobiografia, memórias) e outros de caráter não-literário como anotações de ocorrências sociais.

¹ BOSI, E. *Memória e sociedade...* (verso da capa).

Cabe primeiro esclarecer quem foi Doutel de Andrade², não o político de âmbito nacional, mas o homem de atuação política local e o escritor memorialista que grava em seus textos o cotidiano, próprio e de sua terra. Nasce em Campo de Dentro (Painel), em trinta de abril de 1900, filho de Prudente Daniel de Andrade e Maria do Nascimento de Andrade. Os fazendeiros da região, entre os quais se incluía o pai do escritor, em decorrência da difícil passagem para os centros urbanos, costumavam contratar alguém para ensinar os filhos a ler e a escrever. Os professores permaneciam nas casas até a última criança da família completar a educação primária. Prudente Daniel de Andrade contrata o professor Júlio Marcos, de origem russa, para a tarefa de ensinar matérias básicas do curso primário e noções da língua alemã. Doutel de Andrade sempre distingue-se no grupo social painelense pela cultura e probidade. Trabalha como secretário do engenheiro Lourenço Waltrick na construção da estrada Lages-Urupema por volta de 1926. É nomeado pelo Prefeito de Lages, Vidal Ramos Jr., ao cargo de Intendente Distrital de Painei, em 1941, permanecendo até 1973, quando ocorre a vitória da oposição (MDB) nas eleições municipais. Escreve para o jornal Região Serrana, hoje extinto, no período de 1943 a 1948.

Após a aposentadoria, ocorrida em 1980, passa os dias a ler e a escrever. Falece no dia sete de agosto de 1996.

² Dados fornecidos pela filha do memorialista em entrevista ocorrida na residência da informante no dia 10 de novembro de 1998, ocasião do empréstimo do caderno de memórias memorialista.

Doutel de Andrade, o cidadão painelense, partilha de idêntico nome com Doutel de Andrade³, o político de âmbito federal. Nomes idênticos de duas pessoas ligadas por laços de parentesco afastados, porém com caminhos diferentes.

Apresentação e categorização dos textos de Doutel de Andrade

Na entrevista com a filha de Doutel, Lília Andrade, toma-se ciência de outro caderno de memórias, escrito antes do texto a ser utilizado nesse trabalho. Apesar de pessoalmente procurá-lo entre livros e recortes de jornais, guardados por Doutel de Andrade, o mesmo não foi encontrado. Em decorrência, a leitura fica limitada ao caderno cujos textos manuscritos foram, segundo a informante, copiados do anterior. Esse procedimento pode explicar a seqüência não cronológica dos registros e, ao mesmo tempo, acentuar o caráter memorialista dos textos que foram transcritos.

Trata-se de um caderno de capa dura e cor preta com a estampa decalcada de uma menina e um ramo de lírio, simbolizando a inocência e a pureza. Na face interna da capa, estão transcritos alguns pensamentos e na

³ O político Armindo Marcílio Doutel de Andrade nasce no Rio de Janeiro em 17 de novembro de 1920, filho de Armindo Augusto Doutel de Andrade e D. Cândida Margarida Fernandes Doutel de Andrade. Filia-se ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), sendo eleito Deputado por cinco legislaturas (1952 – 1966). É cassado pelo Ato Institucional n.º 5. Readquire os direitos políticos e inscreve-se no Partido Democrático Trabalhista (PDT), chegando a ser Presidente do Diretório Nacional. Ao adquirir pela anistia os direitos políticos, inscreve-se no PDT. Falece em 1995.

folha de rosto, à maneira de frontispício, está gravada a palavra *RECORDAÇÕES* em letras desenhadas pelo autor⁴. No reverso da capa e da folha de rosto, copiadas manualmente, encontram-se algumas notas de cunho pessoal e vários aforismos⁵, quase todos versando sobre o tema da velhice:



Não lamento estar ficando velho. Muitos não ficam. / O que mais um velho pode fazer senão ler... e pensar (anônimos) / Nada é mais desgraçado que um velho não ter algo para mostrar, a fim de provar que viveu muito tempo, a não ser os anos de sua idade. (Og Mandino)

O primeiro registro, datado de *setembro de 1914*, é uma crônica de festa - *Um casamento no sítio* - escrita em *Campo de Dentro*, local de nascimento do autor. Os últimos registros, manuscritos no anverso da folha de rosto, configuram-se em transcrições de pensamentos, e poesias, além de informações sobre a vida da comunidade como: *A luz de Painel foi acesa, nas residências, na noite de 24 de Agosto, de 1968, pela Celesc*. O derradeiro texto de sua autoria é a crônica *Nossa Homenagem*, datada em Painel a 12 de março de 1992.

⁴ O título do caderno - *Recordações* - está desenhado em letras grandes, pintadas nas cores vermelha e azul. À esquerda, em vermelho, encontra-se o registro do início da escritura ou reescritura dessas memórias, no ano de 1963.

⁵ Encontram-se escritas algumas anotações de interesse diverso, sendo uma de caráter histórico sobre a criação do distrito: *O distrito do Painel foi criado por decreto do governo provisório n.º 5 de 27 de maio de 1890*, e outras quatro de caráter pessoal, conforme será registrado mais adiante. Encontram-se também copiados vários aforismos.

Após esse registro, depara-se com outros, configurados em textos curtos, informativos e aforísticos⁶.

Os registros memorialistas de Doutel de Andrade compõem-se de oitenta e dois textos, próprios, em sua expressiva maioria, e bem poucos de autores diversos. Para facilitar a leitura, procedeu-se a categorização dos mesmos, conforme o núcleo temático predominante em cada um⁷. O primeiro grupo - *Crônicas e produções diversas, autobiográficas e sociais* - inclui a maior parte das memórias de Doutel de Andrade, divididas em registros de cunho pessoal ou familiar, documentação de sua produção poética, descrições paisagísticas, pequenas crônicas, narração de passeios e viagens, e anotações de ocorrências diversas; o segundo - *Crônicas dos festejos em Painei* - inscreve festas de casamento e outras festas, religiosas, profanas, cívicas e particulares; e o terceiro grupo - *Crônicas e anotações do cotidiano da cidade* - compreende o registro de acontecimentos, ocorridos na comunidade e operados a partir da postura clássica de cronista.

Dessa maneira, o caderno - *Recordações* - apresenta trinta e quatro textos, aqui nominados de *Crônicas e produções de caráter diversas, de natureza autobiográficas ou social*: vinte e cinco classificadas como *Crônicas*

⁶ O registro inicia-se com a crônica *Um casamento no sítio* e encerra-se com a transcrição de vários pensamentos, identificados ou não, com as informações sobre a instalação da eletricidade em Painei, registro supracitado, e do curso ginasial no Grupo Escolar Correia Pinto de Painei. O último ocorre no dia 13 de abril de 1970, procedido pelo inspetor regional doutor Wilson César Floriani.

⁷ Essas denominações são decorrentes da leitura ora efetuada, apresentando todas elas caráter relativo, pois alguns textos podem ser enquadrados tanto em uma categoria como em outra.

dos festejos em Painel, sendo cinco de casamento, uma de carnaval, oito cívicas e onze religiosas; e dezessete textos enquadrados como *Crônicas e anotações do cotidiano da cidade*.

Vale reiterar que o procedimento de categorizar os escritos de Doutel de Andrade é um recurso de ordem didática, em decorrência da mescla de gêneros que eles apresentam.

Leituras: memorialismo, autobiografia e crônicas de Painel

Os textos da primeira categoria, por sua vez, estão subdivididos em diversas espécies de registros que incluem: o nascimento dos filhos, *Nasceu a nossa filhinha Zeny, as 9 ½ horas da manhã do dia 7 de setembro de 1923*; o tratamento de saúde de sua esposa que *levou 1 ½, no Hospital Santa Isabel*; a produção literária lírica composta de várias poesias, intituladas - *Primavera, Versinhos de momento, Busca-pé!, Viver dentro do ordenado e Nossa rua!...* - essa última aqui transcrita

Não há rua como a nossa / De largura descomunal. / Não há quem arrumar possa / Depois de um temporal! / Sendo assim tão esburacada / Tão larga como ela é / Pode até ser comparada / Com qualquer bêco-chué!... / Mas o caso é que esta rua / Atrações tem, sem rival, / Quem à ela se habitua / Não encontra outra igual!... / Muita gente que a maldiz / Falando da sua largura, / Não vê além do nariz. / E só merece descompostura!...;

e de poéticas descrições da região, onde passou a infância e a juventude, terra

... com pinheiros e outras madeiras, cortado por arroios e é limitado em três lados por rios, tendo também diversos banhados e lagoas de diversos tamanhos.

Incluem-se nesse enquadramento várias crônicas, algumas de cunho autobiográfico e outras de cunho aforístico. Na categoria de memórias da infância, inscreve-se primeiro, de acordo com a cronologia da escrita - “*Painel d’ outros tempos*” *Tres dias de ferias!* - que relata suas férias escolares antecipadas em decorrência de viagem do professor,

A escola, como todos sabem, é um lugar de contínuos sacrifícios e de uma prisão que em nada nos agrada, e depois de estarmos já há um mez nessa prisão e em estudos contínuos, não há nada melhor do que alguns dias de repouso ou ferias para o nosso espirito ainda cheio de travessuras... (15/6º/1928).

Em *O Tempo Passa...*, reflete sobre a quadra alegre e despreocupada da infância e sobre o caráter efêmero da vida, registrando a saudade *dos dias de sol e alegria... do mundo de ilusões e fantasia, do anjo de ternura que é a mãe...*(27 de março de 1961).

Em outra subcategoria, inscrevem-se as crônicas de saudade: *Finados*, *Recordando* e *Devaneios*, a primeira, expressando as saudades de seus entes queridos e enfatizando a ausência daquela

fada bôa e carinhosa (...) que é a nossa mãe! (...) e da companheira de todas as horas, aquele anjo delicado e tão cheio de ternura e amor, a mãe de nossos queridos filhos que é a inesquecível e saudosa Esposa! (...) porque o tempo passa, e com ele, vão-se as minhas esperanças e ilusões (2/11/1965).

Recordando circunscreve reflexões sobre o despertar e o crepúsculo do dia e, em especial, sobre os pássaros a quem o narrador devota particular amor por

achar neles *algo das minhas idéias que vão com a mesma presteza senão com a mesma graça*⁸. E *Devaneios* retoma a temática da passagem do tempo e da consciência de seu merecido descanso:

(...) Quem me visse, estirado na espreguiçadeira, diria, tenho certeza, que estou, descansando em repouso remunerado! Descansando? Perguntará alguém? E eu responderia: Não!... é que estou descansando porque já trabalhei, já atendi os servicinhos necessários para trazer à minha moradia em condições de ser habitada. (6/9/1978).

De uma outra espécie, agora manifesta em crônica muito breve, destaca-se *Para meus filhos e Netos*, que relata a felicidade de estar completando noventa e dois anos:

Sinto-me um homem feliz por poder ainda governar-me, apesar de já sentir uma certa fraqueza (...) Sou muito conformedo com a sorte e para meu consolo tenho o carinho e o amor de meus filhos e netos que me atendem com amor e dedicação. Ainda hoje me obsequiaro com doces e salgadinhos que muito apreciei (30-4º-92).

Constam dessa categoria as anotações de ocorrências diversas, funcionando como uma espécie de crônica pessoal e familiar. Diferem um pouco dos outros registros, os autobiográficos, por abordarem informações de cunho social, nas quais o interessado e sua família desempenham papéis relevantes. Daí ser difícil, como acentuam os teóricos, uma delimitação precisa entre memória pessoal ou coletiva. Serve de exemplo, Painei,

⁸ O texto não apresenta data, podendo-se deduzir que o autor possuía idade avançada, na ocasião da escrita, pois a pesquisadora lembra a circunstância do memorialista trabalhar em sua horta, quando se aproximava dos noventa anos.

fevereiro de 1990, uma visita das Irmãs Salvatorianas, Zélia e Aluisia, e de um grupo de noviças. Da festividade, o autor e a filha participaram,

eu e a Lilia recebemos um convite especial que muito nos sensibilizou para tomar parte neste café. (...) Eu, apesar da minha idade avançada, senti-me alegre e saudoso recordando a época que também fui jovem e que lá se foi e não voltará mais.

Incluem-se, também, as narrações e as descrições de viagens e passeios. Dos textos componentes dessa série, apesar de denominados *Um passeio ao Painel*, *Meu primeiro passeio a Florianópolis* e *Um passeio a São Joaquim* apenas o segundo formaliza a narração de uma viagem. O primeiro texto será enquadrado nas festas religiosas por descrever as festividades de São Sebastião e o terceiro nas festas de casamento. Pertence a essa categoria *Meu primeiro passeio a Florianópolis* que, pelo valor histórico, será objeto de leitura, pois narra e descreve uma viagem de Painel à cidade de Florianópolis, iniciada em 13 de maio de 1916 com duração de catorze dias, e registrada em julho do mesmo ano no caderno de recordações. O texto evidencia seu valor histórico, pessoal e coletivo, ao fixar elementos que possibilitam comparar o atual percurso de Painel a Florianópolis com o trajeto efetuado em 1914. Em 1850 não existia ainda uma estrada, mas um caminho modelado por picadas abertas a facão. No primeiro decanato do século XX, foi construída a rodovia estadual que liga as duas cidades. Em 1975, a partir de algumas melhoras, passou a denominar-se SC-282. Os moradores mais antigos de Painel atestam que:

antes Florianópolis era muito longe. Levava-se três dias para chegar, pois viajava-se montados em cavalos ou mulas. As pousadas no meio do caminho eram necessárias para o descanso dos viajantes e dos animais de transporte. O cansaço era grande devido as más condições das estradas esburacadas e poeirentas⁹.

A leitura desse texto será ordenada em três etapas: o percurso, a chegada e o regresso. A primeira etapa inicia-se com as razões da viagem e a descrição sucinta da partida:

Visto ter sido sorteado festeiro, da festa do Senhor Bom Jesus, o meu primo e amigo Dario, este resolveu ir até à Capital fazer as necessárias compras para a festa (...) Aproveitando esta ocasião de tão boa companhia e para satisfazer o desejo de conhecer a nossa Capital, eu e o meu primo Nico aderimos aos dois companheiros. (...) O dia 14 de maio foi marcado para pôr-se em viagem. Já no dia 13 eu e o Nico fomos ficar em Painei, em casa de nossos companheiros de viagem, para, no dia seguinte, sairmos.

Na seqüência, a narração continua com o minucioso relato dos sucessos da viagem e com detalhadas descrições do percurso de Painei a Florianópolis. Essas descrições formam uma documentação histórica de grande valor social¹⁰.

Raio o dia 14 - o tempo estava ventoso e nublado, parecia ia dar chuva, mas isso não mudou nada em nosso propósito. (...) Levamos cinco cargueiros, estes iam de leve, mas nem por isso não podíamos caminhar, senão a passo, obrigados a isso pelas estradas pessimas e a viagem ser bastante longa (...) A viagem este dia foi curta, ficamos em casa do Senhor Tomaz Pereira, que é talvez quatro léguas distante do Painei, e ahi descarregamos os cargueiros n'um galpão ordinario e ahi mesmo passamos a noite. (...) Essa noite passamos mal, o galpão só tinha uns pedaços de madeiras sobre as quais fizemos nossas camas; as cobertas molhadas, o que nos fez muito sofrer do frio. (...) o dia seguinte amanheceu bom o que nos alegrou e seguimos viagem. (...) Não demoramos muito alcançamos a estrada de rodagem (...) via que liga Lages ao Estreito (...) A estrada

⁹ Entrevista concedida dia 26/11/2000 às 19:00, em Painei, pela senhora Belizária Antunes (92 anos).

¹⁰ Por motivos processuais foram efetuados cortes no texto original, aqui apresentado em seus fragmentos mais representativos com relação à subcategoria a qual pertence.

Florianópolis pode-se dizer é ornada de casas a pouca distância uma da outra; a todo momento encontrávamos tropas e veículos de todo tamanho e espécie. (...) Depois de caminharmos bom trecho, chegamos no Rio Canoas, onde morava um parente meu (...) e a convite dele fomos em sua casa tomar café. Daqui continuamos a viagem até o rio “João Paulo”, onde pernoitamos. A casa onde ficamos está situada a beira do rio e é propriedade do Sr. Generoso Oliveira. É uma casa um pouco pequena mas de boa construção. (...) Durante esta noite ainda passamos frio; o termómetro estava alguns graus abaixo de zero. Ao amanhecer acordamos para continuar a viagem, estava tudo coberto de gelo, era um dia rigoroso de frio, o céu estava muito enuviado, soprava um vento rijo que nos gelava o sangue e em vão esperávamos a saída do sol. (...) Após o sol aparecer e a temperatura ficar mais suportável, montamos novamente a cavalo! O que notei nessa minha viagem, é que os moradores da beira da estrada diferem muito em seu exterior dos daqui: lá predomina o cabelo ruivo e não raro se vê crianças de cabelos da cor do algodão, o que prova indubitavelmente a descendência da raça alemã; também cai em vista que as construções das casas são de tijolos enquanto aqui emprega-se quase somente a madeira. As janelas de muitas casas são enfeitadas de flores e as paredes estão cobertas de plantas trepadeiras que é um uso inteiramente alemão. (...) Viajamos o resto do dia, e à tarde pernoitamos em Barracão. (...) Achamos o povoado em festas, já de longe ouviam-se os sons da música, que justamente nesse instante tocava uma bela valsa. (...) O dia seguinte amanheceu claro e quente (...) tínhamos ainda mais dois dias de viagem até Palhoça. (...) Chegamos em Rancho Queimado já ao por do sol; desencilhamos n'um galpão muito primitivo, e aí passamos a noite. (...) Este lugar aqui é uma pequena freguesia com meia dúzia de casas. Depois de prosearmos um pouco n'uma casa de negócios, fomos procurar o descanso. (...) Fizemos uma pequena madrugada, por ter até Palhoça ainda a distância de 52 quilômetros. (...) Passamos pela freguesia de Cedro (...) A freguesia tem casas de um aspecto sólido, vi duas assobradadas e também alguns chaletes que muito contribuem para o embelezamento de uma povoação; os moradores desse povoado são, como das outras localidades já descritas, de origem alemã. - Logo adiante passamos pela povoação de Santo Amaro; as casas desta não são nem boas, nem bonitas, só a Igreja que domina o lugar é de uma boa e bonita arquitetura e, deixando contudo aparecer mais pobres as casas mal feitas que a rodeiam. (...) Finalmente chegamos à Palhoça: é uma pequena cidade situada a beira do mar, é de pouca vista porque fica atrás de montes. (...) Fiquei pasmado ao avistar o mar, era a primeira vez que o via e fiquei mesmo encantado com o panorama que se descortinava ao longe! Acostumado que era só ver cochilhas de Campos, aquilo me impressionou e puz-me a meditar quanto é pródiga a Natureza que nos apresenta tantas coisas maravilhosas, criadas pelo Divino Criador, para que a vida humana torne-se mais bela e atraente! Ao longe avistava-se algumas lanchas que andavam a serviço mar afora... (...) Após uma boa refeição, antes da partida para o Estreito; fomos ao alfaiate para passar à ferro nossas roupas, e em seguida procuramos uma barbearia para cortar nossos

cabelos e barbas que haviam crescidos com a viagem. (...) Enquanto aguardávamos a chegada do carro que nos levaria ao Estreito, fomos dar um giro pela cidade (...) Os moradores desta cidade são, quasi na totalidade, brasileiros e alemães. Aos moradores da Costa do mar, nós usamos dar o apelido de "Barriga-verde"; são eles, em geral, magros, de uma côr amarelada, dizem ser isso motivado pelo extremo uso que fazem da farinha de mandioca: o tal pirão! – Também o dialeto d'eles difere do nosso, usam eles falar em geral cantarolando e tem muitas palavras, que aqui, para os nossos lados, são desconhecidas. - Já há noite fomos procurar descanso. (...) eu quasi não dormi: sonhei que já estava vendo a bela e risonha Florianópolis.... Levantamos muito cedo e aprontamo-nos pra irmos à Capital, poucos minutos após, veio o carro e puzemo-nos a caminho; o carro era puchado por dois cavalos que trotavam perfeitamente. (...) Passamos pela cidade de São José, que está também situada á beira-mar, com bellissimas praias. Nada reparei sobre a construção das casas, porque o carro que nos conduzia passava de pressa e não foi possível observá-los (...) As nove horas chegamos ao Estreito, descemos do carro em frente ao trapiche municipal, onde já esperava uma lancha á vapor, que pela paga de \$ 200 reis, leva os passageiros á Capital e visse-versa. (...) Confesso, aqui, que subi pela convez com algum receio, pois era a primeira vez que me vi flutuando sobre as ondas do mar, d'esta superficie imensa d'agua que aqui está encanada entre duas terras, formando o tal "Estreito".

A partir desses registros - que ocupam dezesseis páginas escritas em caligrafia de belo talhe - inicia-se a narração e a descrição da chegada à Ilha de Santa Catarina, ocupando, igualmente, dezesseis páginas:

– Dez minutos depois, desembarcamos no Trapiche do lado oposto, na Ilha, e transpomos uma bela praça ornada de um jardim, o jardim Oliveira Belo, logo adiante á frente do Hotel Macedo, "o preferido dos lageanos", (...) O edificio desta hospedaria consiste de um rez-do-chão e dois andares: o primeiro é ocupado por duas lojas de fazendas, d'um e outro lado da entrada (...) O hotel tem iluminação elétrica, fornecida pela iluminação pública. Eu já havia visto falar desta luz, mas foi esta a primeira que tive ocasião de ve-la em prática. Quando será que a luz da civilização chegará até aos nossos recantos, para substituir a primitiva vela de sebo e a lamparina por esta luz moderna e maravilhosa?!... Quando virá a época, para nos, de não estarmos mais obrigados a buscar a agua no poço, mas ter ela encanada dentro das nossas casas, como tive ocasião de ver agora?!... (...) Depois de trocarmos roupa, descemos afim de almoçar, que já era chegada a hora. (...) Principiamos a refeição com uma sopa de camarão, o único que aproveitou deste prato, foi o Zeca, nós outros apenas provamos. Não sei se foi por nunca ter saboreado este crustáceo, que ele não agradou ao nosso paladar. O

segundo prato, peixe ensopado, teve quasi a mesma sorte, isto é, voltou quasi inteiro. Com o terceiro prato fomos mais feliz, pois este era composto de carne-guisada e carne frita. (...) A sobremesa foi nos servido goiabada com queijo estrangeiro e por fim uma chicara de café da ilha. (...) Depois do almoço, com pouca demora, fomos á casa comercial dos Srs. Otto Ebel e Cia, comerciantes de louça a varejo e por atacado. (...) As lojas da Capital têm um aspecto muito diferente das de Lages ou Paineel (...) Reparei que os diferentes ramos de negócios, são espalhados por casas especializadas (...) A casa onde o sr. Dario ia fazer as compras é um sobrado de boa arquitetura. (...) O Dario e o Zeca foram escolhendo os artigos que achavam mais proprios para o leilão. (...) Quando terminamos as compras, já passava de duas horas da tarde. A conta feita e depois de termos encomendado o encaixotamento, voltamos ao nosso hotel. (...) Logo a seguir fomos a casa dos Srs. Carl Hoepeck & Cia, comerciantes por atacado, e uma das maiores firmas do Estado (...) A escolha começou pelos tecidos de menos preço (...) Pois o nosso caboclo não gosta de luxo, e por isso fabrica suas roupas do tecido mais barato. Fosse ele um vaidoso e então as nossas compras teriam sido outras (...) De volta ao hotel, o jantar já nos esperava (...) Terminado o jantar resolvemos ir ao Cinema, assistir ao filme que anunciava ser bom. (...) Representava-se a fita intitulada: O "Trem em Chamas"; é um drama da vida real que muito me impressionou. (...) Ao sairmos do Cinema fomos á um café "Café Familiar" para tomarmos um cafezinho. (...) Já havia visto falar em café, mas jamais tive ocasião de frequentar um tal. - A nossa demora aqui não foi muita, logo procuramos nossa hospedaria e fomos tratar de dormir. (...) Lembrei-me, então, que existe a crença ou superstição, que os sonhos da primeira noite, n'um lugar estranho se realisam. Contudo, na manhã seguinte, não me recordava de sonho algum; tinha só a certeza de ter dormido esplendidamente e quando m'acordei o sol já ia alto! (...) Ainda voltamos á casa Hoepcke para o sr. Zeca completar as suas compras, o que logo terminou, e assim, o verdadeiro motivo da nossa viagem estava realizado; podíamos pois, empregar o resto de nossa estadia na Capital, á nosso bel prazer. (...) Ainda lembramo-nos de aproveitar a oportunidade, para tirar nossas fotografias, visto que em Lages o fotógrafo não é dos melhores. (...) O resto desta tarde, fomos dar um passeio de automóvel pelas principais ruas da cidade; foi a primeira vez que pisei n'um veículo deste genero. (...) A noite fomos novamente ao Cinema assistir outro filme, que tratava d'um "Milionário Americano" (...) Na manhã seguinte, depois de pagar nossas despesas, despedimo-nos do hoteleiro, embarcamos novamente na lancha a vapor e atravessamos o canal do estreito.

É válido acentuar o caráter cultural (histórico e social) desse registro memorialista em relação ao ritmo de vida e às edificações mais representativas da cidade de Florianópolis. Na seqüência, iniciam-se os

procedimentos narrativos da temática do regresso, elaborados em pouco mais de duas páginas. A rapidez do contar a volta à Paineira, é explicável em virtude da repetência do trajeto e a conseqüente perda do caráter de singularidade da travessia.

(...) Muitos carros ali esperavam os passageiros, tomamos um e rumamos até Palhoça, onde havíamos deixado os animais. (...) Amanheceu quarta-feira, era o dia de nos seguirmos viagem de volta: terminaram os dias de alegria e prazer que passamos na Capital, tínhamos, pois, de cavalgar novamente os nossos jumentos. (...) A nossa viagem deu-se pela mesma estrada que tínhamos vindo e cuja descrição já dei a mais fiel possível. (...) O tempo agora estava mais favorável, não passamos tanto frio como na vinda, e choveu só durante uma noite. é verdade que era mais penosa a viagem porque os animais iam mais carregados, e tínhamos o trabalho, duas vezes ao dia, de carrega-los e descarrega-los. - A nossa viagem de regresso passou sem acidente, e Domingo, à tarde, estávamos chegando em Paineira, depois duma ausência de catorze dias. Com a nossa chegada, logo fomos abordados, de todos os lados, com perguntas e respostas sobre a nossa viagem, a todos nos satisfazia contando as belas paisagens da estrada, e as maravilhas de Florianópolis, uma das ilhas mais bonitas do Brasil!... No dia seguinte vim para casa, no sítio, onde repetiram-se novas perguntas e respostas, e assim terminou, este inesquecível passeio que jamais esquecerei. -Campo de Dentro, julho de 1916. (a) D. Andrade.

Em *Confiteor*¹¹, Paulo Setúbal narra uma viagem de percurso idêntico, efetuada por meio de transporte diferente, o automóvel. Essa viagem foi realizada em junho de 1920, quando Setúbal retornava a São Paulo, após uma permanência de dois anos em Lages. Ao cotejar ambos os textos, vale consignar que Setúbal destaca o fato da viagem de automóvel principiar a ser

¹¹ SETÚBAL, *Confiteor*, p. 143. É interessante registrar a ocorrência de um episódio sobre Paulo Setúbal no livro de Ecléa Bosi, p. 196.

feita naquela época e cujo transcurso levava três dias, em contrapartida a *duração de catorze dias* da viagem de Doutel.

Fragmento do texto de Setúbal é transcrito abaixo,

(...) *Três dias que não acabavam mais a subir e a descer morros, tendo diante dos olhos uns panoramas deslumbradores, é verdade, mas tendo debaixo do automóvel a estrada a mais sinuosa e a mais burruca do mundo inteiro, sobre a qual ia a gente socada, pilada, arremessada de tal jeito que, meu Deus, ao desembarcar um cristão em Florianópolis, lá se via o desgraçado com os fundilhos em cacos mais morto do que vivo, a berrar por uma boa salmoura.*

Embora escritos em diferentes linguagens, manuscrita uma e impressa a outra, e em diferentes estilos, encomiástico um e o outro satírico, os textos *Meu primeiro passeio a Florianópolis*, de Doutel de Andrade, e o episódio de avareza em *Confiteor*, de Paulo Setúbal, fazem a narração da mesma travessia sob óticas diversificadas¹². Na narrativa de Paulo Setúbal, bem mais concisa, a viagem é cenário para destacar o relato de um triste comportamento humano, a avareza, protagonizado por um fazendeiro lageano muito rico com o qual viajava o narrador. Em contrapartida, o texto de Doutel de Andrade demonstra o fascínio do moço do interior pela viagem primeira à capital, quando tudo é motivo de alegria, da partida ao retorno. As dificuldades do trajeto não diminuem o entusiasmo do narrador. Em sentido oposto, a narrativa de Paulo Setúbal testemunha o descontentamento pelo desconforto da travessia e por encontrar-se em uma região primitiva longe dos centros

¹² A narrativa de viagem, embutida na lembrança de um episódio de avareza, consta do capítulo XVIII de *Confiteor*, p. 143 - 152.

urbanos maiores. Para Setúbal, a viagem torna-se inesquecível pelo contraste entre o comportamento dos caboclos - *bondosa gente, generosa gente, desditosa gente* - que tiveram com os viajantes, *liberalidades* rasgadas, e a avareza do fazendeiro capaz de retribuir a generosa hospedagem dos caboclos com apenas *um níquel de quatrocentos reis*.

Ao comparar os textos, percebe-se que a narrativa do primeiro é efetuada por um narrador jovem, dezesseis anos, entusiasta do paisagismo de sua terra natal e da novidade do percurso; e a narrativa de Setúbal é configurada por narrador experiente que conhece diferentes paisagens. Uma outra diferença diz respeito à intencionalidade. O ato de narrar em Doutel de Andrade objetiva um único leitor, ele mesmo, e registra a passagem de um momento feliz sem a intenção de dar conhecimento ao público. Já Paulo Setúbal escreve suas memórias, para a leitura coletiva como suas outras publicações, todas de grande aceitação popular. Porém, ambas as narrativas são registros de uma reconstrução do passado que, para Halbwachs, já vem alterada pela interiorização. Destaca-se o fato de ambas as viagens ocorrerem no inverno com um intervalo de apenas quatro anos entre o *passeio* de Doutel de Andrade e a *travessia* de Paulo Setúbal. Vale registrar, ainda, que *Confiteor* contém memórias não conclusas, em virtude do falecimento de

Setúbal, ocorrido em 1937, e encontradas *no fundo de uma gaveta em rascunho, sem correção*¹³. O texto foi publicado alguns anos após a morte do autor¹⁴.

A segunda categoria - *Crônicas dos festejos em Painei* - compreende um número superior de textos, que registram os acontecimentos festivos da cidade, em sua maioria operados a partir da postura de cronista.

Com base nas pesquisas teóricas sobre a temática das festividades, em particular a leitura de *Mito e Metafísica*, de Gusdorf, é possível estabelecer um liame dessa teoria com as festas ocorridas em Painei. Nas cerimônias religiosas, o espaço mítico presentifica-se na repetência dos gestos rituais. As festas carnavalescas apresentam o caráter de *mundo às avessas* quase idêntico aos festivais carnavalescos da Idade Média, quando ocorre a permissão de atitudes proibidas no dia a dia como abusar da comida e da bebida, além de exagerar no rir e dançar, sem a preocupação com o julgamento dos outros. Assim, as datas festivas são formas de identificação cultural de uma comunidade.

O primeiro bloco dessa categoria - *Festas de casamento* - é composto dos seguintes registros: *Um casamento no sítio*, ocorrido no Município de São Joaquim, à beira do rio Caronas em dez de setembro de 1914, e escrito em Campo de Dentro no mesmo mês e ano; *Painei / Consorcio*, fato acontecido

¹³ Informação contida na apresentação da 12ª ed., efetuada por Lourenço Dantas Mota em abril de 1983.

¹⁴ Em 1950, foi publicada a obra completa de Paulo Setúbal, da qual consta o texto póstumo, *Confiteor*.

em doze de maio de 1945 em Painel, escrito em 13 de maio de 1945, destacando o ato civil celebrado nos salões do Clube 1º de Junho onde foi servida farta mesa de doces e bebidas aos inúmeros convidados, tendo saudado os noivos, o jovem Bacharel Samuel Arruda Melo que pronunciou um belíssimo discurso, sendo muito aplaudido; Painel / Consorcio, relato da ocorrência de um casamento celebrado no dia 25 do corrente com a cerimônia civil acontecida nos salões do Clube 1º de Junho, onde foi oferecido aos convidados, pelos pais da noiva, farta mesa de finos doces e bebidas; e, por último, o texto Painel d'outros tempos (um casamento do sítio) que merece uma leitura mais cuidadosa.

Esse texto, de julho de 1928, narra todo o ritual de um casamento de *caboclo*, capaz de transformar a *calma e monótona vilasinha, em estado festivo: pela manhã o pipocar de rojões* marca a chegada de *cavaleiros montados em fogosos ginetes, senhoras fustigando seu cavalo com o clássico "prateadinho"* e o cortejo da noiva *chega sempre primeiro, apeia-se em uma determinada casa a espera do noivo; na seqüência, o constante som de uma velha gaita de foles que geme, sem cessar, dia e noite* e encontro das duas comitivas que *depois de trocado os cumprimentos do estilo, forma-se uma caravana, e com o noivo à frente, dois a dois, dão entrada na praça; também, o contínuo acompanhamento dos foguetes e os gemidos da velha gaita, toda rota já pelos anos que conta de tão laboriosa tarefa, a realização da cerimônia no cartório ou na casa da noiva com as cerimônias habituais* e, por fim, a tão esperada festa com

os serventes trazendo bandeijas com deliciosos e apetitosos doces e ótima cerveja “Antártica”, “Brahma” ou “Clarinha”, e que são recebidos com verdadeiro entusiasmo pelos convivas (...) os pais da noiva são incansáveis em obsequiar os numerosos convidados (...) para a noite é projetado animado baile que, na forma do costume, se prolonga até altas horas da madrugada.

Vale lembrar que, pela tradição romana, o casamento é um ato doméstico cujo rito básico não era a cerimônia nupcial, mas a promessa de casamento, uma precursora longínqua do noivado atual. Talvez, como uma reminiscência dessa tradição, a cerimônia de casamento em tempos mais antigos celebra-se na casa da noiva, onde se reuniam parentes, testemunhas e convidados. O clero passa a fazer parte essencial da cerimônia de casamento em data posterior à instituição do sacramento, em virtude de ser reconhecido como um sacramento auto-ministrado. A partir dessa nova postura, a cerimônia tende a deslocar-se da casa da noiva para uma igreja¹⁵. Curiosa é a observação da mesma trajetória nos casamentos em Paineis. A mudança processa-se por outras razões, pois as más condições das estradas tornavam mais fácil a ida do sacerdote à casa da noiva do que a noiva e sua comitiva apresentarem-se à igreja mais próxima. Esse registro exemplifica bem seu caráter de memória, quando o olhar se detém no acontecimento, registrando e guardando apenas as lembranças significativas. Contudo, a ele pode ser

¹⁵ VAINFAS, R. *Casamento amor e desejo no ocidente cristão*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1992, p. 20, 27, 30 e 36.

emprestado a grandeza do testemunho na colaboração íntima e solidária entre o escritor e sua cidade¹⁶.

As crônicas mais antigas que falam de casamento *Um casamento no sítio – 1915*, *Um passeio a São Joaquim e Painel D'outros tempos (Um casamento do sítio – 1911)* são mais minuciosas, descrevendo todos os preparativos do casamento. O primeiro, como uma espécie de conto, recua até a chegada de três dentistas em Painel. E tanto o segundo quanto o terceiro texto trazem uma pequena introdução antes do início da descrição do evento. É pertinente a observação de uma técnica diferenciada entre os relatos mais antigos e os relatos mais recentes, os últimos limitam-se ao simples registro jornalístico sem detalhar a festa de casamento e os preparativos. *Painel Consórcio* é a denominação idêntica para duas crônicas de casamento, uma escrita em 1945 e outra, em 1946. Provavelmente, a falta de detalhes informativos dessas crônicas reside no fato dos registros mais antigos do memorialista serem escritos com o intuito de documentar momentos marcantes de sua vida. Já as últimas são escritas para o jornal *Região Serrana*, com o objetivo de noticiar o “consórcio”. Por outro lado, há também o fator idade que interfere na estrutura e no teor da narrativa. As primeiras revelam as impressões de um adolescente, participante dos festejos e com eles empolgado; as últimas, revelam o homem maduro que se mantém distanciado

¹⁶ Recorre-se aqui ao pensamento de Halbwachs, citado no capítulo teórico..

do evento na postura de cronista. Pode-se, de igual modo, pensar essa diferença a partir do pensamento de Antonio Candido sobre as modificações ocorridas nas crônicas de José de Alencar que foram "encurtando" e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância"¹⁷

Do segundo bloco - a *Festa profana* - consta apenas de uma crônica, *O Carnaval de 1925 em Paineira*, cujo registro é datado de 23 de fevereiro¹⁸. Doutel de Andrade descreve a festividade carnavalesca na qual participa como membro da diretoria do clube. Talvez esse enfoque possa explicar o detalhamento descritivo. Essa crônica apresenta características estéticas de texto literário e, ao mesmo tempo, de testemunho do ritual da festa. Primeiro, *já alguns dias antes do baile, o movimento de fantasiados era intenso*, o registro da preparação com o animado *Ze-Pereira*. Na seqüência, descreve em traços gerais *os três dias, consagrados à Folia com os mascarados exibindo esquisitas fantasias e gozadas críticas*, salientando a participação *com verdadeira arte* dos senhores *M. Costa e T. Araujo* na paródia aos *colonos italianos*¹⁹, e consignando o avultado *numero de familias vindas dos sítios para assistirem à essa "batuta folia"*, *que pela terceira vez realiza-se aqui nos salões do Clube 1º de Junho, com*

¹⁷ CANDIDO, A crônica, o gênero..., p. 15.

¹⁸ A leitura não permite identificar se foi quarta-feira de cinzas ou outro dia qualquer depois das festividades.

¹⁹ Vale destacar que a presença mais forte do colono italiano nessa região ocorre na década de 50 com a instauração do Ciclo da Madeira, na localidade de Casa de Pedra. Informação fornecida por Humberto Oliveira, mestrando em História na UFSC.

grande sucesso!.... A narrativa destaca a segunda - feira de Carnaval, (...) o dia do baile ansiosamente esperado, principalmente, pelas moças com os seus corações n'um forte tic... tic... tic..., "ansiosas por verem-se cercadas d'um lindo Pierrot a jurar-lhe n'uma febre carnavalesca, um eterno amor!..., a entrada do bloco "Lirio Branco" entoando o seu hino, letra do sr. Deca Madruga, e as serias e renhidas batalhas de confetes e lança-perfume, a orquestra regida pelo maestro J. Daniel, executando marchas e belos tangos. E, por fim, o discurso do sr Deca Madruga sobre assuntos mefistofelicos, o que provocou prolongadas gargalhadas na assistencia, sendo seguido pelo apreciado orador M. Costa que com um comico e espirituoso discurso, referiu-se a heróes e tribunos da categoria de um Frederico Carancho, João Batata, Zé Baxeiro e outras celebres personalidades "Jecas". Registra, também, que o baile prolongou-se até altas horas da madrugada. Do baile de terça-feira gorda, traça minuciosamente a entrada do Cordão Lirio Branco no salão da festa depois de percorrer as ruas e, finalmente, o término da festa efetuado com animação e cordialidade do saudoso Carnaval de 1925.

É provável que Doutel de Andrade tenha registrado somente este baile de carnaval pelo fato de ser, na ocasião, secretário do clube. De acordo com alguns moradores de Painei, muitos outros bailes de carnaval aconteceram no Clube 1º de Junho, porém a falta de outros registros pode ser imputada, também, à circunstância do memorialista não apreciar muito esse tipo de festividade. Daí talvez a razão, pela qual essa espécie de crônica não ser

marcada nem por sua presença nem de sua família, ao contrário do ocorrido em outros registros de cunho social. Aqui novamente o caráter memorialista marcado pela dimensão da experiência pessoal.

O terceiro bloco refere-se às *Festas cívicas*, sendo composto por textos de temas diversos, merecendo destaque aqueles relativos às festas escolares e às celebrações cívicas.

No caderno, o registro das festas escolares não observa a ordem cronológica o que evidencia a existência de outro caderno anterior. No total, as descrições dessas festas são quatro: a primeira ocorrida em dezembro de 1949, a segunda, em 30 de novembro de 1946, a terceira, em 5 de dezembro de 1948 e, a última, em de 19 de dezembro de 1950.

O texto *Encerramento do ano escolar*, datado de dezembro de 1949, narra e descreve a formatura da quarta turma, composta de *seis jovens*, do Colégio *Correia Pinto* da então Vila de Painei, em suas etapas principais, desde a missa de ação de graças, oficiada pelo zeloso vigário *Padre Antonio Trivelin*, - passando pela solenidade da entrega de diplomas ocorrida no *Clube 1º de Junho que se achava artisticamente ornamentado*, e pelo registro do uso da palavra pelo *paraninfo da turma Professor Mauro Farias que leu um substancioso discurso* e, pelos *diplomandos falou a complementarista srta. Cândida Velho* -, até chegar à descrição da *Soirée oferecida à sociedade painelense, pelos jovens diplomados*.

O cronista acrescenta algumas reflexões sobre a pequena margem de matrícula nesse estabelecimento de ensino, pois *os srs. paes preferem contratarem professores que mal tem feito o quarto ano primario*. Além disso, aponta a existência no Grupo de *uma Caixa Escolar que sempre atende aos alunos pobres, distribuindo material escolar e até roupas*. Novamente o aspecto testemunhal dessas memórias que findam por construir a história da cidade.

Em *Grupo Escolar "Correia Pinto"*, datado de 30 de novembro de 1946, historia a festividade de formatura da primeira turma de *11 alunos* do Curso Complementar, ocorrida no dia 28 do mesmo mês. A narração segue os mesmos procedimentos da anterior, acrescentando alguns dados da festa de *encerramento do ano letivo de 1946 no Grupo Escolar*. A ocasião do registro é oportuna para agradecer ao *grande brasileiro Dr. Nereu Ramos* a criação do primeiro Grupo Escolar em Painei.

A terceira referência dessa espécie festiva é datada de 05 de dezembro de 1948 e assinada pelo "Correspondente"²⁰. O teor da crônica da formatura da terceira turma do Curso Complementar - *que vê coroado de êxito seus esforços, conseguindo seu diplomasinho* - é quase idêntico aos anteriores, ensejando aqui, também, *um veemente apelo aos poderes competentes, para que seja dado um reparo urgente no edificio do Grupo que está em pessimo estado de conservação em particular a forração que oferece até certo perigo aos alunos que se acham*

²⁰ Doutel de Andrade participava do Jornal *Região Serrana* como *O Correspondente* de Painei.

nas respectivas salas, e ampliando o pedido para substituir o mobiliário que acha-se em estado deplorável.

Nota-se que quanto mais atual a produção de Doutel mais distancia-se da escrita poética e pessoal dos primeiros registros para enfatizar as necessidades de cunho social. Em outras palavras o caráter autobiográfico diminui em favor do caráter histórico da comunidade.

O último texto dessa categoria, escrito em Painel em 19 de dezembro de 1950, descreve, também, a formatura do Curso Complementar, observando o mesmo ritual das outras crônicas, diferenciando-se apenas pelo registro de um “fato” paralelo e talvez inédito no cerimonial,

artístico quadro de formatura, idealizado e confeccionado pelo habil artista Antonio Iglesias, aqui residente, a quem enviamos nossas felicitações pelo feliz desempenho.

As crônicas das solenidades de formatura apresentam, como já foi destacado, a mesma estrutura descritiva como um ritual narrativo: a missa em ação de graças, a cerimônia de entrega de diplomas no clube e o baile. Esse ritual descritivo acompanha o próprio rito da festa.

Dos acontecimentos cívicos, destacam-se os registros das festividades do Dia da Pátria. A crônica *Sete de setembro* detalha as celebrações, realizadas no Grupo Escolar Correia Pinto em homenagem ao dia da Pátria²¹. O segundo registro *Sessão cívica* faz idêntico relato de outra ocasião.

²¹ A crônica foi escrita em Painel, porém não registra a data.

Ambos os textos foram publicados no jornal Região Serrana²².

O quarto bloco é circunscrito pelas crônicas de festas religiosas. *Uma festa no Painei - carta à um amigo*, escrita em agosto de 1916, descreve com minúcias a festividade do Senhor Bom Jesus, iniciada pela missa celebrada com o acompanhamento de *uma orquestra que desempenhou-se a contento*. *Ao final da missa costuma-se correr o sorteio do festeiro para o próximo ano*. Na seqüência, *os bailes*, sempre realizados no Clube, porém o baile dessa festa ao contrário das anteriores realizou-se *no hotel do Senhor J. Domingues*. *A tarde uma pausa é feita no baile para que se possa realizar a procissão que percorre quase todas as ruas da cidade*. Na procissão,

os santos, postos em andores, eram carregados por senhoritas acompanhadas por inocentes crianças vestidas de anjos. Atraz seguia o povo em multidão. Todo o povo participou desse ato de religião.

Vale aqui destacar a maneira harmoniosa, típica das localidades do interior brasileiro, de convivência dos elementos do sagrado e do profano.

Outro texto, *Festa do Senhor Bom Jesus*, datado de 10 de agosto de 1928, faz um relato minucioso dos preparativos e da celebração, considerando ser

²² Há ainda dois textos sobre festas cívicas que são transcrições de discursos do Padre Antônio Trivellin, um homenageando a turma de complementaristas de 1950 da qual era paraninfo; e outro discurso escrito em homenagem a Nereu Ramos por ocasião de sua visita a Painei em 22 de agosto de 1954 - *Exmo Senhor Nereu Ramos D. D. Ministro da Justiça*.

costume tradicional festejar-se o dia 6 de agosto dia consagrado ao Senhor Bom Jesus. Os festejos começam sempre no dia 3 e compõem-se de novenas, leilões de prendas e missa solene no dia 6, dia do glorioso e milagroso Senhor Bom Jesus.

Depois da celebração da missa na qual, segundo o cronista, *as moças não prestavam atenção, pois seus pensamentos estavam voltados para o Clube, onde ia realizar-se o bazar e o baile.* Uma outra festa religiosa, a *Festa de Santo Antônio*²³, merece registro, por introduzir um acontecimento diferente no decorrer das festividades habituais, a representação do drama *Rosa de Tenemburgo*, feita por um grupo de amadores, sob a direção da professora Fausta Rath, de Lages. A crônica sobre a *Festa de São Sebastião*, escrita em 24 de fevereiro de 1942, refere-se às festividades do padroeiro da cidade, realizadas em Paineis nos dias 18, 19 e 20 de janeiro de 1942. O cronista assinala que

*a parte religiosa foi presidida pelo frei Clemente, sendo que a procissão realizada na tarde do dia 20, constituiu um dos mais belos espetáculos de fé religiosa do povo daquela comunidade. Dia 21 realizou-se, no Clube 1º de Junho, elegante e animado baile que se prolongou até alta madrugada*²⁴

A mesma *Festa de São Sebastião em janeiro de 1950* centra seu relato na organização do acontecimento e no lucro arrecadado pelo festeiro, *6.700,00 cruzeiros*, entregue ao vigário da paróquia Padre Antônio Trivellin. Ainda no quadro das festas religiosas, o *Jubileu Sacerdotal e festa de Santo Antônio*,

²³ O texto registra o dia 31 mas não diz o ano. As festas de Santo Antônio, na época, eram realizadas no mês de maio.

²⁴ O texto é assinado por Doutel de Andrade e pelo *Correspondente*, comprovando a publicação da crônica no jornal de Lages.

datado de 19 de junho de 1954, conta simultaneamente a festa de Santo Antônio, realizada

nos dias 27, 28, 29 e 30 de Maio de 1954, e o Jubileu Sacerdotal do Padre Antônio Trivellin que exerceu durante longos anos a função de pároco em Painei:

De acordo com o programa estabelecido, nos três primeiros dias de festividades foram efetuados diversos ofícios religiosos, novenas, comunhão geral das crianças, moças e moços e pregação feita pelo padre Teodoro Gerhardes, secretário do Bispo Diocesano que se desencumbiu da tarefa com brilhantismo. Por ocasião da Missa Solene celebrada pelo vigário jubilado, ao evangelho falou o senhor Sebastião Mello, discorrendo brilhantemente sobre o jubileu sacerdotal do Padre Antônio Trivellin; Santas Missões em Painei escrito em março de 1963, registra a passagem das Missões em Painei no mês de março de 1963 foi deveras impressionante ver-se a afluência das famílias, em comovente espetáculo de fé religiosa, assistir as pregações de tão ilustres pregadores; Salve dez de maio de 1966 escrito em 10 de maio de 1966, relata com detalhes a visita da verdadeira imagem de Nossa Senhora Aparecida, em peregrinação pelo país; Jubileu Aureo Sacerdotal do Reverendíssimo Senhor Padre Antônio Trivellin vigário de Painei escrito em 30 de maio de 1976, registra as comemorações de 50 anos de sacerdócio do vigário, ocorridas em 30 de maio de 1976. Caso curioso e inédito, na Diocese de Lages, é que o Reverendíssimo Padre Antônio Trivellin foi o primeiro sacerdote a comemorar o jubileu sacerdotal de seus 50 anos de sacerdócio; Santas Missões na Paróquia de São Sebastião de Painei escrito em março de 1979, descreve a estada de uma semana dos padres Missionários em Painei marcadas por palestras e missas. Os paroquianos foram separados em grupos de crianças, jovens e adultos a fim de participarem dos eventos religiosos. Os Missionários solicitaram um relatório sobre as atividades econômicas e políticas do distrito e Doutel de Andrade foi escolhido para organizá-lo e transcreve-o em seu caderno de anotações pessoais. O relatório fornece dados sobre a criação do distrito, sua localização geográfica, a criação da paróquia e oferece uma visão global da situação econômica de Painei na sede existem dois armazens de secos e molhados, uma casa de produtos agrícolas, uma farmácia, um hotel e uma churrascaria, uma oficina mecânica, um posto de gasolina e diversos bares e uma fábrica de vasos de xaxim, e dois açougues, e ainda uma coletoria e posto do correio e telégrafos); Jubileu de Prata da Irmã Zélia escrito em 23 de setembro de 1984, relata a missa celebrada em homenagem à freira pelos 25 anos de apostolado. Daqui, destas despretensiosas linhas, apresentamos

a estimada irmã Zélia, nossas sinceras felicitações e que Deus a abençoe e a conserve em nosso meio, por muitos e muitos anos.

A última categoria dos textos memorialistas de Doutel de Andrade é representada pelas *Crônicas e anotações do cotidiano da cidade* que compreendem, como foi afirmado antes, anotações de natureza diversa, textos de homenagens aos políticos amigos e uma quantidade expressiva de documentos que objetivam prestar esclarecimentos à comunidade painelense, alguns de crítica e outros de defesa própria.

Dessas múltiplas anotações destacam-se: a chegada do novo diretor professor Dulfe Rodolfo, afim de assumir a Direção do Grupo Escolar “Correia Pinto”; o falecimento da veneranda senhora Amalia Viturino de Liz (...) com avançada idade de 84 anos, (...) descendente da tradicional família Viturino, fato ocorrido em Casa de Pedra; e o aniversário do Dr. Nereu Ramos: *A efemeridade de hoje assinala a data natalícia do grande catarinense e insigne estadista, o Dr. Nereu Ramos. A mesma linha de registro elogioso repete-se em Vidal Ramos Jr. escrito em homenagem ao falecido político: De minha pobre pena nada poderá sair, que pareça, nem de longe com o sentimento, com o pesar, com a dor que sentimos, pelo desaparecimento do grande amigo e chefe inesquecível.*

Ainda no âmbito das *Crônicas e anotações do cotidiano da cidade*, o caderno contém textos tanto de interesse próprio quanto de interesse público.

Em “*Aos meus concidadãos*”, o cronista dá testemunho de sua revolta contra as pessoas²⁵ que o caluniaram:

Esclarecimento ao Povo onde, invocando os próprios sentimentos de que se acham possuidores, usaram termos como calúnias, mentiras, mesquinhas, baixa formação moral, maldizente, demagogo e adjetivos que lhes calha perfeitamente bem tendo-se em vista o próprio boletim. (...) Não me interessa o juízo que o fanatismo desses indivíduos faça de minha pessoa. Interessa-me, isso sim, o conceito em que me tenham os homens de bem e de honra desta terra. Painel, 4 de setembro de 1954;

Por outro lado, em a crônica - *De Painel* - o Autor revela sua indignação pelo afastamento do diretor do grupo escolar Correia Pinto, Professor Mauro Farias, por razões políticas:

Há uma semana que não há aulas porque não tem quem lecionem. Cinquenta alunos do primeiro ano estão sem aulas. Vinha dirigindo e lecionando neste grupo escolar, o ilustre e educador e benquiste cidadão Sr. Mauro Farias, que há quatro anos vem dirigindo o estabelecimento com zelo, dedicação e competência geral (...) O curso que já diplomou seis turmas de complementaristas, terá, fatalmente que ser fechado por absoluta falta de professores. (...) Em compensação, por tais desmandos, observa-se nos quadros da U.D.N. local, sérias divergências, motivando até algumas discussões entre elementos do citado partido. Painel 30-4-952.

Outro registro do cotidiano, através do olhar indignado de um painelense, acontece em “*Explicação Necessária*”, quando circunstancia um abaixo-assinado que protesta,

(...) contra o ato do diretório distrital da U.D.N, que pediu o afastamento do professor Mauro Farias, teve o melhor acolhimento por parte da população desta Vila, que quase unânime, assinou-o de livre e espontânea vontade. Mas, acontece, porém, que os “eternos vigilantes”, reduzidos a uma insignificante minoria, como se pode ver nas inúmeras assinaturas do referido abaixo assinado, onde figuram nomes de destacados

²⁵ O autor registra os seguintes nomes: Srs. Leandro Camargo, Bernardino Correa, Ubirajara Moreno, Virgílio Coelho e Jairo Silva.

elementos udenistas e pessedistas, quiseram jogar a responsabilidade e autoria do mesmo para cima dos elementos do valoroso P.S.D., os quais não foram autores, mas que de boa vontade assinaram o mesmo por se tratar de uma causa justa em que procurava defender os interesses do povo, (...) Painel, 12-5-952. Doutel Andrade – Presidente do P.S.D;

Em *De Painel (Resposta ao Sr. Inácio Camargo)*, retoma o texto de interesse pessoal ao responder o artigo publicado pelo udenista, que o acusa de ter escrito um artigo sem assiná-lo:

Se não assinei o referido artigo, não foi por falta de coragem, pois esta nunca me faltou, mas simplesmente por ser uso na imprensa, principalmente em Região Serrana, onde raramente se lê um artigo assinado pelos seus correligionários. O amigo diz que eu tenho razão, na verdade tenho mesmo, porque a causa que defendo é nobre, justa e popular, pois vem ao encontro da vontade do povo, como ficou provado em um 'abaixo-assinado' que em poucas horas obteve cento e poucas assinaturas! Quer melhor prova do que esta? (...) Painel, 4-6-952. Um painelense.

A questão prolonga-se em *Réplica ao Sr. Inacio Camargo*, comprovando a existência de uma polêmica jornalística que envolve o cronista e o desafeto. A querela jornalística processa-se no jornal *Região Serrana*, conforme o texto abaixo:

Volta você, pelas colunas de 'Região Serrana', datada de 5 do corrente, com seus fraquíssimos argumentos, falhos de bom senso mas cheios de mistificação, com propósitos de iludir aos incautos correligionários que lhe lêem, (...) No seu artigo você só tratou de desviar o assunto, não respondendo, à pergunta sôbre avinda de professores e porque foram paralizadas, com grande prejuízo, dos alunos, as aulas do Curso Complementar. (...) Você tratou-me de 'fuchiqueiro' mas quem está fazendo 'fuchicos' no seio da U.D.N. não sou eu, assim como tenho certeza que meus artigos não envergonham o Painel, (...) E não queira dizer você que conheceu Rui Barbosa, pois se você conhecesse o imortal escritor e jurisculto, jamais escreveria tantas tolices. Conhecer um escritor é uma cousa, mas copiar uma frase sua, é outra muito diferentes! (...) Se quiser continuar, divertindo crianças com suas palhaçadas, isto é lá com você, eu aqui faço ponto final. 20-7-952. Um Paineleense:

A crônica intitulada - *Eles são assim* - circunscreve uma crítica ferina aos udenistas painelenses, inimigos políticos do narrador, denominados no texto como formadores da “famigerada oposição” em Painei,

(...) Eles têm o atrevimento, a falha moral de acusarem o eminente brasileiro Dr. Nereu Ramos, simbolo de honradez, uma das maiores glórias da política de nossos dias, (...) Procuram eles atingir com a sua ir, o seu veneno e a sêde de vingança, não só vultos como Nereu Ramos e outros lideres, mas descem ao baixo nivel de querer atingir até aos humildes operários, (...) E não fica só ahi a sua sombra ameaçadora de mando, vai além! Atingiu, ainda, aos Professores do Grupo Escolar 'Correia Pinto', com ameaças de remoção do seu digno Diretor, o esforçado professor Mauro Farias, (...) porque no seu dicionario só encontram as palavras: perseguição, demissão, remoção e vingança! ... Fevereiro de 1951”.

Um outro grupo, *Crônicas do cotidiano da cidade*, é representado por uma série de registros curtos sobre o dia a dia de Painei. Dele fazem parte os seguintes textos: *Tiro de Guerra 90* que descreve a visita desse destacamento militar comandado pelo sargento instrutor David da Costa Mende, *Pela primeira vez é o Distrito visitado por um Tiro de Guerra, o que despertou grande entusiasmo e geral satisfação na mocidade local*²⁶; *Professor João Mendes* que relata a passagem, por Painei, desse professor, poeta e artista cego que vem percorrendo o Estado em missão oficial, visitando os estabelecimentos de ensino. *S. S. fez uma demonstração de seus trabalhos de dobraduras e declamou algumas poesias de sua autoria que muito agradou a assistência*²⁷; *Painei* que consigna a recente criação do Curso Complementar anexo ao Grupo Escolar Correia Pinto”

²⁶ O texto não é datado.

²⁷ Esse texto não apresenta data.

desta Vila e a presença do ilustre professor Nilo Borghezi, a fim de assumir o cargo de Diretor do Grupo Escolar "Correia Pinto"²⁸; e Padre Oldemar Luz, que registra a visita do Ver. Pe. Oldemar Luz, que veio especialmente para celebrar a Santa Missa, em sua terra natal. Essa crônica descreve todo o cerimonial do sacerdote, que foi acompanhado pelos seus dignos Pais e irmãos até a igreja

onde iria celebrar a Santa Missa, (...) um acontecimento de grande significado para a Paroquia, por tratar-se de seu primeiro filho, que depois de longos anos de estudos, vê coroado de pleno êxito os seus esforços²⁹.

Outro registro dessa categoria é a *Ata da bênção da Pedra Fundamental da Nova Igreja Matriz de Painei*, quando o cronista narra a cerimônia da bênção da pedra fundamental da nova Matriz:

verificou-se a solene bênção por sua Excia. O Sr. Dom Afonso Nieheus (...) S. Excia. benzeu primeiramente o local da Igreja, depois as fundações e por último a pedra fundamental. Os fiéis entoaram com grande entusiasmo o hino de São Sebastião (...) Findas as orações rituais a Comissão deu começo ao tradicional costume de leiloar as marteladas na pedra fundamental. (...) Ressaltou a generosidade das famílias de hoje na construção da magnífica obra como exemplo imorredouro para as gerações futuras³⁰.

Em *A escola!*, o cronista manifesta admiração pela instituição de ensino com um discurso elogioso e moralizante:

Na escola é que se formaram os homens mais notáveis que figuram e poderão ainda figurar na história, nas ciências, na arte, (...) É na escola que nasce a união, aperfeiçoa-se cresce e progride na sociedade, emblema da grandeza e da civilização dos Povos³¹.

²⁸ Texto datado de fevereiro de 1945, Painei.

²⁹ Painei, 17 de janeiro de 1960.

³⁰ Painei, aos 20 de janeiro de 1964.

³¹ Texto datado de 15 - 1º - 1930.

Um outro texto dessa categoria - *Painel 6 de Março de 1977* - registra a chegada das Irmãs Ana Cecília Hubber e Ignese Maria Balbinotti,

*que aqui vieram fixar residência, contribuindo, sem dúvida, para melhor desenvolvimento da vida espiritual da comunidade (...) As Irmãs receberam para sua residência, um apartamento completamente mobiliado, sem nada faltar, ficando elas muito satisfeitas, achando mesmo que não havia necessidade de tanto conforto*³².

De igual teor elogioso, a crônica *Paróquia São Sebastião do Painel* presta uma homenagem à Irmã Aloisia:

*Atualmente encontram-se residindo aqui as Irmãs Zélia e Aloisia e Neusa, verdadeiras apostolas da religião, (...) Nestas despreziosas notas quero me referir à almejada Irmã Aloisia, que com o seu coração cheio de bondade, tem se dedicado, com todo o carinho, ao atendimento dos doentes (...) Nestas visitas, que ela nos faz, ainda mais nos conforta, trazendo a Santa Comunhão, visto que alguns doentes não têm condições de ir à Igreja (...) Á boa Irmã Aloisia, o nosso reconhecimento*³³.

Já o texto *Inauguração do asfalto do Acesso S.C - 438 - Painel* testemunha a inauguração do asfalto da SC 438 com acesso às ruas da sede de Painel no dia 6 de novembro de 1982, sendo uma festa maravilhosa, com enorme concorrência de pessoas, que á ela compareceram (...) na ocasião oferecido uma suculenta churrascada á população em geral, tendo sido abatidas 10 vacas oferecidas pelos fazendeiros locais. Ao ato, segundo registro, compareceram diversas autoridades, destacando-se a presença do candidato ao governo do Estado o Exmo. Sr. Espiridião Amim Helou Filho, ex-Secretário dos Transportes e

³² Este texto não é datado.

³³ Painel, 1980.

*Obras (...). Ao Exmo. Sr. Espiridião Amim, o nosso muito obrigado, e que Deus o abençoe para sua felicidade pessoal e ao bem de Santa Catarina*³⁴.

A crônica de saudades, denominada *Padre Antonio Trivellin*, narra o falecimento desse sacerdote, ocorrido

*no dia 14 de Maio de 1985, em Sacerdo na Itália, onde tinha ido à passeio, o nosso estimado e bondoso Pe. Antonio que aqui chegou aos 22 de dezembro de 1984, onde trabalhou como pároco durante 36 anos com dedicação de sacerdote zeloso pela comunidade. (...) No dia vinte do corrente mes foi celebrada uma Santa Missa, que contou com a presença de oito sacerdotes e algumas Irmãs (...) Era intenção da comunidade da Paroquia, trazer os restos mortais do Pe. Antonio para ser sepultado aqui na capelinha, pois era a sua vontade, mas dado certos requisitos da lei italiana, não foi possível traze-lo (...) Daqui, destas humildes linhas, a nossa sincera homenagem ao tão virtuoso e estimado Pe. Antonio e que Deus misericordioso o tenha na glória dos justos*³⁵.

Inclui-se, de igual maneira, nessa categoria o texto *Congregação da Família Salvatoriana* que testemunha o centenário da congregação e o trabalho prestado por ela às comunidades da região:

*Esta congregação, nos dias de hoje, está presente em vários países, onde vêm prestando inestimáveis serviços à religião cristã, pelo amor à Deus! Aqui em Lages esta congregação possui a sua casa de onde atende algumas paróquias da Diocese assim como o Orfanato Nossa Senhora das Graças, prestando relevantes serviços com a máxima dedicação (...) Como prova disto temos aqui, na Paroquia de São Sebastião de Painei, morando conosco duas abenegadas Irmãs Salvatorianas incansáveis em atender com atenção e carinho à todos que às procuram. Refiro-me às Irmãs Zelia e Aluisia. (...) queiram nossas queridas Irmãs aceitar os nossos sinceros parabens*³⁶.

³⁴ Texto datado de novembro, 1982.

³⁵ Painei, Maio de 1985.

³⁶ O texto é datado de Painei, 13/12/88.

O que se dá com os filhos de Painei é o relato da falta de pessoas graduadas em Painei, pois os filhos daqueles que conseguiram melhores posses vão estudar em centros maiores, chegam muitas vezes a um grau superior, mas não voltam ao torrão natal, (...) Profissionalmente não há campo de trabalho para eles. Buscam os grandes centros e lá se vão os melhores valores das Vilas³⁷. Vale novamente o destaque para a preocupação social que fundamenta as crônicas mais recentes.

De outra natureza o texto - *Nossa Homenagem* - documenta a triste notícia do falecimento da querida *Irmã Aloisia ou Ghigia, como era conhecida e que aqui residiu por 16 anos, prestando relevantes serviços á comunidade. Era a Irmã Aloisia uma alma sempre voltada para o bem, atendendo com amor e dedicação, aos doentes e aos idosos distribuindo a Santa Comunhão. (...) Faleceu ela com 66 anos de idade (...) É com tristeza que registramos sua morte e rogamos á Deus que á tenha na sua infinita misericórdia³⁸.*

Da mesma categoria, mas com registro um pouco diferenciado, têm-se uma composição e uma reprodução de uma peça oratória. A primeira, intitulada *A Guerra do Paraguai* é uma crônica que descreve as atrocidades dessa guerra,

³⁷ O texto não tem data.

³⁸ O texto é datado, Painei, 12 de Maio de 1992.

*Foi uma luta de cinco anos, iria dizimar quantas preciosas vidas; penosa campanha, a que forçosamente nos havia arrastado o indomável orgulho Solano Lopes*³⁹.

O texto - *Exmo. Sr. Dr. Nilton Rogério Neves, D. D. Prefeito Municipal, Exmas. Autoridades aqui presentes! Minhas Senhoras! Meus Senhores!* - reproduz em seu título as primeiras palavras proferidas no discurso de inauguração da Intendência de Painei e prossegue de acordo com o estilo clássico dos discursos provincianos:

*É com grande alegria que nos encontramos para inaugurar este belo e majestoso edifício construído para a instalação da Intendência deste Distrito, alegria esta que devemos toda à dinâmica administração de sua Excia. O Sr. Prefeito Municipal, Dr. Nilton Rogério Neves, (...) Outra obra, ali está, refiro-me a bela praça que a pouco inauguramos e que por inspiração de V. Excia e de nosso estimado Vigário Pe. Antonio Trivellin, recebeu o nome do saudoso Papa João XXIII. (...) Tenho dito. Muito obrigado. Painei*⁴⁰.

A crônica, *Pedro Bugre - Alguns dados sobre sua vida*, reconstitui a história do “último índio do planalto”, adotado pela população de Painei por um longo período:

Nos últimos dias do mês de Julho do ano de 1932, regressando de Blumenau, onde estávamos com minha esposa em tratamento de saúde e tendo pernoitado em Lages, no dia seguinte, como ainda não tínhamos estrada para altos, telefonei para minha avó Candida Domingues Vieira, pedindo à ela, que mandasse o seu carro de mola, único meio de transporte aquela época, buscar-nos em Lages. Então, ao viajarmos para cá, no dia seguinte, ao chegarmos nas proximidades Fazenda do Sr. Zelo Ramos alcançamos aquele rapazola, vindo apé pela estrada, e logo reconhecemos tratar-se de um índio que pela aparência parecia ter de 16 à 18 anos de idade, era ainda muito jovem. No dia seguinte ele amanheceu aqui, sendo acolhido pelo casal Zeno Andrade e Jordelina Figueiredo, sua esposa, e que lhe deram o nome de Pedro e a quem ele chamava de pai e

³⁹ O texto não tem data.

⁴⁰ Este texto também não é datado.

*mãe, prestando alguns serviços a eles, como cortar lenha e outros afazeres, e assim com eles ficou residindo até que este casal mudou-se para Lages, e ele não querendo acompanhá-los, aqui ficou até sua trágica morte. Depois da mudança daquele casal, os senhores Bernardino Correia e José Barbeiro sempre o atenderam assim como toda a população que já o estimavam. Ele merecia toda a confiança, tinha liberdade e era recebido em todas as casas onde chegava. Jamais se soube que ele alguma vez lançasse mão do alheio, sempre foi honesto. De quando em vez dava seus passeios pelas capelas, voltando em seguida para a querência amada, onde residiu pelo espaço de 54 anos. A prova da sua estima pelos painelenses, justificou-se na Missa de corpo presente, celebrado pelos Pe. Andreas e Edson, tendo a comunidade lotado a Igreja. Foi, pois, uma demonstração de que a população o estimavam, apesar, de nossos índios, hoje, serem massacrados e expulsos de suas terras*⁴¹.

De acordo com os moradores mais antigos de PaineL, Pedro Bugre e sua família foram capturados por bugreiros. Ao escapar pela estrada PaineL-Lages foi visto pelo memorialista. Outras pessoas da comunidade registram o fato de Pedro apresentar marca de cordas no pescoço e de um tiro no braço. Essa última referida por ele como "*tanca-boi*", equivalente à expressão indígena "homem tiro". É possível que a família tenha sido apreendida por Martim Bugreiro⁴², pois Pedro costumava falar *tim* apontando com horror para a mata de pinheiros. Pedro resiste à cultura do "branco", não adquirindo a maioria de seus costumes, por exemplo, o de dormir em espaço fechado. Esse fato e outras particularidades sobre o indomável Pedro constam, também, do texto da professora Stela Amorim Alves. A autora observou ser talvez a religiosidade de Pedro o único laço cultural que compartilhou com o

⁴¹ Pedro Bugre morreu vítima de atropelamento em Março de 1986, o ano em que a pesquisadora começou a lecionar em PaineL. Este texto não é datado.

⁴² Martim Bugreiro de Jesus, famoso caçador de bugres no Planalto Serrano, é citado por Stela Amorim no trabalho já referenciado.

"branco", pois gostava de rezar, cantar e nunca perdia a missas nem casamentos. Sua morte abalou emocionalmente toda a população painelense e até hoje em dia pessoas comovem-se até as lágrimas, quando falam do "último índio do Planalto"⁴³.

*Com sua morte, perdemos todos: a Região do Planalto, os moradores de Painei, seus amigos, os indianistas, os antropólogos, os historiadores (...) O Pedro Bugre partiu sem ao menos avisar. Aliás, nem ele mesmo sabia que naquela noite, as duas coisas que mais temia vinham ao seu encontro: o carro, e com ele, a MORTE*⁴⁴.

Fecha-se assim, esta unidade, concluindo que as memórias de Doutel de Andrade estão ligadas à memória do povo painelense e ao testemunho histórico da cidade. Os textos proporcionam ao leitor a oportunidade de visualizar o passado, estabelecendo um paralelo com o presente. E dar voz a um morador que testemunhou o surgimento e o desenvolvimento de Painei, como fez o Autor, é impedir que as lembranças pessoais e grupais sejam "invadidos por uma outra história, por outra memória que rouba dos primeiros o sentido, a transparência e a verdade"⁴⁵.

Pelo exposto, constata-se que os textos de Doutel de Andrade oscilam entre a autobiografia e o testemunho, não abandonando o núcleo original, ou seja, a memória de Painei. De um lado, Doutel de Andrade é o escrevente de memórias, pessoal e coletiva, em forma de crônicas, de pequenas anotações

⁴³ Assim iniciava-se o título do artigo do Padre Andreas no jornal *Correio Lageano* sobre a morte de Pedro Bugre. MORRE EM PAINEL, VÍTIMA DE ATROPELAMENTO, PEDRO BUGRE. O ÚLTIMO ÍNDIO DO PLANALTO. (07/04/1986)

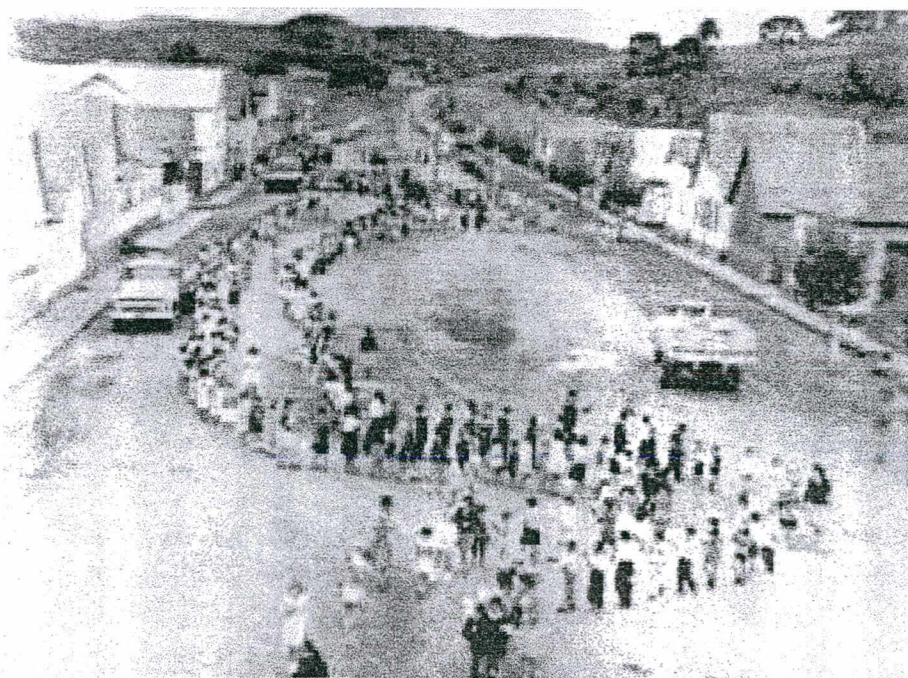
⁴⁴ ALVES, Painei, notas..., p. 39.

⁴⁵ BOSI, E. *Memória e sociedade...*, p. 19.

sobre datas comemorativas, e de registro de pensamentos, provérbios e aforismos. De outro, por meio do relato contínuo, porém não diário de suas crônicas, constrói a memória da cidade em que vive, ao mesmo tempo que registra os acontecimentos de sua vida.

É possível pensar que na desmontagem dos textos memorialistas em fragmentos temáticos, talvez tenha-se causado a perda de afetividade na redução ao pormenor, ou talvez tenha-se conservado a totalidade a partir da iluminação do pormenor.

*Á guisa de Conclusão: confirmações,
questionamentos e reflexões*



A propriedade de meu pae está situada distante duas léguas da Vila de Painei e fica perto da estrada geral que vai à Lauro Müller e São Joaquim. A propriedade foi toda construída pelo meu pae, lá pelo ano de 1912, pois antes moravamos em casa de minha avó, na Fazenda da Ramada. O terreno da fazenda consiste principalmente de campos e alguns capões, com pinheiros e outras madeiras, cortado por arroio e é limitado em tres lados por rios, tendo também diversos banhados e lagoas de diversos tamanhos. (...) Á frente da casa tem uma espaço gramado, servindo uma parte de pateo e outra de jardim; faz pouco dias que foi terminado o calçamento que se estende na frente da casa e do galpão que está situado à direita da entrada, o qual contém dois quartos para os empregados. Do pateo uma porta nos leva á mangueira que está voltada para o nascente; é do comprimento do oitão da casa, deixando um corredor cercado entre a casa. A mangueira é cercada de taipas e está dividida em duas, tendo uma porteira no meio; uma parte serve para a tiragem do leite para o fabrico do queijo, tendo por isso uma grande ramada, que nos dias chuvosos permite fazer o serviço embaixo da coberta, agasalhando-se da chuva e evitando o barro (...)

Campo de Dentro, 20 / 2 / 915

(a) Doutel de Andrade

Se o início do trabalho foi uma tarefa difícil, o término é uma empresa com igual gama de dificuldades, talvez pelo fato do encerramento ser quase sempre marcado por circunstâncias adversas. O final dessa dissertação é determinado mais pela urgência de acabar uma etapa - prolongada além do

esperado e do desejado - e menos pela satisfação de concluir uma jornada. Do mesmo modo, se as circunstâncias da construção do trabalho fossem outras, elas poderiam proporcionar maior e melhor aproveitamento da leitura textual ou, ainda, propiciar uma outra configuração do corpo da pesquisa.

Dessa maneira, parafraseando a abertura do prólogo dessa dissertação, pode-se afirmar que, se todo o início tem uma história, todo o final tem, também, sua história. Pontuada pela adversidade, a história dessa conclusão concretiza-se agora nas *confirmações*, nos *questionamentos* e nas *reflexões* sobre a leitura dos textos componentes do universo pesquisado, textos esses que desenham a dupla face da cultura popular painelense, uma das faces ligada ao risível e outra, à seriedade.

A cultura popular, segundo Peter Burke, nasce e estrutura no seio do povo, refletindo seus pensamentos e anseios, sendo considerada como emblemática pelo grupo social. Na organização moderna da cultura, o popular se constitui por oposição ao culto. Cada sistema tem seus produtores – *artistas*, por um lado, e *artesão*, por outro. As disciplinas para estudá-las são também diferenciadas: a *história da arte* e a *estética* se ocupam da arte culta e o *folclore* e a *antropologia* da arte popular.

Aqui a cultura popular, oral e escrita, coloca-se como oriunda do povo em paralelo à cultura da elite, porém as duas englobam usos e costumes que existem nos dois meios, o popular e o erudito. Sabe-se que, nem o texto oral

implica ser popular, nem o texto escrito se restringe ao erudito. Assim, tanto a cultura popular como a erudita são tendências apenas diferenciadas no seio da cultura comum. A idéia de oposição cede lugar ao reconhecimento da existência de nuances entre elas e à noção de serem ambas manifestações culturais imbricadas. Além disso, nenhuma cultura se processa em bloco, ao contrário, toda cultura evidencia, em sua gênese e seu desenvolvimento, um caráter de heterogeneidade. E, ainda que não sejam totalmente fechadas, a cultura popular e a erudita apresentam uma certa tendência ao fechamento, sem excluir, contudo, as possibilidades de transformações.

Nos últimos anos do século XX, as fronteiras interpenetram-se, as margens diluem-se e os muros desmoronam-se. Assim, as produções da cultura popular e da cultura de massa encontram respaldo valorativo na Pós-Modernidade. Porém, o desejo de transformar textos populares em objeto de estudo universitário seria irrealizável se a estética vigente não tivesse proporcionado uma releitura, agora iluminada por outras visões teóricas. Walter Benjamin, ao desfazer os elementos formadores da “beleza clássica”, questiona a autoridade mística da Arte. O fato da criação literária poder ser vista como um processo cultural e social, sem valores permanentes, torna essa arte mais democrática. Tal compreensão vem conquistando espaço cada vez maior na crítica literária, apesar de alguns críticos ainda insistirem em

universalizar o julgamento de autores e de obras em consonância com as codificações culturais elitistas.

Em decorrência da nova postura crítica dos tempos atuais, nesta dissertação nem se pensou a produção literária como um privilégio de gênios artísticos, imortalizados pela crítica “especializada”; nem se associou a arte literária, com exclusividade, à cultura erudita. A opção privilegiou textos populares, não impressos, alguns de autores desconhecidos e todos sem a intencionalidade de produzir obra de arte. Os tempos pós-modernos mostram um leque de outras possibilidades de autores e gêneros literários, fora dos padrões já consagrados pela estética tradicional. Em consequência, o estudo dos textos populares painelenses saem da marginalidade imposta pelo pensamento crítico elitista e recebem tratamento igual aos textos “maiores” na arte literária e nos estudos culturais, preocupados com a história do indivíduo e da coletividade.

Apesar das produções textuais apresentarem conteúdos e formas diferentes, todas compartilham da vida social painelense e registram seus usos e costumes, em destaque, os ligados às festas. Vale lembrar que para Bakhtin a essência da cultura popular assenta-se nas festas.

Assim, a primeira colocação diz respeito à natureza diversificada do *corpus*, no qual se fundem os vários traços e linhas do perfil cultural de uma localidade, hoje transformada na pequena cidade de *Painel*. Paralela à

diversidade genérica, firmou-se o caráter híbrido dos textos de cunho popular, alguns versificados - *Trovas, Décimas e Pisquinhos* - e outros em prosa, esses últimos expressos no registro memorialista. Todos os textos da pesquisa apresentam caráter poliédrico por mesclarem gêneros literários diversificados, manifestando as várias faces do mesmo testemunho da cultura de Painei. Um outro aspecto do problema, diz respeito a esse reunir de espécies diversas que não apresentam, pelo menos de forma explícita, a intencionalidade de fazer a memória da cidade de Painei, dimensão essa emprestada pela leitura. Apesar da especificidade de cada grupo textual, uns submetidos às regras da tradição oral (aspecto repetitivo, assunto de natureza simples e presença do bestiário - que outorga aos animais valor humano simbólico ao contrário da fábula que animaliza os humanos) e outros produzidos pela tradição da escrita do memorialismo, constata-se, em todos eles, um núcleo comum de significados culturais.

Daí ser o objetivo geral deste trabalho tornar mais evidente a forma pela qual os textos retratam, de modo diverso, a gente, os usos e os costumes painelenses, tanto nos cantares do risível, quanto na seriedade dos registros da vida cotidiana de Painei.

A segunda colocação diz respeito a recolha das teorias referenciadas na moldura teórica e as colocações pertinentes ao diálogo dessas teorias com os textos que compõem a pesquisa. A trajetória iniciou-se pelo universo do

risível, com uma breve passagem pelo riso, desde a concepção de Aristóteles, resultante da ação inferior do homem, até a consolidação valorativa do riso nos tempos atuais, passando pela visão redentora que a modernidade lhe atribui. Para emoldurar a leitura das *Décimas*, *Trovas* e *Pisquinhos*, atravessei algumas teorias sobre as formas literárias do risível: o cômico, o humor e o satírico. Desse modo, a leitura das *Décimas* foi ancorada em elementos da teoria de Bergson sobre o cômico, circunscrito a algo negativo e passível de ser corrigido pelo riso. Verificou-se, também, nas *Trovas* e, em especial, nas *Décimas* a presença do cômico, do humor e do gracejo. Para fundamentar as leituras, foram levantadas várias posturas teóricas e, no decurso da leitura, utilizados os tópicos mais acentuados de cada uma delas.

Ao longo do trabalho foi verificado que a tradição satírica presente nos *Pasquins* de Paniel, *cidade perdida no cocoruto da serra*, encaixou-se nas teorias de Worcester, Feinberg e Frye. Da teoria de Worcester, foi aproveitada a coincidência dos *Pisquinhos* apresentarem, em sua maioria, aquilo que o autor denominou de invectiva, ou seja, o ataque direto às pessoas ou às instituições. A teoria de Frye serviu para destacar o caráter de denúncia social dos textos lidos. A importante contribuição de Feinberg realizou-se na afirmativa de que um dos objetivos do satírico é mostrar os erros da sociedade, divertindo-se, muitas vezes, em ridicularizar sem a preocupação de corrigir como acontece em alguns *Pisquinhos*.

As referências teóricas concernentes à leitura dos *Pisquinhos* – ao contrário das *Décimas* e das *Trovas* cujas leituras foram caracterizadas, em sua maioria, pelo cômico e pelo humor – são motivadas pela presença do satírico. Nos *Pasquins* de Painel, o olhar da análise não encontrou semelhanças com os sermões burlescos tão comuns na Idade Média, nem registrou a presença, pelo menos com frequência expressiva, da pornografia. Por outro lado, foi possível estabelecer uma analogia entre os *Pisquinhos* e as cantigas medievais portuguesas de escárnio e maldizer.

Finda a trajetória pelo mundo do risível, foi iniciado o procedimento de lançar um olhar pelo seu oposto, o mundo da seriedade, representado pelas memórias, autobiográfica e social, configuradas nos registros de Doutel de Andrade. A leitura desses textos privilegiou o pensamento de Ecléa Bosi e, também, as visões dos outros autores citados na moldura teórica. Essas idéias, ainda que não citadas explicitamente, foram responsáveis pelo embasamento teórico da leitura.

Demarcado os objetivos e as questões teóricas, resta chamar a atenção do leitor para a “maneira” como foi conduzida a apresentação e a categorização dos manuscritos.

Quanto as questões metodológicas de apresentação dos textos e das leituras correspondentes, vale a inserção de alguns avisos aos leitores, em virtude de não haver no presente trabalho, a rigor, um método único, mas uma

instrumentalização de leitura para cada espécie de texto. O primeiro é relativo à natureza textual, pois o trabalho com documentos ainda não confirmados corre o risco da insegurança, em virtude de os mesmos poderem Ter a configuração alterada com a descoberta de novos dados. Em decorrência dessas circunstâncias, adotou-se a precaução metodológica de constantes indicações da fonte de recolha dos textos em nota de rodapé. O outro, é concernente à opção pelo *corpus* de maior amplitude, fato que, em contrapartida, inviabiliza em cada unidade, leitura mais apurada. E, o último, diz respeito à operação de apresentação e de leitura textual. Em virtude do *corpus* da pesquisa ser constituído de várias espécies literárias, foram adotadas diretrizes teóricas e metodológicas- diferenciadas tanto na apresentação, quanto na leitura. São variações oportunas para desenhar com melhor precisão o mesmo perfil através de diferentes referências textuais, teóricas e metodológicas, Cada capítulo é arquitetado com a precaução de respeitar a identidade de seu grupo textual e de sua linha teórica. E, por último, são reconhecíveis nestes estudos três abordagens teóricas distintas que se relacionam entre si de maneira motivada. Assim, os estudos que compõem esta dissertação, encadeados e sucessivos, partem de um ponto inicial partilhado por todos eles – a representação da cultura popular -, enquanto os caminhos e os pontos de chegada dispersam-se pelos rumos diferenciados das leituras.

A partir da leitura efetuada nos *Cantares do risível*, algumas conclusões foram apuradas. Quanto às *Trovas*, estas tendem a manifestar o lado alegre das festas e, ao mesmo tempo, são versos de circunstância, produzidos aos milhares sem rigor de composição e com vida efêmera. A maior parte não chega a passar da oralidade à escrita. O ambiente capaz de propiciar sua produção é descontraído e elas são representações de episódios momentâneos e de concursos improvisados. A temática como foi vista é, quase sempre, um ligeiro comentário, um elogio alegre de admiração e respeito à mulher. Seria possível detectar nessa repetência de temas os ecos distantes das cantigas de amor ou das cortes amorosas de tradição provençal? E essas *Trovas*, ainda que resultantes de uma realidade social de cariz popular, podem ser consideradas como textos literários, nos quais a convenção da ficção se faz presente? A resposta afirmativa parece impor-se em ambas as proposições. Vale a pena destacar que nem todas apresentam o caráter risível, porém nesse trabalho foram privilegiadas as *Trovas* que apresentaram o traço do gracejo.

Um aspecto destacado durante a leitura foi a repetência das imagens do “mundo às avessas”. A partir delas foi possível ver, na conduta ridicularizada e na inversão poética do cômico e do humor, a conduta desejada pela coletividade. É uma forma diferente de manifestar a oposição entre a conduta social e a não-social.

Por outro lado, constataram-se semelhanças com o cordel nordestino e com a tradição lírica popular portuguesa, conforme a analogia tecida entre os textos painelenses e a produção do “Romanceiro Popular Açoriano”.

Considerando a origem portuguesa majoritária dos colonizadores de Painei, é possível pensar essas *Trovas* como enraizadas nas cantigas medievais lusitana. Em outras palavras, há um provável liame entre essas duas manifestações da cultura popular.

A pesquisa conseguiu arrecadar um material reduzido de *Trovas*, pois a oralidade desses textos dificulta a conservação. Configuram-se como *corpus* dessa unidade as *Décimas*, *Décima do Tigre Pintado*, *Pássaro Triste*, *Professores do Interior* e *Amontei no meu Cavallo*.

Os estudiosos da cultura popular assinalam a decadência da produção trovadoresca e dos jogos florais, por razões “internas” e circunstâncias contextuais. Cada vez mais essa produção de cunho popular tende a “encolher-se”, e a passar para um plano secundário até o esquecimento completo.

Com respeito ao desaparecimento dessa tradição, é possível apontar, como responsável, a modernização das festas e dos bailes que trocam a antiga gaita, capaz de permitir no intervalo musical a declamação de uma *Décima*, por instrumentos musicais de som tonitruoso e dissonante. As *Décimas* faziam parte do encontro entre amigos. As pessoas, hoje em dia, preferem os

programas televisivos às ocasiões de entrosar os familiares, amigos e vizinhos. Essa atitude contribuiu para o desaparecimento de um “fazer artístico”, tradicional em várias regiões do interior brasileiro e transmitido de geração em geração. As *Décimas* eram apreciadas pela maioria dos habitantes da comunidade painelense em razão de seu caráter humorístico, pois o narrador gracejava de suas desventuras. Talvez o gosto pelo gracejo e pela narração de aventuras cômicas ou humorísticas não seja partilhado pelas novas gerações. E seria possível os estudos culturais revitalizarem essa tradição junto às crianças de Painei? Esta é uma das propostas desse trabalho. Além do gracejo, do cômico e do “humor”, encontrados nas *Décimas* e nas *Trovas*, a arte popular painelense manifesta-se, também, pelo viés do risível, em textos conhecidos como *Pisquinhos*. A leitura destes motiva questionamentos de outra natureza, pois das formas escritas em versos que lhe são vizinhas (*Trovas* e *Décimas*), é a única que permanece na cultura popular de Painei. Qual a razão ou as razões de tal permanência? Talvez pelo fato de revelar com mais intensidade os costumes da região. Ou, talvez, pela circunstância de suas raízes serem mais profundas no substrato cultural dessa comunidade. De qualquer forma, O *Pisquinho* não só sobrevive, como acompanha as mudanças, motivadas pelo decurso do tempo.

A leitura dos textos, que formam o mundo risível na cultura popular da região, permitiu um confronto entre o riso das *Décimas* e o riso dos

Pisquinhos. A partir dele, é possível encontrar-se um outro motivo para a continuidade dos *Pisquinhos*: o fato do gosto popular brasileiro afinar-se mais com o satírico e menos com o cômico ou com o humor. Inventar histórias em versos sobre animais e pessoas em situações humorísticas pode ser menos interessante do que ridicularizar a conduta humana considerada pouco desejável. Ao focar os *Pisquinhos*, verificaram-se algumas mudanças sofridas com o passar dos anos. Essas ocorrem em relação às técnicas de sua produção e à frequência temática apresentada pelos textos.

De acordo com o exposto no *corpus* do trabalho, esse “fazer artístico” da cultura painelense é transmitido, com maior frequência, de geração em geração, como uma produção familiar, sem, contudo, excluir a possibilidade de produção isolada. O tecido anônimo desses textos, aos olhos e aos ouvidos dos nativos da região, é um tanto transparente, ainda que a revelação da autoria careça de evidências concretas. Constata-se que, de 1940 a 1977, os *Pisquinhos* apresentaram, de maneira quase igual, o tema da festa e o da política; e, de 1977 a 2000, passam a ser dedicados, preponderantemente, à política. Havia, segundo informam os antigos moradores dessa localidade, um outro tipo de *Pisquinho* cuja temática era a maledicência. Talvez pela crueldade como atingiam a vida pessoal de alguns habitantes, a maioria deles foi destruída, restando apenas alguns fragmentos conservados na memória dos moradores mais antigos.

Quanto à produção quantitativa dos folhetos, essa costumava ser mais freqüente no passado, constatação que se baseou nos testemunhos dos moradores mais antigos e na totalidade da documentação levantada. O fator de maior produção foram as eleições municipais, responsáveis pela quase totalidade dos textos. Destacou-se, durante a leitura, esse produzir quase contínuo no período anterior às eleições de 1995 e 1996, quando foram elaborados quinze *Pasquins*. Apesar da promessa de continuar, feita em 1997, a produção cessou a partir de agosto do mesmo ano. A tradição ressurge em 1999, com apenas um número por ocasião do *Painelaço*, e confirma-se, no ano seguinte, quando é produzido um outro número, referente ao mesmo evento festivo. Cabe aqui pontuar um aspecto paralelo expresso no retorno à prática de ridicularizar as festas e seus organizadores muito freqüente nos primeiros *Pisquinhos*, coletados para a pesquisa. Assim, os textos lidos confirmam a irregularidade desse “fazer artístico”, cujo intervalo entre as produções pode variar de um mês ou de vários meses; de um ano ou de um período maior.

Nos *Pisquinhos*, o olhar de análise não encontrou os temas satíricos do medievalismo português, constantes do Cancioneiro Geral, como a pornografia desmedida, a paródia ao sagrado ou a paródia aos sermões religiosos. Da mesma forma, não apresentam semelhanças com os sermões burlescos tão comuns na Idade Média, nem quaisquer traços de ataque satírico ao sagrado. Talvez essa ausência possa ser atribuída ao caráter religioso da

população ou ao medo do poder clerical ainda forte em algumas regiões do interior brasileiro. Um satírico moderado é o que se constata nos *Pisquinhos*, que configuram o universo da pesquisa. Em quase todos há uma certa observância de limites só rompidos, às vezes, em textos que satirizam os políticos.

Encontrar a data exata do início dessa prática em Paineira e a hipótese aceitável para explicar sua eclosão nessa localidade são tarefas que a pesquisa não conseguiu cumprir. Trata-se de procedimentos que dificilmente poderiam ser determinados. Com muita probabilidade, antes de manifestarem-se em “ato escrito”, os procedimentos já existiam em potência no folclore que expressa a formação cultural desse território. E aqui se esboça um outro questionamento: ou ele é um ato folclórico, moldado nos usos e costumes típicos de domínio isolado, ou é um resquício das cantigas de escárnio e maldizer portuguesas, tradição chegada a essa localidade através da propagação oral. Ou, talvez a fusão das duas hipóteses. É válido destacar que essa prática, mesmo escrita, assenta-se no passar além, pela memória coletiva, e no labor construtivo de várias gerações, pois a criação artística não nasce isolada no tempo e no espaço, mas é determinada por fatores, circunstanciais e históricos, diversos.

Tendo em vista a constatação das diferenças de construção poética entre os primeiros folhetos, que apresentam uma estrutura elementar, e os

textos mais recentes, que apresentam um maior grau de feitura, foi possível verificar que a autoria dos últimos pode ser atribuída a alguém ou a alguma família com conhecimento das técnicas de composição poética das cantigas medievais portuguesas, conforme buscou-se destacar no decorrer dos procedimentos de leitura.

Apesar de não constar dos objetivos específicos de nenhuma das unidades de leitura, é possível apurar com relação aos *Pasquins* de Painel, algumas conclusões concernentes à linguagem, pois nela comprovam-se a forte influência da oralidade e a presença de termos do cotidiano do planalto serrano, vocabulário marcado pelo trabalho e pela luta contra os invernos cruéis. Porém, os fatores de maior relevância formal dos *Pisquinhos* são as marcas de uma feitura repetitiva quase sem originalidade, um certo primitivismo de composição, e a forte influência das rivalidades político-partidárias o que pode explicar a frequência dos temas de rivalidades político-partidárias, bem ao gosto de populações afastadas dos grandes centros urbanos.

Na leitura seguinte, muda-se o olhar para os textos memorialistas cujo ponto axial oscila do “eu” aos “outros”, incluídos ambos na construção de outra face da cultura de Painel.

As memórias de Doutel de Andrade – todas escritas em forma de diário e confirmadas em traços autobiográficos, crônicas e anotações diversas

– retratam a vida simples do povo painelense, quando as festas, religiosas ou profanas, e os acontecimentos do cotidiano são merecedores de registro. O narrador resgata por essas memórias a história pessoal e a história do município e da gente de Painei.

Os registros de Doutel de Andrade compõem-se de oitenta e dois textos, próprios, em sua expressiva maioria, e bem poucos de outros autores. Para facilitar a leitura, procedeu-se a categorização dos textos, conforme o núcleo temático predominante em cada um.

Os caderno – *Recordações* – apresenta: trinta e quatro textos enquadrados como *Crônicas e produções de caráter diversas de natureza autobiográficas ou social*; vinte e cinco classificados como *Crônicas dos festejos em Painei*, sendo cinco de casamento, um de carnaval, oito cívicas e onze religiosas; e dezessete textos enquadrados como *Crônicas e anotações do cotidiano da cidade*.

Vale reiterar que o ato de categorizar os textos painelenses é um recurso de ordem didática, em decorrência da mescla de gêneros que esses documentos culturais apresentam.

Os textos de Doutel de Andrade exibem características de autobiografia e de testemunho social, permitindo visualizar o cotidiano, passado e presente, de Painei através da história de um cidadão. Destacou-se, na leitura do *corpus*, a circunstância de que muitos dos relatos de Doutel de

Andrade podem ser categorizados como crônicas. Vale lembrar que nesse gênero literário entrelaçam-se valores estéticos e sociais. Além disso, esses valores sofrem constantes mudanças. Conforme afirma Walter Benjamin, hoje o cronista não tem a obrigação de fornecer detalhes fiéis dos acontecimentos diários. Devido ao caráter efêmero dos tempos atuais, as crônicas entram e saem de cena, algumas como simples anotações, sem a responsabilidade de fixar registros para a posteridade. É importante destacar, ainda, o fato das crônicas de Doutel de Andrade apresentarem, às vezes, o caráter de autobiografia, em outras ocasiões, o caráter de memória coletiva e, quase sempre, a possibilidade de duplo categorizar, o que motivou as dificuldades de enquadramento de muitos textos nas categorias criadas para organizar o processo de leitura interpretativa.

Na última unidade das leituras, a referente aos manuscritos de Doutel de Andrade, um dos fios condutores do olhar crítico passou pela problemática do gênero memorialista em seu papel de firmar o registro dos momentos mais significativos da história do autor e da cidade de Paineira. Há vários indícios de que o caderno ou os cadernos anteriores apresentavam, pelo menos nos primeiros registros, uma estrutura semelhante à estrutura de diário, expressa na preocupação de identificar o espaço e o tempo de cada texto, e de narrar com detalhes o acontecimento. O hábito permanece ao longo do caderno pesquisado, cujos textos vão de 1914 a 1992, gravando todos os episódios

expressivos da vida de Doutel de Andrade, porém de forma diversificada. Inicia-se, quando o jovem de 14 anos, em *Campo de Dentro*, setembro de 1914, registra de maneira detalhada (262 linhas) as peripécias da viagem, as descrições da cerimônia e da festa do casamento do dentista, *Rodolfo Reis*, um homem já de trinta e poucos anos e de uma viúva abastada, natural de São Joaquim. A cerimônia realizou-se, conforme o narrador, em uma casa bem distante da nossa, situada que está no município de São Joaquim, à beira do rio Caronas (...) n'um lugar baixo, está cercada de taipa e na sua frente estende-se um grande tanque ou açude (...) construída de madeira coberta de telhas; a tinta, que outrora enfeitava as paredes, já está bastante desbotada pela ação do tempo e o seu aspecto melancólico não acompanha o ar festivo de que estão revestidas as pessoas que nos recebem no espaçoso pátio! (...) O noivo trajava um fraque, que se via, ter saído das mãos d'um oficial-artista, nas mãos usava luvas brancas. A toilette da noiva, de seda amarela, era d'um gosto apurado e muito chic. Um dos últimos textos, datado de *Painel*, 30 -4-92, é o registro breve (19 linhas) e sóbrio dos seus 92 anos: *Sinto-me um homem feliz por poder ainda governar-me, apesar de já sentir uma certa fraqueza, mas isto é natural, é problema da avançada idade (...) dou graças à Deus por ter-me dado uma longa vida, que gozo com alegria e satisfação, esperando o dia final que virá com toda certeza.*

O hábito de escrever, que o acompanhou da juventude à velhice, resquício talvez das aulas de redação com o professor europeu, reveste-se de algumas particularidades. A primeira concerne ao cuidado de registrar os

eventos mais significativos de sua vida e da vida da comunidade, em destaque, as datas festivas religiosas e cívicas. Esse critério de seleção empresta a Doutel a característica peculiar de narrador que, de certa forma, afasta-se do perfil típico do narrador traçado, por Walter Benjamin, aquele que faz da “experiência que anda de boca em boca”, a matéria prima de seu narrar, para definir-se como aquele capaz de entrelaçar os registros da experiência de sua vida com a história de sua cidade. Apesar do diferencial, Doutel pode ser visto como um narrador ligado à história de sua terra e de suas tradições, e como um cronista que registra os acontecimentos, “sem distinguir entre os grandes e os pequenos”, consciente do pormenor e do acontecido, nada considerando “perdido para a história”, segundo Benjamin.

Outra reflexão, diz respeito ao papel de narrador, cujo procedimento é diferenciado nos textos mais antigos, quando confrontado com os mais novos. Nos primeiros, singularmente os de maior extensão, o memorialista participa como personagem principal da narrativa, centrada na experiência pessoal. Neles, apesar da estrutura épica, “o outro” apresenta-se como componente do cenário da narrativa; em contrapartida, nos textos da idade madura e da velhice, o desempenho do “outro”, pessoas ou acontecimentos, vai aumentando aos poucos a representação textual e, em paralelo, vai diminuindo a extensão da narrativa eixada no “eu” e o registro das emoções do narrador.

O diálogo urdido entre a fundamentação teórica e os textos de Doutel enfatizou a mescla que o memorialismo imprimiu ao conteúdo do caderno - *Recordações* - quando entrelaça a história de um munícipe, uma autobiografia de cidadania, com a história da comunidade de Painel, uma biografia da cidade.

De modo restrito, o conteúdo do caderno não se enquadra em sua configuração genérica na categoria de memorialismo, nos termos da teoria referenciada na moldura teórica. Ecléa Bosi fala da memória de velhos, fundada “nos confins da lembrança” e voltada ao passado, porém no caderno, *Recordações*, estão incluídos os registros tanto do jovem Doutel quanto do homem maduro e do velho. Há, em ambos os procedimentos, uma conscientização do proceder, agravada pelo fato de parte dos textos serem resultantes da escuta quase simultânea dos acontecimentos.

Os textos de Doutel não se enquadram totalmente na teoria da lembrança, pois a escritura não aconteceu em época muito posterior ao fato, as datas indicam que o acontecido e o registro foram quase simultâneos. De outro lado, o processo de interiorizar as impressões e gravá-las após sua memorização deu-se de duas formas: a primeira no momento da ocorrência do fato a ser registrado e a segunda quando da seleção dos textos na passagem do caderno velho para o novo. Vale reafirmar que esse hábito de escritura apresenta outras facetas, uma delas é a prática de coletar notas jornalísticas

sobre Painei. Durante a pesquisa foi encontrado, entre os pertences deixados por Doutel, um caderno de recortes de textos publicados em jornais sobre o lugar e a gente painelenses.

Voltando às considerações sobre a fragmentação organizacional do caderno em questão, ela pode ser atribuída ao duplo processo seletivo, um relativo aos acontecimentos escolhidos para o registro e outro pertinente à seleção para a transcrição dos textos. A data de ocorrência desse último proceder não foi questionada no decorrer da leitura, pela razão maior de não fazer parte dos objetivos do projeto.

De igual forma, a reflexão que caracteriza o discurso autobiográfico, segundo Halbwachs, só ocorre nos primeiros textos, de 1914 a 1928, quando o narrador era jovem. Ainda que essa unidade seja inadequada para novas amostragens, abre-se uma exceção para reproduzir o fragmento seguinte, no qual se constata uma reflexão sobre o casamento, surpreendente para a idade do autor:

Com isso aproximou-se a hora que para uns é motivo de futura felicidade e encantos, para outros, a raiz de uma vida atribulada, cheia de desgraças e sofrimentos morais!... A uns o casamento dá e renova a energia para a luta contra as contrariedade e desventuras da sorte, a outros tira o último animo, os restos da força moral e precipita n'um abismo de desespero completo; assim é o casamento!...

Um casamento no sitio .
Campo de Dentro, setembro 1914

A partir dos textos da década de quarenta em diante, a postura de cronista é dominante no distanciar o “eu” do narrador e o objeto da narrativa, e repetitiva no tematizar as festas. E o estilo desses registros é também repetitivo. Resta uma grande interrogação acerca dos registros autobiográficos no sentido emprestado ao termo pela teoria. Quais as razões que levaram Doutel de Andrade a privilegiar, na ocasião da transcrição, uns registros e esquecer outros, talvez em número superior? Como explicar as lacunas de 1915 a 1925, de 1925 a 1927? Talvez o pudor de deixar exposto, aos olhos indiscretos de estranhos, o registro de emoções mais íntimas. Apesar das marcas autobiográficas de Doutel jovem, a vida privada do homem maduro foi preservada.

Encontram-se apenas duas pequenas digressões de cunho amoroso, ambas referentes a futura mulher, transcritas fora da ordem cronológica, a primeira com data e localização - *Em casa, 25 janeiro 1922* - e o título de *Para recordações!* E a seguinte, sem título e sem indicação de localidade, porém datada de 1-12-1921, registra o regresso do memorialista *de uma viagem* e a emoção de encontrar *duas belíssimas rosas, em seu porta-cartões:*

Ao avistá-las já o meu coração dizia-me quem as havia colocado Não enganava-me... foi, justamente, aquela alma de inocência e candura quem as colocou! Uma côr de rosa, não sei ao certo o seu significado; a outra, de côr branca ou crême, exprime, sem dúvida, a candura, a pureza de nosso amor!...

De outro lado, o apagamento gradativo da autobiografia a favor da memória de sua comunidade confirma o pensamento de Halbwachs a respeito da memória de uma cidade estar amalgamada à vida de seus cidadãos. Esse apagar da história individual é a via mais segura que tem o “eu” de ceder ao “outro” e de penetrar na opacidade do coletivo.

As últimas palavras devem ser dirigidas ao leitor na tentativa de explicar alguns caminhos e algumas escolhas. A primeira explicação é relacionada ao fato de ser a leitura do texto o ponto de referência de maior intensidade e frequência, o que não invalida a possibilidade de outras leituras nem de outros modos de ler. Em sua totalidade, o meu ato de ler buscou de um lado salvaguardar a integridade dos originais, na tentativa de não encobrir as vozes textuais; e de outro lado expressar a pesquisa em um estilo compatível com a singeleza de seu objeto. A segunda razão é relativa à possibilidade de enfatizar a contribuição de ecos externos ao texto. O mundo exterior aos documentos lidos fez-se presente nas referências teóricas e nas analogias estabelecidas com outros textos de igual linhagem formal ou temática. E, sobretudo, na circunstância desses textos configurarem-se em produtos e testemunhos da cultura de uma comunidade. A terceira advertência é relacionada ao interesse norteador da pesquisa, a escolha de um *corpus* de maior amplitude e o interesse mais comprometido com o percurso e menos implicado com a chegada. A quinta, diz respeito à exposição de forte

compromisso didático de firmar e reafirmar conceitos, enfatizá-los e repeti-los ao longo do trabalho.

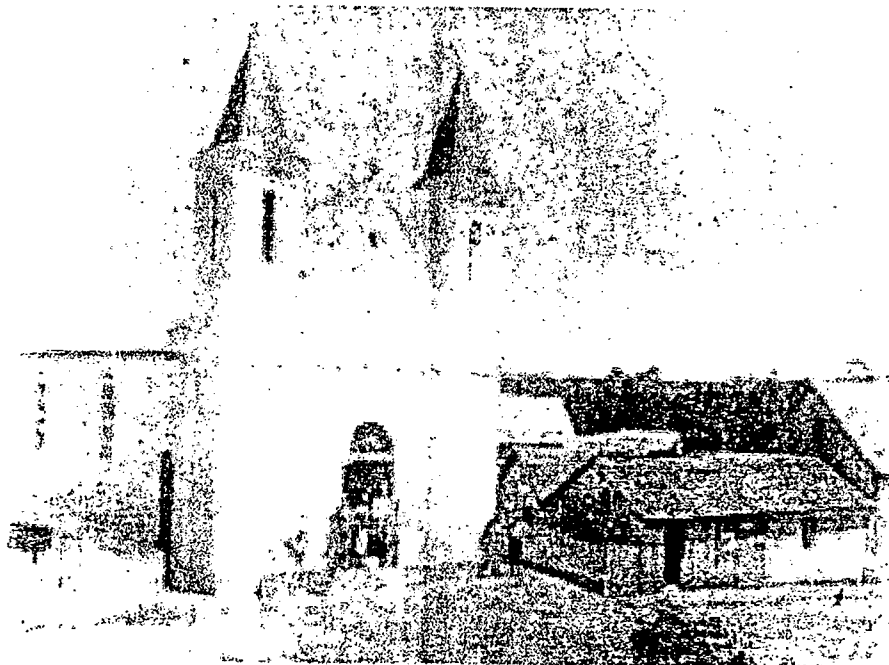
O último aviso refere-se à bibliografia de cujo rol constam apenas os títulos que serviram de suporte à leitura, pois a bibliografia passiva é muito mais extensa.

E, para concluir, valho-me do ensejo para apresentar o meu pedido de desculpas, pois, parodiando os versos de Fernando Pessoa, afirmo que durante todo o percurso de escrita.

O meu olhar não foi nítido como um girassol, talvez tenha olhado demais para a direita e para a esquerda...

Ao leitor cabe sempre a última palavra.

Bibliografia



Bibliografia específica

AGUIAR, M. de. **Cantigas de escárnio e maldizer: uma galeria de caricaturas**. In: _____. *Portugaliae Historica*, Tomo. 2. Lisboa, 1974.

ALBERTI, V. **O riso e o risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores / Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1999.

ARAGÃO, M. L. Memórias literárias na modernidade. **Revista Letras**, Santa Maria, jan./jun., 1992.

ARTAXO, V. As mil e uma manhas do Barão de Itararé. Folhetim. **Humor**, São Paulo, n. 269. 1982.

_____. Cadê o espaço do humor? Folhetim. **Humor**, São Paulo, n. 269. 1982

AUDEM, N. H. Notas sobre o cômico. In: **A mão do artista, ensaios sobre o teatro, literatura, música**. Tradução de José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Siciliano, 1993.

AUTRAN, M. Humor e política - uma questão de limites. Folhetim. **Humor**, São Paulo, n. 269. 1982.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 2.^a ed.. Tradução de Iara Frateschi. Brasília: Edunb, 1993.

_____. Biografias e autobiografias antigas. In: _____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 4.^a ed. Tradução (do Russo) de Aurora Fornoni Bernardini *et al.* São Paulo: Hucitec, 1998.

BALCOU, J. ANDRIES, L. e LUSENBRINK, H. J. "Literaturas populares". **Dix-Huitième Siècle**. Revista anual, 1995.

BATISTA, Sebastião Nunes. **Poética popular do Nordeste: Literatura Popular em Verso**. Rio de Janeiro. Fundação Rui Barbosa, 1982.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Tradução de José Lino Grünnewald. In: _____. **A Idéia do Cinema**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

BERGSON, H. **O riso: ensaio sobre a significação do riso**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1983.

BORDIEU, P. A ilusão biográfica. In: MORAES, M. F. de. e AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

_____. Campo intelectual e projeto criador. In: _____. **Problemas do estruturalismo**. Tradução de Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Zahar Editores,

BOSI, A. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: _____. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Céu, Inferno: ensaios de crítica literária e ideologia**. São Paulo: Ática, 1966.

BOSI, E. **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias**. Petrópolis: Vozes, 198.

_____. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 7.ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BRAGA, J. L. **O pasquim e os anos 70: mais pra epa do que pra oba...** Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1991.

BURKE, P. **Cultura popular na Idade Moderna**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CALVINO, I. Definiciones de territorios: lo cómico. In: _____. **Punto e aparte**. Ensayos sobre literatura y sociedad. Tradução de Gabriela S. Ferlosio. Barcelona: Brughera, 1983.

CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: _____. **A Crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

CARMINA Burana - Textos Medievais. **Revista Diógenes**, Brasília: Ed. da Universidade de Brasília. A Arte no Mundo Atual, vol. 9.

CARRASCOZA, J. A. Todo mundo ri da nossa propaganda. **Revista Comunicações e Artes**, São Paulo, ano 14, n. 22, novembro, 1989.

CASCUDO, L. da C. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: INL, 1954.

CHARTIER, R. "Cultura popular": revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995.

CIAN, V. **La satira**. Milão, 1945.

COELHO, J. P. Humorismo. In: _____. **Dicionário de Literatura**. Porto: Livraria Figueimitras

CRESPO, F. A tradição de uma lírica popular portuguesa antes e depois dos trovadores. **Revista Ocidente**, v. LXX, n. 340, 1966.

CURTIUS, E. R. **Literatura européia e Idade Média Latina**. 2.^a edição. Tradução de Teodoro Cabral e Paulo Rónai. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

DARNTON, R. **O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa**. 2.^a ed. Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ECO, U. O cômico e a regra. In: _____. **Viagem na irrealidade cotidiana**, Tradução de Aurora Fornoni Bernardine e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ESCARPIT, R. **El humor**. Buenos Aires: Eudeba Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1962.

FACIP, Curso de Ciências Sociais, **Lendas e mitos de Lages**, 1974.

FEINBERG, L. **Introduction to satire ames**. Iowa USA: The Iowa University Press, 1965.

FIGUEROA, C. A. L. Tendencias del Estudio del Folklore en América en la Actualidad. Necesidades y Perspectivas. In: _____. **Folclore Americano**. México: Instituto Americano de Geografía e História, n. 50. 1990.

FISCHER, E.. **A necessidade da Arte**. Tradução de Orlando Neves. Lisboa: Editora Ulisséia, s/d.

FOURASTIÉ, J. Reflexão sobre o riso. Tradução de Ana Maria Falcão. **Diógenes - Revista Internacional de Ciências Humanas**, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, n. 7, dezembro, 1984.

FREUD, S. El humorismo. In: _____. **Obras completas**. Madrid: Nova V. VIII, 1973.

FRIEIRO, E. Poetas satíricos mineiros. In **KRITERION - Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, Minas Gerais, n. 61/62, p. 539-583. (cópia xerox sem outras identificações)

FRYE, N. The mythos of Winter: Irony and satire. In: _____. **Anatomy of criticism**. Princeton: Princeton University Press, 1957.

GONÇALVES, M. Para uma história da noção de ironia da Antiguidade Clássica à Escola Clássica francesa. **Revista Portuguesa de Filosofia**, Braga, Tomo LII. Fascs. 1/4, 1996.

GRANDE Enciclopédia Brasileira e Portuguesa. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia Limitada, vol. XX, s/d, p. 315, 517.

GUEDES, H. **Curiaçu e a Gralha Azul**: as lendas das araucárias. Curitiba: Coleção Lendas Paranaenses, 1997.

GUSDORF, G. **Mito e Metafísica**. Tradução de Hugo di Primio Paz. São Paulo: Convívio, 1979.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

_____. **Mémoire et persone**. Paris: PUF, 1968.

HATHERLEY, A. **Estudos Universitários da Língua e Literatura** (número em homenagem ao professor Leodegário A. de Azevedo Filho, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva. 1980.

KONDER, L. O legado do Barão. In: _____. **Barão de Itararé**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

LEVI, G. Usos da biografia. In: FERREIRA M. e AMADO J. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

LEWIS, G. H. **Uncertain truths: the promotion of popular culture**. *Journal of Popular Culture*, Published by Bowling Green University in Cooperation, v. 20, n. 3.

LUYEN, J. M. **O que é literatura popular**. 3.^a ed., São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

_____. **Sistemas de comunicação popular**. São Paulo: Ática. 1988.

MALTA, M. H. Max Nunes - Um profissional do humor. Folhetim. **Humor**. São Paulo, n. 269. 1982.

MALUF, M. **Ruídos da memória**. São Paulo: Ed. Silicône, 1999.

MATOS, C. N. Popular. In: JOBIN, J. L. (org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, Biblioteca Pierre Menard, 1998.

MENEZES, E. D. B. de. O riso, o cômico e o lúdico. **Vozes: Revista de Cultura**. n. 1, 15, 1974.

MEYER, M. **Autores de cordel**. São Paulo: Abril Educação, 1980.

MIGOZZI, J. Dez anos de pesquisa em literaturas populares: o estado da pesquisa visto de Limoges. In: BERND, Zilá e MIGOZZI, Jacques, (orgs.). **Fronteiras do literário: literatura oral e popular Brasil/França**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1995.

- MOISÉS, M. **A Literatura Portuguesa através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 1996.
- _____. **Dicionário de termos literários**. São Paulo. Cultrix, 1982, p. 137
- MORAES, E. A. de. O humor e similares. In: _____. **Drummond rima Itabira mundo**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. Coleção Documentos Brasileiros, 1972.
- ORTÊNCIO, B. **Cartilha do folclore brasileiro**. Goiânia: UCG, 1996.
- ORTIGA, O. C. **As três formas do risível em Millôr Fernandes: o cômico, o satírico e o "humor"**. São Paulo: USP, 1994. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). Universidade do Estado de São Paulo.
- PAVÃO, J. A. de. Conceitos de popular e popularizante. In: _____. **Popular e popularizante**. Ponte Delgada: Universidade dos Açores, 1981.
- PEIXOTO, A. **Ensaio de breviário nacional do humorismo**. 2.^a edição, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- PELOSO, S. **O canto e a memória: História e utopia no imaginário popular**. Tradução de Sonia Netto Salomão. São Paulo: Ática, 1996.
- PIRANDELLO, L. **Ensaio**: "una especial contraposición entre el ideal y la realidad", Madrid: Ediciones Guadarrama, 1968.
- POLARD, A. **Satire reprinted twice**. London: England, Metlwen E Co Ltd, 1977.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE PAINEL. **Culinária painelense**, 1998. Folheto
- RANGEL, F. Humor é um caso sério. Folhetim. **Humor**, São Paulo, n. 269. 1982.
- RIBEIRO, L. T. **Mito e poesia popular**. Rio de Janeiro: Funarte/Instituto Nacional do Folclore, 1987.
- RITTER, J. **O riso e o risível na história do pensamento**. In ALBERTI, Verena. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor - Fundação Getúlio Vargas, 1999.

SCHOLBERGH, K. R. **Sátira e invectiva en la España Medieval**. Madrid: 1971.

SCHROEDER, F. E. H. **The discovery of popular culture before printing**. Journal of Popular Culture, Published by Bowling Green University in Cooperation, v. XI, n. 3.

SETÚBAL, P. **Confiteor**. Memórias: obra póstuma. 12ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1983.

SILVA, L. D. (org.). **O Carapuceiro - O padre Lopes Gama e o Diário de Pernambuco 1840 - 1845**. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1996.

SMITH, J. F. Humor, cultural history and Jean Shepherd. **Journal of Popular Culture** Published by Bowling Green University in Cooperation, v. 16, n. 1.

SOUZA, M. de. O primeiro humor. Folhetim. **Humor**. São Paulo, n. 269. 1982.

SPACKS, P. M. **Some reflections on satire in satire: modern essays in criticism**. New Jersey : Prentice-Hall. Inc, 1971.

SPINA, S. **Apresentação da lírica trovadoresca**. Rio de Janeiro, 1956.

SUSSEKIND, F. e VALENÇA, R. T. **Poemas de Joaquim José da Silva**. Rio de Janeiro: FCRB, 1983.

VAINFAS, R. **Casamento amor e desejo no ocidente cristão**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1992.

WANKE, E. T. **O trovismo. Primeiro movimento literário genuinamente brasileiro**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas.

WORCESTER, D. **The art of Satire**. Cambridge: Harvard Unive. Press, 1940.

ZAGO, A. Escritores bem e mal humorados. Folhetim. **Humor**. São Paulo, n. 269. 1982.

Bibliografia geral

ALVES, S. A. A. **Painel: notas para sua história**. Itajaí. 1995. Monografia (especialização) Coordenação de Pós-graduação: Universidade do Vale do Itajaí.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Souza. Porto Alegre: Editora Globo, 19..

BARTHES, R. Culture de masse, culture superieure. In: _____. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, tome I.

_____. Da ciência à literatura. In: _____. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1976.

_____. Oeuvre de masse et explication de text. In: _____. **Obras completas**. Tome I.

BORDIEU, P. **O poder simbólico**. São Paulo: Difel, 1989.

BORELLI, S. H. S. Gêneros ficcionais na cultura de massa. In: FONSECA, C. (org.). **Fronteiras da cultura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993.

CANDIDO, A. Dialética da Malandragem. In: _____. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1993.

_____. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: _____. **Literatura e sociedade**. 7.^a ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

COMMOR, S. **Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo**. Tradução de Adadil Ubirajara e Maria Stela Gonçalves. Edições Loyola, 1992.

DUMAZEDIER, J. Massas, cultura e lazer. Tradução de Wamberto Hudsno Ferreira. **Diógenes** - Revista Internacional de Ciências Humanas. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, n. 7, dezembro 1984.

ECO, U. A inovação no seriado. Tradução de Beatriz Borges. In: _____. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

_____. **Apocalípticos e integrados**. 4ª ed. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1990.

_____. **Apocalittici & integrati**. Comunicazione di massa e teorie della cultura di massa. Roma: Bompiani, 1972.

ERNST, F. A fundação da arte. In: _____. **Sociologia da arte**. Tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Zahar Editores

FOUCAULT, M. O que é um autor? In: _____. **O que é um autor?** 2.ª ed., Veja Passagens, 1992.

HABERMAS, J. Ética do discurso. In: _____. **Boletim de Filosofia**. Rio de Janeiro, n. 5., 1988.

HINDS, H. E. Jr. N. Latin american popular culture. A new research frontier: achievements, problems and promise. **Journal of Popular Culture**. Published by Bowling Green University in Cooperation, v. 14, n. 3, Winter, 1980.

HOLLANDA, H. B. de. **Pós-modernismo e política**. Rocco, 1991.

JAMESON, F. Reificação e utopia na cultura de massa. In: _____. **As marcas do visível**. Tradução de João Roberto Martins Filho. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1995.

LEAL, V. N. **O coronelismo, enxada e voto**. São Paulo: Editora Alfa - Omega, 1975.

LIMA, L. C. (org.). **Teoria da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Saga, vol. I

LOPES, T. P. A. A crônica de Mário de Andrade: impressões que historiam. In: _____. **A crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, São Paulo, 1992

MALCOM, J. **A mulher calada: Sylvia Plath, Ted Douglas e os limites da biografia**. Tradução de Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MEYER, M. **Folhetim**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MIGOZZI, J. Dez anos de pesquisa em literaturas populares: o estado da pesquisa visto de Limoges. In: BERND, Z. e MIGOZZI, J., (orgs.). **Fronteiras do literário: literatura oral e popular Brasil/França**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1995.

MIRANDA, W. M. Projeções de um debate. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 4, n. 1, 1998.

MORAES, E. A. de. O humor e similares. In: _____. **Drummond Rima Itabira Mundo**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. Coleção Documentos Brasileiros, 1972.

ORTEGA, C. E. Síntesis panorámica. In: _____. **Historia de la biografia**. Buenos Aires: Librería y Editorial "El Ateneo", 1987.

PINTO, A. Z. Celeiro de talentos. Folhetim. **Humor**. São Paulo, n. 269. 1982.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PAINEL, **Painel - nossa gente**, 1999. Folheto.

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ROSEMBERG, B. e WHITE, D. M. (orgs.). **Cultura de massa**. Tradução de O. M. Cajado. São Paulo: Cultrix, 1973.

SANTIAGO, S. Democratização no Brasil - 1979-1981. (Cultura versus arte). In: ANTELO, R.; CAMARGO, M. L. de.; ANDRADE, A. L. e ALMEIDA, T. V. de. (orgs.). **Declínio da arte / ascensão da cultura**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1998.

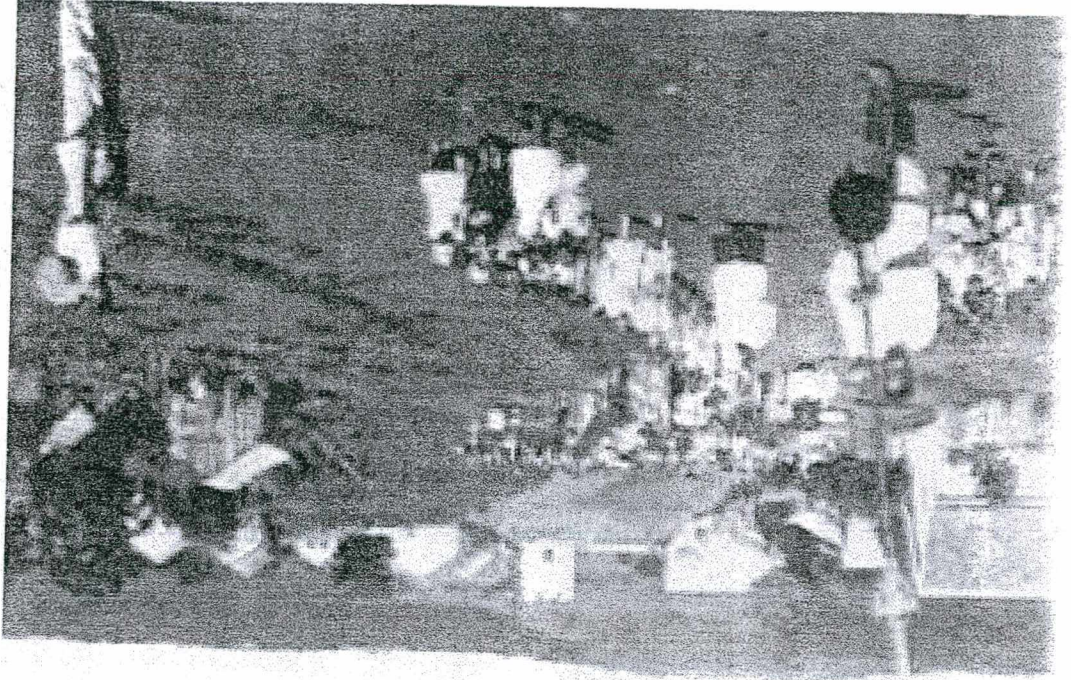
SUSSEKIND, F. **Papéis colados**. São Paulo: Livraria Cultura, 1993.

TOMACHEWSKI, B. Os gêneros literários. In: _____. **Teoria da Literatura (formalistas Russos)**. Porto Alegre: Editora Globo.

VATTINIO, G. **O fim da modernidade: Niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**. Lisboa: Presença, 1987.

WERNECK, M. H. **O homem encadernado**: Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1996.

ZILBERMAN, R. (org.). **Os preferidos do público**: os gêneros da literatura de massa. Petrópolis: Vozes, 1987.



Anexos

Lista de anexos

ANEXO I - Os sucessos deste ano	194
ANEXO II - Pasquim do baile de São João (Painel)	201
ANEXO III - Campanha de um político desorientado em Pedras Brancas.....	204
ANEXO IV - Novos anúncios do PSD do Painei	209
ANEXO V - Pasquim do PSD do Painei	219
ANEXO VI - Painei município	226
ANEXO VII - Painei de ontem e de hoje. O que será o amanhã?	231
ANEXO VIII - Novo Município	234
ANEXO IX - (Sem título).....	236
ANEXO X - Painei e seus movimentos	239
ANEXO XI - (Sem título)	241
ANEXO XII - Primeiro pleito de Painei outubro/96	244
ANEXO XIII - (Sem título)	247
ANEXO XIV - (Sem título)	252
ANEXO XV - (Sem título)	255
ANEXO XVI - (Sem título).....	259
ANEXO XVII - Painei em movimento	261
ANEXO XVIII (Sem título)	263
ANEXO XIX - (Sem título)	266
ANEXO XX - (Sem título).....	268

ANEXO I – Os sucessos deste ano

Os sucessos deste ano

Vou escrever estes versinhos
Para dar amostra do pano
Vou contar para você
Os sucessos deste ano
O casamento da filha do mafra
e o baile do fidejante Mariano

Venho vindo lá da lua
e também subi a Serra
acompanhando o noivo
pra vir dançar nesta terra
o casamento deu bom
mas o baile foi numa tapera

O casamento deu bom
tudo bem organizado
O mafra desempenhou
por ser um homem educado
Tinha muita fartura
Tratou bem os convidados

A noite fomos chegando
para o baile afamado
As moças entraram alegres
junto com seus namorados
E nós chegamos atras
pois não éramos convidados

A música era boa
Dava para animar
O Altino Amaranante
é que veio abulhantar
Com suas belas músicas
Dava bom para dançar.

O Tiliu, o Ori e o Herminio
Pensando que eram rapazes
Se meteram na sala

Para arranjarem cartez
Deixaram as moças na frente
e eles ficaram pra trás

Herminio, Ori e Tiliu

Deviam de respeitar
Não fossem apagar as velas
Para o povo não falar
O José muito católico
Devia não ajudar

João Mariano não via isso

Por estar muito apobado

Dancando com sua esposa

Pareciam dois namorados

A gente estava na casa

Cada um mais enrugado

O Jonas do Lorinho

Do Dedi' era o capanga

Tomaram seu facão

Deixaram ~~pra~~ de Tanga

pra continuar a folia

ficou com um canzil de canga

Chega de falar no Dedi'

Porque é um homem aguzado

Tando fora da cachaca

Até que é muito educado

Mes quando ele tem dinheiro

Bebe e fica exagerado

Um negro velho sempre
que se chamava de João
esperado de do João
deu a grande felicidade
convidou sua mulher
& chegou um varado

Para a família do seu Henrique
A casa não foi grande
João e Deolinda se alegraram
Proprietário foi adorado
Vivia seu filho pequeno
& menino, vamos andando

Três anos depois João
que viveu do Henrique
Uma com os outros convidados
Ela como linda grama
& entre muita coisa
que se chamava Maria

As filhas de professora
Estavam se aliantando
mas antes de mais nada
foi feita ocupando
Para não esquecerem com o Digo
Viviam entre e foram andando

Com a mesma do João
Alargaram a família
convidaram como João
Baptista e ficaram
que foram todo o João

Três irmãos do Dedi
João, Rogério e Adastias
São uns rapazes muito educados
Nem parece serem irmãos
Atendem qualquer pessoa
Mostram grande educação

Vamos tratar de assunto
Parar de falar no Dedi
Pois negro em sociedade de branco
É como foi Jayuani
Deixe que vá encher a lata
Nos bares do Paine'

Passei fome, passei sede
no bote do meu fofozinho
Passava da meia noite
E nada de um cafezinho
Chegava-se lá na cozinha
Os baldes tavam sequinhos

Era só gente suspirando
Tremendo atrás do fogão
E não saia o café
Pra esquentar o coração
Voltamos ao boteguim
gastar os últimos tostão

Contei tudo o que passou-se
lá deu suas trapéias
Digam o que quiserem
Nju cante ou besteira
Mas a verdade é que o Mariano
Encheu bem a cantucheira.

Dai por diante
a favela modificou
Dede começou a puler
e o pessoal se amestrou
foram saindo aos
poucos e o baile se acabou

Disse que ia acabar o baile
Por ser o mais valentão
Que todos respeitam ele
Por ser filho de Zé Adão
Nã lembrou que lá no Briesio
Ele entrou no facão

No concurso de beleza
O Dede também se alçou
Queriu ser o mais bonito
Mas o Tio Nardo ganhou
Cinqüente votos na frente
e a comissão aprovou

No concurso de dança
Nã deu boa pro Tio Nardo
O Dede saiu na frente
Por ser sobrinho do viado
Por isso nã deu briga
Ficou tudo arrumado

No concurso de traje
Era o Dede do Zé Adão
Um casaco mui gaúcho
Do tempo do faquetão
Dava boa noite ao povo
Para prestarem atenção

Criou que gostei de ver
o jeito dele dançar
sapateira e dava gritos
para a farra animal
quando foi a meia noite
o jeito foi se apagar.

Para a filha do Mapa
O baile deu de amargar
passou embalando o nenê
para sua mãe dançar
Pois ninguém sem chupeta
é custoso de consolar

As filhas do Zanqueta
Do Panel vieram chegando
para o tal baile apamado
que há tempos vinham falando
foram as de mais coragem
Pois amanhecera dançando

O Ivandê cedrava a cota
O Herminio é quem chamava
As filhas do Zé diso
Eram as que mais brilhavam
E o Tino na cordona
Belas valças executava

Na hora da cota
O Dele Zé tava alopado
Talvez não tinha dinheiro
ficou um pouco emvergonhado
foi o último que pagou
Tava num canto emburrado

Pego desculpas Senhoras
Desta minha brincadeira
Não falei nada de mal
Isto é história verdadeira
Aí peço é um convite
Para a próxima Domingueira

Pego licença Senhoras
Que eu vou me retirar
Eu mesmo não fui daqui
Para casa eu vou voltar
Levando boa impressão
Do povo deste lugar

Adieu Sr. João Mariano
É todo o pessoal, enfim
Quando fizerem outro baile
Não se esqueçam de mim
Sou um grande companheiro
Sempre colaboro assim

Quem escreveu estes versos
Foi um caboclo bem láo
Não vão culpar ninguém
Sem fazer minha explicação
Vou escrever o meu nome
Para não dar confusão

Assinamos Os astronautas.

ANEXO II– Pasquim do baile de São João (Painel)

PASQUIM DO BAILE DE SÃO JOÃO (PAINEL)

I
Dia 18 de junho
uma data que marcou
um baile de São João
no Painei se realizou
com os seguintes festeiros
Angela Bauer e Salvador.

II

Eu lá compareci
da festeira fui convidado
as 04 horas da tarde
eu já tinha chegado
queira anotar tudo
prá fazer verso rimado.

III

As 03 horas da noite
os festeiros abriram o salão
e eu prá lá fui chegando
pra vê a decoração
tinha roda de carreta
e também muito balão.

IV

A decoração ficou bonita
tanto de noite como de dia
uns cartazes bem pintado.
em todo canto se via
em dois canto do salão
os resto do João Sofia.

V

Quando o baile começou
eu já tava quase cansado
as 11 horas da noite
é que os festeiros foram
entrando, dançando a 1ª falsa
com os lencinhos abanando.

VI

A roupa da festeira
muito bem combinada
vestido era vermelho
todo cheio de babado
bota preta cano longo
não sei se eram emprestados.

VII

A festeira eu já conhecida
já foi minha namorada
tava trabalhando muito
nem notou minha chegada
agora o pobre do festeiro
não ficou me devendo nada.

VIII

O baile começou animado
logo onheou o salão
começou a servir
doce, pipoca e quentão
mas o que apareceu mais
foi vergamota e pinhão.

IX

Eu quase não temei
foi o tal de quentão
dizem que tava frio
não tinha gás no fogão
era só cachaca moima
misturada com limão.

X

Todo o baile de S. João
sempre levo uma lembrança
mais este eu não consegui
era na base da poupança
acho que era distribuido
pros amigos de confiança.

XI

Nas deixe as lembranças pra lá
vamos falar nas rainhas
candidatas diferentes
duas altas outra baichinha
mais tinha poucos amigos
essa foi a impressão minha

XII

Trabalharam a noite inteira
mais quase não rendeu
a baichinha foi cleita
não sei como venceu
porque na hora da contagem
dinheiro pouco apareceu.

XIII

A que ficou de rainha
nem um pouquinho me agradou
certo das tres candidatas
foi a que mais trabalhou
pai e parentes nada tinham
nao sei da onde tirou

IXXX

Paremos de falar nas rainhas
que o assunto ja esta manjado
vamos falar nos concursos
que tambem foi engracado
meteram muitos pares
mas, so um foi contemplado.

XV

O concurso de chote
foi as tres da madrugada
mais nao levaram nada
agora eu sei bem
que esse concurso e marmelada

XVI

Eu gostei do presidente, so tem
papel mais nao age
cuida bem da portaria
pra proteger sua imagem
porque o baile tava bom
mas entrou muita rasoagem

XVII

O festeiro dese ano
no convite ele abuzou
ate mulher apartada
na portaria passou
a lei do divorcio foi aceita
mas ainda nao vigorou

XVIII

Os festeiros do ano que vem
parece que sao bom
a filha do Leandro Camargo
o filho do Orion
o Maneco e a esposa
sao gente de educaçao

XIX

E os festeiros novos
que tragam musica boa
que sejam bem educados
e trate bem das pessoas
que a festa quem faz e o povo
nao adianta so ter prox.

XX

Para o ano voltarei
com muita disposicao
quero vencer os concursos
de xote e de venerao
comer bastante pipoca
e ferver o quentaõ

XXI

Meus amigos do Painel
ateo o ano que vem
recebam o meu abraço
deste amigão de voces
que assistiu essa festa
e há de vir outra vez.

XXII

Prá terminar meus versos
deixe um abraço ao festeiro
e a linda festeirinha
meu beijinho derradeiro
aqui eu hei de volta
por todo o mes de janeiro

XXIII

Quem quizé saber meu nome
procure que há de achá
sou solteiro e desimpedido
ainda quero me casá
se gostou das minhas rimas
sou do Bairro Guarujá.

ASS.

Paulano da Silva Bertrano de Liz
Cicrano.

**ANEXO III – Campanha de um político desorientado em Pedras
Branças**

A Campanha de um político desorientado em Pedras Brancas

Amigos eu vou cantar
É só o que aconteceu
Se começo da política
O começo a política
A fazer a propaganda
Falar contra o crime

Vigia para os amigos
Lhe agora ia trabalhar
Em Pedras Brancas
Para as coisas melhorar
É que ele ia ser um grande chefe
Iqui no mesmo lugar

Mandou buscar o material
Para a qualificação
E se esperava um tempo
Para lhe dar instrução
E queria fazer uma coisa
Em grande utilização

Quem que seu filho veio
Se começou a trabalhar
Caminhando dia e noite
E nada pode avistamar
Mandou chamar a Sargenta
Que viesse lhe ajudar

A Sargenta muito pronta
Atendeu o seu chamado
E seguiu em propaganda
Lhe hestiver para outro lado
Lhe estava seus parentes
Lhe estava debruçado

Caminhando um mês inteiro
E só pode avistamar seis
Elegue de lá e perguntou
O mesmo o que é que tu fez
Por enquanto nada
Mas vou apelar com os amigos

Apelou para os amigos
E não teve resultado
Quando viu que nada tinha
Lhe ficou desorientado
E apelou para o capangão
E bancou o despitado

Quando viu que nada tinha
Qualificou sua filha
Que era de menor idade
E a lei não lhe permitia
Lhe em todo caso levou
Para ajudar na marguia

es Sargenta, viu se mal
E levou para o Serriano
Pedindo que lhe ajudasse
Para dar mostra de laço
Que o americano não para
Lhe espingarda de Baiano

O Serriano enfrentou
Com grande satisfação
O pedido da Sargenta
Lhe estava o agravo
E mesmo de é como gato
Que da a fura e de onde a pua

Em breco em sua aranha
 Esqueceu o seu destino
 Pegou a mulher do Ze Albano
 E o pessoal do Gasparino
 E mandou um proprio glamar
 A senhora do Vergunio

Com isto se animaram
 E reforçaram mais um cano
 De lembraram do Genialges
 Foi sempre foi do seu dono
 E a Sengriata logo disse
 Va de joera e vençiane

Vou deixar o menino
 Porque é um homem educado
 Deixou a coisa no jeito
 E nunca foi arrojado
 Foi por causa da Sengriata
 Que sempre foram mangrados

Amigo o Antonio Bento
 Veja como é que o menino vai
 Foi foi atral do camelo
 E desta tu nunca mais vai
 Devia deixar tua esposa
 Ter adquirido o Pai

Pegmetaram uma escola
 Para a senhora do Zecca
 E ali ali ando persuado
 Para memorar a escola
 E agora ando listareada
 Com a cara de guafica

O meu amigo José Lino
 E a Sengriata
 Nunca mais tu caia nesta
 Va cuidar em prestar ajuda
 E ainda mil e tunico
 Para levar essa rata

Oellano não é eliter
 Mas ajudava a policia
 Daval pira ao Brigadeiro
 Quando sua casa pedia
 E parceiro do cunhaico
 Para ajudar fazer marguia

O Amicio e a Sengriata
 Foram sempre discutado
 Diziam para Otulio
 Tenha sido deportado
 Porque era cummunieta
 De sua patria deprecado

O Otulio não foi bozo
 E nem tão fecco discutado
 Quem fasia essas noticias
 Eram os seus pe machados
 Foi quem fala contra o Otulio
 Devia ser fugido

Ajudavam pelas estradas
 E recel carro sem freio
 Diziam para os parceiros
 E a talim e que acorticeu
 Foi ja fomos o Otulio
 E Santos foram o Oturan

21º

Estavam com a vitória
que já estavam acumulados
que o presidente era deles
e os governos de estado
e que agora iam fazer
os fusíveis e munições de guerra

Captaram certa a vitória
andavam muito fáceis
e os des tinham na vida
que entrava o Brigadeiro
e os já andavam inventando
os preços dos canhões

23º

Mas isto foi mal compreendido
e lutar com suprego de hácio
este a mala do Correio
mas eles nunca esperavam
que o trem ia ser tão feio

24º

elas vejam quanto de pão furo
e prestem sem atenção
tudo isto de já iam
e as antes das eleições
e as até as três pequenas
já estavam no vilão

25º

Américo foi para
o começo do seu lance
foi em sua companhia
e são e Maria e José Mariano
para receber dinheiro
e os dinheiro do de Paulo

26º

Esperou o Caminhão
e encheu de munições
e saíram citando fôra
Dando para o Brigadeiro
elas de noite quando voltaram
e os munições de guerra

27º

Esperaram em casa e se foram
e os para a montanha
e a procura de um caminho
que andavam com canhões
e os não eram deitar
Mas tinham esta liberdade

28º

Américo foi a cavalo
e quite com dois canhões
e os retrato do Brigadeiro
e os na churrascada
Para mostrar aos companheiros

29º

E quando voltou de lá
e os mais animado
e os a verava o dia de
Para colocar os supregos
e os quando andavam
e os onde estava virado

30º

e os começou tudo lá
e os seu nacio era muito bom
e os trazia as propagandas
e os que lhe ensinava o Correio
e os porque agora não fazia
e os os dias da asuração

Porque não vai a cidade
 Que tudo dia tu ia
 Que dele os teus belinos
 Que na estrada po a via
 Linca, mais tu e mola
 De chefe da marquisa

Porque vou terminar
 Com grande satisfação
 Si foi o teu brigadeiro
 E si te deixo sei Paichão
 Com falta de dinheiro
 E frequer para o balão

32

37

E como e que tu te acumas
 Agora com os teus empregados
 Prometeu emprego a todos
 E agora esta delrotado
 Foi po a revista de menina
 Que tu enganou os coitados

Américo me deraije
 Minha grande preocupação
 Chius que eu vou embora
 E aperte a minha mão
 E no mais queira aceitar
 Lembranças do teu irmão
 Loureco do Mel

33

Que dele a tua companhia
 Que não saia da estrada

Vele a casa fechada
 Tudo em maior silencio
 E não se ve mais nada

34

Américo vou me dia
 Porque e que tu adoeceu
 Pois si tu não ha coraçom
 Porque e que tu se meteu
 Tudo isto e castigo
 Por tu falar de chorreu

Luís Gaspar Dutra

Viva o Dr. Getulio Vargas

Viva o Dr. Azevedo

Américo vou me dia
 E puzte sem atenção
 E tu nunca se pôde em polidica
 Cuidado do do teu Varcão
 E si muito tu liguera
 Do com mais educação

ANEXO IV – Novos anúncios do PSD do Painel

pp Novos anúncios dos P.S.D. de Paimul
Vou dar mais uma notícia
Da corrupção de Paimul
La pose de Serafim
Eo bandidismo do Fidel
Do roubo de Augusto Lima
Apoiado pelo Gacitel.

No P.S.D. tudo são ^{com} qualidades
Sem vergonha todos foram
O Celso Ramos é o chefe
Da quadrilha de ladrão

Um prometo importante
É o sr. Augusto Lima
roba da prefeitura
E vive muito grangoso

Dos chefes dos Países
Não foi qual é o melhor
O Augusto não vale nada
O Brasil ainda pior
O Estácio é muito ruim
E ainda há mais milhar

Botaram no inventário
os trechos das capitães
O Brasil do P. S. D.
É do qual chega primeiro
Pode fazer a primeira
Com primeiro de Janeiro

Os dezoito que se elucideram
Com asdas primeira sigra
Não trabalhou mais
E esperam a primeira
Mais o Augusto de de
Sempre para o S. de

Antes das eleições
O Augusto ficou primeiro
Não quis mais o Brasil
E na parte seguinte o P. S. D.
E trabalhou de de facto
No trecho do Bernardino

Quem tem um pedaço de
Cui do Antonio Bido
Todos pedem de
Por o top desta de opite.
E o soldado de Cariniquio
Que a gueltes fazer delito,

Mais o qui não deu nada
Faz a fulea e depois sai.
Se aude do matorano
Para seus filhos ter pai.
Se o Gladio te pagar
Eu nem sabe onde dar.
Para o pobre de Nasser
Igerant asdas judicaria
O do cuneco que é um bandido

anda na calabresa
O Augusto que é um Polaco
Tem a carta da furia

Mas o sulgado é
O Augusto e o Bandido
Cuneco um homem de
de Delgado do General
o Cariniquio é um soldado
Que para até a mulher.

O Augusto e o Bandido
São dois com diferentes
Foram piratas o matorano
Augusto não tem culpa
deparado o Gladio
debaixo do delgado.

Pedro Joti e igluero

Egle quem sea graduado

habendo a durgento presen

ya e rigo pronto maio deo

huais de mdo pale maola

Mens que seja delogado

...

Tinha que esquecer de falar

Do padre Pedro Pedreira

que pro magistero vive sempre

Pera de milhor as curas

Agora queda deofarado

Com a cara de quipera

O Amarello fergao ~~Paulo~~

Com cara de paguata

Guludido e de

Jogando a rigo proco a mda

Agora rugou os cantos

Com todos os Aldemias

Agora quem o Senafer

Que e Pedro Sei Aruadist

o meu talpo magro e feo

E temlibre muito rigo

que queda queda no mundo

Por deuido de novo Senhor

O grupo Corina Pinto
Também já levantou
Três professoras formadas
Das estratégias em outros lugares
As professoras da UDN
Não sabem ler e escrever

Mas frequentemente sempre as mesmas
Não puderam ensinar nada
Foi só a Nita de Nello
Que fez a parte legível
Esta deixando no grupo
Dizendo que é formada

O seu conhecimento
Também está quebrado,
Ele era verdadeiro
Certo que passou a Portugal
Mas não se orgulha na casa
Não respeita os apêndices

Dele não se sabe nada
Um pouco de arte e habilidade
Certo que não é um primário digno
A Dona está escrevendo
A filha está lendo
A casa é aonde se aprende

Éle tem o nome de morte
Que acorda esta consciência
Da morte do culpado
Éle também é culpado
Mas não se dá, deixas
Essa cruz vai por julgado

O homem em poucas palavras
Ja conti' sua aventura
Porque falar no assunto
Que também tem a cara dura
Esta ficção não
De verdade da profetia

da
OS filhos da tia Delinda
A gusman - e o Oliva
Éle tinha pensa' cada qual
Ela cuida: Admiração
Tudo que acontece
Nos primeiros dias

Adria em peso dele
E que se quise te digi
3011 gusman
Gale me R. S. D.
O assunto é que fica
Quem acredita e vive

legora de ardependencia

De Comogno Amira

Deo pagen haico assualdo

Para nra de pedora fura

Mais adioqta aperta

Comogno e o doo

Phacastarum o P. S. D.

Henrico que meu este

Mao deidreca sa nra

Go dea pava seu daga

Joabano Coma e Rando

Comogno esta li comado

Deu pagen pra preferencia

Mai justa de sime

que miquera sado pteia

deu go o Pote segilho

Mou pode pagar justice

Reho Goti canda se aperta

Com a duuiera do Raina

Mao pag nada logradu

Seus co mborrao cois darta

Iplo que ele quer faga

loguila co borraes gade

Agora vou terminar
esta esgotando o papel
já fazes bem a vergar
D. of P. S. D. do R. ou
Seço me desculpar
Seu obrigado e seu D. ou

Adieu Cuzgado e D. ou
Deito amilde J. ou
Quando figura coure
Coulme com o J. ou
Amão ele vai na grade
Corta tudo pro R. ou

Seo deulpor J. ou
De minha grande J. ou
Gates homens que J. ou
J. ou J. ou J. ou
já está com J. ou
J. ou J. ou J. ou

Quem escreve este J. ou
Foi um calado dos J. ou
Mão não calpar em J. ou
J. ou J. ou J. ou
J. ou J. ou J. ou
J. ou J. ou J. ou

Amão: J. ou J. ou J. ou
J. ou de J. ou J. ou
J. ou J. ou J. ou
J. ou J. ou J. ou
J. ou J. ou J. ou
J. ou J. ou J. ou

ANEXO V – Pasquim do PSD do Painel

Parqueim do P.S.D. do Painei
Amigos pelo licença
Uma história sempre a mais animada
No assunto da politica
Quero falar
O P.S.D. do Painei
E arasto vai ficar
You dar uma noticia
Do P.S.D. do Painei
Da posse do perai
Do Bandistino do Painei
Do povo do Augusto Lima
Apoiado pelo Bontel
A politica no Painei
O Augusto e o Bontel
São dois chefe da espada
prometeram muita coisa
E não cumpriram com nada
Celso Ramos foi eleito e
O que a gente tem que dizer
As ponte esta quebrada
Mas pode quando fazer
A motorista que pensa
Não vota no P.S.D.

Quem chega no Paraná
sem que descer um mar
É a mera o Augusto Linguica
e também o João Buro.

Tudo quer ser importante
Mas isso ainda tem fim
Até quem quer ser o maior
É o raso Serafim

Esse tal de Serafim
Esta exercitando a queda
Lis na sua horacção
Sou um homem excepcional
Sou cruzado de mariano
com Paula

7. Serafim o que é tu pensa
Eu de tu não tenho medo
Cachorro sem vergonha
Cara de Amarego

8. Tudo quando é Persecutista é sem vergonha
Este mesmo é que vocês são
Mais o pior de tudo
É o Augusto Lima que é ladrão

Minha gente me desculpe
e sempre digo o que penso
O mais sem vergonha de vocês
Acho que é seu Lourenço

Coitada da D. Ceneza
Pensava ser a mais amada
Foi jogada lá num canto
por culpa a afilhada

Tenho que dizer uma coisa
já tenho muito ataiado
que na vila do Paraná
o Lourenço é o metaiado

O Cartel de Andrade

Sempre foi o mais afamado

Por achar que é muito grande

Tem cara de rapo rajado

O Valdo Arruda

Olhos de quero quero

Você também é sem vergonha

precisa tomar ferro

Mãe sei se te enforcamos

ou te passamos o cotelo

O Carmozine que é delegado

Triste de se ver

Seu pai nos perredistas

e fazer greve

É igual rapo que quando pega

mão larga seu choro

Eles surra os Perredistas

Pindura pelo pé

A culpa não é do delegado

É ordem do Augusto. Fidel e o Do

Assim tem sido o programa

dos Perredista do Daniel

~~O Cartel de Andrade~~

~~Sempre foi o mais afamado~~

~~Por achar que é muito grande~~

~~Tem cara de rapo rajado~~

O Valdo Arruda

Olhos de quero quero

Você também é sem vergonha

precisa tomar ferro

Mãe sei se te enforcamos

ou te passamos o cotelo

O Carmozine que é delegado

Triste de se ver

Seu pai nos perredistas

e fazer greve

É igual rapo que quando pega

mão larga seu choro

Eles surra os Perredistas

Pindura pelo pé

A culpa não é do delegado

É ordem do Augusto. Fidel e o Do

Assim tem sido o programa

dos Perredista do Daniel

O Pedro Tustão
É subincho do juízo
Com esse cargo de sub. delegado
De Poti virou em Pimico
É ainda esta complicada
Com a surra do Mariano

Delegado Pedro Loti
Flomem - seu qualidade
Não respeite tua pessoa
Nem a tua autoridade

Querem deixar o Poti grande
Mas acho que não deicaram
Delegados do Pimico
Seja lá que for no Pimico
Fão tudo tomar na conta
De não passar de Tustão e de coisa que eu nunca vi
Fazer cadeia de escola

23 Não tenho medo do Poti
Nem do Poti delegado
Nem que venha do inferno
Fedeudo chifre queimado

24 Não respeito Persecuista
Como não respeitei o Lote
Se não tiver outro quilô
Eu cago dentro do Poti

25 Pedro Poti va embora
Para você não cometer erro
Não quero ir ajudar
A fazer o teu enterro

26 Serapim e o Pedro Poti
São dois judeus de acarro
O Serapim é o sincero
O Pedro Poti é o bocado

Não tenho medo do Poti...
Men do pouco que ele tem...
O João Bisorro também romba...
Vai se ver não é ninguém...

Amigo Pedro Poti
Pode continuar na tua luta
Os perseguidos são corvos
Os perseguidos são putas.

Minha gente eu voz peço
Este grande favor
Não votem no analdio
Negro de pouco valor.

Adieus João Bisorro.
Esse adeus que seja um laço
Quero te ver removido
Para o território do Acre.
Quero te ver erguendo o fio
Lançando longinquo Amazonas

Amigo seu João Bisorro
Tu mesmo pensa que é forte
O Janio vai te maldar
Para o Rio Grande do Norte.

Agora vou terminar
Esta esgotando o Papel
Ja disse um pouco que eu quiz
Do P.S.D. do Paul
Quero que me despulpe
seu Poti e seu Fidel
20. Tu embora desta Terras
Aqui não quero morar
34 Não voltarei aqui
Enquanto o talso governo.

Quem quiser que eu vá, volte.
Esta é a verdade dura
Tem o Celso do governo
É o Volni da Prefeitura

Quando eu vejo a tarde triste,
noites para chorar,
quando será que tem fim
se maldade P.S.D.

Se punha do Brasil
É cada frente P.S.D.
Vá embora pro inferno
Para o diabo te comer
Depois de tu cair no saco
nos ficamos rindo de Prager.

O Volni devia ter vergonha
De votar no P.S.D.
Não se lembra que o Celso
Te deu esse para beber.

Quem fez esse pasquin
Moras aqui no Lameil,
Quem ditou foi o tio Lóri
Quem escreveu foi o Loure

ANEXO VI – Painel município

Painel Municipal

01

Olá esta de agosto
uma data que marcou
Iniciei uma nova história
O Painel se emancipou
Um sonho de muitos anos
que povo realizou

02

Painel tú és municipio
com todos os teus direitos
Governador Kelder Reis
Foi todo muito bem feito
Agora tu tens que dar
um bom e digno prefeito

03

Tú tens filhos preparados
Podas ter um bom futuro
Tem dois anos pela frente
Exercer o trabalho puro
O Prefeito tem que ser teu
Nem que seja um pelo-duro

04

Para que isso aconteça
Tem que haver muita união
É o povo todo se unir
Em torno de um cidadão
Que seja digno e honesto
Pra não ter decepção

05

Vai ser muitos candidatos
com vontade de vencer
O povo tem que ter pulso
Para saber escolher
Votar firme e consciente
Pra depois não se arrepender

06

Vai haver muitas promessas
Vai sobrar pena pra manga
Vai ter muitos candidatos
Que trabalha com omissão
É daí nesse Painel
Vai virar Tubiacanga

07

Pra que isso não aconteça
tenha coisa bem planejada
Se chover ouro no Painel
que não caia em mão errada
Senão o nosso Painel
Em vez de crescer vira em nada

08

Prefeito não vai ser problema
candidato é o que mais tem
O que fala um vinte oito
Talvez eu seja também
E no apagar das velas
O povo que enxergue bem

09

Entre tantos candidatos
vai ter homem e ter mulher
O povo vai escolher
aquele em que tenha fé
O número tá muito grande
pra não ter nenhum falé

10

Vai dar briga de família
Vai ser tanta confusão
Vai dar da sogra com genro
Até de irmão com irmão
O que tem famílias inteiras
Só pensando na punção

11

Ninho gente vamos pensar
na nossa sustentação
Pra arranjar eleitores
se comprará com feijão
Será que dá pra viver
em tal fundo de participação?

12

A campanha começou forte
a chama já está quente
No dia da emancipação
começou borrar as despesas
Vinha logo no fim da festa
morgulando na cerveja

13

Amigos mudaram um pouco
Bois anos custam passar
E nesse mais do tempo
Muita água vai rolar
Vocês vão arrumar o ninho
Pró outro Xôpim deitar

14

Na própria comissão
Já tem muito candidato
Diz que são muito unido
Trabalham pro mesmo preto
Mas se tenho muita dúvida
Alí pode existir gato

15

Quem lidera é a professora
Que pensa que já tá eleita
Porque faz todos discurso
Se achando muito perfeita
Dançou com os negos na festa
Como se fosse profeta

16

Por um disparate do povo
Ela eleita seria
Já ficam todos lotados
As vagas em secretaria
É certo tudo bom certo
O emprego de toda a família

17

Já ficam todo empregado
Pais, marido e os irmão
Não se preocupam os cunhados
Pois uma vaga terão
Não foi otog essa briga
Pró fazer emancipação

18

A todos os Paicolenses
Quero deixar um alerta
Na hora de dar seu voto
Não dá prá repousar esperto
Quo vai ficar numa bee
E só vir dos boca aberta

19

Tem outro candidato
Homem muito popular
Já foi vereador e intendente
Agora quer "malhoser"
Apesar de ser ignorante
Aposta que vai ganhar

20

Prá ele ganhar a eleição
acho que vai dar cavaco
Ele tem um côcozer
mais não todos mais fraco
Secretário é analfabeta
mais é um grande puxa-saco

21

O povo ele agrada fácil
e corrente não tem ele
Esses ele sustenta
com uma sopa de farelo
Se tem mesmo que empregar
as famílias Borges e Melo

22

Diz que é homem muito bão
mais no Painel tem má fama
Se ele perder a eleição
Pode até mesmo ir prá cama
Mas se ele ganhar
Qual vai ser a primeira dama?

23

Outro candidato tem
mas não vai eu lamentar
Tá querendo se eleger
com força de pensamento
Mas se fer mesmo preceito
Ele vende um reflorestamento

24

O gente também se mata
Será que não vai perder?
A luta vai ser difícil
mais incerto em concorrer
É com a safra da mação
Que ele espera se eleger

25

Tem um comerciante antigo
homem de muita amizade
Ela pensa que se eleger
com muita facilidade
E emprega toda a família
Porque mais felicidade?

26

Certo candidato forte
Claro que não se entrega
Já começou a campanha
lá pela casa de pedra
E os outros que se cuidem
Pró não levarem uma esfrega

27

Tem tudo prá ser honesto
é um moço muito direito
E se não fosse os perrão
seria um um bom prefeito
e o povo não dar crédito
e por isso não ser eleito

28

O presidente da comissão
mais um nome cogitado
me disseram que lutou muito
pró ver Paineal emancipado
mas acho que esse sujeito
vai ser mais um regitado

29

O candidato que eu falo
está muito animado
muito gente fala nele
diz que é muito dedicado
e o povo que abra o olho
porque anda mal acompanhado

30

Tem um outro painelense
que o povo acha capaz
já foi tesoureiro em tudo
e que agora não é mais
e não se eleger prefeito
fica sempre juiz da Paz

31

Tem um que se acha importante
deixou o cargo de intendente
e gosta ser vice prefeito
um cargo muito decente
ele tem chance de mandar
pois é muito obediente

32

Na plataforma do prefeito
preciso muito eleitor
surge lá da Coliverinha
um fazendeiro e lavrador
não pode ficar pra trás
ele entra de varredor

33

Tem um que veio de longe
e por aqui se instalou
foi lá na casa de pedra
que uma indústria montou
foi por causa do crachim
que ele aqui se instalou

34

Painealoz seja provido
bota peneira no ralo
Porque aqueles que vem de fora
querem entrar no embalo
e aí o Paineal vai crescer
que nem cola de cavalo

35

Paineal tu tem candidato
de toda a raça e cor
tem gente de toda espécie
também tem um doutor
Se não foga de prefeito
vai servir pra curar as dor

36

Esse tal detorzinho
tem um aliado sem fé
nunca fizeram nada
mais sempre mete o cuí
e se acham importante
porque moram no Paineal

37

Essa do pedra se acordou
apresenta um varredor
tem um arveiro famoso
que pode ter bom valor
ministro da eucaristia
e defende os trabalhador

38

Não é a primeira vez
que ele vai de candidato
já tentou se eleger
presidente do sindicato
e na festa da vitória
vai ter vinho e muito pato

40
Castano Verde e Segredo
não podem ficar de lado
tem que ter um vencedor
nem que vauha do Cassado
cura com amecopatia
será até ser formado

41
Os votos da Mortalidade
já foram todos marcados
e agora quem é que ficou
pra defender essa lida?
Quêz sobre um herdeiro
que é pra ser votado

42
É a Farofa também
pra três não pode ficar
conhecendo um vencedor
que representa o lugar
fortemente escolhem um
que se mereça muito falar

43
É os balcones da cidade
nem vai representar
O carr. de Santa Cruz
não cheiram zeban.
você tem força de voto
parem de se humilhar

44
Se abrirem os olhos
e não tomarem atenção
muitos podem ficar
no meio da exploração
vencedor sem fazer nada
deixando os pobres na mão

45
Painel você não merece
que te explorem assim
Te cuido com os candidatos
que querem tudo pra si
eu votto para votar
também seu filho daqui

46
Não aceite candidato
que não seja de capriano
"escolha bem seleccione"
Não aceite qualquer lixo
por exemplo os deuses Malo
Iraguê e outros bicho

47
Não chegar a eleição
vai ter muito nome gasto
o eleitorado de Painel
é como bandeira no mastro
e os desperdício de mão forte
andam mesmo a contra-rasto

48
Ao meu querido Painel
já te dei o meu alerta
vou pra casa descansar
e pensar no porquê certo
e no dia da eleição
votar com a alma aberta

49
Assim Painel me despago
mas quero demagogia
já dei o perfil de todos
é só aguardar o dia
se me esqueci de alguém
me desculpa eu não sabia

50
Me desculpe nos vergos
que eu falei de bom tom
Mas lema é sempre a verdade
pois acho que isto é bom
herança de meus ancestrais
que me deixaram este dom

ANEXO VII – Painel de ontem e de hoje. O que será o amanhã?

PAINEI DE CRIANÇA E DE HOJE

QUEM ERA O PAINEI

Mil, novecentos e noventa e quatro
O Brasil deu o sinal
Que ia ter grande mudança
Começando com o Real
Depois vinha as eleições
Com o Presidente ideal.

Santa Catarina Também
Na mudança cooperou
Elegendo Paulo Afonso
Prá ser o governador
Espero que esta história
Tenha nome e tenha autor

Ninguém vai escapar dessa
Brasil é um favo de mel
Tem abelha e tem ferrão
com doce, amargo e fel
Sabia que essa mudança
ia te atingir Painei

Painei voce já teve
O seu passado de glória
Cô quem já viveu bastante
Para saber sua história
Que agora deixa as versos
O que guardou na memória

Teve até banda de música
Sociedade organizada,
Farmácias, grandes hotéis
As festas eram animadas
Já tivesses padarias
Dane lojas bem montadas

Já teve filhos ilustres
Filhos padre e doutor
Políticos da renome
Que trabalharam nos muros
No cenário nacional
tivestes o teu valor

Em tua rua até o nome
de muitos filhos aqui
citamos Ramiro Gomes
E o major Jose Serafim
Prudente Vieira de Andrade
Padre Antonio Trivelin

Tua principal avenida
Caitano Vieira da Costa
Irmão do poeta e escote
Mário Vieira da Costa
Foram homens ilustres
Que deixaram aqui a estrada.

Tua escola já foi clara
Com seus professores amáveis
Mas já tinha alguns alunos
Que a situação não gostava
Foi desse que entrou na escola
Com o propósito de policiar.

A educação tinha que ter
Deu formação e de
Professores bem preparados
Não um eleitor qualquer
Devia de ser assim
mas infelizmente não é.

O nível da tua escola
Está no baixo nível
com essa mudança de nome
entrou mais poluição
A diretora é um fantasma
Que politicos têm na mão.

E os alunos são as vítimas
pois sofrem as consequências
professores sem formação
já não fazem o papel
Políticos para os projetos
e põem a mão na consciência.

Do jeito que estava a escola
Painei, tu vais mudar
Como vais ter vida política?
Quem é que em si vai mudar?
Todo de bom que já teve
São podis de lembrar.

Man polo que estamos vendo
A coisa não está boa
A tua escola que é escola
que não tem futuro
Sem trabalho nem respeito
Cô como tanta e as donceira.

Já teve muita esperança
Agora é só a realidade
Um grupinho de estudantes
Com seus livrinhos na mão
O dia que essa realidade
Painei não tem criação.

Acabando as crianças,
Qual será o destino teu?
E o primeiro Prefeito
Levo se algum dia
é a preocupação de muitos
e principalmente o meu.

A escola eu já falei
Eu quero que continuem
Apreendendo as coisas
Mas não pode ficar
Sempre dando mais uns anos
De mais que voltar BOMBA!

Os seus filhos do futuro
Vão ser semi-analfabetos
Aqui não é que já tem
Muita gente que já certo
Aí a cruche é perseguida
Por esses políticos infetos

Essa criança de hoje
São crianças do futuro
Se não forem bem educadas
E se não forem bem educadas
E se não forem bem educadas
E se não forem bem educadas

Reverberar a educação
É uma prioridade
Muita gente nas companhias
Mas que não é na verdade
E os pobres dos professores
Perdem a credibilidade.

O que eu quero dizer
Que as coisas tem que mudar
Não é nem de momento
Mas tem muito que lutar
Porque é a longo prazo
Só que viver ver!

Fazer voltar velhos tempos
Resgatar os filhos seus
Tua missão estraviada
Por esse mundo de Deus
Que voltassem todos pra ti
E o grande desejo meu.

Se tem alguma voltando
Pra fazer ressignação
Concorrer nas eleições
Mas não tem inteligência
Cuidado com esses sujeitos
Que podem te levar à falência.

Aquela Painei de outrora
Você nunca mais verá
Com esses políticos lisos
Que só querem se beneficiar
Vai deixar pouca gente
Pra sua história contar

As indústrias começaram
Com uma grande erraria
Muita gente que se porco
Mas tem muita porcaria
Assim que eu vejo o Painei
Vivendo de dia a dia.

Por eu te amo Painei
É só querer o teu bem
Pego no povo do lugar
Que pra votar pensa bem
Porque esses politiquinhos
Não querem ajudar ninguém.

Estejam sempre vigilantes
Não verem o fio da mecha
Reparem o caráter deles
Não vão em conversa fiada
Porque se forem eluitos
Não vão mesmo fazer nada.

Já que se emancipou
Tem que honrar a tradição
Elegir pessoa honesta
Que represente teu chão
Que faça novas as coisas
Com a mente e o coração.

Painei tá tens que lutar
Por tudo o que já foi teu
Quisera poder ajudar
É um grande desejo meu
Depois morrer orgulhoso
De ver que você venceu.

Sei que vai acontecer
Você tem gente capaz
Te lutar por teu futuro
Deixando mágoas prá traz
Pois políticos de promessa
Se sabe que nada faz.

Promessas não levam a nada
O que ainda é a ação
Ainda existe gente honesta
Que te quer um coração
Lutar por seus ideais
Dar a ti a salvação.

Painei eu te quero muito
Não vamos cortar os laços
Quero te ver sempre feliz
Sei que você é de aço
Deito teu filho querido
Recoba na forte abraço.

Para o ano voltarei
Com muita disposição
Quem sabe entrar na luta
E ainda vencer a eleição
Pra fazer as estradas
E ajeitar a educação.

Tenho que trabalhar juntos
Por os filhos em ação
Ajudando nessa tarefa
Melhorando a educação
Deixar o caminho certo
Pra outra geração.

A saúde é outra área
Que está na dependência
De ninguém além de nós
Vão ter que pagar pra
Mas não podem viverem
Pra cuidar da agricultura.

Trazer saúde pra todos
É um grande desafio
Mas vou defender essa causa
Com toda força e brío
Porque não gosto que digam
Que o pinelinho é vário.

Nas horas de oração
Vou sempre lembrar de ti
Que todo os pinelinhos
Temos que continuar aqui
Com toda consciência de vida
Dando saúde pra todos.

Mas vou te pedir desculpas
Mas não é momento meu
Só quero que o povo pense
E medite isso que leu
É um dia no futuro
Provar que você venceu.

Vou terminar estas versos
mas sem fazer desatenda
Peço desculpas a todos
Se eu passei das medidas
Mas é que eu te amo
Painei minha terra querida.

ANEXO VIII – Novo município

NOVO

MUNICÍPIO

1. É no novo município que surge uma eleição
O povo forma partido
e fazem coligação
Fazem brigas e amizades
prá defender a nação.
2. Na Bocaina, meus amigos
começou assim também
Representantes que entraram
escolhidos por alguém
Mas teve aqueles que foram
sem apoio de ninguém.
3. Eu sempre quis chapa única
mas não teve arrumação
Puxa um pra cada lado
por causa da eleição
Era muito mais bonito
se não precisasse eleição.
4. Trinta e poucos candidatos
mais os vices e os prefeitos
Um bando de puxa-sacos
querendo levar no peito
E no andar da carroça
que as morangas se ajoitam.
5. Temos bons candidatos
são amigos do povo
Só que levam muito azar
sempre perdem a eleição
Quem jura de galinha em galho
então pouca coisa.
6. E na hora dos discursos
é que eu acho bonito
Muitos pegam o microfone
e começam a soltar grito
E prá não esquecer do número
tem alguém que leva escrito.
7. Muitos dos candidatos
Têm pouco serviço prestado
Saem comprando voto fora
enganando o eleitorado
Porque na comunidade
não entram nem comprado.
8. A coisa está envenenando
já está quase fervendo
Dá prá ver o desespero
daqueles que estão perdendo
Já quiseram me comprar
mas voto fiado não vendo.
9. Nós temos representantes
da erva-mate e apicultura
A pecuária e o comércio,
Indústria e agricultura
Tem gente bem instruída
e outros de pouca cultura.
10. A política é mioto boa,
mas na hora do apuro
Fazem as coligações
se separam e se misturam
Pensando em unir os votos
perdem os que estão seguros.
11. Tem uns quantos candidatos
que são cheios de frescura
Usaram seus apelidos
até na candidatura
E outros prá enganar
ficaram de assinatura.
12. Quem nunca me visitou
agora achou o caminho
Chagam me apertando a mão
chamando até de vizinho
Prá conquistarem os votos
atravessam até porco espinho.
13. Gente que não ia em nada
vivia só entocado
Agora reza até missa
com a esposa do lado
Comprou até roupa nova
e ainda bem educado.
14. Diz que lá na praça
tem candidato tipo prego
Uns entraram da esterpa
e outros pegaram no fraga
Muitos desses candidatos
foram só preenchera.
15. Meu povo vamos escolher
Candidatos competentes
Pegar pessoa instruída
que o voto seja consciente
Nem que prá isso nós tenha
que incluir nossos parentes.
16. Tem candidato pequeno
parce até miniatura
Tem uns índios reforçados
que têm tamanho e altura
Sem falar da maioria
que se alejam na feitura.
17. Tem uns que pedem o voto
Com a cara bem disfarçada
Sem falar do que fez antes
do mal serviço prestado
Parece que deu amnésia
e esqueceu do passado.
18. Tem um que fala demais
mas na hora do apuro
Ganha voto lenho a mão
e tocando um instrumentinho
Para conquistar voto
ele mexe com os pauzinhos.
19. Tem muitos que entram nessa
mas não sabem o que fazer
Só pensavam no salário
que queriam receber
Gastaram o pouco que tinham
e agora, se perder?
20. Muitos estão na agonia
Rezando até o rosário
Eles estão perdendo o voto
só porque são truísterio
Não sabem fazer campanha
e vão atrás do adversário.
21. Muitos desses candidatos
já estão perdendo a trixa
Estão ficando ~~tristes~~
porque não têm os canela
É defunto quando é ~~ruim~~
não conta pra gastar vela.
22. As senas abandonou o
estão cheias de fatura
É fila de candidato
trolhando na pedra dura
Eu já vi que os mais ~~tristes~~
vão gastar o ferradura.
23. Quem não conhecia a serra
Nesta eleição conheceu
Já me contaram estórias
de gente que se perdeu
Eles estão levando sorte
que o leão não lhes ormeu.
24. Diz que tem um candidato
que pedala bicicleta
Mas esse rapaz já tem
o apoio do poeta
Porque o nesse município
também precisa do atleta.
25. Em Piurres tem meia dúzia
incluindo Mineiros
Em São Miguel tem mais quatro
não sei quem chega primeiro
Mas disque lá vai na frente
o que gastar mais dinheiro.
26. Em Campinas tem mais dois
concorrendo a eleição
Tem também dois candidatos
que moram no Arêdo
Prá escolher o melhor
Vários prestor atenção.
27. Tem um grande amigo meu
lá no Pimão e no Arêdo
Tem uns lá em Prá Arvorez
que estão se disputando feijão
Mas o povo não sabe
é o serviço prestado.
28. Disque em Santa Rosa
tem candidato inteligente
Um passejueiro também
existe que representa
Mas acho que falta voto
prá chegar ~~lance~~ gente.
29. Da praça nem vou falar
porque não sei qual são
Quando um ou outro o voto
outro chega e pedala ~~triste~~
Mas que ~~triste~~ um voltado
nem merece pra ~~triste~~.
30. Se alguém quiser se malar
quando ~~perder~~ eleição
Existe na Bocaina
uns mercado em promoção
Vendem corda e varão
a preço de liquidção.

ANEXO IX – (Sem título)

- 1 - No Painel meus amigos aumentou os movimentos as eleições se aproximam o prazo chegou no cito existem cinco partidos e mais de oito prefeitos
- 2 - Partidos estão divididos por causa da ambição todos querem ser cabeça e esquecem o coração lutando por causa própria quem vai sofrer é o povo
- 3 - Essas brigas de partidos gera muita confusão ninguém pode acreditar em candidato de pressão quem pula de galho em galho acaba pousando no chão
- 4 - Infelizmente é assim existe as desigualdades se o povo quiser prefeito que ajude a comunidade tem que escolher um candidato que fale a bem da verdade
- 5 - Começar uma prefeitura com trabalho e honestidade precisa ter pulso forte e muito boa vontade de todos os candidatos poucos tem capacidade
- 6 - O povo tem que ser livre para escolher o prefeito ninguém pode acreditar nesses votos de cabresto já se foi aquele tempo do burro carregar o cesto
- 7 - As convenções aconteceram mas a parada foi dura três partidos coligados dois foram de chapa pura e aqueles que sobram perderam a candidatura
- 8 - Sujitos que a vida toda sonharam com o poder ao se verem rejeitados não sabia o que fazer a primeira reação foi abraçar o Lúcifer
- 9 - Mais o poder não é fácil tem que pagar um preço alto a pessoa quando perde acaba descendo do salto e é sempre o vizinho que vai pagar o palto
- 10 - Quem paga são os inocentes um ditado popular desta vez não escapou nem os santos no altar coitado do Dom Jesus foi o que levou azar
- 11 - Não desanimem meu povo o Painel tem que crescer e políticos como esses tinham mesmo que perder chegou a hora de derrubar esses danos do poder
- 12 - Tem políticos honestos que quer ver o bem do povo pior são os traiçoeiros que enganam, não abrem o jogo e ficam encima do muro pra ver o circo pegar fogo
- 13 - Pessoas que já tiveram com o poder nas mãos e nunca fizeram nada para melhorar a situação tem mais que ser excluído na hora da votação
- 14 - O futuro do Painel depende deste instante o povo votando certo para escolher representantes gente que mostrou trabalho candidatos tem bastante
- 15 - Para o povo Painelense Que preserva seu valor quero dizer para todos a importância do vereador que são nossos representantes e na câmara defensor
- 16 - O destino do Painel agora está em nossas mãos vamos escolher gente boa fazer valer a eleição analisar os candidatos tem muito sujeito bom
- 17 - Pra nossos representantes vamos escolher a altura deixando os analfabetos e por gente de cultura que saiba ler e escrever pois grosso ninguém atura
- 18 - E os candidatos a prefeito que saibam se expressar mostre plano de governo para todos analisar e aquele que for eleito o povo poder cobrar
- 19 - Painel precisa de gente que saiba fazer a história que nos primeiros quatro anos cresça e forme a memória para que os sucessores possam contar tua glória
- 20 - Sei que tem gente torcendo para que nada de certo mas tem os que acreditam e lutam de peito aberto e só saber escolher não dar votos para os espertos
- 21 - Para conquistar voto não precisa de vaidade pode ser pessoa simples mais que cultive amizade e tenha serviço prestado na sua comunidade
- 22 - Os candidatos a vereador tem homem e tem mulher são trinta e seis candidatos muitos nem sabem o que querem mas vão indo no embalo seja lá o que Deus quiser
- 23 - Em cada comunidade tem vários representante será que todos se elegem? eu acho meio bastante muitos não vão chegar lá nem com botas de gigante
- 24 - É dessas comunidades que agora eu vou falar para que os eleitores saibam em quem votar e depois o nosso povo não tenha o que reclamar
- 25 - Vou começar dando a volta pelo Segredo e o Lajeado lá tem vários candidatos que dá pra ser aproveitado pense e escolham um que seja o mais cotado
- 26 - Também tem representante Curral Falso e São Miguel que defendem a pecuária e a produção de mel se se eleger se aproveita na câmara do Painel
- 27 - Casa de Pedra e Farofa Monte Alegre e Taquari tem quem represente a igreja e a industria do xaxim o comércio e as estradas outros projetos em fim
- 28 - Rio dos Touros e Mortandade tem boas condições candidata que defende a área da educação diz que é uma professora não vai enganar o povo
- 29 - Mineiros e Lavatudo também tem seus candidatos Bur da Pedra e Passo Fundo também representam o fato tem que se eleger algum senão fica um pouco chato
- 30 - É no centro do Painel que a coisa vai apurar cada casa um candidato não se sabe em quem votar cada um tem seu projeto e aposta que vai ganhar

- 31- Uns defende agricultura
outros que pra educação
uns sem saber o que fazem
para enrolar o povo
mas o povo é esclarecido
não vai na conversa não
- 32- Quem nunca prestou serviço
defende seu próprio lar
e tem outros que defende
o copo cheio nos bar
só os bebados tem certeza
que esses vão lhe ajudar
- 33- Tem também candidatos
do Morro da Santa Cruz
apostando que são eleitos
porque o povo conduz
mas se a energia é fraca
acaba faltando luz
- 34- Dois mecânicos candidatos
só que estão meio confuso
são dois sujeitos bons
não duvido e não abuso
mas na hora de engrenar
pode faltar parafruso
- 35- A saúde de Painel
sempre foi debilitada
mas vai ter representante
e espera ser bem votada
será na contagem dos votos
já estou com dó da coitada
- 36- O eleitor tem que entender
e separar os que são fraco
votar em sujeito honesto
deixando fora os veaco
porque tem muitos que são
farinha do mesmo saco
- 37- Para os prefeitos também
vou deixar um pensamento
ludem e mostrem trabalho
agora chegou o momento
não adianta só promessas
jogada a favor do vento
- 38- Mostrem coisas concretas
que não seja só ilusão
Painel precisa de gente
de trabalho e de ação
pra poder se orgulhar
da sua emancipação
- 39- Vivemos em democracia
o povo é livre para escolher
o que deixo aqui escrito
não é pra te convencer
esse é o perfil dos prefeito
só no meu modo de ver
- 40- O primeiro candidato
Que passou em convenção
já provou sua competência
em fazer perseguição
é formado em tranbique
e doutor em infração
- 41- Um homem inteligente
pra ser vice escolhido
não combina com as idéia
mas é do mesmo partido
espero que a convivência
não deixe o homem perdido
- 42- O segundo que foi escolhido
era pra ser derrotado
não sei se foi com camanga
ou se foi voto comprado
mais derrubou a adversária
um fato não esperado
- 43- O vice já estava certo
por um contrato bem feito
um homem bem preparado
que podia ser prefeito
mas aceitou coligação
abrindo mão dos direitos
- 44- O terceiro candidato
só pra dar explicação
todos da mesma família
um sobrinho e dois irmãos
será que nosso Painel
não tem outra geração
- 45- O vice dele também
Homem muito conhecido
Sempre morou no Painel
mais é um pouco distraído
e acha que vão ganhar
está muito convencido
- 46- Acho que falei bastante
por aqui eu vou parar
se descobrirem quem sou
podem tentar me matar
e nessas primeiras eleição
eu também quero votar
- 47- Isso tudo é brincadeira
não quis ofender ninguém
cada um faz sua campanha
com os argumentos que tem
e na festa da vitória
quero festejar também
- 48- Só fiz pra deixar alerta
todos os nosso eleitor
e agora cumprimentar
o grupo de vereador
recebam um forte abraço
deste amigo e trovador
- 49- E é isso aí meu povo
o que tinha pra dizer
dê seu voto consciente
vocês sabem o que fazer
tudo na vida é assim
saber ganhar o perder
- 50- Aconteça o que acontecer
vamos viver sempre unidos
Painel não pode parar
nem pode ser esquecido
seja com qualquer prefeito
independente do partido

ANEXO X – Painel e seus movimentos

1. FIZEM COSA EMO DE VIR
O PAIHEL SE ACORDAR
COMPARAR OS MOVIMENTOS
PARA OS PARTIDOS POSAR
OS TENDOS PORAL OS PRAZAIROS
QUE COMPARAR A VOA.

2. A TELA DESES PARTIDO
SURGIR DE UNA SENHA
QUE COMEÇOU O NOVIAFOTOS
FORNADO UMA NOVIAFOTIA
JA TEMA MUITOS VILADOS
GLARDO TIPO ERROS DE HIPERONIA

3. TO DIA VIRES DE NOSSO
FERRA O C TENDIO
PRA PRAZAIROS O DINDO DIO
E AL PARTIDO PRA SCS.
SUDD IA SEM RESOLVA O
NA HARE DA VOTACAO

4. FOI LA NA CASA DE PEDRA
O GENTRO DECA BERTIO
OS TENDIO DA PARTIDA
PRAZAIROS TEMA
COMPARAR AMOZ COM DINDO
PRITO HVA HOZO DE CERO

5. DAU UM GRANDE MOVIMENTO
DESES TEMA MIRA GEMO
A HORA E QUE SEZ VIO
POR DE A A TEMA DINDO
O TIPO DESES DE GEMO
E PICO DE PRAZAIROS

6. O TIPO NA CASA DE PEDRA
TENDIO COM A COMEÇIO NHO
TAIS M TEMA COMEÇIO
PRAZAIROS HVA HOZO NHO
PRAZAIROS TEMA
E JONAS SAIZ DE PRAZAIROS

7. NA ADMITIR DE UMA COISA
CUSTEI PARA MUDICAR
O SEI MUDICAR ANO
COM OS TENDOS DE PRAZAIROS
NA PAZAIROS COM NA PRAZAIROS
AMS O PARTID VAI MUDICAR

8. UM POLITICO OCHO HVE
QUE SEMPRE AJUDOU O MUNDO
COMEÇIO BSSA CAUSA
E MAIS UM QUE SEMPRE
IAS SE DER COS DINDO PRAZAIROS
A GEMO VAI PRAZAIROS

9. DIRETOR SEM MIRA TMS GEMO
QUE SEMPRE MIRA TMS GEMO
O FERRA MIRA TMS GEMO
LAIK E MIRA TMS GEMO
DO ACHO QUE SEMPRE
ATO HVE HOZO SEM SIDA

10. MAIS UM TIPO DESES
QUE SEMPRE MIRA TMS GEMO
DESES BI SEI COM DINDO
O TIPO, O HVB E O TIPO
B ACHO SEM MAIS SEM MIRA
SE PRAZAIROS COM O TIPO

11. O SEI JIRO MIRA
PAROLA DIZ COM DINDO
E LIVA JIRO COM DINDO
COMO O SEMPRE E O TIPO
HAIS TEMA HOZO E COM DINDO
PRAZAIROS HOZO O TIPO

12. O VERGADOR HVE MIRA
PAROLA DIZ COM DINDO
MIRA MIRA MIRA
COMO MIRA E COM DINDO
E MAIS UM QUE SEMPRE
COM TEMA SEM MIRA

13. O DIRETOR MIRA TEMA
COM A MIRA TEMA
SEM COMEÇIO DE GEMO
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA

14. A MIRA MIRA COM DINDO
E SEM MIRA TEMA
COMO A MIRA TEMA
AMS OS TEMA SEMPRE
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA

15. O DIRETOR MIRA TEMA
NA MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA

16. O DIRETOR MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA

17. VOU PARA DE PRAZAIROS
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA

18. HVS HOZ VAMOS MIRA
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA

19. COMEÇIO DE TEMA
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA

20. SEMPRE TEMA COM DINDO
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA

21. SEMPRE TEMA COM DINDO
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA
COMO MIRA TEMA

ANEXO XI – (Sem título)

Resolvi fazer um pastelão
Pra ajudar os companheiro
Não fui eu que fiz
O primeiro o segundo, terceiro
Costei neste esporte
Porque vai pouco dinheiro

Imagina tem uma vantagem
Que não tá no banco
Agente fala destes padris
Que é uma tropa de viajando
A viagem é uma privada
E o corpo mais imundo

Do jeito que a coisa vai
Nesta coisa acontecendo
Tem candidato que se diz forte
No comitê o ~~nome~~ esqueceu
Quando aparece uma cogada
Nesta forte não fui EU

Pra quem tomou atenção
Na coisa que aconteceu
Tem gente que
Cuida do palmeira, do salto descendo
Fala só coabrina
Lembra que chorou e gemeu

Apesar do desagrado
Tava um louco pra ajudar
Cada feito um variado
Nupicape a buzinar
Se não fosse esse bobo
O comitê eles não iam aqui

Tem um bando de xopim
Eva turma não é fraca
A chefe não sabe mais quem é
E é uma galinha de amapora no uma vaca
De reunião meia hora
Resolverão virar a cozinha
O Turino bebado velho
De cogolo ele achou
De correria com a ditadura
É um litro ele entrou
De noite perdeu o remédio casa
E na Doroti ele entrou

Isso é muito ruim pra eles
Que não fazem coisa pouca
Como diz o velho carniceiro (Ercillo)
Esta turma tá com a toca
A chefe virou quenga
E tá ficando louca.

O pior em tudo isso
Agora vou contar
Aturo a chefe,
No palanque do Inxu
ela yagujou
e começou a chorar

Coisa feia ficou pra ela
Ela nem liga
Vivou corriando um a outro
Cô pensando em briga
Quem é bom da boca
Que vai puxar a sua barriga

Falou até que era sem terra
Gritou alto pra todo mundo ver
O sítio de teu procepo
Com certeza vai perder
Mintindo desse jeito
Você tem que se foder.

Pode ser que daqui a pouco
Alguem te põem no primo
Vareando desse jeito
Tu perde o tempo
E não vai passar nunca na vida de
Uma parati velha, um fiut um.

No comitê do Inxu
Até um palhaço contrato
Tava um dos veredores
No palanque não chama
Sera que vendeu pros outros
ou pela Doroti ele trocou

Pra falar em ajudar empresa
De uma coisa o Inxu esqueceu
Aquele mequife que ele tinha
A muito tempo apodrouceu
E as multas do ICMSA
Coerto o mego irmão comeu.

Arruma todas as estradas
Não podia nem falar
3 anos na intendência
Nem uma pedra deu conta de tirar.
Não é pra menos
Governado por um negro é o que dá

Companheiro xuda
Mando o Elias te trazer
Grôca tu já tá
É a pilificação tu vai perder
Não é coisa de repente
Foi a nam. que mando escrever.

Prá ficar mais bonito
Banhueiro pros pobres vai construir
O projeto já é grande
O santinho do xada vai sumir
Pela vaza vai entrar
Pelo esgoto vai sair .

Companheiro que se prama
Não faz, o que ele fez
O dedé pobre do negro
Voto apú do sitio outra vez
Se depende do xada
Tu não vai ficar pra inda .

Essa é a do eleição
Tu uma festa animada
Toma cidade lixa
Teu sobriano não vale nada
Agradezimento por ia
Que vai te dar outra garrufada .

O teu irmão lixa
Tu corta e corca ele arruma de novo
A decisão desta brigã
Não é o juiz quem decide é o povo
Se quide bocaborta
Mais uma vez ele te passa o ovo .

O Sr. Presidente
Que é um homem de linha dura
Apóia a coligação
Com firme estrutura
Sua mulher é dos andrade
Apóia chapa pura .

Os candidato a vereador
Tem bicho de toda raça
Tem lagarto , tigre , gato
Tem 2 reis da cachaca
Tem um filho do diabo
Que a mortandade abraça .

A candidata da mortandade
Tem discurso de cobra
Tavecom medo de entrar na casa
Aparecer o sogro e a sogra
Prá mostrar que é bem macha
Vai se o Goro tu descobra .

É
Nôre o ganholão
Fez um discurso de arronba
Mintio no outro dia pro adiversario
Que ganhou 100 10 caixande banba
Disse que era companheiros
Que ficar no sua sômbra .

O marquião pra politica
Não leva muita guita
Pra pouca fazer discurso
Tem que apronda falar direito
Não é subir no pauco
Cagejar estofar o puito .

Quilô dos candidatos
Anda mal barbaridade
Tem de burro que cornei/
Ela leva pra cidade
Casta o dinheiro na ferru
Na maior boa vontade .

Dos outros vereadores
Dispensa comentarib
Tão bem bobo atras de voto
Só pensando no salario
Em roubar a prefeitura
E ficaram milionario .
O apresentador deste comicio
É um bebado e retardado
Enche os corno na festa de agosto
Não garante jamis contado
Gerra desse tipo
Ninguém tem um penhado .

A carieta foi um sucesso
Monstra , tamanha
O lixa pago pra vim cárra do lagos
Pra mulharar a sua campanha
Loure var no dia 3
Se ele repete a fuzunha .

Esta vez fico por aqui
Quando este comicio por encerrado
Domingo tem mais um
Que já esta marcado
Com curtaza estarei lá
E trarei todo relatado
Tem muita coisa que se passou
E não foi explicado
De uma coisa tenho curtaza
Essa trona de pelego , quem não é como é viado... .

FIM

ANEXO XII – Primeiro pleito de Painei outubro/96

PIQUINHO BEM ELABORADO
SÓ FAZ QUE É CAPAZ
NÃO OFENDO OS COCURENTES
CADA UM SABE O QUE FAZ
O VERSO VEM DA RIMA
HERANÇA DOS ANCESTRAIS

O QUE MAIS ME SURPREENDEU
NO DECORRER DA ELEIÇÃO
SEGUIU TUDO BUNITINHO
ABRAÇOS E APERTO DE MÃO
SÓ LAMENTO ALGUÉM NO MORRO
OFENDER QUEM LHE DEU PÃO

NÃO SE DEVE VIRA O COCHO
UNDE UM DIA SE COMEU
PRESERVE SUA FAMÍLIA
QUE SEMPRE TE ACOLHEU
NÃO SUBA MAIS EM PALANQUE
PRA ISSO TU NÃO NASCEU

PARTIDOS FORAM FORMADOS
TRES CANDIDATOS CORREU
DOIS ERAM IRMÃO
E O SOBRINHO SE METEU
O INXU ERA O FAVORITO
MAS O IRMÃO QUE VENCEU

O PREFEITO EU SEI QUE É
O VIÇE VEIO A SURTIR
FOI LA NA CASA DE PEDRA
QUE ELE VEIO A SURTIR
CUIDADO AMIGO VELHO
O QUE SOBRE PODE CAIR

O PDT DO PAINEL
SE JULGAVA MUITO FORTE
POIS ATÉ SEU PRESIDENTE
DESCILAVA NUN ESCURIE
PORÉM QUANDO ABRIRAM AS URNAS
NÃO LEVARAM MUITA SORTE

A ANTIGA DIRETORA
OUTRA VÉZ FOI DERROTADA
TROCOU TANTO DE PARTIDO
QUE ESTRAVIO SUA MANADA
O PAINEL LHE DEU O RECADDO
TRAÍÇÃO NÃO LEVA A NADA

TURACA NO COMITÊ
FAZ INXU SAIR PRA FORA
PULOU QUENEN PUTRA NOVA
QUANDO SENTIU AS ESPORA
QUANDO PERDEU A ELEIÇÃO
E AJUDA NOSSA SENHORA

É UM GERENTE DE BANCO
EU APOIO VEIO DAR
EM CAIXA DE FOSFO XAVEIRO
TRES CARROS A RODAR
ENA QUE SEU CANDIDATO
VEIO A PEDALAR

PRODUTOR DE MAÇÃ
EM DOIS FILHO E GENRO BÃO
TÔ TEM FORÇA POLÍTICA
TIS PROVON NESSA ELEIÇÃO
SABALHO QUE DEU UM LUNCO
NÃO ELEGEU NEM UM IRMÃO

O ULTIMO COLOCADO
LEVON A SUA LIÇÃO
UM BOB VICE SEMPRE AJUDA
NA HORA DA DECISÃO
QUANTOS VOTOS SOBRARIA
SE FOSSE COLIGAÇÃO

INXU VÁ SE PREPARANDO
QUE A COISA VAI FICAR PRETA
TU JA MAMOU DE CANSAR
AGORA SECOU A TEIA
TEU VICE VAI TIRAR ERVA
E TU VAI PRA PICARETA

DESTA VÉZ A INXUSADA
DERAM COM OS PEITOS NO ARAME
VÃO PEGA É NO PESADO
E POR FAVOR NÃO RECLAME
QUERO VER O GUARDA COSTA
PEDALANDO NO HIRAGAMI

É HORA DE COMEÇAR
A FALAR DOS VEREADOR
JÁ TEMOS OS NOVE ELEITOS
COM SOFRIMENTO E SUOR
NÃO LEVE A MAL ESSES VERSOS
DESTE VELHO TROVADOR

VOU COMEÇAR FALANDO
DO VEREADOR MAIS VOTADO
É UM MORENO COMPETENTE
MAS ESTÁ DESEMPREGADO
SE ELEGU PRA VEREADOR
MAS PENSA QUE É DEPUTADO

TEM OUTRO VEREADOR
QUE PRA TUDO MUNDO APARECIA
QUANDO SUBIA NO PALANQUE
PARECIA MOSCA TONTA
SE ELEGU COM A PROMESSA
DE PAGAR AS SUAS CONTAS

O TAL LOMBO COMPRIDO
NÃO TEM FIRMEZA NO PULSU
ABANDONOU OS INXUS
E SE PERDEU NO PERCURSO
TU VAI FICAR DE CASEIRO
NO TEU PRIMEIRO DISCURSU

O VENCEDOR DOS MINCIROS
NÃO SE ENVOLVEU EM BARULHO
PODIA SER MAIS VOTADO
SE NÃO FOSSE SEU BARULHO
BATZE LOGO A SUA BOLA
OU NA FOSSA DAVA UM BARULHO

REPRESENTANDO A MULHER
DO INTERIOR E DA CIDADE
SORTEU UM NOVO NOBIL
ORIENTE DA MONTANHADE
É **PENA** QUE SEU CUNHADO
VARTEIA BARBANTANDE

A CLASSE DAS OFICINAS
TAMBEM TEM SEU VEREADOR
CONCERTO BOB E DE GRAÇA
BICH VAI TER O MELHOR
SÓ NÃO ERRE O ENDEREÇO

ANEXO XIII – (Sem título)

Como sou desempregado
Não sou bobo e nem pateta
Continuo bem informado
E sendo bem remunerado
Nesta profissão de poeta

De acordo com meus informantes
Tem assuntos não saturados.
Todo dia notícias novas
E outros bem cogitados
Colocarei neste pisquinho
Assuntos bem variados

Eu disse que estava de olho
Ia denunciar a ladroagem
Denuncio o que me informam
E não falo bobagem
Não é roubando dos pobres.
Que se tem uma boa imagem

A ladroagem já existia
Mesmo antes da eleição
Tem gente que não faz mais rancho
Mas engordam que nem leitão
Tanta banha é sinal
Que o pasto da creche é bom

Tem gente que ficou rico
Colhendo maçãs nobres.
Mas é um poço de orgulho
E odeia pessoas pobres
Foi com mão de obra barata
Que hoje está com os cobres

Se elegerem uma vereadora
Quando não manda se mete
Da saúde e a protetora
Mas suas banha não derrete
Ainda nem assumiu.
E já pensa que é a rainha Elizabete

Mas para ser rainha
Tem que andar bem ajeitada
Tomar banho também é saúde
Ser exemplo da peonada
Convém lavar pé e pescoço
E não ser tão esparramada

Tem gente que quer ser dona de tudo
Mas não tem postura nem elegância
Quer ser dona do posto, loja e padaria
E quando for dona da câmara
Vai apela pra ignorância

Entre todos os fanáticos...
Era só o que alguém dizia:
"O meu Partido"!!
Essas palavras proferia
Mas a vitória não pode comemorar
Porque o genro abandonou a filha

O vereador mais votado
Só ficou naquele empasse
Os bobos corriam e pagavam
E ele que se danasse
Agora vai ser manipulado
Como vai defender a CRASSE???

Nas escolhas das secretarias
A ignorância está a predominar
Muitos querem altas cargos
Mas não querem trabalhar
Pois tiveram a coragem até de se tirar
Da área da educação por um açougue
Só pra não se abaixar

E agora eu pergunto:
Os "CHEDIEDO" como vão ficar?
Pois nem tudo vai dar certo
Para a Nega e o Marajá
Já estão ficando com medo
Do pé na bunda que vão levar

A Secretaria da Agricultura
Da virou um credo em cruz
A sabedoria do prefeito é tanta
Que não sabe como conduz
Tira acento e bota acento
Deu pro Marlus no lugar do Marluz

E por falar em Mar e Luz
Um rapaz muito gavola
Além de perder a secretaria
Bevar a irmã pro hospício
Ainda não baixou a bola
A última que está dizendo
Que alguém do correio
Vai tirar de patrola

O vereador macânico anda rindo
Igual passarinho na primavera
Só que não vai poder dar ideias
Porque com os INCHU ele tempera
Vai perder logo logo o sorriso
Pois não sabe o que lhe espera

Teve quem só queria a Câmara
Como um emprego pra se cossa
Se não se elegeisse se enforcava
Pois não gosta de trabalhar
De certo agora toma banho
Pra morrinha não continua

Este lugar é pequeno
Mas tem muitos PC FARTAS
O prefeito vai te que funda
Novas secretarias
Uma pros "BARBIGHAS" Assumi
Com suas famosas putarias

Em quanto não sai a igreja dos pobres
Um casal estará sempre a rezar
Quem vê parecem dois anjos
Chegando no céu em 1º lugar
Na realidade mais parecem
Dois demonios no altar

Um candidato não se alegou
Nem chegou a ficar famoso
É considerado boa gente
Entrou nessa de teimoso
Todos sabiam que ia dar ndisso
Por ser filho do Cambito orgulhoso

Painel terra de machiata
Com alguns "BOROCCHÔ"
Pois até uma vereadora
Com traço de homem ficou
Com barba até dentro do zóio
Muité Macho SINSINHÔ !

Antes de eleição
Era boa e compmheira
Atendia a toda gente
Como boa enfermeira
Hoje tem gente arrependida
De ter votado em égua coicera

Tem gente que pra propria familia
Fez a sua traição
Com a morte dps parentas
Ta ficando com medo
Em nome da familia Antunas Passoa
Confirma que ta vendo assombração

Tem um vereador
Que só bebe e apronta
A mulher empafiada
Disso ela nem faz conta
Em quanto ele se declara pra outras
Ela anda que nem mosca tonta

Quem quiser algo do Vice
Venha a pau que ele ataca
Trata os outros como boi/carreira
Tanta grosseria um dia empaca
É porque não mediu o tamanho
Do seu grande chapéu de vaca

Não mora mais no Painel
E mete a colher em tempo de eleição
Em respeito a sua doença
Ninguém lhe dá uns safanão
Foi o povo ainda não esqueceu
A surra que ele deu no Tantão
Será que você ainda lembra
Meu Popular Caminhão?

Depois desta eleição
Dau até separação de casal
Para muita gente
A vida tá infernal
É Neid, sem Nenem
É INCHU no xaxinzal

A antiga diretora
Criou cobras e lagartos
Professor que mamava na teta
Já não lhe dá o mesmo trato
Tirou foto de todo jeito
Lambeu e depois quebrou o prato

Depois de criar suas cobras
Carregou todas no cangote
Hbje todas lhe mordem
Fazem mutreta e passam trote
Solitando asus venenos
Sempre prontas pra dar o bote

Pro ministro do Lava Tudo
Tava ganha a vitória do irmão
O cinismo e empáfia era tanto
Que mesmo assustado
Tá pensando em ser mandão
Vá tirando o cavalinho da chuva
Que agora é a vez do Nêgão
Que vem chegando cheio de paixão

Contado do Homem da Pedra
Desta vez foi muito froxo
Confiou demais no sobrinho
E foi traído como um troço
Será que ainda não sabe
Que porco depois que come vira o coxo?

O Cherife da cidade
Da uma de valentão
Decide a vida dos outros
E não passa de um covardão
Com a derrota com certeza
A igreja dos pobres
Fica pra próxima eleição

O Painel tá ficando famoso
Com o viúvo Rei do Gado
A disputa das viúvas é tanta
Que deixam o homem pasmado
Se as reza der resultado
O véio tá premiado

Os candidatos do interior
Alguns gritaram "Aventes!"
Mas os bobocas da Casa de Pedro
Só ficaram muito falantes
Se preocuparam com o prefeito
Esqueceram seus representantes

O coitado do INCHU
Até as cargas vai vendê
O apoio só veio dos nego pobre
O quadro não pode revertê
Hoje em dia é um quebrado
E agora o que vai fazê?

O Waltrick mais novo tá por cima
Pois ganhou a eleição
Por sorte morreu a sogra
Ganhou mais um dinheiro
Será que não tem medo do futuro?
Vir a ser como os Waltrick pobretão?

Ser funcionaria da Caixa
É uma benevolência
Só quer cargo pra pegar dinheiro
E ter complexo de inteligência
Só que um dia a arrogância acaba
Vai ter que pedir clemência

O prefeito do município
Está cego ou não quer ver
Muitos de seus colaboradores
Malém sabem ler
Eles só sabem mandar
Vai ter muito que rebolar
E a eles obedecer

O escrivão juramentado
Voa mais do que petaca
Registra e faz casamento
Tanto moderno como de jeca
Também quer mandar e dar ideia
Mas é mais louco do que o Zéca

O genro do Zeca Diabo
Também é gente desta estância
Gosta de puxá sacco
Com muita tolerância
Pra também ficá freguês da
Da famosa ambulância

Tem gente que só se lamenta
Como tivesse tando um parto
Está chorando atoa
Pois é farinha do mesmo sacco
Sendo um homem tão esperto
Não se conforma de perder pro Lagarto

Do Lagarto ganha
Esta eleição foi um furo
Vai ter que por sua gaitada
Muito logo no seguro
Pois cortaram sua luz
Socorro! Tem um vereador no escuro

Ao terminar quero dizer
Que adoro este povo
Quando me chamam apareço
Ou venho quando resolvo
Quero desejar a todos
Feliz Natal e Ano Novo!

Não sei fazer só pisquinho
Sou pasmado e sou guerreiro
Já nem me lembro mais
Se fiz o primeiro ou o terceiro
Sei que no quarto e no quinto
Também fui pioneiro
Pensam que sou Rei do Gado
Na verdade só crio carneiro
Prinelenses um grande abraço
E até a posse em janeiro

ANEXO XIV – (Sem título)

PAINEL JA VIROU CIDADE
DEIXANDO TODOS CURIOSOS
PRA SABER MINHA IDENTIDADE
PRESTE ATENÇÃO NUN DETALHE
FALO SOMENTE A VERDADE

O GONZAGA TA REINANDO
E NÃO LHE TIRO A RAZÃO
POIS NÃO CUMPRO AS PROMESSA
E LHE DEICHAMAM NA MÃO
AFINAL CADÊ OS EMPREGOS
PRO CAPOEIRA E PRO TIÃ TIÃO

O SECRETÁRIO DA SAÚDE
TEM A BARRIGA DE TOURO
NÃO PRECISAVA DE EMPREGO
POIS JA POSSUI UM TESOURO
AS VENDAS DE SEU CONSORCIO
DAVA MAIS QUE EXTRAIR OURO

O TAL SÉRGIO PUERARI
QUE É O BURRO DE ZARREIO
ELE É MANSO TODOS SABEM
E NA BOCA NÃO TEM FREIO
ABANDONOU OS SEUS FILHOS
PRA CRIAR OS FILHOS ALLHEIO
A ROSELI QUE PEGAR O SÉRGIO
CANSOU DE VIVER SOZINHA
ANTES NÃO PEGAVA UM MACHO
POR QUE DINHEIRO NÃO TINHA
MAS ELA TA COM UMA SCANIA
E DE OLHO NA MERCEDINHA

SE ESSES DOIS SE AMUNTOAREM
VAI SER DE VOAR LASCA
A ROSELI É ABACAXI
QUE TEM ESPINHO NA CASCA
QUANDO ELA TISAR A ROUPA
ELE TEM QUE BOTA A MASCARA

O TAL SECRETÁRIO SERGIO
SE DESTAÇA E SE DETAMPA
AFINAL ELE É ESTUDADO
SE DIPLOMOU LA NOS PAMPA
É É POS-GRADUADO DAS ASPAS
E BACHAREL DAS PROPRIA GUAMPAS

TEM UM NOVO MOTORISTA
QUE O APELIDO É TIO BAMBÁ
BRIGOU CO TIÃO DA MÉLIA
E NA FACA DANÇOU UM SAMBÁ
SE NÃO LARGÁ DA MARDITA
TU VAI DEMOLI A CAÇAMBA

NUNCA DEU PUNTO PRA NADA
SÓ POR CURPA DA CACAÇA
AIDA SÓ FAZENDO BOSSA
E DESFILANDO NA PRAÇA
AGORA TA DE CAÇAMBA
NÃO VÁ BASCULAR A GRAÇA.

O MARLUS E O ALENÃO
SÓ ESTÃO FAZENDO FEIO
NENHUN DOS DOIS APARECE
SO QUEREM FAZE RODEIO
O PREFEITO TA PEGANDO
PRA ELES LAÇA EM RODEIO

O RODRIGO E O ORESTE
TAMBEM VÃO SE EMPREGA
POR ENQUANTO TÃO PARADO
ATÉ O TRABALHO CHEGAR
TÃO ESPERANDO A CARROÇA
PROS DOIS CAVALOS PUCHAR.

NIZIA VOCÊ CASE LOGO
E NUNCA PERCA A PACIENCIA
TU É UMA MULHER VIVIDA
E O HOMEN NÃO TEM EXPERIÊNCIA
E CUIDADO COM A DONA CHEDIA
QUE TAMBEM TÁ NA PREFERENCIA

A CHEDIA SÓ FAZ PESQUIN
FALANDO NOS ANCESTRAIS
MAS NUNCA FECHA NA RIMA
PRA ISSO NÃO É CAPAZ
NÃO SABE QUE SEU CASOLA
ANDA TRANZANDO POR TRAIS

O IRINEU AO CASAR
ACHOU UMA MINA DE OURO
JÁ TEM ATÉ UMA MENINA
PRA PROVA QUE DÁ NO CORO
MAS TIRO UMA NOTA ZERO
NO TESTE CUA NEGA TORO

O PRETO JÁ TA NA KOMBI
AGORA CHEGOU SUA VÊZ
MAS ANDA PERDENDO O SONO
PULANDO ANTES DAS SEIS
SE NÃO MUDAREM O HORÁRIO
DUVIDO QUE INTERE O MEIS

O BARBICHA PEGOU CIFRA
AINDA RESTA DESEMPREGADO
GASTOU O DINHEIRO QUE TINHA
E TA VENDENDO OS PRE-CATADO
E O RESTO QUE LHE SOBROU
JÁ TA TUDO PENHORADO

OS FILHOS DO COMERCIANTE
TEM DOIS POBRES E TRES GRANFINO
E TODD SABADO A NOITE
SE EMURETAM NUN CASSINO
E SÓ LARGAM DO BARALHO
DEPUIS DE BATER O SINO
O LELÉ E O BORÓ
TÃO POR LÁ APARTANDO BRIGA
TOMAN MATE A NOITE INTEIRA
DE QUISE ESTOURA A BIXIGA
MAS NUN VÃO PRA SUAS CASAS
SEM ANTES ENCHE A BARRIGA

AS MONITORA DA CRECHE
ANDAM EMPURRANDO A GRACHA
DE TANTO COMO MINGAU
MISTURADO COM BOLACHA
SO TEM UMA BEM MAGRINHA
DO VENENO DA CACAÇA.

A FIA DO OLIMPIO DORGES
TÁ DEVOVO SEPARADA
ELA NÃO PARA COM HOMEN
DIZEM SER MUITO GELADA
A FILHA DE FAZENDEIRO
COM AS TERMAS TUDO ARRENDADA

1997 01
março
su abril
expressivo

LO GUER UM TRABALHO
QUE SEJA NO CORREIO
ALHA ATÉ DE GUARDA
UM SALÁRIO OU POR MEIO
NINGUEM GUER LHE DA VAGA
SER AMIGO DO ALHEIO

EFEITURA TA FORTE
RO ATÉ UM CARRO ZERO
DUAS KOMBI NUVA
1 TRATOR AMARELO
VEZ ATÉ ELE DEVOLVA
HERANÇAS DO TIO NERO

TAL RONI PESSOA
FAMÍLIA VIRO AS COSTA
CA MAIS SE ELEGE A NADA
IDOR O POVO NÃO GOSTA
DESGRUDA DO PREFEITO
E SIM É COME-BOSTA

REDI PEGO A KOMBI
R SER BOH CAMINHONEIRO
É MOTORISTA VÉIO
R ISSO PEGOU PRIMEIRO
NÃO VÁ MATA AS CRIANÇAS
FEUÓ DESSE PAIERO

PREFEITA DAS FINANÇAS
Z QUE NONGUEM MAIS AGUENTA
RECE UMA DITADORA
AMOBADA E INFARENTA
NÃO TIVESSE DINHEIRO
VA BENZENDO TRINGENTA

A COMPROU UM MARIDO
RA PODER TER SOSSEGO
S ELE NÃO GOSTA DELA
NÃO SUPORTA O CHAMEGO
I NÃO SE SEPAROU AINDA
OR CAUSA DO SEU EMPREGO

POBRE DO MAURO MELO
BERARAM DO ESTADO
ISSO LUI COISA DO INXU
JE NÃO PERDOOU TEU PECADO
PRA NÃO PERDE O NOME
ISSO CA FIA DO HONE
IA GARANTIR UNS TROCADO

QUANTO NÃO CHEGA A CARROÇA
RA O RODRIGO FUCHA
JA LEVA A BELADA
SOLVEU LHE CONTRATA
BRE BURRO DE CORREAME
R FAVOR TU NÃO PECLAME
FUCHA QUE VAI PEGÁ

TONIBHO E O LAGARTO
FUSCA ESTÃO RODANDO
OS DITADO DOS CREDORES
INTILGAN PEDALANDO
NÃO HOVER OMICIDIO
DITO LOGO NUN PRESIDIO
E DOIS ESTARÃO MORANDO

É A EDI CILENE
ORA TA EMPREGADA
NO POSTO DE SAÚDE
IGA DE GENTE VARIADA
LI TER QUE PEGA NA OBRA
NUNCA MAIS SURRA A SOGRA
A SOBRINHA E CUNHADA.

O VELHO SOPÃO DO CHUDA
AGORA MUDOU DE LUGAR
FOI LÁ PRA CASA DO NILO
MAS DE NOME GUER TROCAR
QUIEM LÁ FAZ SUA REFEIÇÃO
SABE QUE ESSE LAVAÇÃO
NÃO DEVERÁ SE CRIAR.

AS DIARIAS DO PREFEITO
É COUSA DE SE INVEJÁ
DA ATÉ PRA DURMI NO HOTEL
DO MELHOR DA CAPITA
COMO DISSE UM AMIGO MEU
AGORA O SENHOR TADEU
JÁ VIFOU NON MARAJÁ

O TITITO E A GILMARA
FORMAPAM UM CASAL JÓIA
UM VADIO E UMA KENGA
E TODA A FAMÍLIA ADOIA
SE POR ACASO SE JUNTAREM
A EVA TEM QUE DAR BOIA

O REGIME É DITADURA
QUE O PREFEITO MANTEM
NINGUEM PODE FAZER NADA
SÓ O QUE PRA ELE CONVEN
ATÉ O PUBE DO TITO
NÃO POME BOTAR APITO
NA SECRETARIA QUE TEM

SEU TADEU O TEU REINADO
ESTÁ POR UM FIO DE LINHA
POIS O XUDA NÃO É BOBO
E GOSTA DE PICUINHA
O POVO ESTA SE ACORCANDO
PRA CONTER TANTO DESMANDO
SÓ A JUÍZA MIRANDINHA

O AMIGO REI DO GADO
MAIS PARECE UM GARANHÃO
COMPRO ZORBA E CAMISINHA
DEU PRO SARVA O SIROLÃO
JÁ PEGOU A ANTONHO CRICA
PRA ESMIRILHAR SUA TICA
PARA A NOITE DA DECISÃO

O SOBRINHO DO PREFEITO
AGORA VAI VIRAR CRENTE
ABANDONOU A IGREJA
E NÃO É MAIS PRESIDENTE
PASSOU COM GADO NA PRAÇA
SÓ PRA MOSTRAR SUA RAÇA
E PENSA QUE É INTELIGENTE

DESDE OS TEMPOS DO AMANTINO
O PAINEL ANDA PRA TRAIZ
ESSA RAÇA DE WALTRICK
NACA FÉZ E NADA FAZ
ATÉ OS BARBOSA E OS BRITO
NÃO SUPORTARAM SEUS CRITO
ESCRAVIÃO NUNCA MAIS

O SR PEDRO TOSTÃO
É PEQUENO MAS SE DESTACA
ANDA PRA CIMA E PRA BAIXO
GARRADO NA CARUCACA
NINGUEM PODE ABRI A JANELA
QUE O REINASSO DA CADELA
POPULAR ANCA DE VACA.

02

O JÂNIO É CANDIDATO
PARA PROXIMA ELEIÇÃO
PENSA EM FAZER O HONE
NA AREA DA EDUCAÇÃO
MAS VAI FERVER SUA CUCA
POR CAUSA QUE A TIA TUDA
VAI TOMAR SUA POSIÇÃO.

QUEM ME MANTEM INFORMADO
E PRA TUDO TEM RESPUESTA
TEM FAMA DE FALADOR
E DELE O POVO NÃO GOSTA
MAS PRA MIM É MUITO BÃO
TRABALHA ATRÁS DO BALCÃO
E TEM UM MAMULO NAS COSTAS

AGORA JÁ VOU EMBOIRA
CUIDA DAS OBRIGAÇÃO
SOU SECRETÁRIO SEM MÁQUINA
SÓ SIRVO PRA ABRI PORTÃO
VOU CUIDA DOS MEUS XAXI
POR LÁ SIM
EU SOU PATRÃO

Tchau.

monete

ANEXO XV – (Sem título)

PAI ME LENSES ESTOU DE VOLTA
ESTOU CHEGANDO DE MANSINHOS
PASSEI AS FÉRIAS FORA
AGORA RETORNO AO NINHO
E JÁ ENCONTREI NOVIDADE
PRA CONTINUAR MEUS VERSINHOS

PRA CONTINUAR MEUS VERSINHOS
QUE JÁ TINHA PROMETIDO
FALAR DAS ESCOLAS E ESTRADAS
ESSE ASSUNTO É COMPRIDO
MAS PRA QUE ESTÁ DE FORA
CONTAR E BEM DIVERTIDO

CONTAR É BEM DIVERTIDO
MAS O POVO NÃO AGUENTA
AS ESTRADAS DO INTERIOR
DE TÃO RUIM ESTÃO NOJENTA
PROFESSOR TOMA CUIDADO
PRA NÃO ENCALHAR NA VALETA

PRÁ NÃO ENCALHAR NA VALETA
TEM QUE VIAJAR NA PATROLA
E O TRATOR ACOMPANHANDO
SE QUISER CHEGAR NA ESCOLA
SEMPRE ARRANJA UM CULPADO
E NUNCA PISAR NA BOLA

E NUNCA PISAR NA BOLA
PARA AJUDAR "SEU" PREFEITO
ELE É UM HOMEM BOM
SE TIRAR TUDO OS DEFEITO
E O POVO QUE EXERCE AGORA
SE SEU TRABALHO É BEM FEITO

SE O SEU TRABALHO É BEM FEITO
NO POVO NÃO DEIXA DOR
MAS SE A COISA DER ERRADA
A CULPA É DOS VEREADOR
FICANDO SEMPRE DE FORA
E DEFENDENDO OS ASSESSOR

DEFENDENDO OS ASSESSOR
AGORA EM NOVO ESCALÃO
EXONEROU OS SECRETÁRIOS
FICOU COM TUDO NA MÃO
SÓ COM AS FILHAS E A COHADRE
ACHAM QUE ENROLAM O POVÃO

ACHAM QUE ENROLAM O POVÃO
MAS PODE DAR DIFERENTE
JÁ OUVI FALAR QUE AGORA
POVO ESTÁ DESCONTENTE
COM SUA NOVA ASSESSORA
COLOCANDO PANO QUENTE

COLOCANDO PANO QUENTE
NAS COISA QUE TÃO ERRADA
MAS UM DIA APARECEM
CAPAZ DE NÃO SOBRRAR NADA
TER QUE COLOCAR NO LUGAR
AQUELAS QUE FOI DESVIADA

AQUELAS QUE FOI DESVIADA
TEM QUE VOLTAR PRO LUGAR
O POVO JÁ TÁ ESPERTO
NÃO SE DEIXA ENGANAR
E SE QUISER SE REELEGER
SERÁ QUE EM TI VÃO VOTAR?

SERÁ QUE EM TI VÃO VOTAR
SE NÃO FIZER A COISA CERTA?
AGORA TU TEM CONTIGO
UMA RAPOSA BEM ESPERTA
QUE VAI TE PASSAR A RASTEIRA
SE VOCÊ NÃO ESTIVER ALERTA

SE VOCÊ NÃO ESTIVER ALERTA
VAI SER PASADDO PRA TRÁS
NUNCA CUMPRE O QUE PROMETE
E NÃO ASSUME O QUE FAZ
SEMPRE ARRANJA UM CULPADO
ACHANDO QUE DORME EM PAZ

ACHANDO QUE DORME EM PAZ
MAS É PURA ILUSÃO
TUJA CABEÇA VAI FERVER
SE CONTINUAR AS PERSEGUIÇÃO
E VOCÊ JÁ NÃO SE ELEGE
NEM PRA INSPECTOR DE QUARTEIRÃO

INSPECTOR DE QUARTEIRÃO
NEM ISSO VAI MERECEER
É CARGO PRA CIDADÃO
QUE SABE E QUER DEFENDER
NÃO PENSE QUE O POVO AGORA
VAI POR POUCO SE VENDER

VAI POR POUCO SE VENDER
PRA QUEM NÃO PAGA NEM PROMESSA
MUDE TEU JEITO DE AGIR
SENÃO TU NUNCA SAI DESSA
TEATRO CONTINUA O MESMO
VOCÊ SÓ TROCOU AS PEÇAS

VOCÊ SÓ TROCOU AS PEÇAS
AS NOVAS POR AS ANTIGAS
AGORA É O POVO QUE SOFRE
COM ESSA DOR DE BARRIGA
VOCÊ TROCOU PAPEL MACIO
POR UM PANO QUENTE

POR UM PACOTE DE URTIGA
PRA FAZER O POVO SOFRER
TIRANDO O SEU DA RETA
NÃO ADIANTA, VAI ARDER
TRÊS ANOS PASSA LIGEIRO
TU NÃO VAI SE REELEGER

TU NÃO VAI SE REELEGER
NÃO SE ESQUECE QUEM APANHA
VOCÊ NÃO ACHA OUTRO BOBO
PRA BANCAR TUA CAMPANHA
APROVEITE BEM AGORA
PORCO MAGRO NÃO DÁ BANHA

PORCO MAGRO NÃO DÁ BANHA
VOCÊ É MUITO LIGEIRO
JOGOU OS COMPANHEIROS FORA
ENCHIU DENOVO O CHIQUEIRO
SÓ QUE AGORA É VOCÊ
QUE ESTÁ SOLTANDO O DINHEIRO

QUE ESTÁ SOLTANDO O DINHEIRO
E JÁ ESTÁ DANDO O QUE FALA
A PROPOSTA UM CARRO NOVO
QUE FOR PRO LADO DE LÁ
A ASSESSORA JÁ GANHOU UM
E MUITOS MAIS VÃO GANHÁ

E MUITOS MAIS VÃO GANHÁ
VAMOS VER O RESULTADO
DOIS TIGRES NUM CAPÃO SÓ
OU MORRE OU SAI ARRANHADO
E O PAINEL ESTÁ SE ATOLANDO
QUE NEM VACA NO BANHADO

QUE NEM VACA NO BANHADO
QUE A GENTE TIRA PELA COLA
SE CONTINUA DESSE JEITO.
O POVO VAI PEDIR ESMOLA
SE ACABAM OS PROFESSORES
SÓ FICAM OS PRÉDIOS DE ESCOLA

SÓ FICAM OS PRÉDIOS DA ESCOLA
OS ALUNOS É QUE SE CONSONHEM
JOGAM NA FRENTE DOS BARES
ALI DESMAMAM DE FOME
SÓ AS TRÊS HORAS DA TARDE
É QUE EMBARCAM NA COMBE

É QUE EMBARCAM NA COMBE
ISSO QUE É A COISA IMPORTANTE
AS ESTRADAS AS CHUVAS ACABAM
NÃO DÁ PRÁ VIR A ITINERANTE
MAS MESMO PRA QUE ESTUDAR

PRECISAS DE IGNORANTES
MELHOR NÃO SER ESCLARECIDO
A TURMA DE VEREADORES
JÁ ESTÃO FICANDO SABIDOS
NEM ASSINAM MAIS SEM LER
ATÉ PROJETO É DISCUTIDO

ATÉ PROJETO É DISCUTIDO
MAS A PROPOSTA É TENTADORA
PAGA ATÉ TRÊS MIL REAIS
PRA COMPRAR UMA ASSINATURA
PRÁ QUEM NÃO TIVER CARÁTER
A PARADA VAI SER DURA

A PARADA VAI SER DURA
VEREADOR TEM QUE ENTENDER
QUE JÁ SÃO A MAIORIA
NÃO PRECISAM SE VENDER
SE DERM PRIORIDADE AO PATRÃO
A CARNIÇA VAI FEDER

A CARNIÇA VAI FEDER
E AUMENTA A POLUIÇÃO
POR ISSO TOMEM CUIDADO
NÃO PREJUDIQUEM O POVÃO
É MELHOR SER POBRE HONRADO
DO QUE RICO, MAS LADRÃO

DO QUE RICO, MAS LADRÃO
ALHEIO CHORA SEU DONO
CHANTAGEM E ROUBO NÃO DÁ VOTO
NO PAINEL NÃO TEM MAIS MONO
CONTINUEM SENDO HONESTO
PRA NUNCA CAIREM O O TRONO

PRÁ NUNCA CAIREM DO TRONO
VEREADOR TEM QUE PENSAR
NUNCA DÊ OPORTUNIDADE
PRÁ ELE TE CHANTAGIAR
SE FOREM UM PODER UNIDO
MUITA COISA VÃO MUDAR

MUITA COISA VÃO MUDAR
E O PAINEL PODE CRESCER
VOCÊS SÃO OS PORTA-VOZ
DE QUE NUNCA TEVE VEZ
POR ISSO MUITO CUIDADO
PRÁ NÃO CAIREM OUTRA VEZ

PRÁ NÃO CAIREM OUTRA VEZ
NEM MACHUCAR A POUPANÇA
PENSE BEM NOS PAINELENSES
OLHEM MUITO PRÁS CRIANÇAS
QUE SÃO AS PRIMEIRAS VITIMAS

DESSAS INFAMES VINGANÇAS
OPOBRE É PREJUDICADO
NÃO OLHAM A QUEM ATINGEM
ATIRAM PRA TODO LADO
QUEM CHEGAR AO ANO DOIS MIL
SE CONTE UM PRIVILEGIADO

SE CONTE UM PRIVILEGIADO
MAS NÃO ABUSE DO PODER
FAZENDO QUE NEM ALGUNS
QUE SEMPRE VÃO SE MIETER
DEPOIS CORRE PARA O RÁDIO
PRÁ ACUSAR E SE DEFENDER

PRA ACUSAR E SE DEFENDER
QUE NEM GALO SEM ESPORA
FICA LÁ ARRASTANDO A ASA
NO TERREIRO DA ESCOLA
NÃO TEM O PODER DE NADA
UM DIA MURCHA ESSA BOLA

UM DIA MURCHA ESSA BOLA
E EU NÃO QUERO VÊ ESTORÁ
OS CONCURSO É MARNELADA
OS DAQUI NÃO VÃO PASSÁ
VAI ENTRÁ GUASCA DE FORA
MANDANDO TUDO PASTÁ

MANDANDO TUDO PASTÁ
NEM QUE SEJA NO ASFALTO
E O TOMBO VAI SÊ FEIO
PRA AQUELES QUE ESTÃO NO ALTO
E OS GUAPECA PUXA-SACO
VÃO GANICÁ CONTRA RASTO

VÃO GANICÁ CONTRA RASTO
E ELLES FICAM NO PULEIRO
QUEM QUISER ACOMPANHAR
TEM QUE SER MUITO LIGEIRO
NESSA CORRIDA DO OURO
VAI ROLÁ MUITO DINHEIRO

VAI ROLÁ MUITO DINHEIRO
MAS POR AQUI YOU PARAR
YOU VER SE GANHO UMA CASA
E TRAZER A FAMILIA PRA CÁ
SOU AMIGO DO PREFEITO
SEI QUE ELE VAI ME AJUDAR

SEI QUE ELE VAI ME AJUDAR
MAS AGORA ME DESPEÇO
YOU ESTUDAR PRO CONCURSO
ESSA VAGA EU MEREÇO
ME INFORMEM O RESULTADO

DEIXO AQUI MEU ENDEÇO
VOCÊS VÃO ACHAR LIGEIRO
MORO NA RUA DE TRÁS
A CASA NÃO TEM BANHEIRO
CORTARAM A AGUA E A LUZ
MINHA VELA É UM CADEIRO

MINHA VELA É UM CADEIRO
MAS MESMO ASSIM SOU FELIZ
TENHO A CONSCIÊNCIA TRANQUI
ASSUMO AQUILO QUE FIZ
DEIXO UM ABRAÇO AOS MEUS AM
QUE SÃO A FAMILIA DE LIZ

QUE SÃO A FAMILIA DE LIZ
OS MAIS AMIGOS DA GENTE
ABRAÇO OS DEMAIS AMIGOS
PAINEL TEM GENTE DECENTE
TAMBÉM ME ACHO IMPORTANTE
ATÉ O PREFEITO É PARENTE.

ATÉ O PREFEITO É PARENTE
MAS DISPENSO COMENTÁRIO
EM POLITICA NÃO CONVERSAMOS
POIS SEMPRE FOMOS CONTRÁRIC
SÓ QUERO PASSAR NO CONCURS
E GARANTIR MEU SALÁRIO

ANEXO XVI – (Sem título)

1
Esta manha pousa querendo de novo aqui estou
colhendo de volta se os meus versos ainda
nao estao lembrados sua nova no polige
tenham cada um que estou falando.

2
Este lugar e muito pequeno e a terra e mais que
se da, quer a sua terra e que fazer ainda
comente a fofoca, falando da volta officio de
luta de la e de a.

3
Na favela da Profeta nunca vi tanto
cidade
estes lutas irregulares e da e um abismo, se
fazem piores com lutas mais como sua
sua e irregular.

4
O tal costume e o que mais e de a
cidade, de novo vai pra tomar o tal mole,
mas ainda pode se de a, levando para
esta sua lutas.

5
E que a primeira deira com o salario que
nao mais que comprar a vida, que
comente a de la, da ja e da com modo
de acao e emprego de marcha e de la
tambem.

6
Na sua vida que compra a comida e a
cesteira, de la ainda e da que e com o fundo
de partuqia, nunca mais, sua pra cada ar
cesteira de lutas.

7
O proa esta de olhos e tambem nao esta
contendo pra com lutas que e com a lutas
leu parente, e proa cobrada do pobre que
tempo e da de pobre.

8
As dividas da profeta e o que a lutas de parte,
da mesma se da que de proa e lutas a
comente, nunca vi mulher e da que
interessante.

9
Ora Weni Pessoa, presidente professor e
escador, nao acende muitas cartas, se
prova que os lutas, proa lutas e proa
e de deira nao e da com a cor.

10
Da lutas com deira e lutas e que a lutas,
da e da lutas lutas, com e a lutas na
lutas, e de se de lutas que a lutas.

11
De fama ainda e da mesma, pra lutas mulher
de a lutas, e a sua da e a lutas da lutas
e lutas lutas, e a lutas e a lutas pra a lutas
na dia em que a lutas lutas.

12
O veredor mais colada que e a lutas lutas
nao, montando com proa pra com a lutas
proa na lutas, com lutas e lutas
lutas que a lutas de a lutas.

13

O Paiol é lugar pequeno, e as suas terras que se vão, quem não estiver contente com de se estabelecer, e caso se estabelecer lá que se mudar.

14

Este é o nome da terra de A. e o nome em nome de quem se mudou e pôde reger, ou se se mudar por qualquer outro se converte não se muda com as terras, já lá não tem.

15

A mulher de casado sempre foi tratada com respeito de palato e quando para mulher de palato, se não não encoraja a honra de casado que tem dentro de casa.

16

Quando se casar se procura, para toda a vida não se casar e a que tem na barriga não encoraja, porque que é cura ou prada, mas é honra, já se casar com a de negroz não tem a mesma honra.

17

Os filhos de casa alheia separam fora de casa, e se não se casar com a mãe já não se casar, sempre de casa se casar, e quem se não se casar com a mãe se casar com a mãe.

18

Os filhos de casa de um tal se de outro, não se casar com a mãe, porque de um grande se casar com a mãe, e quando se casar com a mãe.

honra na sua vida de casado se casar de casa em paz e com a mãe se casar.

19

A primeira de casa se casar com a mãe se casar com a mãe, já se casar com a mãe se casar com a mãe, e se se casar com a mãe se casar com a mãe, e se se casar com a mãe se casar com a mãe, e se se casar com a mãe se casar com a mãe.

20

Sei se mulher se no Trindade casado que palato mandado, lá não tem nenhuma honra, e quando se casar com a mãe se casar com a mãe, e se se casar com a mãe se casar com a mãe, e se se casar com a mãe se casar com a mãe.

21

Agora vou me despedir depois de tanto dizer, e se se casar com a mãe se casar com a mãe, e se se casar com a mãe se casar com a mãe, e se se casar com a mãe se casar com a mãe.

ANEXO XVII – Painel em movimento

PAINEL

em movimento...

1. Amigos esteu chegando
Não quero me tornar chato
Vou falar com do Painei
Comentando só os fatos
Nunca gostei de quem fala
Se baseando só em contos.
2. Só vou escrever nestes versos
O que está acontecendo
A Prefeitura vai bem
O prefeito está se mexendo
Se está fazendo a coisa certa
Não é o que o povo vem dizendo.
3. A prefeitura foi montada
Com quem toda a família,
Genros, primos e a esposa
Mas quem manda são as filhas
E em segundo lugar
Está na tel da Verilha.
4. A câmara está ótima
No meio da armelada
E só a Casa de Poda
Que foi a Privilegiada
A obra foi muito grande
E os professor não são nada.
5. O Redi se achando o tal
Pensa que é grande homem
Diz que a Casa de Poda
Deve ter o seu nome
Mas o cotado não passa
De motorista de Condi.
6. O prefeito está orgulhoso
Ficou ponto tem razão
Porque fez tudo sozinho
Lá ninguém botô a mão
De deixar o vice fora
Ele sempre fez questão.
7. Ele se vira bonito
Igual a dança do Tã
Quer fazer tudo sozinho
Sem pensar no amanhã
E ninguém se ambeito
Quem é que vai dar o saibê?
8. Com certeza gastou bastante
Prá esse prêmio ir buscar
Uma viagem como essa
O povo tem que ajudar
Mas o saibê é bastante
Quem quer um pode pagar.
9. O que está preocupando
No Painei é a saúde
Não queria falar nada
Mas ficar quieto não pode
Prá que nenhum mal aconteça
Só peço que Deus nos ajude.
10. Lá no Posto mudou tudo
Dizem que está quase zero
Estão contratando enfermeiros
Os médicos são muito pouco
Procure-se um veterinário
Pra tratar os cachorro louco.
11. Não precisa ser formado
Tem febre saber tomar
Se não souber ler receitas
Em nada vai implicar
É só servir de capacho
Prá chefiar o pisar.
12. Assim está muito bom
E o povo é que perere
Prefeito é de palvira
Manda e todos obedecem
E no arremate das obras
Só o nome dele aparece.
13. A festa do município
Com grande programação
O Painei vai ser pequeno
Prá abrigar as delegação
O prefeito faz sozinho
Não precisa de epifania.
14. Sempre tem os passa-saco
Que vão sem serem chamado
Tem que ajudar o Prefeito
Mesmo que seja pisado
E só o papai de assomir
Aqui que der crédito.
15. As obras são importantes
Lá no que o povo merece
O Painei tem pouca coisa
Tudo o que fizer aparece
E é com esses dois saibês
Que o nome da família cresce.
16. A festa é para ser grande
Não se admite festa zero
Só o nome já diz tudo
Painei, Painei e Lapa
Envolvendo a Prefeitura
Prá não misturar baguete.
17. Os visitantes vão gostar
Vai ter bastante atenção
Quem não gosta de laçanga
Pode ter mais atenção
Além da missa católica
Vai ter as Inaugurações.
18. Vou parando parando
Outra vez eu falo mais
Dizajo muito sucesso
Pro patrão e os capataz
E a piodada que aproveite
Que os baillão vão sande mais.
19. Não posso entrar nessa festa
Porque não trouxe meu torço
Aproveito a oportunidade
E deixo aqui meu abraço
A todos os painelenses
E a turma do Paineiço.
20. Mas não perco esta festança
Não ando por aí á louz
E vou andar de olho vivo
Que nem já né na lagoa
Porque sei que essa panela
É que está comira boa.
21. Não deixo essa parafestanto
Sei que vão deixar uma festa
Tem coisa que me aperecia
Mas tem outra que me espercia
Eu volto a cantar por vocês
Como é que correu a festa.

ANEXO XVIII – (Sem título)

Painelensea que saudadas
 Vim rever meu ex-distrito
 Qua hoje já é cidade
 Masmo sendo pouco tempo
 Fiqui e par das novidades

Dizem que o nosso prefeito
 Se não fez obras, faz desfile
 Com gastos pra tantas festas
 Painsel vai virá GRINVILLE

De tanta homenagem pra ela
 Fica bobo e perde a trilha
 Pena que ainda não enxergô
 Que sua queda na política
 Vai sê através das filha

As duas são abequaladas
 A da prefeitura é pior
 Não sabe administrá
 E pensa que tá fazendo o melhor

Quero ver até quando
 Esses mordomias vão durá
 Ião reclamando do aluguel
 E e conta vai estora

Com os pagamento atrasado
 Com muita coisa pra pagá
 Abra o zóio meu prefeito
 Que as tuas fia o município
 Logo, logo vão enterrá

Se continua desse jeito
 O dinheiro assim não dura
 É viagor e festa todo dia
 Tudo por conta da prefeitura

Dizem que é idêia das fia
 Quo querem engrandecê o pci
 Mesmo que muita coisa não feça
 Ele tam que aparecê
 Para não perdê a graça
 Pois até encomendaram
 Um busto dele pra por na praça

Na Secretaria da Educação
 A coisa tá ficando feia
 Depois da obra da Casa do Pedra
 Acabou-se a peleie
 Agora até a secretário
 Tá vadiando igual sercio

Sem terem o que fazê
 A cabeça até pinduca
 Fazem até concureo do peido
 Peida, o Jênio e peida e Tuca
 Dizem que p. fedô
 É pior que do urubu
 Se criticam eles responda
 Para que, que serve o cuf

Pra benefício os perante
 O Anni perdeu a vergonha
 E nem se quer se distancia

Reformou a Casa do Dinhe(Dinheio)
 Com o dinheiro do povo
 Vai pagar o aluguel
 Não quiz o dinheiro de graça

0 que ele vem fazendo
Tudo isso vai ficar gravado
E os pobre como é que ficam.
Tão se sentindo enganado
A tua carreira vai chegar ao fim
E nunca mais vai se votado

O Vice mais parece
Um brinquedo que vai e vem
Na festança da Casa de Pedra
Foi tratado com desdém
Acheram um representante de peixeiro
Que muito pouco voto tem

No baile das rainha
Todos com sua senhora
O Pitiguari e a Altiva
Os empenhados da hora
Entregaram buquê e faixa
O Vice e sua mãe
Mais uma vez ficaram de fora

Na prefeitura quase não aparece
Mas ganha seus honorários
Deixou um irmão no lugar
Pra receber um salário

É secretário de obras
Mas nem disso tem visão
Sem o direito de abrir a boca
O sabe das obras
No dia da inauguração
Iem que o prefeito diz
Ius o Vice só serve

Pre se ganha eleição.
CADE O MACHO VALENTÉ
QUE GOVERNA TUDO BEM QUIETO
ONDE ESTÁ SUA REAÇÃO ???

Falando em baile das rainha
Tava discriminação cinismo
Colocaram uma candidata preta
-Entraram no abismo

Cuidado diretor, secretário e Lagarto
Existe lei contra racismo

Do Lagarto ser racista
Até fiquei abismado
Sendo amigo do tio GDM
E pelos preto foi votado

Só porque anda de gravata
Pensa que já é Deputado

As reuniões do secretário
Já mudaram seu feitinho

Parece que engoliram sorroço
E cominham bem miudinho
Esnobam e fazem bozza

Mas quando chega o fim do mes
O dinheiro é bem pouquinho

Pra famosa vereadora

Eu vou te dar uma pista
A fia do Heme só tá no posto

Pra baixar a sua crista

Ela tem que guentá tudo

E segura seu ganha pão

Ir trabalhar na cidade

Pra mantê o emprego do irmão

Que além de não fazer nada

De corte é o BOBÃO

O Acasoor do prefeito
Não sabe como escapã
O chefe lhe pressiona
Com a vereadora namorã
Pra ela não ficã contra
E seus votos segurã
Ela que abra o olho
Que mesmo segurando o irmão
O emprego da mãe vai miã

É mau povo painelense
Não podemos ficar calados
Emancipamos o Painei
Pra enriquecê a família do prefeito
E sô mais uns privilegiados
E os pobres ainda tão esperando
Um pouquinho do BOM-BOCADO
Mas quando forem abrir a boca
O dinheiro já tá acabado

Imitando os grandes rodaloes
Agiu o prefeito ricoço
Pra ele podê ficã UM MANSTE
Planejou o PAINELAÇO

Daqui uns tempo o Painei
Vai ser digno de compaixão
O prefeito PITIGUARI
Sô quer fazer obras
E garantir o seu quinhão
Mas pro Painei crescer da verdade
Vai ter que cair num buraco
E sair lá no JAPÃO

ANEXO XIX – (Sem título)

Amigos peço licença
estou chegando no pedaço
vim para fazer a cobertura
da Festa do Paimelaço
e já vi que aqui as coisas
se resolvem é no braço.

Paimel continua o mesmo
mas tem um lugar no mapa
Prefeito é peso pesado
e está forrando a guaiaca
disseram que um vereador
ele derrubou com um tapa

Ele pensa que com isso
está levando vantagem
dizendo que vereadores
só sabem fazer bobagem
e tem uns que ele ocupa
é só fazer uma chantagem

compra um com telefone
outro com carro novo
para fazer passar projetos
joga contra eles o povo
mas pra vereador que se vende
quero que não se eleja de novo

Desde o início do ano
que a coisa começou preta
rodizio de empregados
mandou pastar na valeta
só ficou com os puxa-sacos
e o filho do Tia Preta.

Alegando não ter dinheiro
reduziu os empregados
transporte dos alunos
foi muito economizado
mas a família lá dentro
Vai muito bem, obrigado.

A família indo bem
o resto não interessa
Paimel tem um grande parque
para fazer churrasco e festa
Os pobres e as crianças
que se alimentem de promessa

As casas estão começadas
as estradas uma lindeza
diminuiu a carga horária
reduziu bem as despesas
com o dinheiro dos impostos
ficou tudo uma beleza

Sabem o que fez agora
com o dinheiro do IPTU?
Botou lixo nas calçadas
nunca vi em lugar nenhum
Se não tinha onde pôr dinheiro
Tivesse enfiado no ... bolso.

A creche esperou bastante
por professores baratos
mas mesmo crianças pobres
além de feios são chatos
é essa a realidade
temos que aceitar os fatos.

Os professores de bom salário
ganham foi promoção
a creche esperou calada
sem fazer reclamação
até que ele encontrasse
professor de liquidação.

A escola de Casa de Pedra
é a atração do momento
professores habilitados
dentro do regulamento
mas soube que o diretor
é um desses Melo ranhento.

A secretária da educação
que era da mesma laia
O diretor que ela arrumou
foi quem tirou ela da rua
nunca cuspa para cima
que na cara não lhe caia.

Eles são que nem traira
os maior comem os mûidos
quando estão no mandato
pensam ser donos do mundo
depois por qualquer briga
derrubam mundos e fundos.

Diretor não pise na bola
escute o que vou dizer
tem gente aí do lugar
que está de olho em você
que sonhava ser diretor
e você foi se meter.

A educação foi tapada
os carros todos rodando
setor que não interessa
que continue esperando
obras, estrada e saúde
é segundo plano pro bando

Mas a festa do Paimelaço
é o assunto do momento
com grande programação
eu vim divulgar o evento
por isso volto ao assunto
não vou dormir no relento.

Com o baile das candidatas
deu início o Paimelaço
trouxe candidatas de fora
pois aqui só tem bagaço
e deixou as do lugar
com a moral lá em baixo.

Essa festa sempre é feia
com os peões e a família
a prefeitura se resume
no prefeito e as suas filhas
os genros e alguns puxa-sacos
e o assessor Virilha.

As da promoção Social
na organização são machas
ensaiaram um desfile
que parecia uma marcha
mas parece que esqueceram
de mandar fazer as faixas.

Mas esses fiascos pequenos
nem devem ser comentados
a festa está chegando
O importante é o resultado
e que no apagar das velas
os bolsos fiquem forrados.

A tal de missa crioula
dizem que é sempre uma palhaçada
com o padre da paróquia
eles não combinam nada
na hora pegam do campo
reza de roupa emprestada

Mas desta vez eu que peço
nem que gastem dez salários
mas por favor vocês compreem
uma pilcha pro vigário
não deixem que os visitantes
façam o mesmo comentário

Continuo narrando a festa
segundo a programação
vou falar da cavalgada
mas uma grande atração
se não tivesse cavalo
a chefe dava uma mão.

Na hora da arrancada
comecei ficar sem fé
Vi que não tinha cavalo
prás coitadas das muit
As professoras da cidade
ficaram todas de pé.

Acordaram velhos e crianças
com as bombas de madrugada
cavaleiros saiu bastante
só não era a mesma jornada
os devotos de Santana
só foram até a encruzilhada.

Paimel tem lugar bonito
mas falta imaginação
a nascente do caveiras
já não é mais atração
Os peões estão refugando
não agüentam a repetição.

É a terceira festa que venho
tenho tudo na memória
mas cada festa é uma briga
de ferradura e espora
eu fico de ouvido aberto
para poder contar a história.

O baile lá da Farofa
que a cavalgada encerrou
disque deu muito animado
mas o prefeito não gostou
ficou nos cantos bebendo
enquanto o Vice dançou.

Esse baile da Farofa
foi só pra cumprir tabela
O que ele pretendia
era só testar a panela
e depois no Paimelaço
Rapar o osso da costela.

Paimel já está acostumado
com esses golpes viver
os do lugar não têm valor
e ninguém sabe fazer
faça tua festa sozinho
que é bem melhor para você.

Chefe bom é aquele
que do alto de um pedestal
pensa e resolve tudo
e nunca vai se dar mal
só que o dia que cair
a queda vai ser fatal.

Mas deixe isso pra lá
não gosto de me meter
vim porque fui convidado
tenho mais o que fazer
aproveite esse mandado
porque o outro não é pra você.

Faça suas boas obras
nem pense no que falei
cada um que vá viver
com os recursos que tem
vocês que tem bastante
não repartam com ninguém.

As vezes eu faio muito
mas não é de coração
é que sempre o assunto vem
gosto de dar explicação
ao prefeito meu amigo
aquele aperto de mão.

É que as vezes a vida é doce
mas tem o amargo do fe!
quero que guardem cast-versos
não deixem estragar o papel
para um dia fazer parte
da história do Paimel.

Sei que vocês amigos
ajudam a escrever essa história
uns com tristezas e dores
outros com alegria e glória
mas tudo é parte da vida
dos que ainda tem memória.

Adeus amigos queridos
deixo aqui o meu abraço
porque logo vou embora
é só passar o paimelaço
só volto no ano Dois Mil
jogar de novo meu laço.

ANEXO XX – (Sem título)

1. As eleições se aproximam
Vou começar a falar
Candidato é o que mais tem
E todos querem ganhar
Começaram as reuniões
E a coisa pegou a esquentar.
2. Tem os que estão tranquilos
Os que estão animados
Tem uns em cima do muro
Ainda não tem lado
E os da turma da pesada
Já estão apavorados.
3. Uns procuram se entender
E partem para a união
Outros já mais violentos
Apelam para a agressão
Achando que dessa maneira
É fácil ganhar a eleição.
4. O prefeito comemora na rua
Com carreatas animadas
A filha vai para a escola
Comemora na porrada
E a diretora da escola
Foi quem ficou esgualpada.
5. Já chamam cachorra louca
Avança e já vai mordendo
Diz: Sou filha do Prefeito
E por isso estou podendo
Já bati na diretora
Tô firme não me arrependo.
6. Tem muito mais na lista
De quem quer se vingar
Na campanha desta vez
Quero botar pra quebrar
Até o final do mandato
Muita briga vai rolar
7. Esse bicho mal domado
É diretora da saúde
Se bate até em parente
Os pacientes que se cuidem
Não deixem ficar estressada
Senão não tem quem te cuide
8. Mas vamos ver os candidatos
que agora está decidido
Já saíram as três chapas
Cada um no seu partido
Desta vez vai se eleger
O que for mais preferido.
9. Dizem que só se elege
Quem tem máquina na mão
Mas no correr da campanha
Quem decide é o povão
Que agora já está esperto
Não se ilude fácil não.
10. No pensamento do povo
Tem que haver uma virada
Agora na última hora
Vão oferecer marmelada
Mas isso o povo já sabe
Que de fato está estragada
11. Marmelada tem bastante
Quatro anos fabricando
O povo foi engolindo
Agora está repunando
Mas vamos ver nas urnas
Em quem o povo está apostando.
12. Tudo depende das promessas
Do modo que forem feitas
Com roubo e com mentiras
O povo é livre e rejeita
Mas é no andar da carroça
Que tanto pepino se ajeita.
13. Quando eu chego no Painel
Já sinto uma dor no braço
Venho pra cá todo ano
Para cobrir o Paineirão
Me contam as novidades
E os meus versos saem fácil
14. Este ano o Paineirão
Vai ser um prato cheio
Os candidatos que se cuidem
Que o prefeito lhes bota arrei
Com o dinheiro da festa
Compra os pobres e os feios.
15. Eie já anda dizendo
Que pra ganhar a eleição
Só quem tem muito dinheiro que pode
comprar o povão
Quatro anos com a família
Reuniram um dinheirão.
16. Família que trabalha unida
Sempre juntando pro monte
Tem força pra enfrentar
Com o dinheiro que vem da fonte
A carreira vai ser fácil
Deixa os outros no reponte.
17. Os candidatos a vereador
São muitos pra pouca banana
Cinquenta e nove ao todo
E todos fazem campanha
Quem conseguir se eleger
É na base da barganha.
18. As candidatas mulheres
Se acnam muito perfeitas
Diz que são inteligentes
E já se contam eleitas
Não pensem que vai ser fácil
Podem cair na valeta
19. Quem pensa que está eleita
Pode ter decepção
Não façam festa adiantada
A coisa não é fácil não
E na apuração dos votos
Cuidado com o coração.
20. Os candidatos a prefeito
É os mesmos, não muda nada
Os vice são uns fantoches
Candidatos de fachada
Entra Duca e sai Manduca
E fica a mesma cagada.
21. No morro da Santa Cruz
Cada casa é um candidato
Um pede voto pro outro
Isso fica muito chato
E depois das eleições
Quem bota o guizo no gato?
22. Com propaganda enganosa
Ninguém tapeia o povão
Cada uma tem sua música
Repertório muito bom
Quero ver quem vai dançar
No dia das eleições.
23. Tem placa de todo tipo
De sabidos e analfabeto
Dizem que Temo Malí
Peço seu voto direto
Não precisa você ter medo
Porque o voto é secreto
24. Tem os marido valente
Se não votá na minha muié
Depois que passá a eleição
Mato tudo no Painé
E disso que o Diabo gosta
Mas não é isso que Deus quer
25. Os doutor e professor
Vamos deixar na poeira
Agora é a vez dos bêbados
Dos crentes e das faxineiras
É os dono de botecos
Que vão forrar as cartucheiras.
26. As crianças são as vítimas
De toda essa confusão
Prometem mundos e fundos
Até passar a eleição
Depois que vão pro puleiro
Esquecem os pobres cristão.
27. Me desculpem os painelenses
Mas eu estou apavorado
Vocês eleitor são livres
Mas votem com muito cuidado
Só depende de vocês
Pro Painel sair do banheiro.
28. Isso tudo é brincadeira
mas vote com consciência
Painel merece crescer
E diminuir a violência
Mudar seu padrão de vida
E viver com mais decência.
29. Festeje com alegria
Respeito e amor a Jesus
50 anos de paróquia
Caminhando em sua luz
Pra iluminar suas mentes
Ter força pra levar essa cruz.
30. Meus amigos do Painel
Deixo aqui meu abraço
Estou no meio de vocês
Também vim jogar meu laço
Só volto escrever de novo
Quando passar o Paineirão.